

**Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas**

***CUANDO EL CUY TUVO QUE SALIR DE LA COCINA,*
INTIMIDADE E TURISMO NA ILHA DE AMANTANÍ, LAGO TITICACA,
PERU.**

Dissertação de Mestrado

Guillaume Maurice Admire Perche

Orientador: Prof. Dr. Crsthian Teófilo da Silva

**Brasília-DF
5 de Agosto de 2011**

**Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas**

***CUANDO EL CUY TUVO QUE SALIR DE LA COCINA,*
INTIMIDADE E TURISMO NA ILHA DE AMANTANÍ, LAGO TITICACA,
PERU.**

Guillaume Maurice Admire Perche

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre
as Américas da Universidade de Brasília, em
cumprimento às exigências para a obtenção
do título de Mestre em Ciências Sociais.**

Orientador: Prof. Dr. Cristhian Teófilo da Silva

**Brasília-DF
5 de Agosto de 2011**

**Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Sociais - ICS
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas - CEPPAC
Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas**

***CUANDO EL CUY TUVO QUE SALIR DE LA COCINA,*
INTIMIDADE E TURISMO NA ILHA DE AMANTANÍ, LAGO TITICACA,
PERU.**

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Cristhian Teófilo da Silva
Orientador – CEPPAC/UnB**

**Profa. Dra. Ellen Fensterseifer Woortmann
Membro externo – DAN/UnB**

**Profa. Dra. Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro
Membro interno – CEPPAC/UnB**

**Prof. Dr. Stephen Grant Baines
Suplente – DAN/UnB**

Aluno: Guillaume Maurice Admire Perche

**Brasília-DF
5 de Agosto de 2011**

*Dedico este trabalho aos seus protagonistas, as famílias da ilha de Amantani,
sem cujas ajuda e colaboração não teria sido possível.*

AGRADECIMENTOS

Às famílias da ilha de Amantaní, por me terem aberto a porta de suas casas, por me terem nutrido e hospedado, pela paciência e confiança em transmitirem os seus depoimentos, por terem tornado agradável a minha experiência de campo na ilha. Eu não posso, aqui, referir-me a todos os que me ajudaram. As minhas longas idas e vindas nos caminhos das comunidades foram entrelaçadas por encontros os quais, apesar de terem sido efêmeros, contribuíram todos para a realização deste trabalho. E se devo agradecer especialmente a algumas pessoas, seria o caso de Alfredo Suaña e Olga Cari, da comunidade de Pueblo, por terem sido os primeiros a me acolher na ilha. Em sua casa, pude sentir-me como em minha própria casa. Agradeço também, e especialmente, às minhas outras famílias hospedeiras: Máximo Juli e Epifania, Emilio Mamani Juli e Emerinciana, à família Borda, Miguel Yanarico Pacompia e Florentino Yanarico. Tampouco poderia esquecer-me da gentileza e dos momentos compartilhados com Juan Mamani e Anselma em sua residência ainda em construção.

Ao Mateus, pela presença, pelo incentivo dado para participar desta aventura acadêmica e, sobretudo, por me proporcionar a confiança sem a qual o sucesso na minha trajetória, desde a seleção até a defesa da presente dissertação, não teria sido possível.

Ao meu orientador Cristhian Teófilo da Silva, pelo acompanhamento na vida acadêmica desde a minha entrada no CEPPAC como aluno especial, pela pertinência das aulas administradas, pela disponibilidade, pela paciência e, sobretudo, pelo caráter especial das conversas esclarecedoras, nas quais impressões, opiniões e leituras confusas se tornaram ideias construtivas.

Ao CEPPAC, pelo auxílio à pesquisa de campo que me concedeu.

À Carolina Vieira, minha ex-aluna na Aliança Francesa de Brasília e amiga, pela revisão final da dissertação e pelos comentários.

Aos amigos de Puno, José e Pamela, pela ajuda durante a minha estadia em Puno e particularmente pela conversa daquele dia 27 de julho de 2009, a partir da qual resolvi estabelecer a minha pesquisa em Amantaní.

Às professoras Ellen Fensterseifer Woortmann e Flávia Lessa de Barros, pelos comentários construtivos sobre o projeto.

Aos colegas do CEPPAC, especialmente Annie Lamontagne, pelas conversas e compartilhamento de conhecimentos.

À minha amiga Maria Fe Celi, pelos comentários, pela ajuda durante a minha estadia em Lima e pelo uso da biblioteca da *Pontificia Universidad Católica del Perú*, e sobretudo, pela amizade nutrida desde o nosso encontro nos bancos da universidade de Paris IV – La Sorbonne durante a graduação, num período em que o Peru ainda representava para mim uma região de pesquisa longínqua.

Aos colegas do programa de mestrado profissional em turismo no CET, especialmente Angélica, Ariana e Gleison, pelas conversas construtivas decorridas da disciplina Turismo, Memória e Identidade, administrada pela professora Ellen Fensterseifer Woortmann.

Aos colegas de trabalho da Aliança Francesa de Brasília, pelos sorrisos e abraços cotidianos e por representar uma grande família aqui em Brasília.

A toda minha família, que me fez sentir estar sempre ao meu lado, apoiando-me, sem saber muito bem a que eu me dedicava.

À minha mãe Noëlle e ao meu irmão Adrien, pela cumplicidade de sempre, apesar da distância, e pelo amor incondicional e eterno que nos une.

À minha avó, *Mamie Nénette*, pela importância de sua presença em minha vida, por me trazer esta intensa lembrança de uma infância e adolescência passada na fazenda, num pequeno pedaço do interior da França, neste pequeno paraíso da minha memória, cujo nome é *Villejumard*.

RESUMO

A ilha de Amantaní constitui um dos principais atrativos turísticos da região de Puno, nos Andes peruanos. A ilha se diferencia dos outros destinos turísticos da região ao propor uma imersão cultural na qual os turistas se hospedam nas casas de famílias hospedeiras. Eles recebem, assim, hospedagem e alimentação, além de conviverem com a família, em complemento da visita rápida à ilha. Este turismo é conhecido localmente como “turismo vivencial” e permite desvendar e viver o cotidiano de uma cultura autêntica, localizada no meio do lago Titicaca, a mais de 3.000 metros de altitude. Há poucos anos, Amantaní faz parte de um vasto programa turístico implementado pelo Estado, em vista de diversificar a oferta turística no país e desenvolver as comunidades camponesas rurais: o programa de Turismo Rural Comunitário.

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar o conceito de autenticidade relacionado com o encontro direto entre uma população nativa e os turistas estrangeiros. Nesse sentido, ela se propõe a analisar o significado da experiência turística para as famílias camponesas que hospedam os turistas no seu lar, permitindo dessa forma certa introspecção sobre sua intimidade a qual, antes de ser uma experiência vivida, é representada por meio de uma ordem discursiva articulada ao redor da autenticidade. Para tanto, Goffman (1973) e MacCannell (1976) foram as referências privilegiadas para a compreensão da situação social criada através da interação entre quem é *de dentro* e *de fora*. Além disso, foi realizada pesquisa de campo como forma de levantamento dos dados etnográficos. Concluiu-se que a experiência turística reflete a lógica da busca por uma alteridade construída discursivamente. Essa lógica se renova através de novos conceitos, tais como a “colonização da intimidade” e “desejo colonial”, os quais, apesar de surgirem localmente, são fomentados, no âmbito nacional e global, pelas políticas do Estado peruano.

Palavras-chave: Autenticidade, Turismo, Turismo Rural Comunitário, Comunidades Camponesas, Famílias, Colonização da Intimidade, Desejo Colonial, Peru, Ilha de Amantaní, Lago Titicaca.

ABSTRACT

Amantani Island constitutes one of the main touristic attractions of the region of Puno, in the Peruvian Highlands. The island distinguishes from other local touristic destinations since it offers a cultural immersion which provides tourists with a roof in family houses. These tourists visiting the island receive accommodation and food, and have the opportunity to live together with the native family in addition to the quick visit of the island. This tourism is locally known as “vivencial tourism” and enables to discover and live the day-to-day life in an authentic culture, situated in the middle of Titicaca Lake, at more than 3.000 meters above sea level. Amantani has been integrated in a vast touristic program implemented by the State for a few years, in order to diversify the national touristic offer and to develop the peasant rural communities. Such program is known as the Rural Community Tourism.

The main purpose of this master thesis is to analyse the concept of authenticity linked with the direct encounter between native population and foreign tourists. In that way, it proposes to analyse the meaning of the touristic experience for the peasant families who accommodate the tourists at home. It enables a certain insight on their intimacy. Before being lived, this experience is represented by a discursive order articulated around the authenticity notion. Goffman (1973) and MacCannell (1976) have been the privilegiate references to understand the social situation created through the interaction between *insiders* and *outsiders*. Moreover, a fieldwork was conducted so as to bring up the ethnographic data. It has been concluded that the touristic experience reflects the logic of the quest for the other discursively constructed. This logic is renovated through new concepts like the “colonization of intimacy” and “colonial desire”, which are produced locally but are promoted in a national and global scale, by the policies of Peruvian State.

Keywords: Authenticity, Tourism, Rural Community Tourism, Rural Communities, Families, Colonization of Intimacy, Colonial Desire, Peru, Amantani Island, Lake Titicaca.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. Apresentação do tema de investigação	13
2. Metodologia.....	15
3. Contextualização: uma excursão cultural, vivencial e autêntica: um exemplo de Turismo Rural Comunitário (TRC)	21
4. Estrutura da dissertação	29
CAPÍTULO I – A ILHA DE AMANTANÍ: A CENA TURÍSTICA	31
1. A primeira visita à ilha de Amantaní: a descoberta de uma ilha.....	43
2. A Amantaní dos turistas: em busca de uma “paisagem autêntica”	61
CAPÍTULO II – OS BASTIDORES ÍNTIMOS: OS TURISTAS E AS FAMÍLIAS DE AMANTANÍ	71
1. A segunda viagem para a ilha de Amantaní: “entre frente e bastidores” do mundo turístico insular	79
1.1. <i>A chegada à primeira família</i>	88
1.2. <i>O ritual turístico visto de dentro</i>	91
2. A face insular ocidental: Pueblo, Lampayuni, Villao Orinojón e Incatiana.....	98
2.1. <i>Comunidade de Pueblo, na casa de Olga Cari e Alfredo Suaña: a nova transformação dos bastidores</i>	98
2.2. <i>Comunidade de Villa Orinojón, na casa de Julio Borda: o espelho da memória da atividade turística em Amantaní</i>	112
2.3. <i>Comunidade de Lampayuni, na casa de Máximo Juli e Epifania: a outra interpretação do “recanto autêntico” da cozinha</i>	126
2.4. <i>Comunidade de Villa Orinojón: na casa de Emilio Mamani Juli e Emerinciana, a atuação das ONGs nas famílias da ilha de Amantaní</i>	130
3. A face insular oriental: Occosuyo, Occopampa e Colquecachi	136
CAPÍTULO III – AMANTANÍ E O DESEJO COLONIAL	142
1. O contexto turístico nacional no Peru e a construção da imagem do indígena ..	144
2. O significado do conteúdo das interações sociais existentes entre a população local e o turista	150

2.1. <i>O “lugar antropológico” como espaço de interação espontânea</i>	<i>150</i>
2.2. <i>A representação das famílias diante dos turistas observadores e o poder simbólico da interação.....</i>	<i>152</i>
3. A colonização da intimidade e a ressignificação do espaço da casa.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
DOCUMENTOS CONSULTADOS	171
PORTAIS ELETRÔNICOS CONSULTADOS	173
ANEXOS	174

LISTA DE ABREVIATURAS

CEDESOS	Centro para el Desarrollo Sostenible
DIRCETUR	Dirección Regional de Comercio exterior y Turismo
INEI	Instituto Nacional de Estadísticas e Informática
MINCETUR	Ministerio de Comercio Exterior y Turismo
ODEI	Oficina Departamental de Estadística e Informática
OGD	Organización de Gestión de Destino
ONG	Organização Não Governamental
PROMPERU	Comisión de Promoción del Perú para la Exportación y el Turismo
PROTURIS	Proyecto Turístico Integral para el Desarrollo de las Comunidades del Lago Titicaca
REDTURC	Red Regional de Turismo Comunitario-Titikaka
TRC	Turismo Rural Comunitário
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa da região de Puno.....	40
FIGURA 2: Exemplo de folder distribuído nas agências de turismo de Puno.....	43
FIGURA 3: A “experiência visual da aparição” da ilha de Amantaní (foto)	45
FIGURA 4: A <i>Plaza de Armas</i> da comunidade de Pueblo (foto)	53
FIGURA 5: O “cruzamento de olhares”	57
FIGURA 6: O “recanto” na cozinha de Epifania (foto)	58
FIGURA 7: Mapa da divisão administrativa do Distrito de Amantaní.....	85
FIGURA 8: Planta esquemática da propriedade de Alfredo e Olga Cari, Pueblo	103
FIGURA 9: Planta esquemática da propriedade da família Borda, Villa Orinojón	121
FIGURA 10: Fogão a lenha na cozinha original da família Borda, 1940 (foto)	123
FIGURA 11: A cozinha intermediária, 1997 (foto)	123
FIGURA 12: Fogão a gás e o caldeirão (foto)	124
FIGURA 13: Relação do número de turistas hospedados na casa de Epifania.....	128
FIGURA 14: Planta esquemática da propriedade de Miguel Yanarico Pacompia	139

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Mapas da região da pesquisa (Fonte usada: Google Earth 2011)	174
ANEXO 2: Roteiro de perguntas enviado aos turistas encontrados em Amantaní	177
ANEXO 3: Relatório de trabalho voluntário como <i>brigadista internacionalista solidário</i> nos arquivos da COMIBOL em Oruro, do dia 13 até o dia 24 de julho de 2009	180
ANEXO 4: Quadros estatísticos dos fluxos de turistas estrangeiros e nacionais em Los Uros, Taquile e Amantaní entre 1998 e 2008 (fonte: DIRCETUR-PUNO)	185
ANEXO 5: Fotos.....	189

INTRODUÇÃO

“*Je hais les voyages et les explorateurs*”¹

(LEVI-STRAUSS, 1955, p. 9)

1. Apresentação do tema de investigação

Quando Claude Lévi-Strauss escreveu a frase inicial de sua obra, *Tristes Tropiques*, ele quis marcar a diferença existente entre o seu trabalho de etnólogo e aquele dos viajantes e exploradores da época, os quais expunham os seus relatos de viagem em eventos como as famosas conferências da *Salle Pleyel*² ou do pavilhão antigo do fundo ao *Jardin des Plantes* em Paris (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 10-11). Desta forma, Lévi-Strauss mostrou que na viagem do etnólogo se descarta o lado turístico. A viagem não é um objetivo senão um meio indispensável que se oferece ao etnólogo para poder trazer os conhecimentos sobre outras sociedades. Neste sentido, como começar a presente etnografia do turismo num local como a ilha de Amantaní sem se remeter à famosa e polêmica frase de Lévi-Strauss?

Faço questão de lembrar, desde a introdução, que a ilha de Amantaní entrou no presente mapa de pesquisa depois de ter sido realizada uma primeira estadia na ilha, a qual foi uma visita de caráter turístico. Uma visita similar àquela dos turistas que resolvem, dentro do seu circuito através do Peru, fazer a excursão para as ilhas do lago Titicaca aproveitando os pacotes interessantes propostos pelas agências de viagens e turismo da cidade de Puno.

Exatamente um ano mais tarde, a segunda estadia foi realizada no âmbito do trabalho de campo para a presente pesquisa. Neste contexto, foi possível vivenciar o fenômeno turístico insular revestindo duas máscaras sociais diferentes: aquela do turista e aquela do pesquisador. Cabe lembrar que o acesso à ilha e a estadia nesta última foram possíveis mediante as infraestruturas turísticas, e grande parte da observação participante foi realizada num contexto de interação com as famílias, assemelhando-se àquele estabelecido entre elas e os turistas que chegam à ilha e se hospedam dentro do universo íntimo das suas casas. Neste contexto, apesar de deixar claro o papel do pesquisador neste tipo de ambiente, é importante ressaltar que algumas famílias anfitriãs consideravam qualitativamente, em alguns casos, a presença do pesquisador nas suas casas como a presença de um turista ou, em outros casos, como a presença de um intermediário cujo papel podia ser o de contribuir para promover a

¹ “Eu odeio as viagens e os exploradores.” (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 9) Tradução minha.

² Entrevista de Claude Lévi-Strauss por Bernard Rapp em 1991, documento do INA (*Institut National de l’Audiovisuel*). Ver extrato do vídeo: <http://ethnolyceum.wordpress.com/2008/12/01/je-hais-les-voyages-et-les-explorateurs/>

ilha no exterior e incentivar o *turismo livre* (aquele que não requer passar pelas agências de viagens e turismo da cidade de Puno). Como veremos, essas agências propõem um roteiro turístico na ilha, vendendo a cultura local com a hospedagem na casa das famílias nativas sem remunerá-las ao preço estabelecido inicialmente. Esta segunda percepção foi aquela que mais ressaltou durante a pesquisa de campo, fazendo surgir certo discurso de superfície permanente, conforme será abordado mais adiante.

Pelo fato de ter efetuado essa etnografia do turismo explorando a ilha de Amantaní e as suas comunidades de maneira dual, considerando o seu caráter de comunidade turística no lago Titicaca e o seu caráter de comunidade camponesa que se inscreve numa dinâmica local camponesa, característica do sul andino-peruano, pode-se iniciar esta introdução com a frase de Lévi-Strauss por dois motivos: em primeiro lugar, porque, no âmbito da presente pesquisa, e até mesmo de maneira geral, pode-se explicitar no enunciado desta citação o ódio que o etnólogo poderia ter dos discursos elaborados pelos turistas, os quais, nos seus relatos de viagem e diante do encontro com o Outro, sentem-se intensamente capazes de analisar e tirar conclusões às pressas de realidades, organizações e modos de vida para eles apresentados e descobertos num cenário propriamente turístico e que caracterizam de “exótico” ou “autêntico”.

Em segundo lugar, assim como o fez Lévi-Strauss, é necessário, nesta introdução, chamar a atenção do leitor sobre o caráter científico da narrativa dos capítulos da presente dissertação. A pesquisa se centraliza sobre o fenômeno turístico nas comunidades da ilha de Amantaní e visa contribuir em trazer conhecimentos etnográficos desta região que se inscreve dentro de uma dinâmica de desenvolvimento vinculado ao turismo. A atividade turística na ilha envolve a presença direta ou indireta de diferentes atores, sendo as agências de viagens e turismo regionais, nacionais e internacionais, os guias turísticos, as ONGs, os turistas e as famílias insulares, as quais representam o produto turístico básico promovido e vendido para os turistas.

Neste contexto, a presente pesquisa deve ser, a partir de agora, desvinculada de qualquer relação com o simples relato de viagem ou impressões empíricas sem fundamento científico. Porém, não se pode negar que, num âmbito turístico como aquele da ilha de Amantaní, ter conhecimento dos relatos de viagens, pontos de vista e impressões formuladas pelos turistas, “exploradores” em massa do nosso mundo moderno, torna-se relevante para qualificar o tipo de turismo realizado na ilha. Deste modo, os relatos de viagem, impressões e testemunhos publicados em *blogs* variados de turistas na *internet* ou em artigos de jornais permitem descobrir de maneira subjetiva, mas representativa, como se faz o turismo na ilha de

Amantaní. Por essa razão, foi escolhido convidar o leitor a chegar ao local da pesquisa pela *zona de frente*³ ou fachada turística, ou seja, desembarcando na ilha através da lente de um turista comum para mostrar de que forma se enxerga a ilha no âmbito da excursão comumente realizada. Desta maneira, usar depoimentos de turistas sobre a sua experiência turística permite apresentar a particularidade do roteiro turístico praticado e visualizar o vivido pelo turista no decorrer dessa correntemente chamada “excursão autêntica” numa ilha do lago Titicaca. Tenta-se, desde o começo, fazer aparecer o secular jogo de contato existente entre a população e os turistas, os *de dentro* e os *de fora*, dentro do marco da interação exercida durante o encontro turístico.

2. Metodologia

Para a realização da presente pesquisa foram considerados os dados empíricos resultantes da pesquisa de campo: a pesquisa documental de textos, informações documentadas e outros materiais produzidos pelos atores da atividade turística, a observação participante e as referências bibliográficas.

Com respeito aos dados levantados, vale ressaltar que esta pesquisa se baseia nos dados resultantes dos discursos oficiais sobre a atividade turística por parte do MINCETUR, das ONGs, das agências de viagem e turismo da cidade de Puno e depoimentos dos próprios turistas. Entretanto, com relação aos dados empíricos, o aspecto que se deve ressaltar é que a fonte primordial em que se baseia essa etnografia são os discursos das famílias da ilha (captados por meio de conversas informais) e a observação da interação com essas mesmas famílias. Outra fonte importante de informação decorreu da observação do espaço e da sua configuração, dado de grande importância a que fui levado a observar espontaneamente depois da minha chegada no local.

Vale primeiro distinguir as etapas da minha pesquisa de campo no Peru que foi efetuada durante o mês de julho de 2010. A pesquisa de campo compreendeu um período de 30 dias naquele país, dos quais seis foram passados em Lima, cinco foram passados em Puno e 19 foram passados em Amantaní. Cabe especificar que certa experiência de pré-campo foi efetuada de forma rápida em julho de 2009, quando fiz a visita turística da ilha de Amantaní, a qual me levou a escolher este local como região de pesquisa. Aquela primeira visita tinha sido efetuada de forma totalmente turística conforme o roteiro estabelecido pelas agências da

³ De acordo com o conceito de *front e back region* de Goffman, trabalhado, no âmbito desta pesquisa, no capítulo II.

cidade de Puno e a minha permanência nesta região não ultrapassou três dias, dos quais um dia e uma noite foram passados na ilha de Amantaní.

A pesquisa de campo no Peru se efetuou em três etapas diferentes respeitando uma trajetória na qual me aproximei do local de estudo, a ilha de Amantaní no lago Titicaca, de forma progressiva. Tive, desta forma, três trajetórias diferentes de pesquisa para a produção de dados começando na capital do país: Lima, prosseguindo na capital da região do local de pesquisa, ou seja Puno, e terminando no próprio local de estudo: a ilha de Amantaní.

Em Lima, o objetivo foi coletar dados de fontes oficiais por meio de várias entrevistas. No MINCETUR, tive a oportunidade de encontrar a coordenadora de turismo da PROMPERU trabalhando com a região sul do país: Raquel Cuzcano Quispe. No mesmo ministério, estabeleci uma entrevista com o coordenador nacional do programa de Turismo Rural Comunitário (TRC): Fernando Vera. Também aproveitei a estadia em Lima para encontrar dois pesquisadores do Instituto de Estudos Peruanos e uma professora da *Pontificia Universidad Católica del Perú* com a qual participei de um encontro do grupo de estudos sobre antropologia do turismo. O acesso às referências bibliográficas também foi facilitado em Lima com a possibilidade de consultar o acervo da biblioteca da universidade mencionada, da livraria do *Institut Français d'Études Andines* (IFEA) e das referências bibliográficas disponíveis nas livrarias da cidade e dos diferentes lugares já mencionados. Enfim, encontrei-me com uma estudante, Susana Orellana, que efetuou uma pesquisa na ilha de Amantaní sobre o tema do recurso da água e do uso dos mananciais insulares. Susana auxiliou-me na preparação da pesquisa de campo e o estabelecimento de um contato inicial com uma primeira família com a qual poderia ficar em minha chegada ao local. O contato com as pessoas citadas em Lima e o agendamento dos encontros foram todos estabelecidos por pesquisa e contato prévio por *Internet*.

Em Puno, comecei o levantamento de dados propriamente turísticos na agência da *I-Perú*, agência de atendimento ao turista regida pela PROMPERU, e em várias agências de viagem e turismo do centro da cidade para perceber de qual forma o local de estudo estava sendo “vendido” no mercado turístico nacional e internacional. Continuei o levantamento no Centro de Documentação de Puno (CENDOC) para recolher material confeccionado localmente sobre Amantaní, no Instituto Nacional de Estatísticas e Informática (INEI) para obter dados estatísticos sobre o turismo na região de Puno e Amantaní, no escritório da Direção Regional de Comercio Exterior e Turismo (DIRCETUR) que corresponde à representação regional do MINCETUR em Puno, na Biblioteca da *Casa del Corregidor* e na biblioteca municipal para obter referências bibliográficas locais. Também conheci dois

coordenadores atuando em duas ONGs diferentes de programas de desenvolvimento do TRC na região: Walter Pizarro (CEDESOS) e Rafael Toribio Maque Collachagua (Cáritas Puno).

Em Amantaní, a estadia em diferentes “casas” de famílias construiu a minha trajetória e proporcionou em grande parte o conteúdo da minha observação participante. A primeira casa escolhida foi a casa de Olga e Alfredo, mencionada por meu contato em Lima, e as outras casas visitadas foram escolhidas em função das dicas dos habitantes com quem tive contato ou também de forma arbitrária ao decorrer dos meus encontros com a população nos caminhos da ilha, uma vez que buscava acenar uma razoável variedade de pontos de vista sobre a atividade turística. Todos os dias foram ritmados pelo horário do café da manhã, do almoço e do jantar preparado por cada família, respeitando o serviço que elas propõem pelo preço estabelecido. Dada a minha estadia prolongada na ilha, estabeleci junto com as famílias o valor de 20 NS para a minha estadia diária em cada casa⁴.

Ter contato com diferentes famílias e ficar em várias casas era imprescindível para efetuar a observação participante. Entretanto, as minhas leituras prévias também me haviam alertado de que o fato de ficar muito tempo na casa de uma família poderia gerar conflitos dentro da comunidade. Considerei as observações do trabalho de campo de Gascón, em Amantaní:

Tener alojado a uno durante más tiempo, como fue nuestro caso, rompía el equilibrio normal de las ganancias de los lancheros. Cuando nos dimos cuenta de nuestro error, cambiamos rápidamente de alojamiento, pero para entonces ya habían pasado unos tres meses. (GASCÓN, 2005, p. 226)

Abaixo, seguem as indicações mais detalhadas sobre a duração das visitas e hospedagens efetuadas nas “casas” das famílias:

1. Casa de Olga Cari e Alfredo Suaña (duas filhas de menos de 6 anos presentes) – Comunidade de Pueblo. Estadia efetuada do dia 10/07/2010 até 14/07/2010 e em 26/07/2010. (6 noites)

2. Casa de Epifania e Máximo Juli (duas filhas de mais ou menos 10 anos presentes) – Comunidade de Lampayuni. Estadia efetuada do dia 15/07/2010 até 18/07/2010. (4 noites)

⁴ Em julho de 2010, a conversão do *Nuevo Sol* (NS) era a seguinte: 1 R\$ = 1.66 NS. O valor pago diariamente correspondia ao valor de 33 R\$.

3. Casa de Emerinciana e Emilio Mamani Juli (uma filha de 22 anos e outra de 18 anos presentes) – Comunidade de Villa Orinojón. Estadia efetuada do dia 19/07/2010 até 21/07/2010. (3 noites)
4. Casa de Julio Borda e a sua família (sua filha de 32 anos e a neta de 4 anos presentes) – Comunidade de Villa Orinojón. Estadia efetuada do dia 22/07/2010 até 23/07/2010. (2 noites)
5. Casa de Miguel Yanarico Pacompia – Comunidade de Colquecachi. Estadia efetuada em 24/07/2010. (1 noite)
6. Casa de Florentino Yanarico – Comunidade de Incatiana (Inca Samana). Estadia efetuada em 25/07/2010. (1 noite)

A observação participante foi efetuada na casa das famílias que me hospedaram por meio de conversas informais para não intimidar as pessoas, as quais falando espontaneamente já permitiram coletar dados importantes. Os momentos mais propícios para recolher os depoimentos foram os momentos das refeições, durante os quais, toda a família se reunia na cozinha para comer junto comigo. Além de ser um pesquisador, também era um estrangeiro que pagava um valor para ficar nas famílias, as quais de certa forma me recebiam como se fosse um turista.

Além da participação da vida em casas de família nestes momentos de interação ritual das refeições, a atenção ao espaço foi outro elemento central no decorrer da minha observação participante. A paisagem insular, a organização das comunidades, o trajeto dos fluxos de turistas e a organização do espaço das próprias casas dos habitantes me permitiram organizar o meu tempo. Supondo que eu deveria voltar para as casas, nas quais me hospedava, no horário das refeições, eu aproveitava o tempo da manhã e da tarde para encontrar contatos estabelecidos e efetuar as minhas “peregrinações” nos caminhos insulares em busca de elementos a serem estudados.

As falas dos meus interlocutores não foram traduzidas para o português, da mesma forma que as citações bibliográficas. Escolhi manter a citação destas falas em espanhol para preservar o caráter original da pesquisa, considerando que o espanhol não representa um obstáculo para a compreensão do leitor lusófono. As palavras ou expressões regionais que

poderiam dificultar a compreensão foram traduzidas em nota de rodapé. Entretanto, as citações bibliográficas em francês ou inglês foram traduzidas para o português.

É válido ressaltar, ainda sobre a pesquisa de campo, alguns fatores que influenciaram seus resultados. O principal deles é o fato de se pesquisar na realidade da região andina com uma comunidade camponesa de etnia quíchua: as barreiras da língua, as diferenças conceituais e culturais são elementos que devem ser considerados.

O meu conhecimento prévio do Peru facilitou a minha aproximação com os habitantes, pois a barreira da língua, já que eu me comunicava em espanhol, não representou problema nenhum. Entretanto, sendo a língua materna da população insular o quíchua, e esta última sendo a língua na qual se expressam ao falar entre eles, considero que a pesquisa de campo poderia ser muito mais completa se o pesquisador conseguisse entender e se expressar nesta língua. Senti, pois, que aquilo expressado em quíchua ter-me-ia ajudado no desempenho da observação participante e nesta vontade de explorar os bastidores da atividade turística. Infelizmente, os fatores tempo, dinheiro e falta de recursos para a realização da pesquisa de mestrado leva qualquer pesquisador a se conformar com aquilo que eu próprio já possuía: a minha sensibilidade ao observar e ouvir as famílias para que ganhassem a minha confiança e falassem de si e das suas perspectivas com o turismo. Este fato revelou-se um grande exercício de paciência e respeito por parte dos habitantes locais.

O fator geográfico e climático também representou um desafio. As distâncias entre todas as comunidades consoante ao íngreme relevo da ilha e as dificuldades para respirar a mais de 3.000 metros de altitude também tornaram a pesquisa de campo um certo desafio esportivo⁵. Em julho, a região se encontra no período do inverno austral com temperaturas baixas, que descem abaixo de zero grau à noite. A única opção para se lavar é aquela do balde de água gelada, o que também representa um fator ao qual é preciso se acostumar durante muitos dias de permanência no local, apesar de a minha origem francesa tenha a reputação de não dar grande importância para isto.

Soma-se a isso a dificuldade de pesquisar, como estrangeiro, no campo do turismo, num local onde a atividade gera numerosos conflitos com os atores externos como as agências de turismo, mas também entre as próprias famílias, ou grupos de famílias, que tentam não deixar transparecer publicamente o benefício trazido pela atividade. Neste sentido, apesar de

⁵ Também é preciso considerar, ao falar de deslocamento, o tempo gasto dentro do próprio país no transporte que sai de Lima para chegar a Amantaní. Os únicos vôos internacionais chegam e saem de Lima. É preciso, então, pegar um ônibus que demora aproximadamente 17 horas para percorrer os 1.300 quilômetros que separam a capital da cidade de Puno. De Puno, a lancha leva mais ou menos três horas para chegar a Amantaní. Neste sentido, deve-se levar em conta este longo trajeto de ida e volta efetuado no país.

tentar várias vezes ter acesso a dados estatísticos sobre o turismo disponíveis na prefeitura do distrito de Amantaní, em Pueblo, não obtive ajuda das autoridades locais neste sentido. Um funcionário fez-me entender que o processo burocrático seria muito difícil e o meu tempo de permanência limitado não me permitiria estabelecer os contatos necessários para acessar a tais dados⁶. Em resumo, cabe dizer que o reduzido período em campo e a necessidade de apreensão de uma realidade muito ampla obrigaram-me a coletar o máximo de dados que me foi possível a fim de elaborar a pesquisa e tornar as considerações aqui expostas acessíveis ao leitor que não conhece a realidade peruana e, ainda menos, a realidade da região de Puno e da ilha de Amantaní.

Com respeito às referências bibliográficas, vale apresentar alguns autores que permitiram desenvolver a presente pesquisa. No campo do Turismo e das Ciências Sociais, Barretto (2003) e Araújo (2006), são dois autores que permitiram abordar os problemas gerados pela atividade turística entre os turistas e as populações locais e, também, legitimar a presente pesquisa no campo do turismo, que traz a sua contribuição nas Ciências Sociais. Valene Smith (1989) contribuiu na discussão acerca do tipo de turismo efetuado na região da pesquisa. A pesquisadora Nathalie Raymond (2001) é uma especialista sobre o turismo no Peru e constituiu a referência principal para conceituar os dados empíricos observados específicos ao turismo naquele país.

A referência principal que permeia grande parte desta pesquisa remete ao trabalho do antropólogo catalão, Jorge Gascón, o qual fez a pesquisa mais completa sobre o turismo em Amantaní entre 1990 e 1995. Em sua pesquisa, publicada pelo Instituto de Estudos Peruanos sob o título: “*Gringos como en Sueños: Diferenciación y conflicto campesinos en los Andes peruanos ante el desarrollo del turismo*” (2005); ele mostra como a atividade turística era então controlada por parte do grupo dos donos de lanchas, grupo mais rico da população, o qual transportava os poucos turistas que chegavam à ilha e monopolizava a atividade de hospedagem nas suas próprias famílias sem repartir o recurso. O interessante da pesquisa é observar quais eram as dinâmicas criadas pelo turismo no começo da década de 1990, as quais evoluíram e aparecem, hoje em dia, de maneira ainda mais complexa. Enfim, a abordagem teórica de Erving Goffman (1973) via Dean MacCannell (1976) auxiliou-me a organizar a narrativa de maneira operante para definir a situação social criada pelo cenário turístico.

⁶ Refiro-me, neste tópico, aos dados estatísticos do número de turistas que chegam à ilha e em cada comunidade, e o número de “*casa hospedaje*” oficial registrado em cada comunidade.

3. Contextualização: uma excursão cultural, vivencial e autêntica: um exemplo de Turismo Rural Comunitário (TRC)

O turismo realizado hoje em dia em Amantaní não é um turismo que respeita o “circuito” clássico estabelecido pelos turistas. De acordo com Raymond (2001), o turismo no Peru se efetua segundo um “circuito” bem definido e estabelecido pelo turista antes da sua chegada ao país, *o qual nasce do confronto entre uma imagem turística variada e uma desvantagem de tempo e dinheiro* (RAYMOND, 2001, p. 113). Vários critérios entram na elaboração deste “circuito”.

Primeiro, cabe considerar o caráter centralizado da capital, Lima, na qual chegam todos os vôos internacionais e, assim, obriga o turista a começar e terminar sua viagem passando por esta cidade. Em segundo lugar, cabe considerar que o Peru é um país onde os deslocamentos têm que ser previstos de maneira inteligente para perder o mínimo de tempo possível. Todo mundo também concebe que o tempo significa dinheiro. Visitar o Peru, apesar de ser um destino no qual o custo de vida é mais barato para um turista ocidental, significa a compra de uma passagem internacional e vários deslocamentos dentro do país transformando o país num destino bastante caro no final (RAYMOND, 2001, p. 59). Qualquer deslocamento inútil ou mal previsto pode ocasionar uma perda de tempo e dinheiro muito importante, o “circuito” bem planejado permite prever esse tipo de problema.

Além disso, a visita ao Peru impõe para a grande maioria dos turistas a visita a Cuzco e a Macchu Pichu, entre outros destinos nacionais que fazem parte do roteiro básico. Assim, uma vez carimbado o passaporte em Lima, o fluxo turístico quase sempre se dirige na direção do sul do país rumo a Cuzco, fazendo uma parada nas cidades que apresentam mais atributos para o turista, como Nazca e as suas famosas linhas, Arequipa e seu centro colonial, Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO, o canyon de Colca e os seus famosos condores, a região de Puno por sua situação na beira do lago Titicaca e o destino final: a pré-hispânica e mítica cidade de Cuzco, antiga capital do império inca, porta de entrada para a cidadela de Machu Picchu. Este é o “circuito” típico proposto no sul andino.

Dentro deste roteiro, o turista chega a Puno, proveniente de Arequipa, Cuzco ou La Paz e reserva comumente um máximo de três dias para conhecer a cidade e os atrativos turísticos do lago sem conhecê-los previamente, ou seja, sem ter planejado exatamente o que fazer em Puno. Ele sabe que o lago Titicaca e as suas ilhas representam o maior atrativo e da mesma forma que na *Plaza de armas* em Cuzco, ele geralmente confia seu destino às mãos das agências. Neste sentido, as agências de viagem e turismo da cidade não têm dificuldade

para vender seus pacotes propondo a excursão de um dia e meio nas ilhas do Titicaca por um preço muito econômico e acessível para todos. A falta de conhecimento prévio dos atrativos da região faz com que as agências possam abordar os turistas assim que eles descem do ônibus em Puno⁷, os quais compram imediatamente seus pacotes, preocupados com o fato de não ter que perder tempo.

Assim, Gascón (2005) define no âmbito da sua pesquisa efetuada entre 1990 e 1995, que o turismo é realizado em Amantani na esfera de uma “excursão étnica ou alternativa que se inscreve dentro de uma viagem mais longa através do país, a qual não tem obrigatoriamente essas mesmas características” (GASCÓN, 2005, p. 20-21). O uso da palavra “excursão” representa bem a forma como Amantani é considerada pelo turismo na região. O termo estabelece bem o caráter efêmero da experiência e falar de “excursão étnica ou alternativa”, de acordo com as palavras de Gascón, mostra que se trataria de uma excursão de pouca gente indo ao encontro de certa população que representa um interesse cultural para eles. Seria assim uma viagem dentro de outra viagem. Porém, a pesquisa de campo mostra a necessidade de se discutir o caráter da excursão proposta hoje em dia na ilha. Cabe verificar se a qualificação de “étnica e alternativa”, estabelecida por Gascón no começo da década passada, ainda é recorrente.

Segundo a classificação de Smith (1989), o turismo étnico é “aquele que consiste em visitar casas e aldeias nativas, observar danças e cerimônias e comprar objetos produzidos pelos nativos do lugar visitado, o qual geralmente fica afastado dos grandes centros que recebem o turismo de massa. Esses destinos atraem somente um fluxo reduzido de turistas motivados pela sua própria vontade e curiosidade em conhecer o lugar gerando assim um impacto mínimo no destino visitado” (SMITH, 1989, p. 4).

A excursão poderia ser qualificada de alternativa, nas palavras de Gascón (2005), pelo fato dela atrair “uma quantidade limitada de turistas, os quais por sua própria vontade saíam dos roteiros convencionais” (GASCÓN, 2005, p. 20-21). Neste caso, o turista alternativo poderia ser facilmente assimilável ao “turista livre”, o qual foge das viagens organizadas para estabelecer um roteiro próprio geralmente organizado em função da leitura do guia turístico que acompanha e aconselha o “turista livre” ao longo da sua viagem (RAYMOND, 2001, p. 128-129).

Porém, de acordo com essas observações e a pesquisa de campo, pode-se dizer que o turismo praticado hoje em dia na ilha, de acordo com a classificação de Smith, não poderia

⁷ Testemunho de um grupo de turistas franceses na ilha de Amantani, em 26/07/2010. Estes franceses contrataram os serviços de uma agência que os abordou assim que pisaram na rodoviária da cidade de Puno.

mais ser qualificado de “excursão étnica ou alternativa” da mesma forma que era no começo da década de 1990. Se ela era um destino alternativo naquela época, recebendo poucos turistas, hoje em dia, ela foi incluída, como vimos anteriormente, dentro do roteiro turístico da região e é promovida pelas agências da cidade de Puno que vendem Amantaní como destino turístico junto com as famosas Uros e Taquile, recebendo um fluxo de turistas considerável. Desta forma, segundo esta classificação, a excursão em Amantaní não poderia mais ser qualificada de étnica ou alternativa, senão de excursão cultural. Segundo Smith (1989), o turismo cultural

inclui o pitoresco ou as cores locais, vestígios de um modo de vida desaparecendo que permanece vivo através da memória das pessoas. Esse tipo de destino cultural inclui comidas típicas, festas com trajes típicos. Trata-se de uma cultura camponesa em que o estresse entre hóspedes e nativos pode ser máximo por causa do grande número de visitantes vindo com o objetivo de observar e fotografar a vida dos camponeses que passam a ser objetos de estudo. (SMITH, 1989, p. 5)

Assim, o recurso turístico na ilha não seria mais “um recurso escasso” comparado com a ilha vizinha a Taquile, como podia ser o caso na década de 1980 e 1990, segundo o que foi definido por Gascón (GASCÓN, 2005, p. 60). Hoje, a ilha vizinha a Taquile continua recebendo maior quantidade de turistas, porém Amantaní conseguiu também impor a sua importância na região. Ao analisar as estatísticas do fluxo de turistas na região, confirma-se esta transformação do sentido da excursão, a partir do ano 2000, com o incremento da comercialização turística da ilha por meio das agências de turismo de Puno. Consideraremos de maneira quantitativa o fenômeno turístico em Amantaní em relação à chegada de turistas em Puno e comparando com as ilhas dos Uros e Taquile.

De acordo com as estatísticas estabelecidas pelo *Instituto Nacional de Estadísticas e Informática* (INEI) em Puno⁸, o fluxo de turistas nacionais e estrangeiros hospedados nos estabelecimentos hospedeiros da província de Puno em 1998 foi de 186.395 turistas dos quais 60.357 eram estrangeiros (ODEI, 2007). Em 2002, foram 243.934 hospedados incluindo 96.782 estrangeiros e para o ano 2007, foram 372.851 turistas hospedados dos quais 177.249 eram estrangeiros. A DIRCETUR estabeleceu para o ano 2008, um total de 290.151 turistas hospedados na cidade dos quais 198.773 eram estrangeiros (DIRCETUR, 2009). Este fluxo de turistas se reparte de maneira desigual ao longo do ano e as estadísticas mostram que existem duas temporadas turísticas na região correspondendo aos períodos de férias nos principais países emissores de turistas: uma temporada alta entre junho e setembro. Em 2006, 154.666

⁸ Os quadros estatísticos dos fluxos de turistas estrangeiros e nacionais em Los Uros, Taquile e Amantaní entre 1998 e 2008 (fonte: DIRCETUR-PUNO) são disponíveis no anexo 4, página 185.

turistas estrangeiros chegaram à província de Puno entre os quais, 8.521 chegaram em janeiro, 15.033 em julho e 19.102 em agosto. Em relação à nacionalidade dos estrangeiros que chegaram à província, estabelecido pelo INEI, consta que em 2006 o total de chegadas foi 154.666 estrangeiros, em que constam 21.541 franceses, 18.819 americanos, 18.433 ingleses e 16.416 japoneses. Em 2008, verifica-se a mesma tendência com chegadas no total de 198.773 estrangeiros incluindo 26.974 franceses, 23.371 americanos e 20.652 ingleses (ODEI, 2007).

A análise dessas estatísticas permite verificar três informações para qualificar quantitativamente o turismo na província de Puno. O número total de chegadas de turistas na região está em crescimento permanente e, a cada ano, nota-se importante aumento na chegada de turistas nacionais e estrangeiros. O número de turistas chegando varia, dependendo das diferentes épocas do ano, constituindo uma temporada baixa de outubro a maio e uma temporada alta de junho a setembro, o que testemunha uma chegada muito mais concentrada de turistas estrangeiros. Ressalta-se dessas estatísticas que o número maior de turistas chegando à região pode ser classificado por nacionalidades, aparecendo por ordem de importância (considerando as estatísticas de freqüentação dos hotéis e albergues da região) os turistas franceses, americanos, ingleses e japoneses que mais visitam a região.

Neste âmbito de crescimento do fluxo de turistas na província de Puno, observa-se o mesmo tipo de crescimento do fluxo de turistas para as ilhas do lago, acessíveis desde a cidade de Puno, entre os anos 1998 e 2008.

As ilhas flutuantes de Los Uros, atração principal da região, receberam a visita de 28.124 turistas estrangeiros em 1998, 35.151 em 2000, 37.351 em 2002, 49.320 em 2004 e 52.263 em 2008. A ilha de Taquile, vizinha de Amantaní, recebeu a visita de 15.952 turistas estrangeiros em 1998, 43.224 em 2000, 42.114 em 2002, 48.180 em 2004 e 74.463 em 2008. Com respeito às estatísticas para o fluxo de turistas na ilha de Amantaní, registra-se que esta recebeu a visita de 8.033 turistas estrangeiros em 1998. Este número triplicou durante o ano 2000 com a visita de 25.786 turistas estrangeiros neste ano. A partir de então, este número se manteve com a visita de 22.838 estrangeiros em 2002, 36.170 em 2004 e 36.256 em 2008 (DIRCETUR, 2008).

As estatísticas mostram claramente que o fluxo de turistas estrangeiros para as ilhas não parou de crescer durante a última década. A ilha de Taquile, tendo sido declarada Obra Mestra do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2005, por seu artesanato têxtil, e as ilhas de Los Uros, pela sua proximidade com a cidade de Puno e o caráter atrativo das suas ilhas “flutuantes” sempre atraíram um número considerável de turistas que foi aumentando proporcionalmente.

Entretanto, notamos o crescimento súbito do número de turistas para a ilha de Amantaní. Ele triplicou no espaço de dois anos e passou de 8.033 em 1998 para 25.786 em 2000 com a visita de 1.122 estrangeiros em agosto de 1998 e de 4.008 em agosto de 2000. O súbito aumento do fluxo de turistas em Amantaní, a partir desta data, integra a história do turismo na ilha e poderia, assim, representar um “segundo surgimento” deste turismo, vinte anos depois da chegada dos primeiros turistas à ilha, os quais chegavam de maneira escassa num âmbito de turismo alternativo conforme o que foi definido por Gascón (GASCÓN, 2005, p. 20-21). Este “segundo surgimento” seria marcado pelo começo da exploração da atividade turística e o comércio de Amantaní como destino turístico privilegiado pelas agências de turismo da cidade de Puno, gerando o começo de uma época de transição na vida insular da população local, criando um verdadeiro mapa turístico e uma reorganização da comunidade de acordo com esta atividade.

Em outra medida, esta transformação também se percebe pelo aumento crescente da promoção da ilha feita nos guias de viagem internacionais. Se até 1998, as publicações de guias de viagem não escreviam mais de um ou dois parágrafos sobre Amantaní (GASCÓN, 2005, p. 63), a pesquisa e consultas aos guias de viagens da década de 2000 demonstram o reconhecimento progressivo que teve a ilha, sobretudo ao nível internacional.

Deste modo, as edições de 2004 e 2010 do *Lonely Planet* dedicaram mais de uma página à ilha de Amantaní. Do lado francês, o *Guide du Routard* dedicou somente um parágrafo para a ilha na sua edição de 2005, considerando a ilha como destino secundário. Porém, na edição de 2010, Amantaní ocupa uma página inteira e é destacada como um dos destinos principais, considerando-se a sua importância dentro do roteiro turístico sugerido na região do lago Titicaca. Insiste-se no guia sobre o caráter inovador e autêntico do tipo de turismo proposto na ilha, o turismo “vivencial”, de acordo com a categoria definida localmente. Isso demonstra o caráter atual do desenvolvimento turístico na ilha e na região de Puno, em geral com a sua inclusão dentro de um programa de turismo relativamente novo na América Latina, realizado em escala nacional no Peru, administrado pelo MINCETUR, o programa de Turismo Rural Comunitário (TRC).

Se Amantaní não fazia parte de nenhum “circuito de turismo étnico ou alternativo” no contexto turístico da década de 1990 na região (GASCÓN, 2005, p. 20-21), pode-se dizer que ela está, hodiernamente, vinculada a vários projetos desenvolvidos em numerosas comunidades da beira do lago. Amantaní foi incluída, em nível nacional, dentro do programa de Turismo Rural Comunitário desenvolvido pelo MINCETUR e promovido pela PROMPERU, a agência nacional de promoção do turismo. Localmente, várias ONGs da

região de Puno contribuem também para desenvolver este tipo de turismo nas comunidades camponesas rurais, promovendo a cultura local por meio de diversas campanhas de capacitações dentro das comunidades desde 2007, como veremos mais adiante.

O programa de TRC foi implementado na região considerando-se a vantajosa localização da ilha perto de uma área natural protegida, que é a “Reserva Nacional do Titicaca”, criada no dia 31 de outubro de 1978, com o objetivo de proteger o ecossistema do lago e conservar a sua flora e fauna. As áreas naturais protegidas se estabelecem no Peru de acordo com a definição da União Mundial para a Natureza (UICN). Trata-se de “uma superfície de terra ou de mar especialmente dedicada à proteção e ao mantimento da diversidade biológica, tal como os recursos naturais e os recursos culturais associados. São administradas através de meios jurídicos que devem ser eficientes”⁹. Essas áreas naturais protegidas apareceram no Peru a partir do começo da década de 1960, com o objetivo de preservar os recursos naturais de lugares que tinham um potencial ecológico e social vinculado à presença das populações rurais. Essas áreas naturais protegidas de tipo “Reserva Nacional” são definidas como áreas destinadas a conservar a diversidade biológica e a usar de maneira sustentável os seus recursos. Existem nove áreas deste tipo no Peru que são administradas pelo Sistema Nacional de Áreas Naturais Protegidas pelo Estado (SINANPE).

A “Reserva Nacional do Titicaca”, assim como as outras reservas nacionais e áreas protegidas do país, permitem ao Estado mostrar a importância concedida à proteção do meio ambiente e, deste modo, contribuem de maneira considerável em vender o país como destino turístico onde a presença da natureza é um elemento chave. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MINAM), essas áreas “geram, graças ao turismo, um grande benefício econômico para o país”¹⁰. De acordo com este ponto de vista, a atividade turística permitiria também contribuir para o desenvolvimento local das comunidades e populações rurais, re-valorando e resgatando suas práticas culturais. Assim, é para controlar, regular e participar na evolução da atividade turística nestas áreas que o programa de TRC tem sido iniciado pelo MINCETUR na região de Puno.

De acordo com a definição oficial do Turismo Rural Comunitário no Peru, ele seria: “toda actividad turística que se desarrolla en el medio rural, de manera planificada y sostenible, basada en la participación de las poblaciones locales organizadas para beneficio de la comunidad, siendo la cultura rural un componente clave del producto” (MINCETUR, 2008,

⁹ Disponível em: <http://www.areasprotegidasperu.com/sinanpe.htm>

¹⁰ Disponível em: http://www.minam.gob.pe/index.php?option=com_content&view=article&id=424:areas-naturales-protegidas-generaran-ingresos-por-turismo-para-el-pais&catid=1:noticias&Itemid=21

p. 11). Neste contexto, é interessante considerar a opinião da ministra de comércio exterior e turismo, segundo a qual “os desejos do turista mudam e a busca da experiência turística vivida também muda”.¹¹ Entende-se o programa de TRC como a melhor alternativa para que as comunidades rurais possam se desenvolver economicamente e melhorar a sua qualidade de vida, assim como a melhor opção para responder à demanda turística atual na sua busca da autenticidade. O ministério pretende, assim, assumir, em nível cultural, a sua grande tarefa para planificar esta atividade que supõe “o mantimento da cultura tradicional das comunidades andinas baseada numa estreita relação entre cultura e natureza.” (PROMPERU, 2008).

Em nível econômico e social, dá-se o objetivo geral de “contribuir, desde as zonas rurais, para o desenvolvimento de um turismo sustentável como ferramenta de desenvolvimento socioeconômico do Peru” (MINCETUR, 2008). Desta forma, se pretenderia planificar projetos não só para que as comunidades sejam objetos de mera observação no âmbito turístico senão para que o mundo rural seja valorizado e que as populações camponesas sejam incluídas dentro de um marco de desenvolvimento econômico por meio do uso turístico das suas tradições e a apresentação do seu modo de vida posto que o elemento chave do produto turístico desenvolvido seja a cultura rural. No nível cultural, este programa pretende assumir um papel fundamental com respeito à conservação e recuperação dos elementos que compõem a cultura rural com iniciativas da própria comunidade. Para o turista, este programa permitiria “conocer las costumbres y la realidad social del país, experimentando el estilo de vida de las comunidades.” (PROMPERU, 2008).

Para o desenvolvimento deste programa, uma estratégia de diferenciação do produto turístico tem sido elaborada para vender o destino promovido mediante uma característica nova que qualifica o TRC: o turismo vivencial. Segundo o MINCETUR, o vivencial seria um “fator diferenciador” e determinante para a elaboração da atividade turística no marco deste programa (MINCETUR, 2006, p. 3). O elemento vivencial se caracteriza pela convivência do turista com as famílias das comunidades rurais e implica a hospedagem na casa dessas famílias como tipo de imersão cultural na cultura camponesa da região. Ele é, por definição, considerado pelo MINCETUR como um turismo “gerado pelo interesse de uma comunidade cujos objetivos seriam de natureza cultural, educativa e vivencial e no qual a comunidade se veria beneficiada economicamente.” (MINCETUR, 2006, p. 7).

¹¹ Nota introdutória da ministra do MINCETUR no guia de TRC (PROMPERU, 2008).

O turismo vivencial, marco dentro do qual os turistas se hospedam nas casas das famílias das comunidades, é o gênero com o qual se identificaram as famílias de Amantaní desde o surgimento do turismo na ilha em 1979, antes de ser generalizado com a comercialização da ilha pelas agências em 2000: — *Desde el principio, nos identificamos con lo vivencial*, afirmou Alfredo, um dos meus informantes em Amantaní durante a pesquisa de campo. A excursão cultural dos turistas na ilha de Amantaní corresponde exatamente à realização deste tipo de turismo que se baseia, a princípio, no comércio do patrimônio imaterial local como elemento central.

Porém, cabe especificar que o programa do MINCETUR tem pouca atuação com respeito à planificação da atividade no local de estudo. A única ação efetuada pelo ministério é produzir um material de capacitação para melhorar a qualidade da oferta turística, informar as populações rurais acerca do significado de TRC e das condições burocráticas oficiais para poder fazer parte do programa e obter licenças para hospedar turistas. O material recolhido no MINCETUR demonstra uma real vontade de desenvolvimento das zonas rurais por meio desta nova forma de se fazer turismo, mantendo um discurso oficial mediante o qual se supõe um objetivo principal: o desenvolvimento. Assim, o *Manual del emprendedor en Turismo Rural Comunitario*, publicado em 2008, é o principal material distribuído nas zonas rurais pelo ministério para, de certa forma, conscientizar as comunidades sobre a forma na qual deve funcionar o TRC: “Somos parte de los emprendedores de TRC y junto al MINCETUR queremos apoyar y promover el TRC en tu comunidad, TE VAMOS A CONTAR COMO LO PODEMOS LOGRAR!” (MINCETUR, 2008). Ele é distribuído nas comunidades rurais em conjunto com outro material produzido no marco do *Plan Nacional de Calidad Turística del Perú* (CALTUR) com respeito a vários assuntos de ordem técnica para o desenvolvimento do TRC e das hospedagens rurais ofertadas para o turista: *Manual de buenas prácticas de gestión de servicios para alojamientos en zonas rurales* (MINCETUR, 2010), *Sistema de tratamiento de aguas residuales para albergues en zonas rurales* (MINCETUR, 2008), *Manejo de residuos sólidos para albergues en zonas rurales* (MINCETUR, 2008), *Educación ambiental para albergues en zonas rurales* (MINCETUR, 2008).

É interessante observar o papel educativo e civilizador que o ministério pretende desempenhar por meio da divulgação deste material, cuja concepção pode ser objeto de várias críticas. Primeiro, ele se dirige de maneira geral a todas as populações rurais do país, quer sejam amazônicas, andinas ou costeiras. Não seria mais eficiente uma ação dirigida particularmente a cada um desses meios naturais assumindo que os povos da Amazônia peruana e dos Andes, por exemplo, vivam numa configuração de mundo totalmente diferente?

Além disso, o princípio do TRC é apresentado de forma muito utópica no programa oficial do MINCETUR e no manual de empreendimento deste tipo de turismo. Incentivar o desenvolvimento deste tipo de turismo nas zonas rurais desta forma esquematizada e simplificada não toma em conta os numerosos conflitos que este tipo de atividade pode gerar. No caso do TRC desenvolvido em Amantaní, o ministério assume o seu papel de planificador e de educador, mas ele não tem nenhuma ação direta sobre a comunidade que sofre de um conflito de interesses entre famílias e, sobretudo, com as agências de turismo que exploram as famílias com objetivo de lucro sem respeitar o caráter comunitário deste tipo de turismo.

Além desses conflitos, o caso de Amantaní é paradigmático no contexto da mudança do recurso estruturador da comunidade diante da abertura ao turismo. O turismo se transformou em Amantaní, desde a sua aparição em 1979, no recurso estruturador da comunidade em termos de organização e preocupação dos habitantes. Esta transformação de recurso estruturador que antes era a agricultura não significa, obrigatoriamente, que este se torne o principal recurso econômico:

El recurso estructurador no tiene necesariamente que ser el más importante de la comunidad en términos económicos. [...] Éste es el caso del turismo en Amantaní, y en especial, de una de las actividades que gira a su alrededor: la hostelería. [...] Actualmente, los grupos de poder social y económico se establecen en torno a una actividad que pertenece al sector servicios, y ya no alrededor de la agricultura como antaño. (GASCÓN, 2005, p. 76).

Assim, a experiência da abertura do turismo em Amantaní em particular ao redor da recepção dos turistas em casa provocou uma importante mudança estrutural, a qual quer ser evitada pelo ministério mediante seus avisos no manual do empreendedor os quais alertam: “Atención! El turismo es una actividad adicional a las actividades económicas que siempre realizas. NO DEBES DESCUIDARLAS!” (MINCETUR, 2008, p. 14). Neste sentido, pode-se dizer que aparece como um paradoxo pretender desenvolver a atividade turística por meio da hospedagem de turistas em casas rurais de famílias, significando assim uma importante entrada de dinheiro pretendendo manter da mesma forma as outras atividades tradicionais como a agricultura.

4. Estrutura da dissertação

A dissertação divide-se em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. Conta ainda com uma lista de figuras e anexos, que compreendem mapas e fotos da região de pesquisa, além de documentos coletados com o trabalho de campo.

No primeiro capítulo, apresento a experiência turística efetuada no local de pesquisa, a partir do encontro turístico que foi por mim realizado, conforme o roteiro padrão estabelecido pelas agências de turismo. Trata-se do descobrimento da ilha de Amantaní a partir da cena propriamente turística vivida pelos turistas. Neste primeiro capítulo, construí uma narrativa baseada na experiência turística, de forma a ressaltar seus significados contextuais para os turistas. As constatações e impressões sugeridas neste capítulo procuram despertar no leitor os questionamentos e as descobertas que se configuram ao longo da experiência turística. Desvenda-se que o encontro turístico está intimamente ligado com o conceito que elaborei de “ordem discursiva da autenticidade.”

No segundo capítulo, apresento o encontro etnográfico. Busco abordar a ilha de Amantaní a partir dos bastidores das famílias, a fim de analisar a situação social e o “controle das impressões” resultantes da interação com os turistas. Esta análise se efetua por meio do referencial teórico de Goffman (1973) e MacCannell (1976). Enfatizo minha inserção no campo de pesquisa para mostrar como as interações, idéias e posições que me foram apresentadas durante o encontro turístico prévio são percebidas ao passar para o outro lado da cena turística.

No terceiro capítulo, procuro dar um significado ao conteúdo destes dois encontros, turístico e etnográfico. Apresenta-se o local sob um novo ângulo, procurando enfatizar a atuação das famílias e o tipo de espaço no qual elas atuam. Ademais, o contexto turístico local de Amantaní e o contexto turístico nacional são confrontados neste capítulo. Abordam-se, ainda, os conceitos de “colonização da intimidade” e de “desejo colonial”, cuja interação permite gerar as novas dinâmicas do TRC.

CAPÍTULO I – A ILHA DE AMANTANÍ: A CENA TURÍSTICA

Nesta etnografia sobre o turismo, as minhas lembranças formam, de acordo com Lévi-Strauss (1955), *resíduos da memória* incrustados aos dados e verdades recolhidas em campo. Porém, esses resíduos não poderiam ser excluídos sem estragar o fruto da pesquisa. Eles fazem parte dela, eles testemunham a minha trajetória e a minha chegada à ilha de Amantaní, no lago Titicaca, eles são a minha memória de vários anos com a mente virada para os Andes peruanos e, assim, resolvo começar o primeiro capítulo com esses *resíduos*:

Sábado, 25 de julho de 2009. No meio da tarde, eu andava sozinho na *Carretera Panamericana* no meio do Altiplano boliviano. Ainda não sabia que meu destino era a ilha de Amantaní no lago Titicaca. Tampouco imaginava que este lugar ia se tornar a minha área de estudo para a realização da presente pesquisa e ficar no centro das minhas preocupações durante os futuros meses e até anos.

Acabava de finalizar duas semanas de trabalho voluntário como *Brigadista Internacionalista Solidário* nos arquivos da *Corporación Minera de Bolivia* (COMIBOL) na cidade de Oruro, situada a 229 km de La Paz, capital da Bolívia. O meu trabalho tinha consistido em ajudar a equipe de arquivistas profissionais em sua grande tarefa de limpeza, conservação e organização dos documentos administrativos de várias empresas mineiras da região, os quais tinham sido resgatados pela COMIBOL. Este programa de resgate dos arquivos de todas as empresas mineiras bolivianas regidas pela COMIBOL tinha nascido no ano anterior e representava uma iniciativa nova na história nacional da mineração. Com este programa, todos os arquivos das minas bolivianas regidas pela COMIBOL estavam sendo resgatados e conservados em novos centros de arquivos, constituindo verdadeiros centros de memória da atividade mineira no país, a qual, além de ser uma das principais atividades econômicas e símbolo nacional, estruturou e continua estruturando a vida de milhões de bolivianos¹².

Foi com o desejo de voltar para o mundo andino e realizar certo trabalho de pré-campo que eu me animei em participar deste trabalho voluntário, o qual na verdade se transformaria para mim num verdadeiro rito de iniciação ao trabalho da observação participante que exatamente um ano mais tarde eu efetuariaria em Amantaní. O caderno de campo embaixo do braço, as minhas duas semanas passadas no meio da poeira de uma montanha de velhos

¹² De acordo com o meu relatório de trabalho voluntário como *Brigadista Internacionalista Solidário* nos arquivos da COMIBOL em Oruro, do dia 13 até o dia 24 de julho de 2009. O relatório citado foi recebido pelo responsável pelo Arquivo Regional Oruro, Daniel Segales Callizaya, no dia 24 de julho de 2009. Ver relatório em anexo 3, página 180.

arquivos me permitiriam mais que tudo observar de que forma, o “francês que mora no Brasil”, ia se integrar à equipe de trabalhadores bolivianos do arquivo, constituída de três ex-mineiros, uma arquiteta e dois trabalhadores temporários. Percebi, assim, que o meu perfil de residente brasileiro sempre prevaleceu sobre a minha nacionalidade francesa nas conversas e perguntas feitas pelos meus colegas desde a minha chegada. Eu fui integrado ao grupo de colegas de forma progressiva, compartilhando sua intimidade profissional e adquirindo cada dia mais confiança. Sempre lembrarei o gosto daquele pãozinho compartilhado no horário do *tecito* da manhã ou da tarde, que parecia um verdadeiro ritual de interação e de partilha que todos esperavam com muita paciência. O momento de compartilhar o pãozinho com manteiga e o café durante esses dois horários diários permitia-me exercitar o trabalho do etnógrafo, sempre preocupado com a percepção mútua e o “controle das impressões” exercido entre os outros e ele.

Com minha missão finalizada, resolvi aproveitar os últimos dias da minha estadia na região para efetuar algumas visitas turísticas. Como jovem pesquisador recém entrado no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados Sobre as Américas (CEPPAC – UnB), essas visitas visavam completar o meu conhecimento do mapa turístico da região, considerando o meu interesse em pesquisar no campo do turismo no Peru. Ainda tinha um semestre para elaborar uma versão final do meu projeto para a presente pesquisa e tinha então a perspectiva inicial geral de estudar o impacto das políticas culturais e turísticas nacionais peruanas sobre as populações indígenas, sem no entanto saber em que zona geográfica do país estabelecer uma pesquisa. Assim, depois de ter visitado o sitio arqueológico de Tiwanaku situado a meio caminho entre La Paz e a cidade-fronteira de Desaguadero entre a Bolívia e o Peru, peguei uma van com rumo à fronteira, onde, uma vez o passaporte carimbado, pegaria outro transporte para a cidade peruana de Puno, meu destino final, para passar dois dias nesta região do sul do Peru situada à beira do lago Titicaca, que eu ainda não conhecia¹³, antes de voltar ao Brasil.

A van era similar às outras que já havia tomado ao longo da minha viagem. Elas estão sempre lotadas e, desta forma, testemunham a grande mobilidade existente nesta região de fronteira entre a Bolívia e o Peru. As *cholitas*¹⁴ transportavam produtos para vender na fronteira ou simplesmente viajavam para visitar os familiares que moravam do outro lado da fronteira que, nesta região, separa as populações de etnia aymara. Instalei-me às pressas no

¹³ A minha primeira viagem ao país tinha sido efetuada em fevereiro de 2006, durante a qual visitei as regiões mais conhecidas e turísticas do roteiro turístico do sul andino-peruano: Lima, Nazca e Cuzco (Machu Picchu).

¹⁴ Nome comumente usado, não pejorativo, para falar das mulheres camponesas de etnia quíchua ou aymara povoando a região andina no Equador, Peru e Bolívia.

único assento livre do veículo que, para não perder tempo, já reiniciava sua corrida a grande velocidade na *Panamericana*. Foi neste contexto que eu conheci Andrés, um estudante limenho que havia participado de um congresso na cidade de Coroico, ao norte de La Paz, e voltava ao seu país. Andrés aproveitava uma parada em Puno para visitar seus tios, os quais quase nunca encontrava por causa da grande distância existente entre esta cidade do extremo sudeste do país, nos Andes, e Lima, a capital, situada na costa. A conversa se estabeleceu automaticamente entre o jovem estudante e eu, reduzindo as quatro horas de viagem entre Tiwanaku e Puno a uma viagem muito mais rápida, pois as perguntas de Andrés eram numerosas e a sua curiosidade sem fim. “Um francês que mora no Brasil, que fez um trabalho voluntário na Bolívia e tem um projeto de fazer uma pesquisa no Peru, sempre deve se justificar sobre vários aspectos para não ser confundido com um perpétuo turista.”

Nossa conversa levou-nos até a cidade de Puno. Eu tinha alguns endereços de albergues que, como bom mochileiro, havia anotado em meu guia de viagem, mas o Andrés insistiu que eu passasse a noite na casa dos seus tios, em vez de ficar em qualquer albergue. A amizade e a confiança nascidas de nossa conversa me permitiram entrar na intimidade de uma família que me acolheu, falando para mim, como habitualmente se fala no país: — *Mi casa es tu casa*, e na verdade marcou o início da minha efêmera pré-pesquisa de campo em Puno, no sul andino-peruano.

Chegamos à casa dos tios, José e Pamela, à noite. Depois de subir os quatro andares do prédio que pareciam se desdobrar a cada passo por causa da falta de oxigênio nesta altura¹⁵, descobri, olhando pela janela, a imensidão do lago que aparecia na minha frente. O lago Titicaca, surgindo ao fundo desta paisagem, mostrava sua imponência: eu o observava de longe, pensando na riqueza cultural que ele abrigava, conforme o que eu havia descoberto em minhas leituras prévias sobre esta região do Peru, para a qual escolhi “dar um pulo” por somente dois dias e, assim, finalizar a minha viagem iniciática. Situado a 3.812 metros de altitude sobre o nível do mar, com uma superfície de 8.300 km², é o lago navegável mais alto do mundo e possui mais de quarenta ilhas de superfícies variáveis divididas nos lados peruano e boliviano. Como qualquer turista visitando a região, do alto deste prédio eu testemunhava a possibilidade de poder qualificar o lago de verdadeiro “mar interior”, o qual, de acordo com Bouysse-Cassagne (1992), teria tido uma importância comparável àquela do mar mediterrâneo na Europa durante a antiguidade antes da conquista espanhola (BOUYSSSE-CASSAGNE, 1992, p. 55). Neste sentido, sabia também que era considerado como um lugar

¹⁵ A cidade de Puno fica a 3.827 metros de altitude sobre o nível do mar.

mítico e místico onde, segundo a lenda, teria nascido a civilização andina com o surgimento, das suas águas, dos fundadores lendários do império Inca, Mama Ocllo e Manco Cápac e de onde se desenvolveram numerosas culturas pré-hispânicas.

A motivação para efetuar a pesquisa nesta região nasceu das minhas conversas com os tios do Andrés, José e Pamela, os quais eram vinculados, de maneira indireta, ao turismo da região. José é arquiteto e trabalhou em vários projetos arquitetônicos nas comunidades camponesas à beira do lago, particularmente numa comunidade da península de Capachica, em Chifrón, e também numa comunidade da península de Chucuito¹⁶.

De acordo com José, a atividade turística nas comunidades camponesas do lago Titicaca está, desde os últimos cinco anos, em processo de grande desenvolvimento e numerosas destas comunidades camponesas se abriram recentemente ao turismo, projetando desenvolver a atividade como forma de desenvolvimento econômico incentivado pelo Estado. Recentemente, José participou de um projeto para transformar as casas de alguns moradores da península de Chucuito que desejavam hospedar turistas. Como veremos mais adiante, este novo planejamento do turismo se inscreve em uma dinâmica de desenvolvimento do Turismo Rural Comunitário (TRC), nome dado a este tipo de turismo na região e no país, e que consiste em oferecer hospedagem aos turistas na própria casa dos habitantes. José também elaborou um projeto para o desenvolvimento turístico da comunidade de Chifrón, em Capachica, com a concepção de planos arquitetônicos para a construção de um grande complexo hoteleiro.

Pamela, sua esposa, é formada em sociologia e é originária de Puno. Ela testemunhou a transformação da sua cidade e da região, conforme o desenvolvimento acelerado do turismo a partir da década de 1980. De acordo com ela, a indústria do turismo explodiu em Puno após o período do terrorismo, durante o qual o principal grupo armado, Sendero Luminoso, tinha instaurado um verdadeiro clima de terror nas comunidades camponesas andinas e, sobretudo na região andina central de Ayacucho, antes de começar as ações terroristas na capital, Lima, a partir do final da década de 1980. A chegada de Alberto Fujimori à presidência da república e a captura do líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán, amplamente divulgada na mídia em 1992, marcam o fim do terrorismo. O governo Fujimori empreende então um desenvolvimento sem precedentes da atividade turística, visando ao desenvolvimento econômico do país. Deste modo, a região de Puno testemunhou os efeitos desta política com a acelerada abertura de vários hotéis, restaurantes e, sobretudo, a concessão de licenças para

¹⁶ Ver mapa da região de Puno na página 40 e no anexo 1, página 175.

hospedar turistas nas próprias casas da população camponesa nativa do lago. Para Pamela, a primeira valorização da região em nível turístico se efetuou por meio da abertura das ilhas flutuantes dos Uros para os turistas:

— *Los turistas iban a visitar las islas de los Uros y se enfrentaban con una grande pobreza, por eso se desarrollaron las agencias de turismo para organizar y preparar a las comunidades Uros, para acoger a los turistas tentando mostrar cada vez más una imagen de limpieza.* (Pamela, Puno, 27/07/09)

Segundo Pamela, na década de 1970 existiam poucas ilhas Uros, cujo número foi crescendo drasticamente com a criação de numerosas outras ilhas, objetivando a pura comercialização na cena turística. Porém, distinguimos a importância do testemunho em relação à imagem destas comunidades vendidas como destinos turísticos e a tentativa de evocá-las pela limpeza. A imagem da grande pobreza e do ambiente sujo das comunidades causava um impacto negativo sobre a percepção dos turistas e, aos poucos, as políticas e agências remodelaram certa imagem de fachada das comunidades para que fossem apresentadas na cena turística. Como veremos, em nível regional é importante notar esta característica para considerar as impressões dos turistas diante da visita da ilha de Amantaní. O caráter autêntico da ilha pode decorrer do contraste existente entre esta comercialização eufórica dos Uros e o caráter menos comercial e mais espontâneo de Amantaní. A cidade de Puno aos poucos também se transformou numa cidade adaptada para receber os turistas internacionais o que, segundo Pamela, pode ser observado de forma clara com a abertura dos restaurantes:

— *Al principio, los turistas querían algo simple para comer, una mesita, una silla, una decoración simple y rústica para probar la comida local. Pero poco a poco, los restaurantes fueron innovando y había mucha competencia. Antes, casi no se comía carne en Puno, ahora, se come carne de alpaca en los restaurantes de la calle principal Jirón Lima.* (Pamela, Puno, 27/07/09)

Efetivamente, foi possível constatar que a rua *Jirón Lima* concentra um número importante de restaurantes, os quais oferecem sanduíches, pizzas, hambúrgueres, comida italiana e gastronomia neoandina, com um cardápio apresentado em inglês e os preços duas a três vezes mais caros do que nos restaurantes da rua perpendicular que não oferecem atributos turísticos.

Andrés levou-me a esta mesma rua para averiguar os tours propostos pelas agências de viagem e turismo da cidade. Pensei que a opção mais prática e econômica para conhecer os principais sítios turísticos seria passar por uma dessas agências. Diante da grande

concentração de agências presentes na rua e dos mesmos roteiros apresentados nos cartazes nas entradas, entramos por acaso na agência *Peruvian Confort*. A atendente da agência nos apresentou os roteiros propostos nas ilhas do lago, promovendo o elemento que prevalece para qualificar as ilhas do lago Titicaca nos discursos sobre o turismo: a “autenticidade” da experiência turística vivida no contato com as populações nativas das ilhas. O discurso da atendente, como a maioria das publicidades turísticas feitas para promover os destinos das ilhas do lago, vendia essa autenticidade da mesma forma que nos artigos publicados em revistas especializadas.

Por exemplo, em artigo publicado numa revista feminina francesa e intitulado “*Destino mítico: os tesouros do lago Titicaca*”¹⁷ afirma-se o seguinte:

A 3.812 metros de altitude, no altiplano andino, o lago Titicaca consta de quarenta e uma ilhas, entre as quais algumas ainda são povoadas por indígenas que vivem da pesca, agricultura e artesanato [...] Dormir na casa deles: uma novidade nas ilhas do lago, o chamado turismo participativo permite fazer hospedagem nas comunidades indígenas. O melhor: compartilhar a sua vida participando das atividades do quotidiano: cozinha, trabalho nos campos. Autenticidade garantida! (PARRA, 2009, pp. 114-115).

Outro artigo, publicado em jornal brasileiro, qualificava a excursão em Amantaní da seguinte forma:

Destino exótico, Amantaní recebe menos da metade dos visitantes das ilhas flutuantes Uros e Taquile, no lado peruano, e Ilhas do Sol e da Lua, na Bolívia. [...] Compreensível quando se sabe que o turismo chegou a Amantaní há menos de uma década. Até então, eram essas outras ilhas os melhores locais para se conhecer a autêntica cultura do Titicaca. (BRITO, 2009)¹⁸

O interessante destes artigos é que eles resumem em poucas linhas o que se destaca no discurso comercial existente sobre o turismo na região, articulado ao redor de duas noções: o exotismo e a autenticidade. A atendente da agência de viagem e turismo com a qual o turista, na maioria dos casos, se entretém logo que chega à cidade de Puno, inclui dentro da sua apresentação essas noções de maneira natural e sistemática para vender os tours. Como veremos no terceiro ponto deste primeiro capítulo, podemos qualificar o conteúdo deste discurso das agências, guias e publicidades como correspondentes de uma ordem discursiva

¹⁷ PARRA, Marie-France. “Destination mythique: Les trésors du lac Titicaca”, In : *Femme Actuelle*, pp. 114-116, dezembro de 2009.

¹⁸ Extrato do artigo intitulado “A ilha mais escondida do lago Titicaca: prepare-se para viver uma experiência autêntica em Amantaní”, escrito pelo jornalista do Estado de São Paulo, Daniel Brito, e publicado em 17 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-ilha-mais-escondida-do-lago-titicaca,325109,0.htm>.

da “autenticidade” inscrevendo a região num processo de “exotização” constante por meio do discurso resultante ao nível comercial e publicitário¹⁹.

Nos artigos relatados acima, depois de mencionar a importância histórica e legendária que tem o lago Titicaca com respeito ao nascimento da civilização Inca e a sua presença na região durante a época pré-hispânica, os autores afirmam que os traços da cultura inca são, hoje em dia, ainda onipresentes na região e convida o leitor a efetuar uma experiência turística de convivência direta com as populações camponesas das ilhas, participando de sua vida cotidiana. Cabe dizer que esta zona do lago Titicaca apresenta um grande interesse, posto que concentra três áreas insulares diferentes e particularmente desenvolvidas para o turismo na região, as quais utilizam seu patrimônio imaterial e sua cultura como alternativa para o desenvolvimento. Essas três zonas insulares são as principais indicadas, de um lado, nos guias de turismo internacionais para a região de Puno e do lago Titicaca, e de outro lado pelas agências de viagem e turismo da cidade, as quais vendem pacotes turísticos incluindo a visita combinada dos três destinos. As ilhas Uros, Taquile e Amantaní se transformaram, assim, nos destinos turísticos principais e mais representativos do turismo na região de Puno.

Note-se que esses destinos se caracterizam por seu interesse cultural e o comércio feito das tradições das populações nativas do lago dentro dos roteiros turísticos da região. Neste sentido, os três destinos são vendidos sobretudo por meio do “discurso publicitário” que adota a “autenticidade” como argumento principal para “exotizar” esses destinos garantindo seu sucesso na arena do turismo. Lembramos que, desde a década de 2000, a quantidade de visitantes por ano triplicou em Amantaní, conforme as estatísticas apresentadas na introdução, assim como, em meados da década de 1990, a cidade de Puno era o terceiro lugar privilegiado pelos turistas internacionais depois de Lima e Cuzco (GASCÓN, 2005, p. 53). Este fato se explica pela atração que exerce o lago Titicaca nesta região e também pela sua situação estratégica de área de passagem obrigatória entre Peru e Bolívia²⁰. Além disso, Puno é um lugar de parada básica dentro de qualquer roteiro turístico efetuado no sul do país, no referido “corredor turístico Cuzco–Puno–La Paz, entre as cidades de Cuzco, Arequipa e La Paz. Assim, o “circuito” leva qualquer turista, saindo de Cuzco para o sul, a passar pela cidade de Puno. Apresentarei brevemente os três destinos, os quais, combinados num tour de dois dias e uma noite no lago, constituem a excursão turística realizada pela grande maioria dos turistas que transitam pela região de Puno e querem passar uma noite no lago Titicaca.

¹⁹ Qualificaremos este tipo de discurso respeitando uma **ordem discursiva da “autenticidade”** mais adiante.

²⁰ Existem duas fronteiras abertas entre Peru e Bolívia situadas no departamento de Puno, à beira do lago Titicaca: a primeira fica em Desaguadero (na estrada que leva direto para La Paz) e a segunda em Yunguyo, próximo à cidade turística boliviana de Copacabana.

A zona mais visitada é a zona das ilhas flutuantes Uros. Elas atraem turistas pelo seu caráter de ilhas que flutuam sobre o lago, graças a um sistema de construção tradicional das ilhas e das casas com um material natural presente nesta área do lago: a *titora*. A população indígena que desenvolveu essa técnica era inicialmente de etnia *Uru* e povoou inicialmente o lado boliviano do lago antes de empreender esta técnica de construção dessas ilhas artificiais sobre o lago para escapar à invasão dos incas que, a partir de 1450, conquistaram toda a zona andina (GLOAGUEN, 2009-2010, p. 234). As sucessivas secas provocaram a diminuição do nível das águas do lago, obrigando os *urus* a se mudarem para a parte oeste do lago, do lado peruano, perto da península de Capachica²¹.

Mais tarde, diante da prioridade dada ao desenvolvimento do setor do turismo na economia do país e da abertura deste ao turismo internacional, ou seja, a partir da década de 1960, os *urus* se mudaram novamente e voltam a se estabelecer mais perto da cidade de Puno. Assim, incentivados pelo governo a se abrir ao turismo usando o seu próprio modo de vida como atrativo turístico, os *uros* desenvolvem a atividade turística a partir do final daquela década. Cabe ressaltar que, apesar desta comunidade ter mantido o nome de “Uros” e também o tipo de construção tradicional das ilhas e seu modo de vida serem perpetuados até hoje em dia para fins turísticos e econômicos, por outro lado, de acordo com vários guias turísticos não existiria mais nenhuma pessoa de etnia *Uru* na região: a população que nestas ilhas vive especialmente do turismo seria de etnia *aymara* e a última mulher de etnia *Uru* talvez possa ter morrido em 1959 (GLOAGUEN, 2009-2010, p. 234). Porém, considerando o caráter dinâmico da etnicidade, não se quer afirmar que uma nova identificação como “*Uru*” não possa surgir ou já tenha surgido por meio do turismo e esteja em processo de estudo.

A ilha de Taquile localiza-se um pouco mais distante, a três horas da cidade de Puno, e recebe turistas desde o começo da década de 1970. As autoridades da ilha souberam desenvolver o turismo com base na venda do artesanato local e a apresentação do uso social da vestimenta tradicional e dos seus códigos ainda em uso no dia a dia da população. As autoridades estabeleceram preços fixos para a venda do artesanato, cujos benefícios são comunitários e repartidos de maneira igualitária entre os habitantes da ilha. A ilha sempre recebeu um relevante fluxo de turistas graças à importância e promoção feita pelo Estado nos níveis nacional e internacional. A ilha de Taquile aparece no roteiro dos guias turísticos vendidos por todo o mundo desde a década de 1970 e a sua inscrição na lista do Patrimônio

²¹ Ver mapa da região, página 40.

Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO pela sua arte têxtil em 2005 contribuiu para aumentar o fluxo de turistas chegando à região e à ilha.

A ilha de Amantaní, a maior do lago Titicaca, é hoje em dia a terceira ilha mais visitada na região e onde se desenvolveu o turismo vivencial que tratamos, no qual os turistas se hospedam na casa das famílias e transformam, segundo o discurso publicitário, a experiência turística numa experiência “autêntica”. Na verdade, a ilha de Amantaní é apresentada nos guias turísticos como um lugar privilegiado para se passar uma noite no lago Titicaca (GLOAGUEN, 2009-2010, p. 235). A situação geográfica da ilha, afastada da cidade de Puno, não permite fazer a ida e volta no mesmo dia. Por essa razão, este tipo de experiência turística não é, em verdade, particularmente nova, tal como mencionado no artigo acima.

Desde 1979, os habitantes da ilha de Amantaní desenvolveram este tipo de turismo que se popularizou na região até se formalizar e se ampliar, nos últimos anos, por meio do Programa de Turismo Rural Comunitário implantado pelo Ministério de Comércio Exterior e Turismo (MINCETUR) e pelo trabalho de várias ONGs em escalas local e nacional. A região do lago Titicaca representa, no Peru, a principal área onde as comunidades rurais demonstraram o desejo de desenvolver a atividade turística como novo recurso econômico aproveitando, além dos seus atributos históricos e culturais, a sua localização estratégica na Reserva Nacional do Lago Titicaca, que também representa um recurso turístico natural e principal para atrair o turismo nesta zona do sul dos Andes peruanos.

exageradamente dirigida para certo tipo de turista e que eu não me considerava ser. Porém, ela afirmou que ninguém estaria obrigado a participar desta festa dita “tradicional”.

Voucher na mão, eu estava pronto para conhecer as ilhas do lago igual aos outros “gringos” os quais, como eu, tinham chegado a Puno no mesmo dia. Neste ponto, é importante que observemos mais de perto as agências de viagem e turismo de Puno.

A maioria dessas agências se concentra no centro da cidade, no qual todos os turistas ficam hospedados durante a sua estadia. Elas se localizam sobretudo nas três ruas do centro, sendo: a *calle Jirón Lima* (principal rua comercial para pedestres e que concentra, como mencionamos antes, agências, restaurantes e outros locais de serviços destinados aos turistas), a *calle Sucre Teodoro* e a *calle Tacna* (perpendicular à principal artéria para pedestres, a *Jirón Lima*). As agências são divididas em três categorias diferentes: maioristas, minoristas e mistas ou operadoras de turismo. As agências pertencentes à primeira categoria elaboram e vendem produtos turísticos por meio das agências da segunda categoria, as quais vendem o produto diretamente ao consumidor.

Segundo lista estabelecida em junho de 2009 pela DIRCETUR e o Diretório de agências de viagens e turismo de Puno, adequadas ao D.S. n° 026-2004 do MINCETUR, a cidade de Puno contaria somente com duas agências maioristas e 20 agências minoristas, o restante das agências pertenceriam à terceira categoria, a das operadoras de turismo. As agências desta última categoria organizam as viagens contratando diretamente os fornecedores do serviço que elas podem vender às agências minoristas, às agências de turismo estrangeiras ou ao próprio turista. Elas representam a maioria das agências de Puno, são 70 agências operadoras de turismo, as quais elaboraram o circuito turístico nas ilhas do lago Titicaca e o roteiro turístico a ser seguido em cada uma das ilhas. As lanchas para o transporte dos turistas, assim como as famílias da ilha de Amantaní, as quais hospedam os turistas, são ambos contratados pelas agências operadoras, e cujos passeios podem ser feitos pagando-se um preço único de 65 NS para a excursão de dois dias no lago.

Durante a pesquisa de campo realizada em julho de 2010, a partir de uma visita a dez agências pertencentes às duas últimas categorias (destacam-se entre as mais conhecidas: *Kollasuyo Tours*, *Suri Explorer*, *Cusi Expedition*, *Inti Reisen*, *Inka Tours*, *Tawantinsuyo Tours*, *American e All Ways Travel*²³) pude observar que cada uma delas propõe o mesmo

²³ Essas agências oferecem ao turista a possibilidade de efetuar reservas e estabelecer contato direto por meio de endereço eletrônico, disponível em publicidade: kollasuyotours@hotmail.com, suriExplorer@hotmail.com, reservascusi@terra.com.pe, intireisen@hotmail.com, inkaadventure@hotmail.com, tawatur@hotmail.com, hotel_elbuho@yahoo.com e allwaystravel@titicacaperu.com.

serviço com quatro tipos de diferentes circuitos possíveis nas ilhas do lago. Cada turista pode escolher a excursão que lhe agrada:

- Visitar somente os Uros, pagando o valor de 30 NS,
- Excursão de um dia em Uros e Taquile, pagando o valor de 50 NS (excursão mais vendida),
- Excursão de dois dias: um dia em Uros, Amantaní e um dia em Taquile, pagando o valor de 65 NS,
- Como última opção, cada agência propõe a terceira excursão em tour privado, em grupo fechado, com o valor maior variando entre 60 e 100 dólares americanos (opção raramente escolhida).

Sobre o valor da terceira excursão proposta, todas essas agências aplicam comumente um desconto de cinco ou 10 NS para os clientes turistas. Ao perguntar sobre a política de cada agência com respeito ao valor da excursão pago à agência e o valor retribuído a cada família por turista para a hospedagem e as comidas, o discurso é similar:

— *Les pagamos el precio fijo de 35 soles a cada familia por persona hospedada.*
(Atendente da agência Inka Tours, Puno, 28/07/10)

A única agência visitada propondo o pagamento da hospedagem e das comidas diretamente às famílias por parte dos turistas é a agência *All Ways Travel*. O discurso dos atendentes de cada agência é absolutamente similar com respeito ao roteiro proposto que corresponde ao descritivo do folder a seguir.

FIGURA 2: Exemplo de folder distribuído nas agências para apresentar os tours possíveis nas ilhas do lago Titicaca.



Folder da agência operadora Suri Explorer em Puno.

1. A primeira visita à ilha de Amantaní: a descoberta de uma ilha

Domingo, 26 de julho de 2009. Acordei cedo para esperar o transporte da agência que me levaria até o porto da cidade. Olhando pela janela, fiquei atento à chegada da van, quando percebi que ela estava à minha espera na esquina da rua. Despedi-me dos meus amigos, conhecidos no dia anterior, e desci as escadas do prédio às pressas para pegar meu transporte. Subi na van, onde já estava uma dezena de turistas. Ter que parar em cada esquina para recolher mais um turista parecia ser cansativo para as pessoas do grupo, recolhidas cedo de seu albergue, e que mostravam um rosto meio adormecido ainda. Poucos me cumprimentaram e permaneci mudo. Chegamos ao porto, subimos à lancha com o restante do grupo, uma trintena de turistas. Encontrava-me cercado de turistas. Depois de mais de duas semanas de permanência na Bolívia acompanhado de colegas nativos, isso marcava a minha entrada na dimensão do turismo de massa, numa zona de frente em que tudo estava planejado para o

turista. Assim, nesta zona de frente turística, eu iria descobrir o local da minha futura pesquisa.

Encontravam-se, na lancha fretada pela agência, uma família inteira de franceses, italianos, americanos, brasileiros, dois limenhos e eu. Antes da saída da lancha, o nosso guia se apresentou e falou sobre o circuito que iríamos seguir durante os dois dias, destacando as distâncias que separavam cada lugar. Depois de 30 minutos, chegamos às ilhas flutuantes dos Uros, primeira etapa da excursão. A visita efetuou-se em uma hora, durante a qual, sentados em círculo, nos foi explicada a importância cultural do lago Titicaca nos Andes, o modo de construção das ilhas e o modo de viver das comunidades Uros. Não entrarei nos detalhes da visita, pois me pareceu tratar-se de uma grande encenação e reconstrução cultural de um lugar que existe somente para a atividade turística. As famílias aymaras vêm à ilha para trabalhar e vender o artesanato, mas vivem em outro lugar. Elas desempenham o papel de atores para dar autenticidade à visita na qual elas mais pareciam estar a trabalho do que vivendo a sua vida cotidiana (Ver Michael Kent (2011) sobre o fenômeno turístico nos Uros²⁴).

Em seguida, a lancha saiu de novo com rumo a Amantaní. Tal como descrito por Augé ao fazer referência à chegada a um famoso parque temático, “a emoção [do turista chegando à ilha de Amantaní, navegando pelas águas geladas do lago Titicaca] nasce primeiro da paisagem” (AUGÉ, 1997, p. 23). Uma vez a lancha saída da baía de Puno, depois de duas horas de navegação aparece, de repente, a ilha, como que surgida das profundezas do lago. Esta “experiência visual” (*idem, ibidem*) que permite descobrir a ilha num piscar de olhos é análoga àquela que todo mundo já experimentou uma vez na sua vida ao perceber de longe um lugar ou monumento famoso e se aproximar devagar até tocá-lo e poder conferir a sua materialidade²⁵. A ilha se materializa assim, pouco a pouco, parecendo primeiro uma miragem provocada pelo reflexo dos raios do sol sobre o lago, então a lancha se aproxima devagar até chegar a um dos portos da ilha. Após três horas e meia de navegação, quase duas da tarde, é hora do desembarque tão esperado na ilha onde o turista fará a grande imersão nas casas dos seus anfitriões.

Antes de desembarcar na ilha, o guia novamente nos explica como procederemos:

— *Van a quedarse en una de las familias de la isla. Al desembarcar, estarán separados por grupo de tres o cuatro e van a almorzar con las familias. Luego, nos encontraremos a las cuatro de la tarde en la plaza principal para subir a*

²⁴ Kent, Michael. “A importância de ser Uros: movimentos indígenas, políticas de identidade e pesquisa genética nos Andes Peruanos”. In: *Perspectivas Antropológicas sobre Saúde, Genômica e Identidades no Brasil*. R.V. Santos, S. Gibbon & J.F. Beltrão. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

²⁵ Ver a figura 3, página 45.

Pachamama y Pachatata, los restos arqueológicos situados en el punto más elevado de la isla. Acá en la isla, las familias hablan el idioma quíchua. En quíchua, se saluda diciendo “amamanta” y se agradece con la palabra “esparasunki”. (Guia, Amantaní, 26/07/09)

Às vezes, o guia distribuía um papel com a tradução de frases básicas em inglês, espanhol e quíchua para, segundo ele, facilitar a comunicação entre os turistas e as famílias. Neste momento, ele também explica como se passa a noite nas casas das famílias, que em suas palavras são definidas como “casas básicas”. Ele recomenda o que levar para a subida aos topos da ilha, atividade prevista para o meio de tarde. Para terminar, ele insiste sobre a humildade das famílias hospedeiras e aconselha-nos fortemente a levar-lhes um pequeno presente. Neste sentido, ele lembra que é possível comprar bolsas de açúcar, farinha ou garrafas de azeite nas lojas da ilha. Geralmente, todo mundo já comprou alguma coisa nas barraquinhas do porto, onde as mulheres vendem alimentos variados e doces gritando:

— *Para las familias de las islas!* (vendedora, Puno, 26/07/09)

FIGURA 3: A “experiência visual da aparição” da ilha de Amantaní no lago Titicaca.



Tirada em julho de 2010, Guillaume Perche.

A segunda experiência ocorre logo após o desembarque. Um grupo de mulheres estava esperando no cais do porto. Elas estavam vestidas à maneira tradicional, com véus pretos e bordados, camisas brancas, com bordado tradicional de Amantaní e saias de cores diferentes, tradicionalmente chamadas *polleras*²⁶ e nos cumprimentaram em quíchua: — *Amamanta!* A resposta dos turistas foi automática, o guia acabara de nos ensinar a palavra chave. Desta forma, o encontro entre os dois grupos passa pela experiência linguística. Não estávamos mais no continente, senão numa ilha, separada, isolada e, mais que tudo, de acordo com o discurso publicitário das agências e publicidades e turístico do guia, “autêntica”. Este discurso prévio à chegada no local, “semantizava” na zona de frente turística a experiência então vivida.

O guia, intermediário entre as famílias da ilha e os grupos de turistas, empunhou então seu caderninho e sob o olhar surpreso dos turistas estabeleceu a repartição de cada dois, três ou quatro turistas por família, representada, durante este ato, pela mulher. A repartição foi estabelecida pela agência de viagem e turismo, a qual avisou às famílias da chegada dos seus convidados algumas horas mais cedo. O ato da repartição dos turistas em cada família pode ser assimilado a um ritual, o qual marca o começo da imersão de cada grupo na “cultura indígena local”. Este caráter de imersão é o que na verdade é vendido neste tipo de excursão como uma “excursão autêntica” e, cabe ressaltar desde já, que fazer turismo em Amantaní implica antes de tudo se hospedar na casa de uma das famílias da ilha. Como veremos a seguir, a grande preocupação dos habitantes com a questão da hospedagem deve-se ao fato de que o principal meio de se beneficiar economicamente da atividade turística é oferecer a hospedagem para vários turistas.

A idéia de comercializar esta experiência surgiu de iniciativa da própria comunidade em 1979. Em 11 de março de 1979²⁷, a indústria do turismo em Amantaní foi oficialmente inaugurada pelas autoridades da ilha. A abertura da ilha ao turismo foi bastante tardia, posto que a cidade de Puno e as ilhas flutuantes de Los Uros e Taquile começaram a receber o turismo de massa desde o final da década de 1960. Diante do sucesso do modelo de turismo cooperativo adotado pela vizinha ilha de Taquile e a necessidade de diversificar os seus recursos econômicos, o prefeito e o governador de Amantaní decidiram desenvolver o mesmo tipo de atividade para poder se beneficiar deste empreendimento com o transporte, a hospedagem dos turistas e a venda de artesanato local.

²⁶ Nome dado ao tipo de saia tradicional usado pelas mulheres de etnia quíchua. Elas vestem várias *polleras* de cores diferentes sobrepostas.

²⁷ *Libro de Actas de la Gobernación de Amantaní* (LAGA), 11 de março de 1979, (GASCÓN, 2005, p. 54).

Assim, segundo Gascón (2005), a maioria das famílias empreendeu numerosas ações de envolvimento na atividade para desenvolver o novo recurso definido pelas autoridades de “recurso comunal”. O envolvimento da população na promoção e desenvolvimento da atividade na ilha é ressaltado em vários aspectos. Convencida de que o turismo se desenvolveria de forma rápida, com considerável chegada de turista e que todos se beneficiariam, a maioria das famílias habilitou em suas casas um espaço para hospedar os turistas, posto que a distância entre Puno e a ilha obriga qualquer turista a passar pelo menos uma noite nesta. A prefeitura estabeleceu as normas mínimas de limpeza e um preço fixo para o acolhimento dos turistas nas casas, incluindo a alimentação e a hospedagem. Construiu-se um local, ou *salón* artesanal, para a venda do artesanato produzido pelas famílias e o artesanato também foi exposto em vários lugares do país para promover e apresentar a ilha nacionalmente.

Com respeito aos recursos materiais turísticos, surgiu o interesse em se recuperar os restos dos templos arqueológicos pré-colombianos situados no topo da ilha, até então conhecidos sob os nomes de *Coanos Acclicancha* e *Llaquistitis Papa*. Neste sentido, sob a iniciativa de um funcionário do então *Ministerio de Indústria y Turismo*, os nomes foram mudados para *Pachamama* e *Pachatata*. Hodiernamente, esses templos têm uma importância chave na atividade turística da ilha, pois representam um dos principais elementos do programa turístico. Na época do desenvolvimento do turismo, também foi promovida a festa tradicional de *San Sebastián* durante a qual todas as comunidades da ilha, encabeçadas pelas suas autoridades, subiam aos dois templos mencionados para efetuar ritos de agradecimento à terra (GASCÓN, 2005, p. 55).

Feita a repartição dos turistas, cada grupo empreendeu a caminhada seguindo a sua “mãe hospedeira” até chegar à casa da família, a qual pode ficar afastada do porto. Neste caso, a primeira impressão percebida é a dificuldade de acesso aos diferentes lugares da ilha. As distâncias não são longas, mas o forte relevo do terreno dificulta qualquer deslocamento na ilha. Neste esse aspecto, há que se acrescentar o problema da altitude, que pode provocar uma forte dor de cabeça e dores musculares, fenômeno comumente chamado nos Andes de *soroche*.

Essas experiências preliminares à interação direta entre os dois atores, famílias e turistas, são descritas da seguinte maneira no discurso de turistas:

Nós chegamos a Amantaní, uma ilha completamente deserta e selvagem onde se vive como nós vivemos há, talvez, 200 anos. Acolhidos pelos habitantes, subimos a

montanha para chegar à casa da família que nos foi atribuída para passar a noite. A casa fica no meio da montanha e tem que caminhar muito para chegar.²⁸

Ao notar a chegada de um barco, mulheres com longas saias brancas e véus coloridos descem ao porto. Um homem chama uma a uma e distribui os hóspedes, mais ou menos como se faz quando se monta um time para uma pelada de futebol. O desembarque ocorre na hora do almoço, quando as anfitriãs preparam chá de coca com uma erva chamada muña, excelente para o estômago, que a essa altura pode estar reclamando do soroche, o tal mal de altitude, que também causa tontura, falta de ar e dor de cabeça.²⁹

Esses testemunhos me permitem insistir sobre a metáfora da “descoberta” que representa essa excursão à ilha, desde o momento da chegada até o momento da despedida. Ao chegar, o movimento criado pela presença das mulheres e o discurso dos guias de turismo permite a criação de uma dinâmica que parece natural aos olhos do turista que se encontra dominado pelas impressões que dela resultam. Esta dinâmica cria para algumas pessoas certa irrealidade da experiência no mundo turístico. Porém, como veremos mais adiante, para qualificar esta dinâmica entre discurso e experiência, refiro-me à idéia de MacCannell, o qual elabora o conceito de “dialética da autenticidade” (ARAÚJO, 2006, p. 58).

Pisei pela primeira vez na ilha de Amantaní neste contexto de repartição dos turistas, e também me foi designada uma “mãe hospedeira” para essa primeira estadia na ilha. Tal como expressado no testemunho do turista, anteriormente mencionado, lembrei-me das minhas aulas de educação física no colégio, quando o professor nos deixava a nós, alunos, montarmos o time para jogar futebol e quase sempre eu ficava entre os últimos a serem escolhidos. No caso de Amantaní, não era a minha fraca ou pouca aptidão para jogar futebol que me deixava ficar por último, mas a minha situação de solitário, que me levava a esperar até o final. O guia me colocou com outro jovem francês e um chileno, os quais como eu viajavam sozinhos. Assim, conheci a família e a casa da Epifania. De forma irônica, considerando o significado do nome “Epifania”³⁰, Amantaní me apareceu por primeira vez a partir do convívio na casa desta família.

²⁸ Depoimento formulado por turistas que viajaram ao Peru, participaram da excursão para a ilha de Amantaní e publicaram as suas impressões de viagem em blogs variados na Internet. Disponível em: <http://voyagesbylnetgueg.over-blog.com/article-j14-2-l-ile-amantani-sur-le-lac-titicaca-44348834.html>

²⁹ Extrato do artigo intitulado “A ilha mais escondida do lago Titicaca: prepare-se para viver uma experiência autêntica em Amantaní”, escrito pelo jornalista do Estado de São Paulo Daniel Brito e publicado em 17 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-ilha-mais-escondida-do-lago-titicaca,325109,0.htm>.

³⁰ Epifania é um nome que vem do grego e significa “manifestação” ou “aparição”. Na religião católica, o nome se refere à apresentação de Jesus aos reis magos. Na civilização grega antiga, o nome se refere às divindades que apareciam aos homens. Neste sentido, a ironia se refere à aparição de Epifania como divindade ou objeto da experiência turística efetuada pelo grupo de turistas hospedados em sua casa e que vieram com o propósito de descobrir, desvendar e, de certa forma, adorar a cultura local.

Epifania nos estendeu o braço para nos cumprimentar e empreendemos em seguida a subida até a sua casa. Ao sair do porto, o pequeno caminho de pedra que levava até a casa de Epifania parecia novo, da mesma forma que os arcos incrustados de símbolos andinos inspirados da cultura pré-incaica de Tiwanaku, cujas ruínas da dita capital deste império pré-incaico eu acabara de visitar no dia anterior.

Chegamos a casa. O portão de entrada da casa também tinha um arco de pedra similar àquele visto ao subir o caminho na entrada da ilha. Epifania mostrou-nos diretamente o quartinho que ocuparia com meus dois colegas e nos convidou a entrar para descansar enquanto ela terminaria de preparar o almoço. A experiência de duas semanas de trabalho a mais de 3000 metros de altitude em Oruro ajudou para que eu não fosse muito atingido pelo *soroche* depois desta subida para a casa. Infelizmente, para os meus dois colegas – e para muitos do resto do grupo –, a resistência física não era tão grande e o convite de Epifania para descansar no quarto foi bem-vindo. A casa era bastante pequena e o nosso quarto ficava no primeiro andar, ao qual subimos por uma escada exterior bem estreita, feita de madeira. Primeiro, notei aquele arco na propriedade familiar, que era similar àqueles por baixo dos quais passamos no caminho até a casa, logo depois de desembarcar: o arco estava reproduzido em pedra talhada no portão de entrada para o pátio da casa de Epifania. Os meus colegas, visivelmente muito cansados, deitaram em suas respectivas camas sem trocar palavra. Sentia que esta certa obrigação de ficarmos juntos os três não nos ajudou a nos sentirmos cómodos. A montagem deste time improvisado com três pessoas desconhecidas não favoreceu um contato rápido entre os meus dois colegas e eu. Sentei-me numa das três camas de solteiro que se encontravam dentro do quarto e passei a observar, pela portinha do quarto, essa nova paisagem que se abria à minha frente. Pela primeira vez, a paisagem a ser observada não se encontrava somente à frente: eu não a estava observando de longe, posto que estivesse, de certa forma já, como se fizesse parte desta paisagem. Estava dentro da casa, dentro da matéria a ser observada, a qual, num âmbito turístico normal, observar-se-ia de longe.

Duas casas feitas de barro ficavam na frente da casa de Epifania e pareciam desocupadas. No jardim, notei três banheiros diferentes: o primeiro era feito de barro e parecia condenado, o segundo, era de barro pintado de branco com um telhado de zinco, e o terceiro, totalmente feito de zinco, parecia de uso diário. Não havia nada cultivado no jardim naquela época do ano, mas dava para ver que uma colheita tinha sido efetuada há pouco tempo. Epifania estava no pátio e lavava os legumes. Ela vestia, da mesma forma que as outras mulheres que esperavam nossa chegada no porto, uma *pollera* violeta e uma camisa com o bordado tradicional de Amantaní. Eu continuava observando a paisagem, esses

eucaliptos gigantes que tinha no fundo do jardim, quando de repente, uma voz nos chamou para descer: — *Almuerzo!*

Horário do almoço. Os grupos entram então num dos espaços íntimos da casa da família, a cozinha, espaço feminino onde se sentam à mesa que foi arrumada para eles e adotam seu “papel de espectador” para assistir, da mesma forma como se tivessem ligado um televisor, à preparação da comida com o fogão à lenha tradicional e a degustação da comida dita tradicional. Isto, no discurso do turista, é percebido como uma verdadeira volta ao passado, que contribui para criar parte da impressão de “autenticidade” e ilustra a busca do turista por essa autenticidade espacial e temporal que consiste em crer que “em algum lugar, não apenas aqui, não exatamente agora, talvez ali adiante em algum lugar, em algum país, através de outro estilo de vida, em outra classe social, exista a sociedade genuína” (ARAÚJO, 2006, p. 60, *cit.* MACCANNELL, 1976). Neste sentido, essas impressões são testemunhadas no discurso dos turistas:

Enfim chegamos a casa: uma pequena construção de terra com dois quatinhos e duas camas muito pequenas parecendo ser feitas unicamente para peruanos. Não tem gás nem eletricidade e o banheiro fica no meio do jardim. Na cozinha, a mãe da família está preparando o almoço, quase deitada no chão perto do fogão. Parecia que nós estávamos no começo dos anos 1900 com a cozinha feita integralmente de pedra e um simples fogo para cozinhar. A sopa está pronta: quinoa com legumes, batatas e queijo assado com um chá para terminar. O almoço faz-se em silêncio, a nossa família é muito tímida, eles falam *quíchua* entre eles e o nosso vocabulário limitado em espanhol restringe a conversa³¹.

Descemos para a cozinha, onde seria servido o almoço, juntamente com o resto da família. Entramos na escuridão da cozinha onde a mesa já estava pronta. Minha primeira impressão foi uma mistura de receio e curiosidade: uma mesa talhada na pedra da ilha e uns banquinhos de madeira para sentar do lado da porta da cozinha. A cozinha não comunicava com outro lugar da casa, a porta dava sobre o pátio da propriedade. Apesar de representar apenas uma parte da casa, ela se dividia em dois espaços que automaticamente distingui logo depois de sentar ao redor da mesa. Havia o espaço onde nos sentamos à mesa, os banquinhos, e outros bancos colocados do lado das paredes e embaixo de uma janela que parecia ter sido feita recentemente. Esse era o espaço de recepção dos turistas hospedados. O segundo espaço era onde se cozinava com o fogão à lenha e, nos arredores, ao fundo da cozinha havia outro

³¹ Extrato do artigo intitulado “A ilha mais escondida do lago Titicaca: prepare-se para viver uma experiência autêntica em Amantani”, escrito pelo jornalista do Estado de São Paulo, Daniel Brito, e publicado em 17 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-ilha-mais-escondida-do-lago-titicaca,325109,0.htm>.

espaço onde se percebiam as frigideiras e utensílios acumulados. Foi ao lado deste fogão tradicional feito de barro, num recanto no fundo da cozinha, que Epifania e suas duas filhinhas almoçaram ao mesmo tempo, bem distantes de nós. Num silêncio religioso, as filhinhas falavam bem baixo com sua mãe e nos olhavam de longe, de maneira bastante tímida. O almoço estava servido, Epifania adotou seu papel de garçõete e trouxe os pratos servidos em bandejinhas feitas de terra cozida parecidas com um serviço de louça de terra que tinha na casa da minha mãe quando eu era criança.

Caldo de quinoa, uma bandejinha de batata fria e *occa*, com uns pedaços de queijo frito e um mate de coca para terminar: essa era a refeição. Eu estava com fome e comi rapidamente o meu prato, apesar de estranhar a *occa*, legume que eu ainda desconhecia. A *occa* é um tubérculo de forma estendida cultivado na ilha, o qual, para o turista, parece estranhamente com uma grande minhoca. Os meus dois colegas estavam visivelmente doentes e comeram com dificuldade os pratos trazidos pela Epifania. Dava para ouvir os barulhinhos na garganta do colega chileno, típicos de alguém que come com um pouco de nojo.

Para minha grande decepção, percebi, durante o almoço, que não tinha e que não iria ter muita convivência com a família, pois estávamos separados enquanto comíamos e a cozinha, normalmente constituída de um espaço único, se transformava em dois espaços bem distintos em nossa presença. A divisão era clara, a cozinha em seus dois extremos, mas era possível interpretar esta divisão além do mero caráter espacial. O recanto onde ficava o fogão se transformava num espaço íntimo familiar que me parecia inacessível e que, por isso, chamava a atenção. Isso ficaria ainda mais claro no momento do jantar, à noite. Mas neste momento, no almoço, nossa atenção estava mais dirigida para a comida servida e a socialização com os meus dois colegas chileno e francês. O papo estava ficando animado entre nós quando Epifania voltou de fora da cozinha, na hora do *matecito*, com uma bolsa cheia de artesanato:

— *A ver, artesanías, cómprame!* (Epifania, Amantaní, 26/07/09)

Surpresos pela proposta de venda da nossa anfitriã, assim que terminamos o almoço, observamos, sem dizer nada, as peças de artesanato que Epifania expunha no chão para que comprássemos algumas. Ela se esforçava para manter um sorriso no rosto e insistia, estendendo braço com as peças, para que pudéssemos tocá-las. Eram gorros, cachecóis, portas-garrafa, peças que os meus colegas já tinham visto em outros lugares da sua rota turística no país. Eles estavam resolvidos a não comprar absolutamente nada. A cena estava me constringendo bastante, posto que a venda deste artesanato parecia uma oportunidade a mais para se beneficiar economicamente da atividade turística, pois, como veremos mais

adiante, as agências não pagam às famílias o preço normalmente estabelecido para o serviço oferecido. Aproveitei para fazer algumas perguntas a Epifania: “—¿Quién hace esta artesanía? ¿En dónde las hacen? ¿Tú las hiciste?” Eu havia percebido que o castelhano de Epifania era muito restrito e que ela tinha dificuldade para se expressar sem que fosse em quíchua. Ela não respondia realmente às minhas perguntas e fazia signos com a cabeça. Acabou-se o constrangimento com a minha compra de um *chuyo*, gorro típico da região, e então saímos da cozinha, convidados para descansar novamente antes de encontrar o resto do grupo com o qual tínhamos chegado de manhã.

Às 15h30, Epifania nos chamou no quarto para sairmos e percorrermos os dez minutos que nos separavam da praça principal da comunidade. Ela tinha vestido outra *pollera* de cor mais chamativa e levava a bobina de fio tradicional para fiar enquanto caminhava conosco até a praça principal. Ao chegar à praça, meu olhar se congelou no monumento construído no meio da praça, o qual, vários turistas estavam fotografando. *Quipu*³² na mão esquerda e *pututu*³³ na mão direita, não tinha dúvida, era um *chaski*³⁴ que acolhia a dezena de turistas recém-chegados, pintado nesta coluna no centro da *Plaza de armas* da comunidade. De *chuyos*³⁵ pregados na cabeça e armados de suas câmeras, vários turistas imortalizavam o momento desse estranho e místico encontro entre eles e a representação moderna dessa figura a qual, correndo, parecia-me emergir do passado, vestindo um traje colorido que mais lembrava as cores usadas num mangá japonês do que à época do glorioso império inca. Ele enfeitava a mesma coluna da qual dominava a estátua do primeiro imperador inca Manco Cápac que, de acordo com a lenda, teria surgido da espuma do lago.

Neste meio de tarde, só havia turistas com as suas respectivas “mães hospedeiras” ao redor desta coluna. Todas vestidas com trajes tradicionais similares àquele de Epifania. Só a cor da *pollera* era diferente para algumas delas. Todas também fiavam com as suas bobinas, sentadas de um lado da praça. Uma música saía dos alto-falantes fixados na parede de uma loja de conveniência, do tipo das pequenas lojas chamadas de *tiendas de abarrotes*, situada na

³² Trata-se do instrumento que se usava na administração do império inca para o censo dos dados estatísticos relacionados com a economia e a sociedade da época. Posto que não existisse linguagem escrita, o sistema do *quipu* funcionava na base da interpretação de uma sequência de nós feitos com várias cordinhas coloridas amarradas a uma corda principal.

³³ Segundo elemento característico que transportava o *chaski* nas suas corridas através do império, o *pututu* é um instrumento musical parecido com um trompete, feito de concha ou de corno de animal, e servia para avisar da sua chegada.

³⁴ Os *chaskis* eram os corretores oficiais do Inca que eram treinados para entregar mensagens, objetos ou bens através de todo o império. Eles seguiam os caminhos do Qhapaq ñan, rede de caminhos imperial, que vinculava os quatro *suyus* (ou regiões) do império Inca.

³⁵ Confeção artesanal andina típica, o *chuyo* é um estilo de gorro que serve tradicionalmente para proteger a cabeça e os ouvidos do frio. Símbolo da vestimenta típica andina, os turistas são facilmente reconhecíveis já que eles fazem um uso cotidiano desta confeção durante a sua estadia na região.

esquina da praça, do lado da igrejinha, cuja porta estava trancada. Os turistas chegavam pouco a pouco à praça, criando assim certa estranheza na minha percepção do lugar. Neste meio de tarde, a praça parecia se transformar num palco de teatro à medida que chegavam os turistas lotando pouco a pouco os seus poucos metros quadrados, observando seus quatro cantos e, desesperadamente, tirando as fotos de tudo aquilo que podia representar “algo diferente” ou “exótico” aos seus olhos. Sentia-me como se estivesse em um museu a céu aberto.

FOTO 4: A Plaza de armas da comunidade e o monumento contemporâneo.



Tirada em julho de 2010, Guillaume Perche.

Finalmente, o guia chegou e juntou a trintena de turistas com os quais eu havia chegado de lancha. Sentamo-nos numa escada e escutamos a primeira das três intervenções que ele faria durante o passeio:

— Aquí estamos en Pueblo, una de las diez comunidades de la isla y comunidad capital del distrito de Amantaní. Las familias viven de la agricultura, cultivan sus

tierras y tienen ovejas, lana de las cuales hilan tradicionalmente como pueden observarlo con las señoras que están aquí hilando. Las hilanderas de Amantaní son muy famosas. En la isla, existen varios tipos de hierbas medicinales como la muña que son usadas para curar los dolores de cabeza, estómago u otros tipos de males. Como pudieron notarlo al almorzar con sus familias, aquí se vive de forma muy humilde. La población vive principalmente de la agricultura. Vamos a subir a los templos arqueológicos de la isla de donde van a poder observar la puesta del sol sobre el lago y al regreso, bajaremos a esta misma plaza donde sus familias los esperarán. (Guia, Amantaní, 26/07/10)

Emprendemos a subida às ruínas de Pachamama e Pachatata situadas nos dois topos da ilha. A caminhada era difícil por causa da forte subida e da falta de oxigênio. Todo mundo caminhava devagar e suspirava para chegar ao topo pelo caminho turístico que parecia bem recente e visava facilitar a subida. Uma criança esperava todos os turistas num lugar determinado para tocar uma efêmera melodia com a sua pequena *zampoña*³⁶ e pedir uma gorjeta. O guia nos parou novamente à metade do caminho para apresentar o *calvário*:

— *Aquí, estamos en el calvario que representa un lugar sagrado construido por los colonizadores. A lo lejos, pueden observar las montañas. Allá se encuentra la ciudad de Puno, de este lado pueden observar la península de Capachica, y del otro lado, lo que pueden ver es Bolivia.* (Guia, Amantaní, 26/07/10)

Alguns turistas descreveram a paisagem visível durante a caminhada da seguinte forma:

Para continuar, um encontro com o guia e o resto do grupo está programado às 16h00 na praça principal para subir aos dois templos situados no topo da ilha e observar um fabuloso pôr do sol. Os caminhos que sobem na montanha têm alguma coisa de antigo e intemporal e a vista sobre o lago Titicaca nos faz pensar no quadro de Bruegel l' Ancien *A Queda de Ícaro*.³⁷

Na verdade, a atenção dos turistas não mais se dirigia ao lado cultural dos atrativos da ilha, mas ao lado paisagístico insular. A paisagem visível sobre o lago Titicaca se desenha, de acordo com alguns turistas, na forma de uma paisagem lendária e mítica, na qual os camponeses encontrados no caminho desempenham o papel de figurantes desta paisagem, à qual estão integrados e deste quadro ao qual eles estão assimilados. A visão expressada pelos turistas mostra como os habitantes são instantaneamente mitificados em analogia a paisagens existentes na sua imaginação por meio de imagens prévias.

³⁶ Flauta andina usada nas bandas de música tradicional dos Andes. Existem numerosos modelos de *zampoñas*.

³⁷ O quadro intitulado *La Chute d'Icare* ou *A Queda de Ícaro*, óleo sobre madeira, pintado por Pierre Bruegel l' Ancien em 1558, está exposto no Museu de Arte antiga dos *Musées royaux des Beaux-Arts de Belgique*, na cidade de Bruxelas, na Bélgica. Neste quadro, que é uma representação do mito grego de Ícaro, observa-se uma paisagem harmoniosa e tranquila com as montanhas, o mar e o sol que dão a impressão de abertura sobre um espaço infinito que contrasta com a presença de um camponês, em primeiro plano, trabalhando a terra. Quadro e informações disponíveis em: http://www.opac-fabritius.be/fr/F_database.htm.

Observamos, neste caso, a diversidade dos recursos turísticos existentes dentro do roteiro que propõe a imersão nas famílias e o atributo do patrimônio imaterial da cultura local, o lado histórico com a visita às ruínas e o recurso paisagístico natural que é definido também como sensorial (QUISPE ESCOBAR, 1998, p. 67). A ilha possuiria, portanto, três tipos de paisagens diferentes: florestal, de altitude e árida. Nessas paisagens, o corpo humano usaria então os sentidos da vista, da audição, do olfato e tátil para perceber sensações diferentes (QUISPE ESCOBAR, 1998, p. 67). O autor se refere à afirmação de Barthey, com respeito às diversas experiências sensoriais sendo praticáveis em Amantaní. Este recurso sensorial poderia ser vinculado a outros atrativos, os quais, uma vez combinados, seriam facilmente assimilados ao discurso “publicitário” que visa criar uma autenticidade.

Até chegar ao alto, onde estão os dois topos da ilha, descobrimos a vista panorâmica acima do lago. O guia nos deteve pela última vez para explicar como se cumpre o ritual anual do *Pago a la tierra*, que acontece uma vez por ano, na terceira quinta-feira de janeiro. Nos templos, surpreendi-me ao observar a quantidade tão relevante de turistas presentes numa área tão pequena. Os templos representavam um interesse bem limitado aos visitantes, considerando-se que os guias, neste momento, destacassem mais a observação do pôr do sol sobre o lago, do que uma apresentação sobre o significado das ruínas. Aliás, a maioria dos guias leva os grupos para um dos dois templos e não aos dois. *Pachatata* sempre fica mais cheio porque “o pôr do sol é mais lindo daqui”, explicou-me o guia durante a visita. A função dos dois templos, desta forma, mudava de sentido, tomando a função de certos mirantes naturais. Como veremos mais adiante, seria possível fazer certa releitura das ruínas destes lugares cerimoniais ao estabelecer o roteiro turístico na ilha.

17h30: O sol desapareceu. Era hora de voltar para a praça principal, voltando agora pelo mesmo caminho. Já estava quase escuro e as mulheres, de cada lado do caminho turístico, continuavam vendendo artesanato. Chegando à praça, tudo estava escuro, mas a Epifania nos esperava com uma lanterna, para voltarmos para casa. Da mesma forma que antes do almoço, fomos convidados a descansar no quarto antes de jantar. Esses períodos de descanso obrigatório me pareciam, na verdade, organizados de tal forma que os turistas não pudessem verdadeiramente participar da vida familiar. Sentei-me na cama e acendi a vela para fazer as anotações no meu caderno de pré-campo. O colega francês e o chileno estavam absolutamente cansados e começaram a dormir. Eles estavam verdadeiramente doentes e estavam começando a viver a experiência de “vida autêntica” nesta ilha do lago Titicaca como um pesadelo perigoso. A sensação de estar numa ilha, longe da costa, sem transporte disponível à proximidade e em qualquer momento para voltar para Puno, com um problema

de saúde que podia piorar, era motivo para que eles não aproveitassem realmente da experiência e começassem a ficar preocupados.

19h00: era a hora do jantar. Descemos para a cozinha novamente. Sentamos ao redor da mesa: sopa de quinoa, arroz e batata grelhada, chá de *muña*³⁸ para terminar. Epifania nos serviu os pratos da mesma forma que durante o almoço. Comemos com uma vela no meio da mesa, os rostos iluminados pelo brilho da chama que dançava e iluminava o fundo do espaço da cozinha que nos estava reservado. O jantar fez-se em silêncio também. Ouvíamos o barulho da sopa sendo degustada por nossa família hospedeira sentada, como no almoço, no outro extremo da sala, ao redor do fogão a lenha, cujas chamas junto com outras velas iluminavam este outro espaço. Eles comiam com pratos normais de vidro comum e nós jantávamos nas mesmas bandejinhas de terra cozida.

Durante o jantar todo, a minha atenção foi chamada pelo outro extremo, o fundo da cozinha, onde se encontrava a família, o qual, apesar de não separar verdadeiramente o espaço da cozinha, permitia criar dois ambientes diferentes na mesma sala. Sentia-se claramente que a nossa presença se restringia à mesa na qual estávamos sentados e que aquela parte no fundo da cozinha e perto do fogão era o espaço reservado à família. Distinguia-se assim a presença de um espaço íntimo, aquele recanto ao redor do fogão tradicional, dentro de um espaço íntimo já existente, a cozinha. Sentia que não tinha como estabelecer um contato com a família enquanto comíamos, pois a criação deste espaço fazia com que eu me lembrasse do fato de ver uma pessoa *de fora* dentro do lar familiar. A existência, aos meus olhos, dos dois espaços dentro da cozinha interpretava na verdade a simples distinção entre o espaço dos *de fora* e o espaço dos *de dentro*, ou seja, a distinção da própria família em sua própria casa. Tal como analisaremos no segundo capítulo, a existência deste espaço dual pode ser percebida de diversas formas, à medida que o fenômeno turístico se amplifica na ilha, desde o começo da década de 2000, com o começo da oferta turística da ilha promovida e vendida pelas agências de turismo da cidade de Puno.

Naquele momento, na cozinha, senti um curioso desejo que não era só meu, ao observar o colega francês tirar uma foto sem *flash*, às escondidas, daquele recanto ou espaço íntimo da família: “Querida poder ter jantado lá, do lado deste fogão a lenha, junto com eles, para compartilhar o cotidiano deles exatamente da mesma forma, isso ia ser autêntico”, pensei. Um minuto depois, senti uma vergonha no mais profundo de mim mesmo: estava tão convencido de não corresponder a este perfil de turistas que viajam para satisfazer a sua sede

³⁸ A *muña* é uma planta que cresce na ilha e que é comumente usada pelas famílias como bebida quente para acompanhar as comidas.

insaciável por algum tipo de exotismo e que buscam qualificá-lo de autêntico, que me dei conta de que experimentava o mesmo tipo de curiosidade. “Será que eu mesmo estava sucumbindo a este desejo primário de observar umas pessoas na sua casa, somente pelo fato de terem eles um modo de vida e costumes bem diferentes dos meus? Isso não se chamaria “voyeurismo cultural”? Engraçado que, neste mesmo instante, percebi que as duas filhas do casal estavam nos observando enquanto comiam e escondiam seu rosto por trás das mãos, timidamente, quando olhávamos para elas: “Quais de todos nós eram os mais exóticos e aos olhos de quem?” A família, as duas filhas do casal, o modo de vida deles, tudo era estranho para nós. Porém, para elas, nós também éramos seres diferentes e exóticos. Existia, assim, um certo jogo de espelhos, através do qual todos, enfim, estavam sendo observados por meio de certo “cruzamento de olhares” que eu percebia e que tentei representar na figura 5, de acordo com a distância que separava o recanto da mesa “turística”, local em que tirei a foto da figura 6.

FIGURA 5: O “cruzamento de olhares”.

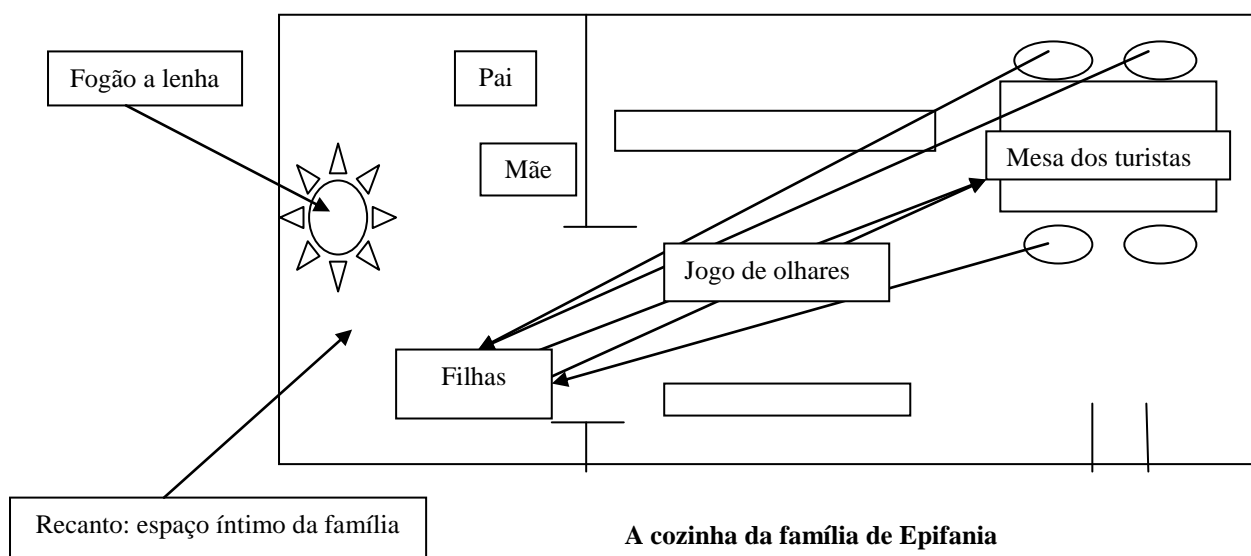


FIGURA 6: O “recanto” na cozinha de Epifania.



Tirada em julho de 2009, Guillaume Perche.

O horário da festa, a qual me assustei ao ouvir a atendente da agência falar no dia anterior, chegou. Essa festa era qualificada de “tradicional” pela agência que me havia vendido o tour e, no meu guia de turismo, dizia-se que era “a festa de toda a comunidade” (GLOAGUEN, 2009-2010, p. 234). Depois de refletir bem com o colega chileno se iríamos ou não, pois o francês estava realmente doente e já estava na cama, resolvemos aceitar a roupa tradicional trazida por Epifania para vestirmos antes de ir para a festa. A ideia de vestir-me dessa maneira me desagradava um pouco, o fato de usar uma tal roupa me levava a inventar a qualificação de “disfarce cultural” para este tipo de atividade. Parecia-me que este “disfarce” não era necessário para poder ouvir e dançar a música dita da região. Porém, achei que a experiência seria interessante para observar o comportamento dos turistas neste contexto.

Vesti a roupa, constituída de um *chuyo* colorido e um poncho de cor cinza e marrom. Epifania nos acompanhou até o salão de festas da comunidade, onde poucas pessoas esperavam os outros chegarem. Na entrada, um homem vendia bebidas e alimentos que

poderiam ser encontrados numa *tienda de abarrotes*. Os produtos eram praticamente os mesmos que se encontravam à venda numa loja de conveniência. Para os turistas, isso se assemelhava mais com um bar, mas não era um bar. Perguntei-me por que vender esses produtos num local de festa. Sentamos nos bancos e esperamos 20 minutos. Todos estavam acompanhados da sua “mãe hospedeira”, que ficavam todas agrupadas no fundo da sala, esperando a banda começar a tocar. Uma banda de jovens músicos chegou. *Zampoñas*, tambores e instrumentos típicos dos Andes começaram a tocar dentro da sala. Num primeiro momento ninguém ousava dançar, até que de repente cada “mãe hospedeira” começou a convidar os seus hóspedes para dançar. No meu olhar de então, parecia-me que elas eram responsáveis em nos divertir. Muita gente tinha lotado o pequeno salão de festas e as músicas se seguiam levando todos a dançarem. Em determinado momento todos sentiam calor, apesar das temperaturas negativas do lado de fora. O convite das mulheres para dançar animava o grupo e o clima começava realmente a ser de festa. Alguns tomavam cerveja, resolvi oferecer uma água para Epifania. Ao perguntar o que ela queria tomar, grande foi a minha surpresa quando ela mostrou a garrafa de óleo de girassol que estava na prateleira do vendedor, falando para este último alguma coisa em quíchua. O homem guardou a garrafa para ela levá-la ao final da festa.

De repente, a música parou. Os músicos estenderam o estojo de seu instrumento para recolher uma pequena gorjeta como *couvert* artístico: — *De novo!* (Declararam algumas pessoas) — *Nós pensávamos ter pago por tudo para a agência e novamente temos que tirar a carteira do bolso!* Conversei com uma família de franceses que estava passando as férias no Peru e mostrava certo constrangimento diante desse modesto pedido dos músicos: — *É porque a gente está viajando com a família toda, todos os gastos são multiplicados por cinco e até agora, parece que nós somos vistos como umas fontes de dinheiro que nunca acaba!*

O pedido de Epifania, percebido junto com a reclamação do grupo de franceses, ilustrava de certa forma o paradoxo existente nas relações entre turistas e anfitriões, geralmente expressadas no mundo turístico global. Por definição, a atividade turística coloca em contato pessoas “que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadores de uma função precisa e determinada” (BARRETTO, 2003, p. 27). Essa função determinada gera uma percepção mútua, entre visitante e visitado, limitada ao objetivo a ser alcançado. Assim, o dinheiro do turista faz falta ao visitado o qual, no olhar do turista, seria simplesmente *um instrumento para seus fins* (BARRETTO, 2003, p. 27).

Eram 22h15, todos mostravam sinais de cansaço e a banda tocou a última música. A “festa tradicional” estava acabando e voltamos para casa na escuridão e no frio. Na manhã

seguinte, acordamos às 7h00 para tomar o café da manhã com toda a família, no mesmo ambiente do almoço e do jantar do dia anterior.

Arroz, batata frita, pãezinhos fritos com geleia e café instantâneo comprado em pequenas porções individuais: “Será que isso era um café da manhã típico na ilha de Amantaní?”, perguntei-me. Pela primeira vez, desde que chegamos, o marido de Epifania se apresentou para nós, perguntando se a noite tinha sido agradável. Ele deixou um caderninho na mesa, o qual servia de *guest book* para escrevermos a data, nossos dados e uma pequena nota de apreciação³⁹. Despedimo-nos e saímos para voltar ao porto. Já estávamos descendo para o porto, com Epifania, quando ouvimos um grito atrás. O marido de Epifania estava chamando da janela, falando alguma coisa em quíchua, e Epifania virou-se para nós e perguntou: — ¿*El chuyo?* Talvez algum de nós três havia levado o gorro emprestado pela família para a festa da noite anterior. Procuramos em nossas mochilas, e um dos meus colegas percebeu que realmente o levou, confundindo-o com outros que havia comprado antes. Ele ficou com a sensação constrangedora de passar por um ladrão. Porém, Epifania não ficou ofendida.

No porto, todos estavam prontos para sair, não sem emoção. As mulheres esperaram a saída da lancha para cumprimentar o grupo se despedindo em castelhano e em quíchua até a lancha se afastar.

Desta maneira terminou a excursão na ilha de Amantaní. Eu descobriria, durante a pesquisa de campo efetuada um ano depois, que a maioria dos turistas visita a ilha de acordo com este roteiro padrão, vendido pelas agências, exatamente da mesma forma que eu o fiz em minha chegada na região. No final desta excursão proposta pelas agências, cabia se perguntar: qual é o tipo de interação proposto na ilha? Considerando o roteiro padrão proposto, será que o acolhimento e a interação entre as famílias e os turistas também poderiam ser qualificados de padrão? Conhecendo a atividade de um ponto de vista externo através da zona de frente turística e das agências que fazem um turismo sobre as famílias, como será que o fenômeno turístico era percebido pelas comunidades da ilha e pelo ponto de vista das próprias famílias?

De novo a bordo da lancha, eu podia agora ouvir os comentários e impressões dos turistas. Apesar de ter pago o mesmo preço à agência e de acordo com os comentários das atendentes das agências e dos guias, pensava que o acolhimento nas famílias era um acolhimento padrão parecido. Porém, percebi pela fala dos turistas que o tratamento recebido não tinha sido o mesmo para todos. Para alguns grupos a comida não tinha sido a mesma,

³⁹ Ver o conteúdo deste caderno e seu uso oficial no capítulo II, figura 13, página 128.

assim como a intimidade das famílias, a qual para alguns turistas parecia ter sido igual ao nosso grupo, mas para outros ocorreu de forma mais compartilhada ou com muito maior intimidade do que com a nossa família. Porém, todos comentavam a mesma coisa: não ficariam mais uma noite na ilha. O caráter bastante rudimentar da vida na ilha, apesar das comodidades e da hospedagem oferecidas numa casa de família, representava uma experiência de vida sem as comodidades que qualquer turista possui na sua casa. A dificuldade de acesso ao banheiro, à noite, no frio, o fato de não poder tomar banho, ter que comer uma refeição que pode não agradar e, uma vez na ilha, não ter a possibilidade de alternativas, todos esses elementos abordados nas conversas mostravam que a motivação pela “autenticidade” tinha os seus limites.

2. A Amantaní dos turistas: em busca de “uma paisagem autêntica”

A experiência turística vivida pelo tipo de excursão definido na ilha de Amantaní pode ser assimilada, como toda experiência turística, a uma descoberta. Porém, cabe qualificar, no contexto da visita à ilha, a singularidade do uso deste termo que toma um sentido metafórico no âmbito turístico nas Américas. A noção de descoberta que é comumente usada ao definir qualquer experiência turística toma um sentido metafórico singular no caso de Amantaní e, de modo geral, da América Latina. Portanto, é difícil não se referir à “descoberta da América pelos europeus” como uma moldura interpretativa da experiência turística. Não é por acaso que, ao avistar as primeiras terras do continente sul-americano durante a sua terceira viagem, Cristovão Colombo estava convencido de chegar a uma ilha. Talvez porque as primeiras terras descobertas no Caribe eram ilhas. Porém, a descoberta das terras povoadas pelo Outro eram ilhas que já existiam no imaginário da época, nutrido de imagens prévias influenciadas pela literatura e as lendas.

Mais tarde, a descoberta passou a ser uma fonte de inspiração para os grandes autores do século XVI. A ilha de *Utopia*, imaginada por Tomas Morus, segundo os relatos de viagem de Américo Vespucci em 1515, e Calibã, personagem da obra mestra de Shakespeare: *A Tempestade* (1611), morando numa ilha desconhecida, foram diretamente inspirados pela descoberta da América e do encontro com o Outro, cujo caráter anedótico e misterioso da ilha contribuía na formação de um imaginário sobre o espaço americano, o qual, como no caso da ilha fictícia de *Utopia*, constituía-se como “o prototípico não-lugar da imaginação européia.”⁴⁰

⁴⁰ “the prototypical nowhere of european imagination.” (TROUILLOT, 1991, p. 23), tradução minha.

(TROUILLOT, 1991, p. 23). Assim, o imaginário nascido a partir da descoberta do novo mundo se articulou *em torno da imagem do Éden*, na qual o Paraíso Terreal situava-se na América (BUARQUE DE HOLANDA, 2000, p. IX).

Obviamente, no decorrer dos séculos, este tipo de imaginário europeu com respeito ao novo mundo não existe mais tal como definido acima. Porém, poder-se-ia dizer que ele ainda sobrevive em outras narrativas atuais, suponhamos dentro do contexto turístico contemporâneo? Se muitos países latino-americanos, nesta primeira década do século XXI, “ainda estão lutando para criar, manter e estabelecer a ideia do paraíso, talvez se devesse pensá-lo atualmente como se fundado dentro de uma lógica de mantimento da ideia do paraíso através das vias de desenvolvimento.” (MARTINEZ, 2009, p. 59).

Assim, os discursos turísticos produzidos nos países emissores de turistas, os quais recebem a propaganda dos países receptores destes mesmos turistas contribuem em construir narrativas sobre os seus destinos turísticos vendidos e apresentados como paraísos atuais, mais ainda com este novo conceito de TRC. Assim, existiria certa continuidade na produção deste imaginário alimentado pelos discursos turísticos e publicitários que vendem um destino e o trabalho e serviço de suas populações como se fossem originários da época da descoberta, intocados, zonas ainda “genuínas”, pequenos “paraísos” escondidos e protegidos do mundo exterior e moderno.

Na prática, em Amantaní o turista chega de lancha, ele sabe que estará em contato direto com famílias camponesas da ilha, na casa das quais ele vai comer, dormir, poder observar de perto um modo de vida tradicional e talvez poder experimentar aquilo que na maioria dos casos motivou a sua viagem: desvendar uma “paisagem autêntica” nascendo do seu imaginário nutrido pelo discurso ao qual ele foi exposto antes da sua chegada no local. Neste sentido, cabe remeter ao argumento de James Clifford com relação à definição do trabalho de campo: “Poderia ajudar perceber o “campo” sendo ao mesmo tempo um ideal metodológico e um lugar concreto de atividade profissional⁴¹.” (CLIFFORD, 1992, p. 99). Da mesma forma, o turista pode iludir-se com todo o romantismo da “magia do etnógrafo” tal como idealizado por Malinowski. Toda esta farsa serve para que o turista se desfaça momentaneamente da condição de turista para assumir um papel mais distinto que se aproxima daquele da “magia do etnógrafo” em contato com um nativo no contexto de um trabalho de campo ou *fieldwork*.

⁴¹ “It may help to view ‘the field’ as both methodological ideal and a concrete *place* of professional activity.” (CLIFFORD, 1992, p. 99): tradução minha.

Entendemos como “paisagem exótica”, o produto da busca dos turistas em Amantaní os quais, pode-se dizer que “se dirigen a poblaciones indígenas con características tipificadas como exóticas, o lo que es lo mismo, con formas de vida muy diferentes a las de los visitantes, que buscan establecer una relación en cierto modo similar a la tradicional, es decir: entre anfitriones e invitados.” (PASTOR ALFONSO, 2003, p. 106). Neste contexto, o turista buscaria um lugar no qual a relação entre ele e o visitado não seria comparável com a relação propriamente turística, geralmente existente nos lugares do turismo de massa como Cuzco. Nos lugares de turismo de massa, o turista experimenta intensamente a relação básica existente entre visitante e visitado, na qual se expressa o grande paradoxo da relação turistas–anfitriões. Lembramos a definição de Barretto (2003) na qual aparece que a atividade turística coloca em contato pessoas “que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadores de uma função precisa e determinada” (BARRETTO, 2003, p. 27). Essa função determinada gera uma percepção mútua, entre visitante e visitado, limitada ao objetivo a ser alcançado. Assim, o dinheiro do turista faz falta ao visitado que, no olhar do turista, seria simplesmente *um instrumento para seus fins* (BARRETTO, 2003, p. 27).

Percebe-se que o discurso produzido sobre a excursão na ilha de Amantaní supõe que este tipo de relação seria então evitado, permitindo vivenciar uma relação mais tradicional com as famílias nas suas casas. Este objetivo que faria o sucesso da atividade na ilha seria, assim, desencadeador de uma verdadeira **ordem discursiva da “autenticidade”**. Entendemos aqui o conceito de ordem discursiva nas palavras de Foucault, o qual define que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2008, pp. 8-9).

Neste contexto, é preciso entender porque a ilha de Amantaní, antes de ser explorada pelo turista, é percebida como um destino mais “autêntico” do que outros. Tal como enunciado anteriormente, a sua situação geográfica insular gera um sentimento de que a ilha tem sido afastada mais tempo do mundo exterior e desta forma teria sido protegida da exploração excessiva da sua riqueza cultural. Esta ideia redutora da complexidade da situação faz parte de uma argumentação que, como vimos nos dois primeiros tópicos, visa definir Amantaní e os lugares parecidos ao redor da ordem discursiva da “autenticidade”. A proposta de excursão em Amantaní é vendida ao turista por um “discurso publicitário” que adota a “autenticidade” como argumento principal. Assistimos, assim, à criação de um imaginário sobre um caráter genuíno das comunidades rurais do lago em vista de um fim particularmente

turístico. A produção discursiva efetuada nesta arena aparece então “controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 2008, p. 9) com a função de conjurar, neste caso, unicamente os poderes deste tipo de discurso, o qual, de certa forma, re-configura o tempo e o espaço no qual vivem as comunidades rurais mediante a ideia de “autenticidade”. No âmbito turístico, esta ordem discursiva assegura certo modelo “exotizante” de representação da realidade das populações rurais pela característica da “autenticidade”.

Ao analisar o “discurso publicitário” das agências de turismo, o discurso do Estado com o programa de TRC e o discurso dos turistas que visitam a ilha, percebemos que a ilha de Amantaní é vendida na cena turística como destino “exótico” cuja “autenticidade” seria o maior interesse para a visita. Pela descrição do roteiro padronizado fixado para a visita à ilha, tentei mostrar que se vende um conjunto de elementos: as famílias hospedeiras, as suas casas, as refeições caseiras preparadas por elas, a noite passada em casa, a subida aos templos arqueológicos, a observação da paisagem e do pôr do sol, a festa dita tradicional. Todos esses elementos reunidos formam um todo que tem por objetivo aparecer imutável aos olhos dos turistas. As famílias da ilha são descritas como fazendo parte deste pacote cultural e isso faz com que elas sejam percebidas como iguais e parecidas. Na cena turística, não se faz nenhuma distinção entre as famílias, criando para o turista uma imagem padronizada da população que ele vai encontrar.

Assim, o programa de TRC implementado pelo MINCETUR, que vende o turismo vivencial como elemento diferenciador da atividade turística no local, também integra esta ordem discursiva da “autenticidade” em nível oficial. Em Amantaní, o exótico está garantido pelo comércio articulado ao redor do patrimônio imaterial insular: a cultura e as tradições camponesas, com a convivência e a imersão nas casas das famílias insulares, a natureza, com a vista dominando o lago Titicaca desde os topos montanhosos da ilha, e o patrimônio material pré-hispânico, com as ruínas dos dois templos arqueológicos pré-incaicos. Pode-se dizer que a categoria do “turismo vivencial” nasceu e foi recuperada pelo discurso oficial do ministério para contribuir em definir “um produto cada vez mais valorizado no mercado do turismo internacional: o exotismo” (RIBEIRO e BARROS, 1994, p. 7). Esta ideia se encaixa perfeitamente no discurso do MINCETUR o qual, ao aconselhar o empreendedor em TRC no manual do empreendedor, entre outros avisos, lhe lembra: “El turista te visita porque quiere conocer tus costumbres, forma de vida y participar en ellas. Bailar las festividades, disfrutar de la gastronomía y comprar artesanías. **Esto le fascina porque es auténtico y totalmente nuevo para él.**” (MINCETUR, 2008, p. 21).

Esta última frase retransmite de certa forma os resultados das pesquisas financiadas pelo MINCETUR considerando a “autenticidade” como parte integrante do programa de TRC. Para estabelecer o perfil dos turistas rurais comunitários, a agência de promoção do turismo PROMPERU efetuou pesquisas para definir as tendências do mercado com respeito à escolha de um destino turístico. A “autenticidade” constituiria assim a segunda motivação experiencial mais importante depois da beleza natural do lugar (PROMPERU, 2008). Em 2006 e 2007, o Peru foi nomeado em nono lugar na classificação dos destinos turísticos com respeito ao tema da “autenticidade”, sendo qualificado como um “país con presencia de culturas distintas, genuínas y únicas” pelo *Country Brand Index* (PROMPERU, 2008). Pode-se dizer que a distinção do país nesta categoria turística vinculada com a “autenticidade” motivou a criação oficial do TRC inscrevendo a promoção atual desta nova categoria de turismo dentro do marco da “autenticidade” discursiva.

Deixamos agora a esfera do discurso nacional para a esfera do discurso das ONGs tendo trabalhado e ajudado no desenvolvimento da atividade turística em Amantaní.

Ao total, são cinco ONGs diferentes que ajudaram ativamente no trabalho de desenvolvimento da atividade de turismo rural e comunitário na ilha de Amantaní: a *Red Regional de Turismo Comunitario* (REDTURC-TITIKAKA), a *Organización de Gestión de Destino* (OGD-PUNO), *Swisscontact*, *Cáritas del Perú*, *Cáritas Puno* e o *Centro para el Desarrollo Sostenible* (CEDESOS). Todas essas ONGs têm uma atuação muito forte no trabalho de desenvolvimento do TRC nas comunidades das ilhas e da beira do lago Titicaca, na província de Puno. Elas atuam em várias comunidades diferentes desta região ao mesmo tempo. Não cabe considerar a atividade de TRC como específica somente à ilha de Amantaní, mas numa dinâmica global do turismo nas comunidades rurais do lago Titicaca, na região de Puno. Amantaní se distingue no sentido de que foi a primeira ilha, depois de Taquile e das ilhas Uros, nas quais as autoridades resolveram abrir oficialmente à indústria do turismo no dia 11 de março de 1979⁴².

A CEDESOS empreendeu operações de desenvolvimento da atividade na ilha há dois anos. Eles trabalharam em três comunidades da ilha: Lampayuni, Villa Orinojón e Incatiana⁴³. O primeiro projeto que a ONG efetuou em matéria de turismo rural foi em Capachica e serviu de exemplo para Amantaní. Foram dispensados cursos de capacitação sobre alimentação e artesanato para algumas famílias destas comunidades. Também financiaram a compra de

⁴² *Libro de Actas de la Gobernación de Amantaní* (LAGA), 11 de março de 1979 (GASCON, 2005, p. 54).

⁴³ Veremos como se organiza a ilha ao nível administrativo no começo do capítulo II, figura 7, página 85.

painéis solares para essas famílias. O objetivo da CEDESOS foi transformar a atividade turística já exercida em atividade de turismo sustentável⁴⁴.

A REDTURC-TITIKAKA em parceria com a OGD PUNO e Swisscontact têm atuação em nível regional e agrupam as associações turísticas das comunidades quíchuas e aymaras que promovem o desenvolvimento do turismo comunitário sustentável na região de Puno. Na ilha de Amantaní, a qual é qualificada como “mayor centro energético del planeta por sus centros ceremoniales de Pachamama y Pachatata” no folder da REDTURC, existem sete associações de hospedagens rurais e turismo vivencial de várias famílias agrupadas com a ajuda dessas ONGs. Cabe notar a interessante publicidade feita por cada associação e o discurso adotado também em seus folders divulgados aos turistas. A associação de hospedagem e alimentação vivencial *Ccolono*, a associação de turismo rural vivencial *Inka Samana* e a associação de turismo vivencial *Rijchary Villa* propõem que o turista venha conhecer o “ensueño y encanto en el Titikaka”, usando a caligrafia criada nos filmes da Disney. Esses folders de associações formulam um convite para que o turista

viva com as famílias, a maneira mais simples de conhecer seus costumes ancestrais. Numa atmosfera agradável e cômoda, o turista compartilhará uma convivência de vida ancestral, conservando os antigos costumes do *incárico* vinculados com preceitos morais, vestimenta típica e todo o encanto do seu passado. Além disso, o turista teria a oportunidade de se incorporar à vida quotidiana das famílias para estabelecer um verdadeiro intercâmbio cultural e vivencial⁴⁵.

Além das atividades comumente realizadas no âmbito da recepção pelas agências de Puno, essas associações propõem visitas panorâmicas da ilha e também uns momentos míticos de leitura do futuro do turista em folhas de coca.

A ONG que mais investiu em Amantaní é a associação católica Cáritas Puno. A Cáritas desenvolveu um verdadeiro programa de desenvolvimento do TRC na região do lago em Puno. Trata-se do *Proyecto Turístico Integral para el Desarrollo de las Comunidades del Lago Titicaca* (PROTURIS), o qual teve uma ação em quatro comunidades da ilha: Villa Orinojón, Occosuyo, Occopampa e Colquecachi.

O coordenador deste programa, Rafael Toribio Maque Collachagua, foi entrevistado em 9 de julho de 2010 nos locais da ONG em Puno. O projeto PROTURIS teve uma duração de três anos para ser implementado nas comunidades. Começou em julho de 2007 e acabou em julho de 2010. De acordo com Rafael, este projeto funda-se sobre vários componentes

⁴⁴ De acordo com os depoimentos do Walter, coordenador do projeto aplicado em Amantaní pela CEDESOS, entrevistado no local da organização em Puno, c/ Jirón Moquegua, 348, em 9 de julho de 2010.

⁴⁵ Folder de propaganda da associação de turismo vivencial *Rijchary Villa*.

principais: melhorar a qualidade de acolhimento do turista nas famílias por meio de capacitações em atendimento, gastronomia, cerâmica, artesanato, serviços de guias; tratar do tema da revalorização cultural das tradições insulares mediante a visualização de um DVD, intitulado *Isla Amantaní: Tradiciones en el Paraíso*, elaborado pela ONG para as famílias, e da criação de Centros de interpretação (pequenos museus) onde se apresentam alimentos, música, artesanato e vestimenta tradicional. O último componente do projeto consiste em promover e comercializar o que foi feito nos dois primeiros componentes.

Segundo Rafael, para o programa “hubo un enfoque sobre el tema costumbrista de las comunidades”. Este programa é considerado como um projeto inicial que permitiu “semear as sementes”. Ainda não tem uma aplicação real das atividades propostas para poder efetuar uma análise qualitativa dos resultados nas famílias. O que aparece com o trabalho destas ONGs nas famílias da ilha é com certeza uma vontade de desenvolver um modelo de TRC mais sustentável do que aquele proposto pelas agências, capacitar a população para diversificar as atividades propostas e assim criar um produto mais completo para a comercialização turística. Porém, no nível discursivo, o que prevalece é a mistificação da ilha e das famílias. Tal como expressado por Rafael, o símbolo turístico em Amantaní é o elemento místico, aquilo que tem a ver com a ancestralidade e a sensorialidade, em especial da paisagem. O místico se refere aqui à paisagem insular. Assim, na prática, o objetivo é efetivamente desenvolver a qualidade de vida das famílias, mas, no discurso, as ONGs se inserem na mesma dinâmica de “exotização” da comunidade para a atividade turística. Elas buscam encaixar a ilha a partir de noções que a redefinam de acordo com termos propriamente exotizantes.

Qual será o impacto desta ordem discursiva sobre os turistas passando pela região? Será que a excursão proposta permite dar satisfação a essa vontade de experimentar o “autêntico”? Para analisar as impressões dos turistas depois da sua estadia na ilha, estabeleci um roteiro de perguntas⁴⁶ para interagir com uma dezena desses “turistas culturais” tendo participado da visita da ilha junto com grupos de agências de turismo. Apresento a seguir a síntese das respostas trazidas.

A maioria resolveu visitar a ilha de Amantaní depois de ler o resumo em seu guia de viagem no qual, como vimos anteriormente, a ilha é sempre mais destacada e aconselhada para passar uma noite no lago Titicaca. Alguns ficaram sabendo da existência da ilha depois de se informar nas agências de turismo da cidade de Puno e todos estavam realizando a sua primeira viagem ao país e à região de Puno. Procediam, de acordo com os fluxos turísticos

⁴⁶ Ver roteiro de perguntas no anexo 2, página 177.

transitando na região de Puno, da cidade de Arequipa se dirigindo para Cuzco ou ao contrário, de Cuzco para Arequipa. Suas imagens prévias da realidade do país, ou seja antes de chegar, se articulavam ao redor da natureza e das paisagens espetaculares combinadas com o atrativo do patrimônio cultural resultante da civilização inca e dos povos indígenas morando na região. Entre as visitas turísticas realizadas em geral se destaca a contraposição existente entre a parte turística apresentada e qualificada em grande medida de “artificial” e a realidade camponesa demonstrando uma grande pobreza.

Todos caracterizaram a sua estadia em Amantaní como uma experiência de turismo cultural, podendo dar uma definição rápida e insistindo sobre o aspecto da interação com a população nativa. Parecia óbvio que a experiência turística em Amantaní influenciava as suas respostas: “Turismo en el que más se mezcla con la población autóctona para compartir la cultura y conocer hábitos y costumbres locales”, “Podría ser un turismo enfocado al adentramiento en culturas particulares para observar prácticas, modos de vida, la cotidianidad y demás rasgos representativos de una comunidad”, “Compartir la vida cotidiana de los nativos”⁴⁷. Notamos que essas definições correspondem com lugares comuns que emergem também no discurso antropológico.

Apesar de ser diferenciada como bem menos turística do que outros lugares já visitados, as impressões resultantes da experiência turística em Amantaní mostravam que o elemento marcante majoritariamente era a humildade das famílias, a sua generosidade, o seu modo de vida tradicional e, sobretudo a pobreza aparente das condições de vida quotidiana. Assim, em contraposição a esta visão, a qualidade dos quartos disponibilizados pelas famílias deixou uma impressão de modernidade que pareceu agradar.

Em conclusão, a excursão na ilha é majoritariamente qualificada de “autêntica”. À pergunta: “Com qual palavra você qualifica esta experiência turística em Amantaní?”, as respostas foram no sentido de dar uma definição à noção do “autêntico”. A experiência parecia como “diferente”, “única”, “rica culturalmente”, “enriquecedora”, “humilde”, “primitiva” e “genuína”⁴⁸. Pode-se dizer que ela era percebida como outra viagem dentro da viagem realizada no Peru, o que se junta à definição levantada por Gascón (2005, pp. 20-21) com respeito à caracterização da excursão. Ela ressalta, no discurso dos turistas, como “um intervalo para descansar da efervescência de Cuzco e Machu Picchu” proporcionando assim um contato mais natural ou tradicional entre o turista e a população indígena local. Neste

⁴⁷ Respostas dos questionários de dez turistas: uma finlandesa, três francesas, uma inglesa, duas americanas, dois espanhóis e uma colombiana.

⁴⁸ Ver nota de rodapé anterior.

sentido, concluiu-se a partir do discurso dos turistas que o efeito de autenticidade produzido pelo discurso turístico publicitário pré-experiência possibilitava o sucesso da experiência de turismo em Amantaní com a satisfação global dos turistas.

Diante dessas interações entre o Estado por meio do MINCETUR, das agências de turismo, das ONGs e dos turistas para assegurar a comercialização de um novo produto turístico distinguido pela sua “autenticidade” no discurso, nos perguntaremos em que dimensão a atuação das famílias da ilha integra essa ordem discursiva existente fora da ilha? Como esta narrativa ao redor da “autenticidade” será entendida e aplicada **desde** a comunidade camponesa nativa da ilha?

Com este tipo de turismo, será que a relação entre o turista e as famílias era tão diferente do que nos outros lugares turísticos do país? A pobreza seria um fator determinante para que um lugar pareça mais “autêntico” do que outros, como no caso da humilde casa dos amantaninhos? Como esta presença estranha dentro de casa irá impactar as famílias insulares? Será que, sem perceber, as famílias não estariam se tornando atores de uma imagem reduzida e depreciativa de si mesmas, por meio da recepção constante de turistas, que observam seu “modo de viver” mais íntimo dentro de suas casas? Este tipo de atividade não estaria transformando as famílias em estereótipos culturais?

As impressões emprestadas para a descrição da experiência da “descoberta de Amantaní” pelos turistas mostram que a “descoberta” se revela uma farsa. Entretanto, essa farsa somente pode ser desempenhada porque os participantes, mesmo oriundos de países, lugares e culturas distintas, formam uma única “comunidade turística”, na qual todos compartilham implicitamente as regras que tornam essa farsa possível. Neste sentido, a atividade turística fabrica uma sociabilidade entre estranhos a partir de um sentido compartilhado de troca comercial, em que o dinheiro, porém velado, quando aparece desmascara a farsa.

Eu sentia, ao ver a ilha se afastar da lancha, depois de minha primeira visita àquele local, a minha frustração de não ter podido sair da cena turística orquestrada pelas agências. Não conseguia tirar da minha cabeça essa vontade de querer passar para o outro lado da fachada para entender o turismo na ilha desde o ponto de vista das famílias. Não esquecia essa vontade primária ressentida na cozinha da família da Epifania quando, ao brilho das velas, tinha eu de repente sentido esse desejo de deixar a minha mesa e os meus colegas turistas para continuar jantando neste recanto da cozinha, bem pertinho do fogão, imaginando esse deslocamento espacial entre o meu lugar, como pessoa *de fora*, para o espaço *de dentro*,

fazendo alusão à passagem imaginária entre a cena turística e seus bastidores íntimos na ilha de Amantaní.

CAPÍTULO II – OS BASTIDORES ÍNTIMOS: OS TURISTAS E AS FAMÍLIAS DE AMANTANÍ

Sábado, 10 de julho de 2010. Era a segunda vez que eu embarcava em uma lancha no porto de Puno com destino à ilha de Amantaní. Um ano depois da minha experiência turística de descoberta da região e da ilha, o objetivo era agora efetuar a minha pesquisa de campo. Naturalmente, dessa vez, eu não contrataria nenhum pacote turístico com uma agência de viagem e turismo da cidade. O meu objetivo era chegar à ilha fora das infraestruturas turísticas. Queria pegar uma lancha da comunidade para viajar com os próprios amantaninhos que vêm a Puno para comprar ou vender produtos. Porém, não tive essa possibilidade. Nenhum estrangeiro é autorizado a viajar nessas lanchas⁴⁹. As únicas lanchas que me permitiam, como estrangeiro, acessar a ilha eram as lanchas das agências ou as *lanchas colectivas* que saem uma vez por dia, por volta das 8h00 da manhã, e que, comparado com as outras, transportam turistas que se distinguem por seu estatuto de “turistas livres” (RAYMOND, 2001, p. 128-129) que viajam sem pacote das agências locais.

Descobri desde o primeiro momento que a minha posição de “gringo” não me permitira sair do âmbito turístico facilmente, sobretudo com um tempo reduzido para a realização da pesquisa de campo. Além disso, estava consciente do fato de que realizar uma pesquisa sobre o turismo na ilha, atividade que gera numerosos tipos de conflitos e concorrência entre as famílias e os agentes privados ou entre as mesmas famílias, não facilitaria a minha intrusão como estrangeiro, embora meu estatuto de pesquisador. Assim, percebi que deveria aproveitar da minha situação de estrangeiro em relação à população residente, privilegiando o aspecto da “experiência humana” que representa o trabalho de campo. Entendo “experiência humana” de acordo com a definição de Berreman (1975), na qual ela *constitui o trabalho de campo e traz implicações dentro da tarefa científica que é a etnografia* (BERREMAN, 1975, p. 124). Eu sabia que não poderia ser curioso demais e que deveria controlar as impressões decorrentes da minha presença na ilha e dos tipos de contatos estabelecidos, incluindo as pessoas com as quais estabeleceria contatos. A memória insular tem sido fortemente impactada pela presença estrangeira e, apesar da extrema bondade das famílias, estava consciente de que elas não me receberiam com absoluta confiança, sobretudo

⁴⁹ Neste aspecto, é importante notar que essa discriminação dos preços para turistas e para nativos no Peru é comum, e em particular no caso dos transportes. As passagens nacionais de trem e de avião possuem valores diferentes para viajantes peruanos ou não peruanos. A empresa aérea LAN Peru propõe passagens baratas vendidas pela internet. Porém, se o cliente estrangeiro não estiver atento ao comprar, terá que pagar uma multa de cerca de 200 US\$ por ter comprado uma passagem reservada a peruano. Da mesma forma, o trem que sai de Cuzco para Aguas Calientes (Machu Picchu) cujo proprietário é a companhia *PeruRail*, propõe várias classes de viagem. O estrangeiro não pode viajar na classe mais barata reservada aos cidadãos peruanos.

por eu pesquisar no campo do turismo. Neste sentido, compreendi desde a minha chegada que a minha etnografia deveria decorrer mais da minha sensibilidade de observação.

De acordo com a minha pré-pesquisa de campo na cena turística e o meu conhecimento prévio como turista na área a ser observada, cabe definir o contexto teórico dentro do qual se inscreve a observação realizada e a classificação estabelecida no contexto da etnografia realizada.

Cabe lembrar, inicialmente, a situação que me convenceu escolher a ilha de Amantaní como lugar para estabelecer a minha pesquisa. Tal como tentei mostrar mediante descrição do cenário de interação entre os turistas e as famílias no capítulo I, ressalta-se que o meu desejo de analisar a situação turística neste âmbito levava a lidar com duas situações de interação social diferentes: a do turista com as famílias e a do etnógrafo com as mesmas famílias, ainda que estas duas categorias se mostrassem fundidas para os habitantes locais. A experiência humana vivida nas duas situações me permitiria analisar a situação social gerada pelo encontro entre os dois atores nesta cena turística e seu significado para a população nativa por meio do discurso nativo e da observação participante. Neste sentido, a minha observação participante como pesquisador e como estrangeiro ou estranho na ilha permitiu-me transitar entre as duas situações enunciadas. Encontrei-me, durante a pesquisa, consciente de atuar em vários papéis os quais propiciaram que eu pudesse observar situações variadas. Senti, sobretudo, ter sido recebido: como turista misturado e acolhido junto com outros turistas nas famílias, como pesquisador fazendo um trabalho sobre o turismo na ilha, como membro de uma ONG para desenvolver projetos e ajudar as famílias a se capacitar para melhorar a atividade turística e, enfim, em todas as situações como simples ajudante o qual, vindo de fora, pudesse ser o porta-voz do discurso nativo e fazer a promoção da ilha e incentivar o turismo livre na ilha sem a contratação das agências exploradoras de Puno.

Cabe lembrar também a situação vivenciada na casa da Epifania quando, no jantar ao brilho das velas, nasceu em mim esse desejo sem precedentes de querer deixar a “mesa turística” para passar àquele recanto, o qual me parecia ser então “a verdadeira matriz de interação”. Neste contexto, esse espaço duplo dentro da cozinha parecia tomar, para mim, um sentido metafórico no qual percebia, então, a clara possibilidade de enxergar o turismo na ilha a partir da abordagem teórica de Erving Goffman. A imagem do jantar com a criação do duplo espaço e do cruzamento de olhares tinham, para mim, um significado metafórico da transformação em atividade etnográfica a atividade turística no espaço íntimo das famílias: de

observador externo eu passava a *observador observado* (STOCKING, 1983, p. 9) ⁵⁰. Assim, marcava-se o início da “dialogia” e do encontro etnográfico.

Neste sentido, parecia existir certa “moldura” para poder analisar a situação social criada a partir deste encontro. Assim, o sentido metafórico fundava-se na existência deste espaço duplo de *frente e bastidores* definidos por Goffman (1973), em que a implicação do controle das impressões desempenhava um papel importante para o sucesso do turismo na ilha, sempre visando manter a impressão de “autenticidade”, elemento principal ou ilusão criada para o turista. O controle e a interpretação das impressões no contexto estudado são, nas palavras de Berreman, “cruciais” para poder entender o que se esconde por trás da própria interação do ponto de vista nativo. De acordo com ele, “as impressões decorrem de um complexo de observações e inferências, construídas a partir do que os indivíduos fazem, assim como do que dizem, tanto em público, isto é, *quando sabem que estão sendo observados, quanto privadamente, isto é, quando pensam que não estão sendo observados.*” (BERREMAN, 1975, p. 125).

No cenário turístico da ilha de Amantaní, o interesse formulado pelo turista em observar e participar da “verdadeira vida” da população camponesa como sinônimo de “vida autêntica” ilustra a fascinação exercida sobre os turistas da “verdadeira vida”. De acordo com Goffman, esse tipo de fascinação marcaria o estabelecimento das interações na sociedade moderna mediante “representações culturais da realidade”, cujos atores são impactados em sua vida cotidiana para assegurar uma impressão de autenticidade: “Não é mais suficiente *ser* simplesmente um homem para ser percebido como tal. Agora, mostra-se comumente necessário *representar* a realidade e a verdade.” (MACCANNELL, 1976, p. 92) ⁵¹.

No decorrer este segundo capítulo, as situações observadas em cada família tendem a ser, continuamente, consideradas em relação à noção de “autenticidade” percebida como o elemento estruturador da situação social construída no contexto da interação turística. Inicialmente, para definir o pano de fundo desta situação, torna-se necessário referir-se à conceitualização teórica de Goffman com respeito à existência de dois espaços diferentes num contexto de interação social, gerando a possibilidade de analisar essa situação de acordo com uma “moldura”. Ela é qualificada, nas palavras de MacCannell, como uma “divisão estrutural dos estabelecimentos sociais” (MACCANNELL, 1976, p. 92).

⁵⁰ STOCKING, George W. *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1983.

⁵¹ “It is no longer sufficient simply to *be* a man in order to be perceived as one. Now it is often necessary to *act out* reality and truth.” (MACCANNELL, 1976, p. 92), tradução minha.

De acordo com Goffman, a zona de frente ou *région antérieure* corresponde ao lugar onde se desenvolve uma representação em que “o aparelhamento simbólico colocado neste lugar foi definido como aquela parte da fachada que se chama o *cenário*” (GOFFMAN, 1973, p. 106)⁵². Nesta zona de frente, cabe considerar as duas categorias de normas estabelecidas pelo autor com respeito à maneira pela qual o “ator” trata seu público durante uma conversa ou qualquer situação de diálogo e pela qual o mesmo “ator” se comporta enquanto se encontra diante do seu público (GOFFMAN, 1973, p. 106).

Os “bastidores”, zona traseira ou *région postérieure*, é a zona na qual seria possível observar “os fatos dissimulados” e usados para a preparação do cenário da zona de frente. Seria, entre outros, o lugar onde “se fabricam abertamente as ilusões e impressões” (GOFFMAN, 1973, p. 110)⁵³.

Entendemos, a partir deste modelo simplificado da teoria de Goffman, a qual interpretamos como “moldura social”, a relação existente entre público e privado no contexto da relação turística das famílias e dos turistas. À primeira vista, poderíamos enxergar o contexto de interação entre esses dois atores por meio desta divisão dicotômica básica. Essa divisão é imprescindível, na medida em que possibilita definir os limites da realidade e proporcionar uma impressão de autenticidade, tendo por objetivo o sucesso do turismo na região. Porém, como analisar esta situação, quando se espera que não exista uma relação dicotômica no turismo proposto pelo TRC, que remete à característica do vivencial, do “autêntico”, e propõe justamente mostrar esses bastidores da vida tradicional camponesa? Será que é possível perceber a existência de bastidores dentro dos bastidores? Sobre quais critérios a situação criada poderia ser qualificada de “original”?

Por definição, o turista sempre quer ir “além do que é normalmente mostrado nos lugares que visita. E não se satisfaz com um conhecimento de fachada, superficial, também quer penetrar nos bastidores dos lugares por onde anda.” (ARAÚJO, 2003, p. 59). Esse desejo se expressa, para MacCannell, como um sentimento que consiste em querer “sair dos caminhos trilhados” e ficar “com os nativos” (MACCANNELL, 1976, p. 97). A busca feita em direção ao autêntico estabelece-se por meio da crença de que “em algum lugar, não apenas aqui, não exatamente agora, talvez ali adiante em algum lugar, em algum país, através de outro estilo de vida, em outra classe social, exista a sociedade genuína” (ARAÚJO, 2003, p. 60). Pode-se interpretar esse desejo de proximidade com o nativo e de participação à sua vida

⁵² “l’appareillage symbolique installé en ce lieu a déjà été défini comme cette partie de la façade que l’on appelle le *décor*” (GOFFMAN, 1973, p. 106), tradução minha.

⁵³ “on fabrique ouvertement les illusions et les impressions” (GOFFMAN, 1973, p. 110), tradução minha.

quotidiana assimilável a certo mimetismo ocasional ou de ocasião. O turista sente a necessidade de se confundir com outro grupo de pessoas. Porém, cabe insistir sobre o caráter ocasional ou de ocasião deste mimetismo: pode ser o tempo da excursão, ou um momento delimitado dentro da própria excursão, pois esta necessidade do “autêntico” tem os seus limites, particularmente com respeito ao conforto que pode fazer falta.

Em Amantaní, o desejo do turista em viver a vida quotidiana das famílias e observar a vida como realmente é vivida no lugar, realiza-se por meio de sua presença direta dentro do espaço mais íntimo: a casa. É dentro deste espaço íntimo que o turista, segundo ele, tende a se aproximar ao máximo de um modo de vida “autêntico” que se apresentaria aos seus olhos de forma espontânea e natural, posto que ele se situasse então dentro dos bastidores da vida quotidiana familiar.

Neste contexto, supõe-se que este espaço íntimo da família torna-se então um espaço social que está sendo transformado e reorganizado para o desenvolvimento da atividade turística. Do ponto de vista do turista, a complementaridade entre a realidade, a intimidade e a participação na vida quotidiana asseguraria a expressão do autêntico, permitindo o sucesso do intercâmbio turístico realizado neste ato. No caso da cozinha da Epifania, por exemplo, o turista tem a impressão de que se encontra nos bastidores, onde a divisão entre zona de frente e zona traseira não aparece mais, confundindo-se numa única situação caracterizada de “autêntica”.

Refletindo um pouco sobre a situação proposta, o interesse da excursão à ilha de Amantaní pareceria ser uma oportunidade única e quase incrível. O turista que está viajando pelo Peru, o qual pode já ter conhecido diversas regiões do país, ainda não teve um contato íntimo com as populações indígenas das zonas rurais, apesar de ter tido diversos contatos visuais com estas pessoas. Chegando a Puno, propõe-se que ele vivencie uma experiência de vida em conjunto com uma família de uma comunidade. De certa forma, a experiência sonhada aparece de repente como facilmente realizável. Basta pagar um roteiro para satisfazer o desejo mais profundo do turista: penetrar nos bastidores do universo turístico peruano; falar, comer e viver com indígenas, os quais, até agora, só eram visíveis nas ruas das cidades, dentro do espaço público. Agora, seria possível conviver com eles dentro do espaço privado de suas moradias. Passar-se-ia assim do público ao privado, de frente para os bastidores da vida tradicional camponesa.

Porém, a etnografia realizada na casa de várias famílias da ilha permitia desvendar a complexidade dessa questão, tendo em vista que “nos lugares onde os turistas são reunidos, as questões são ainda mais complexas.” (MACCANNELL, 1976, p. 96). Amantaní permite

refletir sobre outra passagem do público ao privado no sentido em que o espaço privado não é mais um espaço privado, senão um espaço de serviço ao estrangeiro.

É preciso considerar, no caso de Amantaní, a abertura das casas das famílias aos turistas como o uso de um novo tipo de espaço social destinado aos *de fora*. Neste espaço, eles teriam a possibilidade absoluta de observar, compartilhar e experimentar detalhes, os quais fazem parte normalmente de uma intimidade particular fechada à observação de terceiras pessoas. De acordo com a divisão estrutural de Goffman, este espaço formaria uma “zona traseira” ou “bastidor”. Porém, este espaço se diferencia na medida em que é adaptado para acolher um terceiro e se transforma, assim, em certo “museu vivo” (MACCANNELL, 1976, p. 99). Neste sentido, não seria apenas possível considerar a oposição entre dois polos singularmente opostos, zona de frente e bastidor, mas considerar todas as realidades produzidas no contexto turístico, situadas entre esses dois polos. Assim, os espaços turísticos poderiam se diferenciar com respeito à ideia de “autenticidade encenada” e se transformar em vários “cenários” turísticos. A “encenação” ou *mise-en-scène* da realidade consistiria, em Amantaní, em expor como é o modo de vida rural camponês e, para expressá-lo de maneira teatral, abrir a cortina vermelha de um cenário preparado para desvendar a cultura camponesa local, cujos atores, as famílias, movimentar-se-iam diante da presença do turista. Assim, a impressão de entrar num bastidor “autêntico” poderia ser, na verdade, forjada a partir da entrada pela zona de frente, que teria sido previamente preparada para a chegada do turista (MACCANNELL, 1976, p. 101).

A assimilação do espaço de interação turístico como sendo um espaço de encenação ou “cenários”, é relevante, posto que nesta noção de encenação “são criadas as condições materiais que permitem responder à demanda dos turistas por autenticidade” (ARAÚJO, 2003, p. 60). Neste espaço vige uma organização social na qual os atores da interação, os *de dentro* e os *de fora*, participam de maneira escalonada ao longo de certo contínuo que viabiliza a sustentação das atividades turísticas em diversas apresentações da realidade. Além disso, possibilita a criação das definições de realidade que viabilizam o acesso ao outro (ARAÚJO, 2003, p. 60). Assim, o movimento dos turistas entre zonas de frente, preparadas para parecerem zonas traseiras, e zonas traseiras organizadas para receberem os turistas, às quais lhes é permitida a entrada, cria a sensação de experimentação, de percepção e de introspecção sobre a realidade observada.

O conceito do contínuo, nas palavras de MacCannell, forma a estrutura do espaço turístico. Este conceito diz respeito à existência de diversas realidades criadas no cenário turístico, que coexistem de maneira progressiva entre os dois polos ideais – *front* e *back*

regions, definidos por Goffman. O contínuo é, segundo o autor, formado por quatro etapas intermediárias, as quais se estabelecem sempre em função de um determinado grau de “autenticidade”, apresentado em certo espaço social turístico. Essas etapas intermediárias também podem ser interpretadas como diferentes possibilidades de interação dos atores *de dentro* com os turistas *de fora*, num dado cenário turístico, cujo espaço social criado representa o *palco* da interação. Podemos conceber este grau de autenticidade segundo o nível de proximidade ou de afastamento que se estabelece entre os espectadores e o *palco de um teatro*, que testemunha a complexidade da construção dos cenários turísticos como espaços sociais. Assim, segundo MacCannell (1976, p. 101), *o espaço adaptado “a priori” para receber os turistas se transforma em um cenário em que a existência das duas zonas de “front e back regions” resulta serem dois polos ideais da experiência turística.*

Enumeramos, a seguir, essas quatro etapas intermediárias, formuladas por MacCannell, que se situam entre os dois polos ideais concebidos por Goffman:

- A primeira etapa é a zona de frente tal como Goffman a definiu. Ela corresponde ao tipo de espaço social a que os turistas querem acessar (MACCANNELL, 1976, p. 101). O interesse turístico motivado pela busca da “autenticidade” é observar aquilo que existe por trás deste espaço considerado “artificial”.
- A segunda etapa é uma zona de frente turística absoluta. Esta etapa se diferencia da primeira, pois foi cosmeticamente enfeitada com elementos que lembram a atividade da zona traseira, a fim de criar um “ambiente” autêntico (*idem, ibidem*).
- A terceira etapa é “uma zona de frente totalmente organizada para parecer uma zona traseira” (*idem, ibidem*). Esta etapa consiste numa simulação da realidade, a qual, dependendo da qualidade da prestação, pode se confundir com a quarta etapa.
- Na quarta etapa, passamos da zona de frente para a zona traseira. Esta etapa é uma zona traseira aberta aos *de fora* (*idem, ibidem*). Ela é caracterizada pela sua abertura para aquilo que normalmente fica escondido. Revelam-se nela elementos da realidade colocados em exibição.
- A quinta etapa é uma zona traseira que pode ter sido rearranjada ou alterada para a ocasional presença do turista (*idem, ibidem*).

- A sexta etapa é a zona traseira definida por Goffman, a qual corresponde ao tipo de espaço social que motiva a consciência turística (*idem, ibidem*).

Os dados etnográficos apresentados neste capítulo pretendem definir a situação social criada no cenário turístico de Amantaní, por meio da percepção metafórica do espaço turístico descrita acima. Dessa forma, consideraremos a ilha como um campo social em que se presencia uma multiplicidade de situações estabelecidas entre zona de frente e zona traseira. Veremos assim em que medida é possível falar da existência de bastidores dentro dos bastidores e projetar a situação do turismo insular no espaço da cozinha de Epifania, descrita inicialmente. Entendemos por “bastidores íntimos”, no caso da presente etnografia, os lugares frequentados pelos turistas, o espaço recentemente aberto para eles: a casa das famílias de Amantaní.

No âmbito da intimidade de cada família, observaremos os contextos de entrada numa zona traseira. Neste caso, as duas dimensões, espacial e temporal, são consideradas para estabelecer esta estrutura dos cenários turísticos nas famílias da ilha. A zona traseira definida como zona espacial existe diante dos olhos do pesquisador também numa dimensão temporal dentro da qual um mesmo lugar pode ser ou não zona traseira. Observaremos como o espaço íntimo de cada família é transformado num espaço social adaptado, modificado e reorganizado entre concepções previamente estruturadas pela ordem discursiva da autenticidade de tradição e modernidade, de acordo com as necessidades para a realização da atividade turística. Esta transformação observada nos “bastidores íntimos” das famílias pode ser resumida ao redor das seguintes perguntas: Para onde vai a casa? Que tipos de espaços públicos e privados estão sendo criados?

Esta transformação das casas ocorre numa dinâmica geral de transformação da paisagem insular por meio do turismo e da reconfiguração da ilha a partir desta atividade. Neste contexto, foi escolhido dividir o capítulo em função da geografia da ilha, seguindo a lógica de diferenciação da atividade turística que nela ocorre. A este respeito, observa-se que a face ocidental e a face oriental da ilha se inserem em dinâmicas distintas em termos de desenvolvimento turístico, conforme poderá ser constatado nas descrições apresentadas nos subtítulos a seguir.

1. A segunda viagem à ilha de Amantaní: “entre frente e bastidores” do mundo turístico insular

Assim que saí do táxi na entrada do porto de Puno, já fui abordado por um homem que vendia as passagens para a ilha. Paguei os 15 NS, preço da passagem de ida para a ilha de Amantaní. Os outros passageiros pagaram o dobro, pois todos fariam ida e volta sem permanecer mais de uma noite na ilha. Foi preciso explicar a várias pessoas da empresa lacustre que eu não pagaria a passagem de volta, posto ficaria mais de uma semana sem voltar para Puno: “Me voy a quedar allá pues, soy estudiante y voy a hacer un trabajo de campo en Amantaní. En la vuelta nomás pago el pasaje de vuelta”. Normalmente, não é usual alguém ficar mais de dois dias na ilha, por isso tive que justificar a minha situação de pesquisador para não ser percebido como puro turista e ter que pagar os mesmos preços que os outros “gringos” que me rodeavam e dos quais sempre tentava me dissociar.

Às 7h30, embarcava numa *lancha colectiva* pertencendo à *Empresa de Transporte Lacustre de Amantaní* cuja saída estava prevista para 8h20 da manhã. Subindo à lancha, o capitão se apresentou para mim. Ainda não tinha ninguém na lancha e aproveitei para estabelecer o contato com o primeiro nativo da ilha que encontrava desde a minha chegada em Puno. Nicolás era o dono da lancha “Água Marina” na qual eu viajaria. Apresentei-me para ele, dizendo logo que eu ficaria mais de uma semana em Amantaní. A sua resposta foi instantânea:

–*En mi casa te vas a quedar.* (Nicolás, porto de Puno, 10/07/10)

Tive que explicar para ele que meu objetivo era conhecer várias famílias e que já tinha um contato na ilha, na casa do qual iria ficar na minha chegada⁵⁴, e mencionei o nome da família: “Me voy a quedar en la casa de Olga y Alfredo Cari en Pueblo”. O dono da lancha ficou, então, convencido de que realmente tinha contatos. Ele não insistiu mais e convidou-me a passar na casa da sua família depois, para hospedar-me durante a minha estadia na ilha, convite que muitas outras famílias da ilha iriam me fazer no decorrer da minha estadia na ilha.

Anunciado o atraso da saída, devido ao controle das autoridades portuárias punenhas, aproveitei para comprar algumas provisões numa dessas numerosas barraquinhas que ficam próximas ao porto e nas quais são vendidos, como mencionamos no capítulo I, biscoitos,

⁵⁴ O meu encontro com Susana Orellana em Lima, em 05/07/10, ajudou-me a obter contatos de algumas famílias com as quais poderia ficar. Susana, estudante de Antropologia na Pontifícia Universidad Católica de Lima, colega de graduação da minha amiga limenha, Maria Fe, fizera sua pesquisa de campo em Amantaní, alguns meses antes, sobre o tema do uso da água na ilha, e sugeriu-me estabelecer contato com certas famílias da ilha que seriam uma boa fonte de informação para mim.

bebidas, laticínios e alimentos em geral que os turistas costumam comprar para presentear as famílias das ilhas. Os guias das agências incentivam a compra de alguns alimentos para levar de presente. Isso me foi confirmado pela senhora da barraca, que me perguntou ao vender-me as provisões:

– *Para las familias de las islas, es, ¿no cierto?* (Vendedora, porto de Puno, 10/07/10)

No meu caso, como eu ficaria mais tempo, queria comprar coisas que talvez não encontraria na ilha ou, caso encontrasse, seria a um preço bem maior do que em Puno. Para as famílias, eu havia trazido algumas coisas do Brasil para dar, em agradecimento, pois eu não compartilhava a ideia de presentear alimentos desta maneira. Desde a minha primeira estadia na região, não conseguia deixar de fazer a analogia entre este comportamento e o dos visitantes de algum zoológico, comprando amendoins na entrada para dar de comer aos animais. Neste aspecto, cabe mencionar a pesquisa de Urbanowicz (1989) sobre a transformação das populações nativas em zoológico cultural.

A lancha saiu finalmente às 9h00. O número de passageiros ultrapassava a carga máxima autorizada na lancha, e as autoridades do porto obrigaram Nicolás a disponibilizar outra lancha para compartilhar a carga. Assim, eu passei para a segunda lancha, na qual permaneceria durante 3h30 até Amantaní. A bordo, encontravam-se comigo onze turistas (sete franceses acompanhados de um jovem de Puno, dois canadenses e dois asiáticos) e dois missionários “Elderes” mórmons com quem, sem o saber, eu conviveria alguns dias na ilha. O meu objetivo era conversar com o grupo de franceses para saber de que forma eles estavam viajando e onde eles ficariam na ilha. Neste contexto, no qual pessoas de vários países do mundo se encontram, a possibilidade de esconder a sua nacionalidade pelo fato de ficar calado é muito fácil. Ainda mais num ambiente como o de uma lancha, no qual os turistas que viajam sozinhos podem fazer a escolha entre interagir com os outros ou ficar no seu canto e observar. Talvez da mesma forma que muita gente terá experimentado no metrô, e particularmente no metrô de Paris, os olhares falam e expressam o que você sente, mas, no caso de uma lancha no lago Titicaca, o único que os turistas não transmitem é a sua nacionalidade e língua. Por enquanto, eu me satisfazia ouvir a conversa deles.

Repentinamente, as pessoas começaram a se levantar e subir na parte superior da lancha para tirar fotos. A agitação aumentava à medida que a lancha se aproximava da área das ilhas Uros as quais, em certo momento, surgiram dos capins aquáticos chamados de *titora* na região. Todos estavam admirados diante da visão das ilhazinhas flutuantes feitas de *titora*. Outra lancha, muito menor, com umas senhoras camponesas, passou do lado, e alguém comentou:

– *Olha, eles devem estar indo fazer compras para a cidade.* (Turista, na lancha, 10/07/10)

Aproximávamo-nos das ilhas dos Uros, nas quais a lancha parou 30 minutos. Imaginei, então, que as ilhas flutuantes, no âmbito turístico, representam uma parada obrigatória para qualquer lancha que, passando pela zona, leva turistas. Pensando que iríamos direto para Amantaní e impressionado diante da fascinação exercida pela grandeza das ilhas flutuantes e das suas populações nativas sobre os meus colegas passageiros da lancha, resolvi não descer da lancha, como os dois missionários mórmons que já estavam adormecidos. Além disso, a descida implicava a compra do bilhete de entrada para a ilhazinha que eu já tinha visitado o ano anterior. Observava a cena de longe e percebi que era exatamente a mesma encenação que aquela do ano anterior, não faltava nada, a explicação histórica e geográfica com o painel, a *titora* e o seu gosto, o artesanato para comprar, o passeio de barco artesanal de *titora* e as canções internacionais cantadas pelas mulheres ditas “nativas” das ilhas. A nossa parada obrigatória ao “posto aduaneiro turístico” dos Uros terminada, a nossa lancha retomou seu trajeto com rumo a Amantaní.

Ainda tinha umas duas horas e meia de viagem e aproveitava para desenhar o perfil desses turistas, até então, “livres” que me acompanhavam a bordo da lancha. Laurent e Jean-Paul se encontraram em Lima com o resto do grupo de franceses, com os quais estavam viajando. Todos tinham comprado o pacote turístico por uma associação francesa que desenvolve um turismo de tipo sustentável e trabalham com turismo rural, agroturismo e desenvolvimento local. Com sede na cidade francesa de Bourgoin-Jallieu, situada perto de Lyon, a associação *Vision du Monde* propõe vários destinos turísticos internacionais visando desenvolver uma atividade turística incentivada pelas populações locais da zona de destino, vinculada com as atividades tradicionais da zona (agricultura, pesca, artesanato ou criação de gado), respeitosa das populações, da sua cultura e meio ambiente assegurando uma contribuição econômica máxima para elas⁵⁵. No Peru, Laurent me explica o “circuito” seguido:

– *A viagem começou em Lima e continuou passando por Ica, Nazca e Arequipa onde ficamos hospedados na casa de famílias bem humildes que moram na periferia da cidade e desenvolvem um projeto de desenvolvimento através do turismo sustentável com associações internacionais. Depois, nos fomos para o Valle de Colca e agora vamos para Amantaní antes de prosseguir para Cuzco e voltar a Lima.* (Laurent, na lancha indo para Amantaní, 10/07/10)

⁵⁵ Ver página do site *Vision du Monde*: <http://www.visiondumonde.org/presentation.php> (acessado em 09/11/10).

Em três semanas, este grupo terá visitado vários lugares turísticos acompanhando projetos locais de desenvolvimento sustentável levado por guias comunitários. Eles ainda não sabiam na casa de quem iriam ficar e pensavam procurar uma família ao chegar à ilha.

Meia hora antes de chegar à ilha meu estômago começava a reclamar da fome, e a agitação voltou a bordo da lancha. Assisti então a uma cena a qual, sem as minhas leituras prévias, talvez não tivesse me despertado a atenção. O dono da lancha pegou seu caderno e começou a registrar o nome dos passageiros pela segunda vez. Perguntava-me: “De novo? Por quê?” Ele estava formando pequenos grupos a serem repartidos nas casas das famílias hospedeiras, as quais ele avisara antes da chegada à ilha. Vendo que estava viajando sozinho, ele insistiu sem sucesso em me incluir num destes grupos.

Final da viagem. Todos desembarcaram. Lembrei-me do grupo de mulheres, com os seus véus pretos e as *polleras* coloridas, que nos acolheram na primeira vez neste mesmo lugar. Desta vez, o porto de Amantaní encontrava-se deserto. Porém, quando descia da lancha, fui abordado por um senhor que parecia ter esperado a chegada da *lancha colectiva*. De forma muito direta, ele fez o convite para hospedar-me em sua casa:

– *Hola amigo, ¿Solito está viajando? Conmigo nomás se va a quedar.* (Habitante da ilha de Amantaní, na chegada ao porto da ilha, 10/07/10)

Repeti-lhe aquilo que havia respondido para o dono da lancha, e empreendi a subida para chegar à comunidade mais próxima do porto: a comunidade de Pueblo.

Imaginei, então, que a possibilidade de chegar à ilha de maneira totalmente livre para poder escolher uma família na casa de quem ficar era quase impossível. Mesmo viajando sem ter comprado um pacote turístico das agências, os donos da *lancha colectiva* faziam a sua própria repartição dos turistas. Além disso, testemunhara, no porto, a realização do que poderia se chamar de “pesca aos turistas” por parte de alguns habitantes, ao chegar uma *lancha colectiva*. Pode-se constatar, desta forma, a persistência de certa tendência, observada e estudada por Gascón (2005) quinze anos antes, com respeito ao controle da atividade turística pelas famílias que pertencem ao segmento social dos donos de lancha da ilha. No começo da década de 1990, o número de agências de turismo de Puno ainda era mínimo e os poucos turistas que chegavam à ilha eram trazidos por eles, os quais os repartiam em grupos a serem hospedados nas suas próprias famílias e, portanto, beneficiando sempre as mesmas famílias. Este monopólio existia, como definido por Gascón, graças à situação geográfica insular que impõe um meio de transporte controlado pelo grupo social destes donos de lanchas: “el control por parte del grupo beneficiado de los medios que permiten la explotación del recurso: las lanchas que conectan a Amantaní con la ciudad de Puno.” (GASCÓN, 2005,

p. 89). Nesta etapa da pesquisa, eu não podia, ainda, confirmar a persistência deste monopólio. Porém, podia suspeitar que os donos de lancha continuassem beneficiando as suas famílias com a atividade turística agrupando e enviando os turistas para a casa dos seus familiares.

Ressalte-se nesta etapa inicial da viagem o meu confronto com os donos da lancha. De certa forma, ao insistir para não fazer parte da repartição que estavam efetuando e, desta maneira, escapar ao controle que eles estavam exercendo sobre os turistas, me destaquei do resto do grupo. Notei a surpresa do dono da lancha diante do meu conhecimento prévio da família na qual ficaria, pois não parecia ser uma situação habitual para ele. A situação resultante da repartição dos turistas era normalmente definida por eles e eu me opunha a esta situação. Considerando a figura do dono de lancha como definidora da situação então criada, pode-se interpretar a minha interferência dentro desta situação como uma “intrusão intempestiva” (GOFFMAN, 1973, p. 198). Identificava-me fora da situação que eles estavam criando posto que conhecesse elementos da sua representação no contexto da atividade turística pelos quais, normalmente, só eles têm conhecimento. Além disso, a minha “intrusão” podia constituir um perigo para o sucesso da repartição efetuada. Eu acabara de passar, pela primeira vez, da zona de frente para uma zona traseira dentro da situação social presenciada.

Estava sozinho, subindo o caminho de pedras para chegar à comunidade de Pueblo onde morava a família de Olga, na qual eu resolvera ficar. Cabe, para a nossa entrada em Amantaní fora da cena turística, distinguir a divisão administrativa da ilha para situar o meu trajeto e a localização das casas das famílias visitadas durante o tempo da pesquisa de campo. Essa organização da ilha aparece invisível aos olhos do turista. Ele chega num lugar dado da ilha que lhe aparece então sendo um “todo indistinto”, da mesma forma que a população da ilha lhe aparece sendo uma “massa indistinta”. Apresentaremos a seguir esta divisão administrativa insular.

Acessa-se à ilha por um dos seus três portos ou *muelles* situados nas comunidades de Pueblo, Sancayuni e Occosuyo. O turista desembarca assim diretamente em uma das dez *comunidades campesinas* que constituem o distrito de Amantaní junto com a ilha de Taquile sem ter um conhecimento claro da existência desta divisão administrativa insular que vai separá-lo dos outros numerosos grupos de turistas durante a estadia no local. Neste contexto, é interessante notar que a divisão administrativa do distrito de Amantaní, além de representar uma divisão administrativa, também desempenha um papel relevante para mapear a estrutura turística na ilha. Pode-se enxergar a ilha como uma zona traseira geral constituída de outras zonas traseiras diferenciadas representadas pelas diferentes comunidades que a dividem.

A organização administrativa da ilha constitui assim um “micromundo insular” dividido em dez comunidades camponesas ligadas por caminhos estreitos feitos de pedra ao redor da ilha e atravessando esta última do lado oeste para o lado leste. Os habitantes se mobilizam a pé nestes caminhos, pois não existe nenhum meio de locomoção a motor na ilha. Alguns desses caminhos como: os *caminos peatonales turísticos* foram construídos em dezembro de 2002, segundo pode ser visto nas placas indicativas afixadas ao longo do caminho, para facilitar o deslocamento dos turistas e o acesso às comunidades mais turísticas; o *camino turístico Patapampa a Pachamama*, em abril de 2008, para acessar as ruínas arqueológicas situadas no topo da ilha; e os outros caminhos como o *camino vecinal circunvalación*, principal caminho que rodeia a ilha e é usado principalmente pela população local, construído em dezembro de 2007.

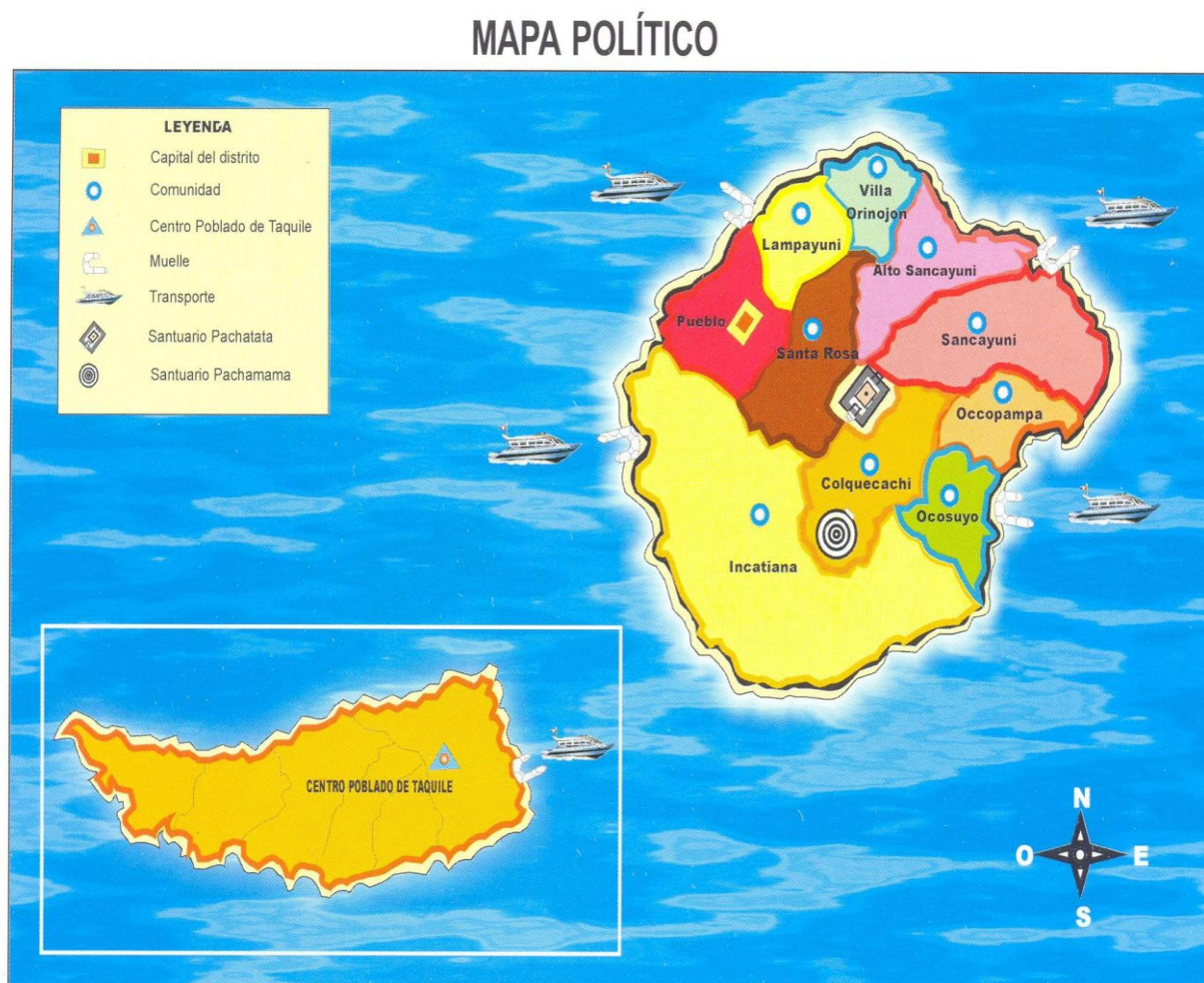
Antes dessas datas, os caminhos existiam sob forma de trilha desenhada na terra e nas pedras pela passagem diária dos habitantes. Muitos caminhos, situados particularmente nas comunidades menos turísticas ou em lugares mais acidentados, persistem dessa forma. Observa-se, por parte do governo local, uma grande preocupação para melhorar o acesso e deslocamento na ilha principalmente voltada para o desenvolvimento turístico. Apesar de ter facilitado o acesso à ilha para todo mundo, a construção dos *caminos peatonales turísticos*, em 2002, antecedeu a construção do principal caminho mais usado pela população, o *camino vecinal circular*, de cinco anos.

As comunidades camponesas de **Pueblo**, capital da ilha e do distrito de Amantaní, onde se situam o *município* (sede central do governo local) e a *Gobernación* (sede do governo, na qual o governador do distrito, juntamente com os governadores ou *tenientes gobernadores* de cada comunidade camponesa, ficam à disposição da população), **Santa Rosa**, **Lampayuni** e **Villa Orinojón** (situadas do lado noroeste da ilha), **Alto Sancayuni** e **Sancayuni campesina** (situadas do lado norte e nordeste da ilha), **Occopampa**, **Occosuyo** e **Colquecachi** (situadas do lado leste da ilha) e **Incatiana** (maior comunidade em superfície situada na região sul-sudoeste da ilha) formam a ilha de Amantaní.⁵⁶ O distrito de Amantaní⁵⁶ inclui também a ilha vizinha de Taquile conhecida, no nível político, como *Centro poblado de*

⁵⁶ O distrito de Amantaní foi criado no dia 9 de abril de 1965, mediante a *Resolución Suprema N° 15489*, na época do governo de Fernando Belaúnde Terry. Ele corresponde às ilhas de Amantaní e Taquile as quais, antes desta data, pertenciam ao distrito vizinho de Capachica.

*Taquile*⁵⁷. No nível da divisão administrativa nacional, o distrito de Amantaní se situa na província⁵⁸ e no departamento⁵⁹ de Puno.

FIGURA 7: Mapa da divisão administrativa do Distrito de Amantaní⁶⁰



⁵⁷ “Centro povoado de Taquile”. Apesar de Amantaní e Taquile fazerem parte do mesmo distrito em nível político, a atividade e a organização turística são distintas em Taquile, e representariam outro trabalho dedicado a esta ilha. Desta forma, Taquile será considerada, nesta pesquisa, como fora do nosso local de estudo.

⁵⁸ A província de Puno fica à beira do lago Titicaca com a cidade de San Carlos de Puno como capital de província e do departamento de mesmo nome. A província de Puno divide-se em 15 distritos e a sua população é de 229 236 habitantes.

⁵⁹ O Peru está organizado administrativamente em departamentos, os quais são subdivididos em províncias que se dividem em distritos. Desde 1980, existem 24 departamentos no Peru mais a *provincia constitucional del Callao* em Lima. O departamento de Puno foi criado no dia 26 de abril de 1822, logo depois da independência do país, e se divide em 13 províncias. Este departamento é o quinto departamento de superfície maior ao nível nacional com uma população de 1 268 441 habitantes e ocupa também o quinto lugar em nível populacional. O departamento de Puno limita com o departamento amazônico de Madre de Dios ao norte, o departamento de Tacna e o Estado Plurinacional de Bolívia ao sul e sudeste e os departamentos de Cuzco, Arequipa e Moquegua ao oeste. A cidade de Puno fica a 1 335 km da capital do país, Lima. Essas informações são disponíveis no site do governo peruano: <http://www.bcrp.gob.pe/docs/Sucursales/Puno/Puno-Characterizacion.pdf>

⁶⁰ O mapa está disponível em: YUCRA PACOMPIA, Marcelino. *Amantaní en el Titikaka*. Puno, Ed. Pedro Rojas López, 2008, p. 16.

Antes de penetrar na ilha, é também relevante ter um conhecimento histórico prévio da ilha. Antes de ser “redescoberta” pelo turismo em 1979, segundo o próprio incentivo da sua população e incluída progressivamente dentro do roteiro turístico da região, Amantaní, da mesma forma que o resto das ilhas peruanas do lago, com exceção de Taquile e das ilhas flutuantes de Los Uros, eram desconhecidas do turista nacional e internacional. Porém, é importante verificar qual foi a relação entre a população insular amantanenha com o estrangeiro e o exterior, antes da chegada do turismo. Neste sentido, ressaltamos o uso de referências bibliográficas existentes sobre esta ilha e as outras ilhas do lago Titicaca com os primeiros estudos efetuados na região.

Embora muito cedo as ilhas do lago Titicaca tenham sido estudadas pelos antropólogos, a exemplo dos estudos de Bandelier⁶¹, entre 1914 e 1916, o qual estudou as ilhas bolivianas de Koatí e Titicaca (atuais ilhas da Lua e do Sol), as ilhas peruanas do lago não têm sido objeto de uma pesquisa muito profunda, exceto pelos estudos de dois antropólogos em meados do século XX: Matos Mar e Ávalos de Matos (GASCÓN, 2005, p. 21). Publicados pelo IFEA (*Institut Français d’Etudes Andines*) e sob a direção de Vellard, encarregado pela série de pesquisa sobre o lago Titicaca e o altiplano boliviano (*Études sur le Lac Titicaca*), estes estudos realizados inicialmente na ilha de Taquile permitem coletar dados etnográficos e históricos sobre a ilha de Amantaní, destacando a sua singularidade em comparação com as outras ilhas da região e mostrando o tipo de relação servil que foi estabelecido entre insulares nativos e *encomenderos*, desde a chegada do conquistador Francisco Pizarro à região, em 1533⁶², e que foi vigente durante toda a época colonial e parte da época republicana até meados do século XX.

No estudo de Matos Mar intitulado *La propriété dans l’île Taquile*⁶³ (1951), destacam-se alguns dados históricos sobre a propriedade das terras na ilha de Amantaní, pois parte da história das duas ilhas vizinhas é similar. A questão da relação entre nativo e forasteiro na ilha estabelece-se, a princípio, como no resto da América Latina, durante a colônia, a partir da questão da terra. Assim, segundo Matos Mar, as duas ilhas pertenceram ao rei da Espanha Carlos Quinto, a partir de 1533, quando os primeiros conquistadores apareceram na região.

⁶¹ BANDELIER Adolfo F. *Las islas de Titicaca y Koatí*. Dos tomos. La Paz: Sociedad Geográfica de La Paz y Dirección General de Estadística y Estudio Geográfico. 1ª edición: 1910.

⁶² Em abril de 1532, Francisco Pizarro González acompanhado de aproximadamente 180 espanhóis desembarcou nas costas do norte do Peru na região da atual cidade de Tumbes. O conquistador aproveita o estado de guerra civil no império inca onde os dois irmãos Atahualpa e Huascar disputam a sucessão ao trono de imperador para conquistar o território. No dia 15 de novembro de 1533, Pizarro chega à cidade imperial de Cuzco, centro do Tawantinsuyu e conquista o resto do território situado no sul dos Andes peruanos e a região do lago Titicaca (FAVRE, 2003, p. 105).

⁶³ *A propriedade na ilha Taquile*, tradução minha.

Em 1646, Amantaní e Taquile, que pertenciam ao *encomendero* Don Pedro Gonzales de Taquila, foram vendidas a Don Pedro Pacheco de Chávez pelo rei Felipe V “em virtude das diligências feitas pelo Governo real em favor do tal *encomendero*” (MATOS MAR, 1951, p. 55). No âmbito desta venda foram levantados os planos geográficos das duas ilhas. Em maio de 1654, uma visita à ilha teria sido efetuada por um inspetor mandado pelo rei acompanhado de Gaspar de Loaysa, defensor dos indígenas, sob reclamação da população indígena insular para a restituição das suas terras que teriam sido compradas em parte ilegalmente pelo proprietário de então, Don Pedro Pacheco de Chávez. Em 1656, aparece a notícia de que a ilha teria pertencido a Don Andrés Aparicio. Em 1757, aparece nos títulos que a ilha teria sido comprada por Doña María Rosa de Bravo, mulher de Don Silvestre Cuentas, em benefício do rei. A partir de 1757, a ilha passa a pertencer à família Cuentas, cujos herdeiros sempre possuíram maior parte das suas terras, constituindo a maior *hacienda* da ilha (MATOS MAR, 1951, pp. 51-65).

Observa-se, no estudo, que a ilha, inicialmente possuída pelos indígenas antes da conquista, passou a ser propriedade integral de particulares antes de ser fracionada em várias propriedades diferentes. Para a população insular, as terras sempre têm sido suas, posto que lhes foram retiradas injustamente (MATOS MAR, 1951, p. 65).

Neste contexto, percebemos a conflituosa relação existente entre a população insular e os brancos, forasteiros da ilha, denominados pelo término de *mistis*, com respeito à questão da propriedade da terra. A partir do primeiro proprietário oficial, Don Pedro Gonzales de Taquila, até 1930 e meados do século XX, a ilha se manteve como *hacienda* possuída por diferentes famílias de forasteiros *mistis* da cidade de Puno que foram dividindo e herdando as terras da ilha, as quais, antes de começarem a ser readquiridas pelos insulares a partir de 1930, eram propriedade de dez *hacendados* diferentes (YUCRA PACOMPIA, 2008, p. 59). O processo de reaquisição das terras pelas próprias famílias nativas foi finalizado na década de 1950, com o final da época da *hacienda*. A independência total da ilha e das famílias camponesas intervirá em 1965 com a criação do Distrito de Amantaní, que foi vivenciado como uma verdadeira “independendização” da ilha com respeito aos *de fora*.

Este período histórico é ainda muito presente na memória coletiva insular estigmatizada por vários séculos de vida subordinada aos *mistis*. Entende-se assim qual foi o receio de muitas famílias e o medo em receber turistas na suas casas na época da abertura ao turismo, no começo da década de 1980. Hoje em dia, uma pessoa *de fora* desembarcando em Amantaní, quer seja estrangeira, forasteira ou estranha, será suspeita e dificilmente aceita pela comunidade se não for na posição de turista.

1.1. A chegada à primeira família

Pouco tempo depois da minha chegada, reconhecia facilmente a comunidade de Pueblo, mesma comunidade em que eu havia desembarcado o ano anterior. Procurava a praça principal da comunidade, a qual, de acordo com as indicações do meu contato em Lima, ficava ao lado da casa de Olga e Alfredo. Em meu caminho pela praça, eu encontrava alguns habitantes da comunidade, os quais cumprimentava instantaneamente. Tinha-me sido aconselhado cumprimentar cada pessoa encontrada nos caminhos da ilha, de forma a iniciar o trabalho de familiarização mútua com os habitantes desde a minha chegada: “Hola señor, hola señora”. Perguntava onde ficava a casa da família de Olga, e recebi então a resposta:

– *La Olga Cari, allá nomás, cerquita de la Plaza, bajando el camino al lado de la iglesia, hay una casa grande frente a una área abandonada.* (Habitante da ilha, Pueblo, 10/07/10)

Minutos depois, entrava na praça principal da comunidade a qual reconhecia facilmente com a presença deste *chaski* pintado na coluna dedicada ao inca Manco Cápac no meio da praça. Não havia absolutamente ninguém na praça neste horário e as lojas estavam fechadas, pois, como veremos, logo mais chegariam os turistas.

A casa de Olga e Alfredo ficava, na verdade, a dois passos da praça se distinguia de longe pela imponência da casa em construção, dentro da propriedade da família. Bati à porta de ferro vermelho, e uma senhora bastante jovem com um bebê amarrado às costas abriu-a: era o meu primeiro encontro com Olga. Um pouco surpresa por minha chegada não avisada, ela me disse que não tinha lugar para eu ficar em sua casa:

– *Recibimos tres turistas por la mañana. Pero está bien, aquí te puedes quedar. Mi madre tiene cuartos en su casa cerquita, más allá, abajo. Aquí vas a comer e ahí puedes dormir. 30 soles por día nomás te voy a cobrar.* (Olga, Pueblo, 10/07/10)

Sabendo que o preço convencional para um turista era de 30 soles e que precisaria pagar, no total, uma quinzena de noites na ilha, insisti para abaixar o preço ao valor de 20 soles. Olga aceitou sem dificuldades, propondo-me, neste caso, ficar mais de uma noite para garantir este preço.

Entrando na propriedade da família, a minha atenção foi despertada primeiramente pelo caráter muito recente da casa. Parecia-me que tudo acabara de ser construído, em estilo bastante moderno, com portas de madeira e janelas de tamanho muito maior, se comparado ao estilo tradicional. A imponência de uma casa sendo construída nos fundos do pátio parecia-me confirmar o fato de que a propriedade estava habilitada para receber um número importante

de turistas, e minha primeira impressão foi de ter chegado a uma pousada, e não a uma casa de família.

O almoço já estava sendo servido aos turistas recém chegados e também fui convidado a entrar na cozinha para almoçar. A cozinha era bastante espaçosa e tinha muita claridade, os raios do sol passavam pelas três grandes janelas da parede. Havia uma mesa em que podiam sentar-se seis pessoas, duas pias, com torneiras que davam a impressão de ainda não estarem em funcionamento, dada a grande quantidade de objetos, legumes e utensílios sobrepostos sobre elas, umas cadeiras de plástico para sentar ao redor da mesa e ao lado de uma parede: o lugar não tinha muito a ver com aquilo que eu imaginava encontrar depois da minha primeira experiência na ilha. Porém, senti certo reconforto quando observei nos fundos da cozinha, um recanto onde ficava um fogão a lenha tradicional feito de barro. Na cozinha, Olga continuava cozinhando ajudada pela sua mãe, comumente chamada de Mama Grande, e o seu marido Alfredo. As duas filhas do casal, Alisson e Pamela, estavam sentadas nas cadeiras de plástico e brincavam. Ao redor da mesa, três meninas bastante jovens, que haviam chegado um pouco mais cedo, na lancha de uma agência e, respeitando o roteiro padrão que lhes fora vendido, permaneceriam a tarde e a noite na ilha. Havia também duas americanas e uma inglesa que estudavam espanhol em Cuzco durante as férias e tinham contratado um *tour* para as ilhas do Titicaca, em Cuzco. Ao explicar-lhes o motivo da minha presença na ilha por mais de uma semana, elas entenderam muito bem o interesse da pesquisa, porém, para elas, o fato de ter que ficar vários dias na ilha lhes parecia resultar dificilmente concebível, de acordo com elas por causa da “comodidade tão precária” do lugar.

O almoço foi servido em pratos, copos e xícaras comuns de vidro: sopa de legumes, arroz com um ovo frito e batatas fritas, um chá de *muña* para terminar. As meninas comiam com dificuldade a comida feita por Olga, e deixaram boa quantidade no prato. Uma delas se sentia doente e também começava a se preocupar com o fato de não poder sair da ilha até o dia seguinte. Parecia-me reviver a experiência da primeira estadia, com o colega francês e o chileno, que também sentiram problemas de saúde depois da chegada. Ao final do almoço, Olga pegou uma bolsa de plástico na qual guardava quantidade de artesanatos para vender aos seus hóspedes. O ritual de interação com os turistas estava sendo respeitado por meio deste ato da venda do artesanato, e que as meninas não compraram. Olga não insistiu e arrumou a bolsa em seu lugar instantaneamente. As três meninas voltaram aos quartos para descansar antes do encontro ritual na praça, com o resto do seu grupo, para subirem a *Pachamama* e *Pachatata*. Enquanto comíamos, Olga e Alfredo almoçavam, também sentados com as filhinhas nas cadeiras de plástico ao lado da parede e comiam com os pratos em seus joelhos.

Alisson, a filha maior, de oito anos, comia sentada na mesa conosco. Ela me aparecia bastante acostumada com a presença dos turistas em sua casa, e a família não ficava longe de nós como tinha sido na família da Epifania.

A existência de um espaço dual ainda não aparecia aos meus olhos nesta cozinha da família bastante jovem: Alfredo e Olga, que tinham por volta de trinta anos, estavam ao nosso lado apesar de não comerem na mesma mesa, e nos deixavam conversar entre nós (as turistas interagiam em inglês comigo, fato que excluía a família da conversa). Porém, repentinamente eu notei, nos fundos da cozinha, uma cena que me parecia estranhamente familiar e que me mostrava que certo espaço dual ainda existia nesta cozinha moderna onde a tradição transparecia através da presença da Mama Grande, a mãe da Olga. O pai da Olga, Alfredo V. Cari Mamani estava preparando a campanha eleitoral de outubro para se reapresentar como *alcalde* da ilha. Tendo trabalhado como dono de lancha toda a sua vida, tinha-se ilustrado na vida política da ilha sendo eleito governador em 1991/1992 e *alcalde* de 2003 a 2006. Na minha chegada, encontrava-se em Puno e de fato, conquanto estivesse sozinha, a Mama Grande ficava com a sua filha. Enquanto almoçávamos, ela nos acompanhava sentada no recanto dos fundos da cozinha, ao lado do fogão a lenha. A perpetuação da tradição parecia se manter no comportamento da mama Grande, que não se aproximava dos turistas e ficava no espaço mais íntimo desta cozinha moderna, o recanto do fogão a lenha.

Encontrava-me, em certo momento, como único estrangeiro dentro da cozinha e Alfredo empreendeu a conversa:

– *¿O sea que eres estudiante? ¿Y sobre qué estás haciendo tu investigación?* (Alfredo, Pueblo, 10/07/10)

Contei de maneira condensada que o meu trabalho consistia em observar as mudanças culturais operadas pelo fenômeno turístico na ilha e identificar o impacto do turismo sobre a identidade cultural das famílias da ilha. Abordando o tema do turismo, ele me explicou o que eu observaria muito rapidamente em toda a ilha e o que ouviria de forma repetida no discurso dos habitantes:

– *En el tiempo de mis padres, los turistas no eran tan bien aceptados, la gente tenía miedo y pocas familias querían recibir a los turistas en su casa. La gente era muy desconfiada con respecto a los turistas pero ahora es lo contrario, la gente se muere por el turismo.* (Alfredo, Pueblo, 10/07/10)

Muito ligado ao tema do turismo, pois ele se dedicava à atividade turística, Alfredo apontou com o dedo, pela janela, as várias partes da casa em construção:

– *Mira, mañana conversaremos sobre el tema del turismo, te explicaré lo que estoy haciendo aquí.* (Alfredo, Pueblo, 10/07/10)

Alfredo ligou o seu pequeno rádio para ouvir o jogo de futebol da copa. Ele tinha conhecimento do resultado dos jogos mais importantes e perguntou-me sobre o triste desempenho da seleção francesa e sobre a então possível vitória da seleção brasileira.

1.2. *O ritual turístico visto de dentro*

16h00. Resolvi ir à praça para fazer uma visita de reconhecimento da ilha. Passada a porta da propriedade de Alfredo e Olga, antes de entrar na praça distante de poucos metros, chamou-me à atenção uma zona abandonada na frente da casa de Alfredo. Uma casa meio derrubada e umas ruínas mais antigas, e que não dava para perceber de fora por causa da parede que fechava o recinto, o qual era visível desde a praça. Entrava-se por uma pequena abertura na qual se lia: *Terrenos de propiedad del Estado PNP Amantaní*. Eu descobriria, mais tarde, que se tratava do antigo posto policial fechado desde 1988 por iniciativa da prefeitura do distrito de Amantaní. Este lugar abandonado me proporcionava certa atração. O interior da casa derrubada estava cheio de dejeções humanas e as paredes interiores repletas de recados amorosos ou ameaças, escritos com caneta e giz. Do lado de fora, uma relevante quantidade de sacos de plástico e lixo mostrava que o lugar se tornara banheiro público e, de certa forma, um lugar verdadeiramente abandonado e impróprio. Entrando um pouco mais no terreno abandonado, o meu olhar se congelou ao notar uma parte da parede do recinto interior: “um muro de estilo inca!”. A visão do pedaço de muro proporcionou-me certa impressão eufórica de descoberta. No muro, apareciam dois nichos cavados característicos deste tipo de arquitetura pré-hispânica. Uma coroa de flores vermelhas, depositada num dos dois nichos, confirmava a origem pré-hispânica do muro que parecia, assim, considerado como uma *huaca*⁶⁴ pelos habitantes. Porém, se existia uma parte de muro resgatado desde a época do império inca tão perto da praça, a minha impressão de descoberta tinha nascido da invisibilidade deste elemento aos olhos dos turistas. Pode-se questionar por que o roteiro turístico padrão na ilha não levava em conta o valor patrimonial histórico deste elemento que ficava, então, como se “embutido” dentro da paisagem insular à margem da praça.

Descobriria mais tarde a suposta existência de um túnel neste local, chamado *Inca chinkana*, situado num espaço delimitado, mas cuja entrada coberta é desconhecida, o qual,

⁶⁴ Lugar sagrado segundo a cosmovisão andina.

segundo o dizer dos antigos da ilha, levava até a cidade de Cuzco. Esse túnel construído durante o império inca teria ainda a sua entrada aberta. No começo do século passado, os antigos relatam que um homem tinha entrado para ver até onde podia chegar, e não teria conseguido chegar ao final. Porém, ao voltar à ilha, teria saído com um pedaço de milho de ouro na mão, comprovando que o túnel sagrado fora construído pelos incas. Ao promover o turismo no começo da década de 1980 para formular uma oferta turística, os habitantes da ilha empreenderam escavações para encontrar a entrada deste famoso túnel lendário, mas sem resultado.

Neste horário, a praça estava animada pelo encontro dos turistas que chegavam ao ponto de encontro indicado por seu guia. A minha observação diária desta praça mostraria que, a cada dia, se desencadeava o mesmo tipo de cadência confirmado pelas testemunhas dos habitantes. A partir das 15h30, a praça se enche de uma trintena de turistas, criando certa visão estereotipada desta massa de pessoas, que chegam de repente com óculos de sol, *chuyo* pregado na cabeça, câmeras na mão e a pele embranquecida pelo filtro solar. A cada dia esse era o mesmo ritual, como se a praça se pusesse em movimento programado: as lojinhas da praça abrem, os turistas descobrem o lugar, tiram fotos, observam a igreja de estilo colonial, compram água numa das lojinhas e observam a estátua do imperador inca o qual, do alto da sua coluna, contempla esta dinâmica turística desde a sua edificação em 1996. De acordo com a testemunha de Alfredo Cari, o pai da Olga, a praça era, antes desta data, dedicada a Miguel Grau, herói naval nacional. A partir de 1996, o nome do herói foi transferido para o porto, para que se pudesse edificar a estátua do dito fundador do império inca, Manco Cápac, e renomear a praça. A obra foi empreendida, á época, pelo prefeito Toribio Sueña na época:

– *Nadie sabía quién era Manco Cápac, esta idea surgió con el desarrollo del turismo en la isla, me contou o Alfredo, esta obra expresa lo incáico y muestra que nosotros venimos de la sierra.* (Alfredo V. C. Cari, *Plaza de Pueblo*, 25/07/10)

Este desconhecimento é ainda atual, posto que grande número de pessoas confunde o grande fundador mítico com outra figura. De acordo com outros habitantes, a estátua seria de Cápac Kolla, uma figura folclórica importante da região de Puno e de aparência bem diferente desta de Manco Cápac.

Os grupos de turistas apareciam no meio desta praça, todos os dias à tarde, da mesma forma como se fosse uma peregrinação quotidiana para os templos arqueológicos de *Pachamama* e *Pachatata*, destino da excursão da tarde para observar o pôr do sol sobre o lago. Neste sentido, parece que uma releitura das ruínas tinha sido feita pelas próprias famílias

e depois pelas agências de turismo, para torná-las a principal atividade a se fazer na ilha. Outro informante, Julio Borda, que eu encontraria mais tarde, exclamaria:

– *Más antes, para la fiesta de San Sebastián subían los lancharos a Pachatata, después empezaron a subir las comunidades una vez al año nomás, el tercer jueves de enero, para hacer el pago a la tierra, pero ahora es diario que sube la gente ahí.* (Julio Borda, Villa Orinojón, 23/07/10)

Esses dois templos pré-hispânicos com função ritual de agradecer às duas divindades andinas são o teatro anual de um ritual chamado de *Pago a la tierra*, durante o qual cada comunidade da ilha sobe aos topos com todas as autoridades insulares para efetuar o rito andino ancestral. Antes da chegada do turismo, ninguém subia os topos fora desta terceira quinta-feira de janeiro, para a qual a preparação do ritual começa no dia anterior e tudo é minuciosamente arrumado, respeitando uma ordem lógica com alto grau de dramatização⁶⁵. O ritual tradicional continua sendo feito neste dia. Porém, apesar de o ritual ser explicado brevemente a cada grupo de turistas na subida aos templos, pode-se dizer que, hoje em dia, se ele não perdeu essa função ritual para as comunidades da ilha, ele existe em paralelo à função ritual turística da subida nesses templos para admirar a vista sobre o lago do alto dos dois templos redefinidos como “mirantes” naturais.

Às seis horas da tarde, o sol se põe em Amantaní. No meio daquele mês de julho, o céu estava totalmente claro e sem nuvem aparente, os topos andinos, longínquos, se refletiam nas águas imóveis do lago Titicaca. Num momento como esse, a ilha parece, então, presa, sendo dividida progressivamente em duas metades opostas que entram em efêmero conflito. Do lado leste, pode se perceber que a escuridão noturna já venceu o horizonte boliviano do lago, deixando esta face da ilha já resfriada e escura. Entretanto, o lado oeste ainda está iluminado e aquecido pelo brilho deste enorme incêndio, cujas chamas avermelhadas e alaranjadas tomam conta dos altos topos andino-peruanos, refletindo-se nas águas do lago num último momento de euforia da natureza. Os flashes das câmeras disparam sem parar para capturar a efêmera imagem do encontro das cores. Rapidamente, a batalha chega ao seu fim, sempre com a vitória dessa escuridão noturna cujo representante mágico aparece agora no céu. A lua, enganadora, costuma se desdobrar a cada piscar de olhos sobre as águas do lago. Poderosa, ela reina sobre um mar de estrelas e galáxias brilhantes que aparecem no céu, as quais encobrem a ilha que parece ser convidada a gravitar no espaço como se fosse outro astro.

⁶⁵ Sobre o ritual do *Pago a la tierra* em Amantaní, ver: RODRIGUEZ VÁSQUEZ, Walter. *Ritual de dualidad complementaria en Amantaní*. Gobierno regional de Puno, Puno: 2007.

Este espetáculo natural se repete sob o olhar de centenas de turistas, os quais, de *chuyo* pregado na cabeça e armados de sua câmera, assistem ao dito espetáculo, concentrados nos dois estreitos topos da ilha de Amantaní. Uma centena à proximidade do templo arqueológico de *Pachatata* e uma dezena à proximidade do templo de *Pachamama*, instalados entre as pedras que dominam essa paisagem, eles contemplam e fotografam este cenário natural que parece entrar em movimento exclusivamente para eles, como se estivessem sentados no sofá de casa na frente do televisor, e que faz parte do roteiro que lhes foi proposto para a sua estadia na ilha. Pois, como veremos mais adiante, pode-se dizer que a observação do pôr do sol se inscreve dentro da mesma lógica de observação que aquela realizada durante o resto da estadia no contexto de interação com as famílias insulares.

Entretanto, para o pesquisador e os amantaninhos, talvez o melhor espetáculo seja aquele dado pelos próprios turistas. Sob o brilho da lua, eles usam o mesmo caminho pelo qual tinham chegado a este lugar, de concentração paroxística do final da tarde, para empreender a descida até a comunidade, à qual chegaram algumas horas antes, e agora voltam para a casa da sua “família hospedeira”. Assim, percebemos do alto dos topos da ilha as filas de turistas que empreendem a descida de *Pachatata* e *Pachamama* com as suas lanternas saindo por três ou até quatro caminhos diferentes, os mesmos usados para o trajeto anterior de subida aos templos. É possível descrever a impressão dada por esta separação súbita da massa de turistas usando a analogia do vulcão em erupção. Este solta seu magma em fusão, representado pela multidão de turistas, os quais, concentrados no mesmo ponto, no topo, se separam de repente para formar três ou quatro trilhas luminosas que parecem se deslizar montanha abaixo até se separar de novo depois de chegar às comunidades, para voltar às suas “famílias hospedeiras”. A observação do ritual turístico de subida e descida dos topos da ilha permite fazer duas observações com respeito à percepção do tempo e do espaço insular na presença dos turistas.

Em relação à percepção do tempo, para quem mora na ilha, esta subida dos turistas aos topos da ilha que se repete diariamente contribui em regular o tempo e criar uma dinâmica de acordo com os fluxos de turistas que chegam e saem da ilha. Neste contexto, chamaremos esta dinâmica de “cadência turística”. A subida a *Pachatata* e *Pachamama*, ao ser efetuada fora dos caminhos turísticos, permite observar como esta cadência turística existe de forma geral na ilha e como a paisagem insular se transforma então numa verdadeira zona traseira dependendo do horário em que se observa a ilha. De acordo com alguns turistas empreendendo a subida aos topos da ilha no meio da tarde com o resto dos grupos, a subida pode ser assemelhada a uma grande “aglutinação” de turistas. Esta saturação momentânea do

espaço leva alguns deles a desistir de subir aos templos para ficarem afastados do grupo, e aproveitarem a caminhada com maior liberdade, longe desta “peregrinação”. Porém, a experiência é particularmente interessante ao ser efetuada fora deste horário de saturação. A subida aos dois templos dá uma impressão de solidão total se for realizada de manhã, parte do dia durante o qual nenhum turista é visível na ilha. Os camponeses, neste período do ano, inverno austral, desidratam a batata à proximidade de *Pachamama* e *Pachatata* para elaborar o *chuño*. Durante uma das minhas passagens ao local, um pouco antes do encontro geral das 16h00, perguntei a alguns camponeses, trabalhando nos campos, por que a área estava tão deserta:

Juana de Incatiana, a qual encontrei ali, explicou-me:

– *Ahora no pues, almorzando deben estar, a las dos almuerzan, a las cuatro nomás suben.* (Juana, perto das ruínas de *Pachamama*, 10/07/10)

A cadência turística criada pela chegada e saída diária dos turistas com a subida aos templos num momento pré-definido pelo roteiro das agências leva os habitantes a saberem claramente em que momentos eles irão encontrar turistas nos caminhos da ilha. Percebi também essa cadência de maneira clara durante as minhas idas e voltas nos caminhos da ilha. A minha permanência na ilha testemunhou essa invisibilidade dos turistas pelas manhãs. Sabia-se que chegavam num horário preciso com a lancha, que almoçavam nas famílias em tal horário e que no meio da tarde saíam para a subida a *Pachamama* e *Pachatata* para observar o pôr do sol antes de jantar, e depois fazer a última saída: dançar na *peña folclórica* organizada para eles. Neste contexto, pode-se dizer que o tempo é ritmado por esta cadência e a paisagem insular passa a ser um palco de teatro invertido na qual o ator não seria mais a população local senão os próprios turistas para a população local. A zona traseira é então perceptível nos períodos em que os turistas estão ausentes e a cena turística se põe em movimento a partir da chegada das lanchas e da estreia diária do roteiro, respeitando as etapas de maneira ritual e sendo coroado por esta subida aos topos da montanha.

Juana continuava a falar-me:

– *Al Pueblo llegan los turistas. Pero nosotros también en Incatiana queremos. ¿De dónde viene amigo? El año pasado vinieron dos franceses, en mi casa se quedaron, uno de París, otro de Toulouse. Sin agencia vinieron. Sin agencia, hay que venir. ¿En mi casa también pasarás a darme una visita?* (Juana, perto das ruínas de *Pachamama*, 10/07/10)

Mais adiante, encontrei o Alberto, de Pueblo, ele perguntou-me:

– *¿De dónde viene amigo? ¿Llegó hoy día? ¿En dónde se está quedando? ¿Qué familia? Hay que venir directamente aquí, pues las agencias nos engañan, no nos pagan, con la pancita llena se quedan* (me falou mostrando a sua barriga). *Tengo amigos franceses que vienen, hablamos dos, tres palabras, mostramos la convivencia, nuestro trabajo.* (terminou me repetindo três vezes o mesmo pedido) *Tiene que colocar en una página web de su país: venir a Amantaní sin pasar por las agencias, tomen una lancha directa para Amantaní.* (Alberto, a caminho de Pueblo, 10/07/10)

Essas testemunhas me permitiam estabelecer observações sobre aquilo que decorria do discurso nativo, e que ouviria de maneira repetitiva ao longo da minha estadia no local de estudo: a exploração do recurso turístico pelas agências de Puno, que não pagavam ou pagavam muito menos que o preço estabelecido às famílias hospedeiras. Essa exploração das agências era acentuada pela desigual repartição dos turistas entre as famílias de uma mesma comunidade e também entre comunidades da ilha, como veremos adiante.

Por hora, a atenção deve voltar à percepção do espaço insular no contexto turístico. Qual é o interesse de enxergar a descida dos dois topos como a analogia de um vulcão em erupção? A minha observação seguida do ritual turístico e o meu percurso nas diferentes comunidades ao redor da ilha, permitiam-me enxergar o espaço insular de formas distintas. Cabe distinguir a forma pela qual o espaço aparece diante do turista e como ele existe para os habitantes.

Como vimos anteriormente, pode-se desembarcar na ilha via três portos diferentes situados nas comunidades de Pueblo, Sancayuni e Occosuyo situados, respectivamente, na parte oeste, norte e leste da ilha. O ritual turístico é similar para cada turista que chega à ilha de Amantaní, no sentido em que as suas etapas são efetuadas na mesma ordem de execução. Porém, a excursão principal da tarde representa um momento no qual todos os turistas, tendo chegado ao mesmo dia, terão a oportunidade de se encontrar inconscientemente: três zonas de subida diferentes dependendo da situação da sua comunidade hospedeira, com relação à *Pachamama* e *Pachatata*, para efetuar a subida ritual, três situações de interação diferentes depois do almoço e do descanso previsto:

- Os turistas que desembarcam em Pueblo podem ser hospedados em famílias de Pueblo, Lampayuni, Villa Orinojón, Santa Rosa e Incatiana. Às 16h00, os grupos se encontram na Praça Manco Cápac, para observar a pracinha antes de subir. A subida é um pouco mais demorada neste lado da ilha.
- Aqueles que desembarcam em Sancayuni podem ser hospedados nas duas comunidades que dividem Sancayuni (Alto e Campesina). Às 16h00, os

grupos sobem ao estádio em construção, onde empreendem um jogo de futebol antes de subir a montanha pelo lado oposto, para chegar aos topos.

- Aqueles que desembarcam em Occosuyo podem ficar em famílias de Occosuyo, Occopampa e Colquecachi. Às 16h00, encontram-se na plataforma (pequeno campo de futebol) em frente ao salão comunitário de Colquecachi, onde também jogam futebol antes de empreender a subida. A subida, deste lado, é mais rápida para chegar aos topos.

Uma vez reunidos nos dois topos da ilha, a massa de turistas não percebe que cada grupo levará uma impressão geral da ilha, apesar de a ter conhecido sob um ângulo diferente, dependendo da sua comunidade recebedora. Pode-se dizer que essa impressão geral cria certa visão estereotipada da ilha como uma totalidade indistinta, na qual todas as comunidades seriam equivalentes a uma experiência turística única e padronizada oferecida no conjunto da ilha. Neste sentido, é possível qualificar o conjunto da ilha como pertencendo a uma “zona de frente” para o turista, posto que ele desconheça parte da ilha. Porém, pode-se pensar cada grupo de comunidades mencionadas acima, com os quais a subida para os topos se faz de maneira distinta, criando várias zonas traseiras uns para os outros. Enquanto uns grupos estão visitando a pequena Praça em Pueblo, outros estão jogando futebol em Colquecachi e outros jogando futebol no estádio, situado quase na montanha. Todos os grupos empreendem uma subida por caminhos diferentes para assistirem, finalmente, à mesma cena do pôr do sol. Cada grupo provém, assim, de um espaço diferente que se torna certa zona traseira para os outros grupos.

Desta forma, testemunha-se a criação de um *islamiento* dentro do próprio mundo insular, o qual poderia ser usado como estratégia para separar os turistas de acordo com os espaços das comunidades, para limitar os impactos negativos do turismo na vida quotidiana dos habitantes. Consideramos o argumento de Guerrón Montero (2010) segundo a qual, em contexto de turismo em regiões insulares, atributos espaciais

são estrategicamente usados para separar os turistas e os espaços da comunidade enquanto se amplifica a autonomia da comunidade e se minimizam os impactos negativos do turismo na sua vida quotidiana [...] Existem assim estratégias para se beneficiar do turismo enquanto se preserva também a autonomia e a vida comunitária. (GUERRÓN MONTERO, 2010, p. 4) ⁶⁶.

⁶⁶ Tradução minha.

Em Amantaní, este atributo espacial contribui também para criar a farsa turística que propulsa o turista num espaço no qual ele se sente totalmente isolado. Ele se encontra numa ilha, numa dada comunidade desta mesma ilha e, além disso, numa dada família de uma das comunidades. O isolamento criado mostra como ele existe por meio de certa declinação do espaço.

Da mesma forma que o espaço se transforma numa totalidade indistinta para o turista, é importante lembrar aqui a criação de uma inversão de perspectivas entre os turistas e a população local. Se o espaço é percebido desta forma indistinta, de um lado, também é o caso com relação às famílias que recebem os turistas. Elas são percebidas como uma “massa indistinta” pertencendo ao mesmo lugar e à mesma cultura. Nenhuma diferença se faz entre famílias, pois no turismo efetuado, o qual se qualifica de comunitário, as diferenças entre famílias não devem aparecer ao olho do turista. De outro lado, é importante lembrar também que para a população o turista representa essa mesma “massa indistinta”. Ele é chamado pelos habitantes de “*el turista*” ou “*el amigo turista*”. Ele forma essa “massa” dentro da qual não se faz nem diferença de nacionalidade, nem de poder de compra. O turista é um “gringo” que vem à ilha para viver uma experiência nas famílias e normalmente trazer um benefício para elas. De maneira estereotipada, essas duas “massas indistintas” uma para a outra se encontram dentro do contexto turístico padronizado na ilha e, apesar de serem conscientes da heterogeneidade existente entre si e em si, quase nunca se enxergam assim mutuamente.

Tentaremos agora entrar nos “bastidores íntimos” das famílias da ilha de Amantaní e por meio da observação e participação da vida quotidiana em várias famílias em diferentes comunidades da ilha, enxergar a situação criada de maneira particular para cada família. Cabe distinguir nesta “massa indistinta” de famílias como a recepção do turista em casa reorganiza a vida íntima familiar. Pode distinguir várias tendências diferentes na ilha de acordo com a observação efetuada para tentar qualificar a heterogeneidade das situações de interação existentes nas casas de várias famílias por meio do turismo.

2. A face insular ocidental: Pueblo, Lampayuni, Villa Orinojón e Incatiana

2.1. Comunidade de Pueblo: na casa de Olga Cari e Alfredo Suaña, a nova transformação dos bastidores

O primeiro jantar consumido na casa de Olga e Alfredo não se fez ao brilho das velas. O casal, da mesma forma que um número crescente de famílias da ilha, há poucos meses

aproveita-se da luz elétrica produzida pelos painéis solares colocados no teto da casa. Assim, a cozinha e os três quartos da propriedade familiar dispõem agora da luz elétrica fornecida de maneira sustentável. Alguns meses antes, todas as famílias da ilha usavam velas para obter a claridade necessária à noite. O jantar se fez nas mesmas condições que o almoço. Depois do jantar, duas das três turistas hospedadas foram para a *peña folclórica* organizada numa loja de conveniência situada na praça principal. A filha maior do casal, Alisson, acompanhou-as à loja enquanto eu me dirigi à casa dos pais da Olga, situada a alguns metros, descendo o caminho que passa pela casa do casal. A noite anunciava-se fria. Não consegui distinguir bem como era a casa dos pais, mas me pareceu que a luz da minha lanterna permitia desvendar outra propriedade cujas paredes brancas eram recentes. Adormeci.

Às 7h00, levantei-me e subi para a casa de Olga, onde o café da manhã seria servido, para mim e para as três turistas antes de sua saída da ilha. Pão com manteiga e geleia de morango, *mate de muña*. Empreendi conversa com o Alfredo, que durante os quatro dias nos quais fiquei hospedado na sua família, mostrou-se sempre disponível para responder às minhas perguntas. Eu estabeleceria, pouco a pouco, uma relação de confiança com a família cujo lar se tornaria para mim um lugar de parada obrigatória em cada dia da minha permanência na ilha. Desta maneira, permaneci os quatro primeiros dias hospedados na casa de Olga e Alfredo, que proporcionaram muito conteúdo à minha observação, tornando-se interlocutores de grande importância.

Sentado à mesa da cozinha deles, eu observava a grande quantidade de objetos presentes numa mesa de apoio, situada do lado das pias, na qual tinha fotos das duas filhas, cosméticos variados, lembranças vindas do estrangeiro, colheres de madeira fixadas na parede. Perguntei-lhes o que eram esses objetos, os quais pareciam se acumular neste canto da cozinha sem ter um uso cotidiano:

– *Son los turistas. A veces, nos traen regalitos de recuerdo de su estancia aquí en la casa. Por ejemplo, esas cucharas, nos las dejaron una pareja de alemanes, este platito, fue este año un chico de Inglaterra, la foto de Pamela aquí la sacó otro turista.* (Alfredo, Pueblo, 11/07/10)

A passagem de muitos turistas ficava gravada e materializada nos presentes deixados por eles e guardados nesta mesa como testemunhos. Os objetos construía certa “memória turística”, fato que se constatava pois eles se lembravam exatamente da nacionalidade de quem tinha trazido tal ou tal objeto.

Essa “memória turística” se manifestava também em outro aspecto, da mesma forma que para outras famílias da ilha, e no caso da família de Olga estava presente no nome das

crianças. Pamela, a filha do casal com menos de um ano de idade, tinha sido batizada assim para lembrar outra Pamela⁶⁷, estudante limenha que se hospedou durante várias semanas na casa deles, durante a sua pesquisa de campo:

– *La Olga estaba embarazada cuando Pamela se quedó aquí. Muy buena era la Pamela, por eso la llamamos Pamela a nuestra hija, en recuerdo a ella.* (Alfredo, Pueblo, 11/07/10)

Notei também uma foto de Olga, vestida de calça jeans e posando na frente de um avião da empresa aérea nacional *Aerocontinente*. Eu pensei: “Como podia ser que esta mulher que eu via preparar a comida do lado do fogão à lenha, vestindo *pollera* e falando quíchua fosse a mesma que aparecia nesta foto?”⁶⁸ A foto tinha sido tirada quando ela trabalhava com uma família em San Isidro, bairro de Lima, durante oito anos. A foto testemunhava esta época da sua vida. Na época, Alfredo também trabalhava em Lima e os dois se conheciam. Voltaram a Amantaní para casar e ter a primeira filha, Alisson.

Eles eram um exemplo comum de dois jovens que optaram por emigração temporária para trabalhar fora da ilha, como se costuma praticar na ilha diante da sobre-exploração dos recursos econômicos, da sobrepopulação e da falta de trabalho desde a venda das *haciendas* e da abertura total da ilha às leis do mercado capitalista:

Ante esta crisis [del sistema tradicional agrícola], los amantaneños han reaccionado poniendo en práctica tres estrategias que usan conjuntamente [...] La segunda estrategia ha sido la emigración temporal. La última generación de amantaneños está abocada, en su gran mayoría, a la emigración absoluta, obligada a reducir la presión sobre los medios de producción del grupo doméstico. (GASCÓN, 2004, pp. 195-196).

A minha atenção fora alertada, desde a minha chegada a casa deles, para a organização do espaço íntimo na propriedade privada da família. O discurso de Alfredo ressaltava algo sobre o turismo e a chegada da modernidade à ilha, expressos pela reorganização do espaço dentro das casas.

Essa reorganização se observava no espaço interior da cozinha, espaço íntimo aos olhos do turista, a zona traseira do cenário turístico, que representa o principal lugar de convivência entre ele e as famílias:

⁶⁷ Eu havia entrado em contato com Pamela, por telefone, em Lima. Ela, junto com a outra estudante limenha que também tinha efetuado uma pesquisa na ilha, Susana, aconselhou-me procurar a família da Olga ao chegar à ilha.

⁶⁸ Insisto sobre o efeito de surpresa nesta frase, para evidenciar o estranhamento produzido pela visão de tal imagem no contexto turístico que visa estabelecer uma autenticidade totalmente voltada ao caráter camponês e indígena das famílias isoladas no mundo da ilha.

– *Después de 1995/1996, todo cambió. Antes, en la cocina, no había ni mesas ni sillas sino bancos de piedra alrededor de la sala. El humo del fogón se iba por la cocina, no había tubos de evacuación como esas chimeneas. También se convivía con los animales. Las gallinas entraban en la cocina libremente sin que se les impida y los cuyes⁶⁹ también se quedaban en la cocina. Vivíamos todos juntos. A los cuyes, les gustaba quedarse en el nicho, abajo del fogón, bien calentitos, y nos ayudaban a calentarnos a nosotros también. Ahora, todo eso desapareció. La apertura al turismo a todos lados provocó la apertura a la modernidad y por eso, mi objetivo es siempre intentar mezclar lo moderno y lo antiguo.* (Alfredo, Pueblo, 12/07/10)

A palavra “modernidade” voltava ao discurso de Alfredo, o qual tentava mostrar-me com que se parecia uma cozinha tradicional antes que o turismo se desenvolvesse em grande escala e se generalizasse na ilha. Alfredo explicava-me a importância da noção de “compartilhar a cozinha” antes da chegada do turismo e da operação das diversas transformações.

Numa cozinha tradicional, de acordo com ele, não tinha essas mesas para turistas, posto que todos se reuniam ao redor do fogão e comiam sentados em bancos de pedra com o prato nos joelhos: primeiro o pai e a mãe com os filhos, os quais podiam ser numerosos, pois às vezes havia famílias de quatorze ou quinze filhos. A cozinha não tinha janelas. A única porta ficava aberta, para dar um pouco de claridade à escuridão deste espaço e deixar escapar a fumaça do fogão.

Outro elemento chave ressaltado do discurso de Alfredo era a convivência com os animais, a qual fazia parte da vida cotidiana tradicional. Hoje em dia, esta convivência tende a ser evitada, quer os turistas estejam presentes ou não. As galinhas da casa do casal sempre tentavam entrar na cozinha sem sucesso. Com respeito aos *cuyes* ou porquinhos da Índia, eu fiquei bastante curioso. Pois, este animal é tradicionalmente criado nesta parte dos Andes para a venda ou a alimentação, mas ouvindo as explicações do Alfredo, imaginei que ele tinha absolutamente desaparecido da paisagem. Ele parecia como “embutido nas paredes” ou escondido num bastidor absolutamente invisível aos olhos de quem não o buscasse. No seu dizer, essa grande mudança tinha ocorrido pouco a pouco nas famílias da ilha que começaram a receber turistas. Este animal fazia parte integrante da vida cotidiana do amantanenho, o qual convivia diariamente com os animais, mas essa convivência não combinava com a hospedagem dos turistas, para os quais a presença do animal era sinônimo de sujeira e mau cheiro:

– *Ahora, cada cosa tiene que estar en su lugar.* (Alfredo, Pueblo, 12/07/10)

⁶⁹ Lembro a tradução, para o português, do *cuy*, comumente chamado no Brasil e na França de “porquinho da Índia”.

Hoje em dia, a mesa e as cadeiras juntamente com a ausência dos animais mudam a dinâmica tradicional da cozinha com a qual o casal já estava totalmente acostumado. Na ausência dos turistas, o casal e as filhas comiam comigo ao redor da mesa e uma mini televisão também ficava ligada, comumente à noite. Perguntei ao Alfredo se ainda existiam *cuyes*. Ele me levou então à grande casa em construção, onde todos ficavam escondidos, era a única parte da grande casa em construção realmente reservada à família e onde todos, Alfredo, Olga e as filhas dormiam. Muitos *cuyes* ficavam também atrás de uma parede externa, aglutinados nos recantos para procurar um pouco de calor, pois o fogão à lenha fazia agora parte do passado do pequeno animal andino. Remeteremos ao argumento de Mary Douglas⁷⁰ com respeito à questão da higiene e à ideia de limpeza no próximo capítulo.

Perguntei-me: “Porque construir uma casa tão grande no fundo do quintal?”

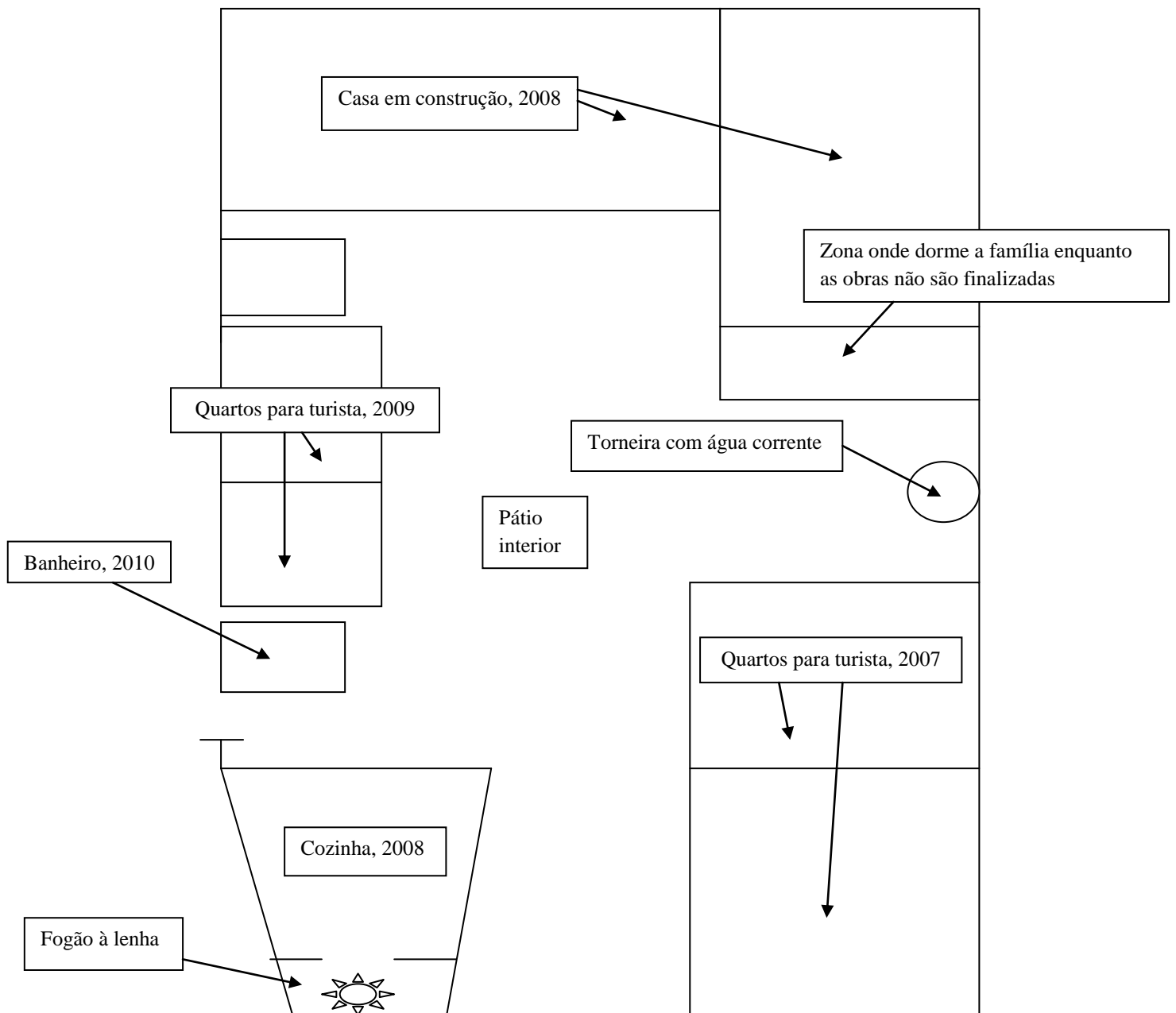
A reorganização da propriedade se observava também no espaço exterior das casas com a mudança de arquitetura. Ouvia as explicações de Alfredo sobre a organização inicial da propriedade que herdou do seu pai e a cronologia das construções atuais na propriedade com as suas funções. Essa construção progressiva da nova propriedade se fez em função do orçamento de Alfredo e, sobretudo, da entrada de dinheiro ligada à hospedagem de turistas. Essa construção se faz, de acordo com Alfredo, sempre considerando “a visão do futuro com o turismo”. Alfredo a herdara da propriedade do seu pai, falecido em 2006. Era filho único e confessou-me que não era natural da ilha. Ele nasceu em Arequipa e chegou a Amantaní depois de ser adotado, aos cinco anos de idade. Antes, no tempo do seu pai, a propriedade somente constava de uma casa muito pequena no fundo da propriedade com uma porta e janelas muito pequenas e uma barraquinha que servia de cozinha do lado da pequena casa:

– *Estaba todo muy chiquito!* (Alfredo, Pueblo, 13/07/10)

No resto da propriedade, um jardim e um campo para os animais e cultivos. Hoje em dia, a propriedade tem sido totalmente transformada e reabilitada.

⁷⁰ DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

FIGURA 8: Planta esquemática da propriedade de Alfredo e Olga Cari, Pueblo.



Depois da morte do pai, Alfredo empreendeu, a partir de 2007, a construção da primeira parte nova da propriedade, com dois quartos, antes de destruir integralmente a casa e as instalações iniciais. Agora, não tem mais jardim nem campo, senão um quintal interior sobre o qual se dão os diferentes corpos de casas da propriedade. A antiga casa somente permanece na memória da família. Os limites das antigas paredes ainda são conhecidos:

– *Hasta acá más o menos venía la cocina.* (Alfredo, Pueblo, 13/07/10)

Tudo foi destruído e reconstruído em uma escala definida de acordo com o gosto do turista. Constrói-se, então, com portas e janelas de tamanho maior e mais espaçoso para o

conforto dos turistas. Em 2008, ele construiu a cozinha atual e em 2009, o terceiro quarto com o banheiro, com vaso sanitário e chuveiro, os quais acabavam de ser construídos em minha chegada, em julho de 2010. Essas três partes recentemente construídas e terminadas constituem o espaço de vida para os turistas e para a família. A família passa a maior parte do dia na cozinha ou do lado de fora, e dorme, por enquanto, num espaço temporário habilitado para dormir dentro da grande casa em construção no fundo da propriedade. Este pedaço em construção da propriedade é o maior. Apesar de ter começado as obras em 2008, ele ainda está em construção. Foram construídas apenas as paredes da casa, a qual se eleva sobre dois andares e apresenta as imponentes aberturas para colocar as futuras portas e as janelas. Esta parte mais imponente da propriedade servirá para vários quartos, outra cozinha e sala de jantar e dois banheiros. Mas enquanto as obras continuarem, a família parece encontrar-se sem espaço privado dentro de sua própria propriedade. A maior parte do dia é passada dentro da cozinha, onde se preparam as comidas para os turistas, quando os há, e para os dois “Elderes” Mórmons que estão hospedados num quarto da família há poucos meses. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está representada na ilha com o estabelecimento de um pequeno templo. Os dois “Elderes” presentes na ilha cuidam da difusão da religião na ilha e se hospedam na casa de Olga e Alfredo desde sua chegada. Lembramos que o fato de hospedar de maneira permanente traz importantes benefícios para a família hospedeira e pode criar conflitos de interesses com os outros grupos de famílias da comunidade.

Com relação ao modo de construir a casa, Alfredo insiste sobre a atenção particular dada ao estilo adotado. Segundo ele, é preciso seguir uma lógica chave para o bom desempenho na atividade de recepção aos turistas e que se articula, segundo ele, ao redor do “moderno” e do “antigo”. Ele percebe, a partir de sua experiência de receber turistas, que o mais importante é preservar certo estilo rústico tradicional do lado de fora para agradar os turistas, preservando uma aparência “autêntica” do lugar. Adotar um estilo moderno do lado de dentro visa contribuir para dar maior comodidade e melhor recepção aos turistas.

Assim, do lado de fora, ele preserva o uso dos tradicionais blocos de terra para a construção das paredes da casa, as quais são fortalecidas também com uma mistura de barro e cimento. Ele usa uma terra mais farinosa e de cor vermelha para revestir as paredes exteriores, melhorando assim a estética da propriedade, e seguindo sempre essa ideia do “antigo no espaço”. As portas e janelas são maiores do que aquelas das casas tradicionais, feitas de madeira de eucalipto. Para melhor agradar aos turistas e dar uma impressão de autenticidade ainda mais forte, ele pensa decorar as paredes exteriores com uma mistura de desenhos ou símbolos andinos em destaque:

– *Cuando esta casa esté terminada, pienso colocar unas figuras como diseños de chaski, Tumi, un mapa de la isla para que se ubicara el turista o de repente una imagen del eje-eje y también quiero plantar arbolitos como el tumbo.* (Alfredo, Pueblo, 13/07/10)

A figura do *chaski*, do inca e o *tumi* (faca típica usada no tempo do império inca) são os símbolos andinos comumente recuperados para a confecção de qualquer artefato da indústria turística na região andina. Com respeito ao *eje-eje*, eu acabara de mencionar, ao conversar com ele, sobre esta lenda insular a qual tinha lido na noite anterior. O *eje-eje* era um burro maléfico o qual, de acordo com a narrativa popular, surgia das águas do Titicaca do lado da comunidade de Sancayuni e surpreendia os trabalhadores noturnos com seu grito característico (YUCRA PACOMPIA, 2008, p. 96). A ideia espontânea de Alfredo, em querer colocar uma imagem deste animal lendário na parede depois da nossa conversa, testemunhava a sua criatividade para construir o cenário turístico da sua casa.

No interior dos quartos, a comodidade do turista e seu bem-estar eram privilegiados, o “moderno” era usado nas técnicas de elaboração do chão. Para limitar a umidade e conservar uma temperatura agradável durante a noite, uma técnica especial foi elaborada. O banheiro também é uma novidade, posto que a maioria das outras casas disponha de banheiros exteriores, em cabinas de cor verde ou laranja, disponibilizados por uma campanha do governo, em 2004, sob demanda dos habitantes.

Essa lógica de transformação arquitetônica foi-me explicada de maneira mais técnica por Hermógenes Mamani, o qual trabalhava na construção civil havia 14 anos. Entrevistado em sua casa da comunidade de Lampayuni, Hermógenes explicou-me que existem vários pontos de transformação da arquitetura tradicional em acordo com atividade turística. Antes, as casas eram construídas de forma bem rápida. Agora, o trabalho deve ser feito de maneira mais arrumada e quase perfeita. A tendência atual são reformas das casas para ampliação. As portas, cuja abertura media entre 1m30 e 1m50, agora têm um tamanho maior de 1m90. As janelas também são maiores. O banheiro, antes inexistente, foi evoluindo para banheiros de cerâmica, os quais estão aparecendo atualmente em algumas famílias. Hermógenes já montou nove banheiros com cerâmica. De acordo com Hermógenes, não há dúvida:

– *Quien amplía su casa hospeda, y amplía para atender mejor a los amigos turistas. Los turistas quieren algo natural y rústico, pero que sea cómodo.* (Hermógenes, Lampayuni, 19/07/10)

O exemplo da casa de Alfredo se inscreve dentro desta lógica. O quarto no qual eu dormia enquanto permaneci com eles ficava na casa dos pais da Olga. O quarto fora ocupado

vários meses pelo antropólogo Jorge Gascón, durante a sua estadia na ilha no começo da década de 1990.

– *En esta época, solamente existía la casa de mis suegros*, (Gladys Quispe, Pueblo, 12/07/10)

Afirmou Gladys Quispe, casada com o irmão da Olga, com a qual me entretive um momento, enquanto lavava a roupa num balde de água, em frente de sua nova casa, situada ao lado da casa de Mama e Papa Grande. E referindo-se a Gascón:

– *Le encantaban las papas fritas, solamente comía papas fritas, bien crocantes, no quería verduras*. (Gladys Quispe, Pueblo, 12/07/10)

A presença do antropólogo espanhol na família dos avós era ainda bem viva na memória de Gladys. Quinze anos antes, ela era ainda criança e, da mesma forma que Alfredo e Olga, havia presenciado a estadia do antropólogo que estudou o fenômeno turístico na ilha, destacando o controle da atividade turística por parte dos donos de lancha. A família da Olga pertencia a este segmento, um dos principais informantes de Gascón tinha sido Alfredo Cari, o pai de Olga, que na época era dono de lancha. A geração de Olga e Gladys era a geração de crianças daquela época, e que haviam testemunhado a presença seguida do antropólogo na sua família.

O marido da Gladys quase nunca se encontrava na ilha, pois trabalhava num hotel em Puno, para pagar a sua casa recém construída, na frente da qual Gladys lavava a roupa. Contou-me que no tempo da estadia de Gascón, um jardim enorme ficava no lugar de sua casa. Em 2001 começaram a construir a casa, a qual permaneceu muitos anos inacabada, em razão de problemas financeiros. Aos poucos, eles foram construindo as janelas, as portas, o concreto no chão, a cozinha e no ano passado o banheiro, de acordo com a entrada progressiva de dinheiro recebido graças à atividade turística. Desde 2009, a casa estava pronta: quatro quartos e uma sala de jantar na qual ficava o fogão a lenha. Enquanto estava sendo construída a casa, o casal e os filhos moravam na casa dos avós. Hoje em dia, a casa se impõe no antigo jardim dos avós cuja água do antigo poço escorrega ainda ao lado do terraço de concreto da casa, como se fosse a última testemunha, o último elemento que ficou daquele período no qual um jardim existia neste lugar. Esta casa nova representava de certa forma uma versão acabada, apesar de ser um pouco menor, da futura propriedade de Alfredo e Olga, ainda em processo de construção.

Nos dias durante os quais Alfredo precisou ir a Puno para comprar as portas da casa, as refeições foram no comedor da casa dos avós. Este comedor não ficava na cozinha dos avós. Era uma sala situada no térreo, com uma grande mesa. Havia ali alguns colchões

guardados, pois era a única sala onde os primeiros turistas recebidos pela família se alimentavam há 25 anos atrás. Nesta sala, passei vários momentos almoçando e jantando na presença das crianças: Alisson e sua irmã Pamela com os primos, filhos de Gladys, Franklin e sua irmã da mesma idade de Pamela. Passavam o tempo brincando comigo e entre si. Um dia, enquanto estava comendo, os meninos começaram a brigar e de forma espontânea, o Franklin falou para a prima:

– *De todas maneras, yo lo tengo todo, casa grande, televisión, camas, pelota, hospedaje.* (Franklin, Pueblo, 25/07/10)

A questão de “ter hospedagem” ou não me aparecia então como um critério de distinção social, presente até mesmo na visão das crianças da família. Alisson já havia surpreendido em um outro dia quando, ao olhar a costa longínqua da península de Capachica, que dava para perceber da janela da sua casa, perguntou para o pai:

– *Papito, ¿por qué las casas son tan chiquitas en Capachica, es que se reciben turistas chiquitos ahí?* (Alisson, Pueblo, 23/07/10)

Não é preciso explicar que ela associava o fato de ver de longe as casas, que se viam assim pequenas pela distância, à ideia de que os turistas recebidos lá deviam ser baixinhos. Desta forma evidencia-se que o turista é parte integrante do cotidiano deles e que o fato de ter nascido em famílias tão envolvidas na atividade turística moldava o seu espírito quanto a importância da hospedagem e da vida ligada diretamente com o turismo.

Num outro dia, um grupo de turistas, hospedados na casa da Gladys, deixaram uma bola oficial da Copa do Mundo na África do Sul, como presente para Franklin:

– *Tú sabes cómo se llama?* Perguntou-me Franklin. *Jabulani se llama, quieres jugar conmigo, a la escuela la voy a llevar. Me la regalaron los sudafricanos.* (Franklin, Pueblo, 25/07/10)

Este exemplo de presente deixado pelos turistas para as crianças lembrou-me de uma frase de um caderno de recados, pertencente à família Borda⁷¹, escrita por turistas em agradecimento à família. A frase dizia: “Não sei quem teve primeiro a ideia de dar uma bala para as crianças, mas essa pessoa nunca devia ter pisado na ilha”. Nota-se que o fato de presentear as crianças com objetos diversos, como brinquedos, caderninhos, canetas, balas e bombons, estava se tornando um fator de diferenciação social na ilha entre as crianças, representativo da desigual repartição dos turistas entre famílias.

⁷¹ Trataremos do valor deste caderno mais adiante, páginas 117-118, e nas fotos do anexo 5 a partir da página 189.

Resolvi efetuar uma pequena pesquisa nas escolas da ilha interrogando professores das escolas então existentes. Na ilha de Amantaní, existem três escolas primárias estatais (nas comunidades de Pueblo, Sancayuni Alto e Occosuyo), uma escola primária privada adventista (a primeira escola aberta na ilha em Sancayuni Campesina) e um colégio, o único na ilha, situado na comunidade de Lampayuni.

Encontrei-me, primeiramente, com duas professoras da escola primária de Pueblo, situada na praça principal da comunidade. Nesse dia, as paredes do recinto da escola estavam em obras e notava-se na parede que dava para o exterior do recinto da escola a imagem de um inca venerando o sol, em cores verde e amarela bem chamativas. Essa e outras imagens eram obviamente destinadas aos turistas, os quais todos os dias à tarde passavam na frente da escola para chegar à praça da comunidade. Mas, será que as crianças eram simples espectadores deste fenômeno turístico ou estavam envolvidas indiretamente na dinâmica acionada pelo turismo na ilha? Quais eram os efeitos diretos ou indiretos que “o gringo” tinha sobre eles?

Neste final de tarde, Gregoria e Rosaura⁷² estavam sentadas no quintal da escola. Nomeadas pela secretária de educação de Puno para ensinar em Amantaní, Gregoria estava há três meses em Amantaní e Rosaura há um ano. As duas possuíam experiência de mais de vinte anos ensinando em outras províncias da região de Puno. Perguntei a elas sobre a sua experiência em outros lugares, para que pudessem identificar o impacto do turismo na vida dos seus alunos em Amantaní, em comparação a outras comunidades da região. As duas confessaram o choque quando começaram a ensinar na ilha.

O primeiro elemento que elas distinguiram foram **os nomes**:

– *Aquí todos se llaman Johnny, Brendan, Ronaldo. Tienen nombres diferentes, que vienen del exterior.* (Rosaura, Pueblo, 20/07/10)

Eu insistia sobre a possibilidade disso ser uma influência da televisão. Apesar de não ter muitas televisões na ilha, uma parte importante da população, da mesma forma que a Olga e o Alfredo, trabalharam fora, como vimos. Porém, para as professoras, o fenômeno dos nomes internacionais era muito mais constatado na ilha do que em outras zonas da região de Puno, nas quais elas tiveram uma experiência de ensino bastante longa. Distingue-se, entre os alunos, nomes de origem árabe, judia, alemã, americana, francesa, brasileira. Muitos alunos também têm dois nomes: um nacional e um ocidental (estrangeiro). Importante mencionar que muitas crianças também possuem padrinhos estrangeiros e mantêm a referência a este padrinho com um nome ao qual se refere. Muitos problemas de ortografia existem com

⁷² Entrevistadas em 20 de julho de 2010 no quintal da escola primária da Comunidade de Pueblo.

respeito a esses nomes internacionais e grande parte deles foi registrada na prefeitura com erros de ortografia por causa da confusão das vogais.

Tentei observar este fenômeno no escritório do registro civil da prefeitura. Remijio⁷³, habitante da comunidade de Occosuyo, com o qual encontrei nos caminhos da ilha, convidou-me a passar no seu escritório para consultar o *Libro de Nacimientos*. Observei que na década de 1970 e 1980, período durante o qual o fenômeno turístico se iniciava aos poucos, e durante o qual já se praticava a emigração temporária para trabalhar fora da ilha, os nomes aparecendo no registro dos nascimentos eram todos nacionais. Porém, a partir da década de 1990, e particularmente a partir de 1992, aparecem vários nomes de origem estrangeira, fenômeno que vai aumentando à medida que os anos passam até chegar ao ano de 2005. Neste ano, os nomes de origem estrangeira representam uma parte importante nas páginas do livro. As origens dos nomes são bem diversas, como testemunham os exemplos de alguns nomes observados: influência árabe (Hazsuma Sherzade), judia (Margoth, Yudith Yhimiliz, Saul, Ismael), francesa (Jean-Paul, Yeraldin), americana (Cliver Nelsen, Erick Jhonathan, Edy Kramer, Sheysen, Nelson, Evelin, Elvis, Yeni, Lizeth, Nataly, Clever Jil) e japonesa (Mayumi). Esses nomes, registrados pelos pais das crianças, são mal ortografados, pois são escritos de acordo com a pronúncia espanhola do nome (Yudith, Yeni, Yheesen, Sheysen).

De certa forma, nota-se que a história do turismo na ilha pode ser lida neste registro de nascimentos. Um estudo inteiro dedicado ao fenômeno dos nomes estrangeiros poderia talvez mostrar qual foi o avanço do turismo de acordo com as diferentes comunidades, pois algumas comunidades se abriram mais cedo ao turismo, se comparadas com outras, e, também, um estudo de acordo com os segmentos sociais das famílias, considerando-se o fato de que as famílias dos donos de lancha foram as primeiras a receberem os turistas, segundo Gascón, desde a aparição do turismo até o final da década de 1990. Como observamos no capítulo I, pode-se supor que a generalização crescente da atividade na ilha, com o forte crescimento do número de visitantes devido ao controle da atividade pelas agências de turismo de Puno a partir do ano 2000, teria a ver com a dinâmica deste fenômeno. O turista é onipresente na ilha, o que é lembrado aqui pelos nomes adotados pelos habitantes.

Outro fato revelado pelas professoras é **a diferenciação social** que ocorre, em razão do turismo, desde a infância. Umás famílias recebem mais turistas do que outras, o que gera mais oportunidades, para alguns alunos, de receber mais presentes do que outros:

⁷³ Agradeço o Remijio por sua ajuda na consulta aos registros de nascimentos, posto que o diálogo com as autoridades locais para ter acesso aos documentos oficiais da prefeitura não me foi facilitado.

– *Algunos lo tienen de todo. Al preguntarles quién se lo dio, el turista dicen! Creo que debería haber un mejor reparto a este nivel porque los que no reciben turistas también necesitan el material recibido por los demás y nada está siendo hecho para eso.* (Rosaura, Pueblo, 20/07/10)

Alguns trazem lápis de cor, cadernos e borrachas que outros não têm. Assim, na hora de fazer alguma atividade, alguns possuem mais recursos do que outros. A fronteira social se amplifica entre alunos mais pobres, que continuam pobres, e outros, cujas famílias se beneficiam sempre mais. A minha conversa com David⁷⁴, professor na escola adventista da ilha, demonstrou-me a mesma tendência:

– *Los alumnos vienen con sus regalitos, los muestran, los comparan. Varios de ellos tienen padrinos extranjeros, otros no. Se forman grupitos.* (David, Sancayuni Campesina, 22/07/10)

Os alunos comentam também sobre aquilo que eles ouvem nas conversas de seus pais sobre o turismo. David confessa que se formam “panelinhas” de alunos, o que testemunha a diferença social existente na ilha, acentuada pelo sistema de apadrinhamento (*compadrazgo*), o qual começou a incluir turistas estrangeiros como padrinhos.

Outra observação dos professores refere-se ao grau de atenção menor que têm os alunos na aula e a dedicação menor que têm os pais em relação aos estudos dos filhos:

– *Los padres no se dedican más a los hijos sino a la plata, y eso se observa en los alumnos que también se vuelven flojos, estudian menos, ya no se preocupan tanto.* (Rosaura, Pueblo, 20/07/10)

As professoras dizem dar um apoio, na própria escola, para as tarefas de casa, porque sabem que muitos não fazem em casa:

– *Eso pasa, aquí al menos.* (Rosaura, Pueblo, 20/07/10)

Esse apoio foi implementado em Amantaní, diante da falta de estudos, por parte dos alunos, em casa. Mas, normalmente não é sistemático.

A última observação interessante relaciona-se com o futuro dos alunos e as suas respostas à pergunta: “– *Qué quieres hacer cuando estés grande?*” Segundo as professoras, a maioria das respostas refere-se ao campo do turismo. Muitos querem se tornar donos de lancha ou guias de turismo, alguns pensam sair da ilha para trabalhar e construir casas na ilha, com muitos quartos, para receber os turistas. O contato direto com os estrangeiros incentiva,

⁷⁴ David foi entrevistado em 22 de julho de 2010, na Escola Adventista de Amantaní, Comunidade de Sancayuni Campesina.

de acordo com César⁷⁵, um professor do Colégio, essa curiosidade para “*lo extranjero*”. Alguns alunos também expressam sua vontade de sair para o exterior do país, para trabalhar:

– *Allá se gana bien, dicen.*

Porém, cabe precisar que um número também importante de alunos expressa a sua vontade de trabalhar na ilha com o sistema de produção tradicional: a agricultura, sem mencionar obrigatoriamente o turismo. David também insistiu acerca da vontade de muitos alunos de se tornarem guias de turismo. Segundo ele, o guia de turismo possui certo poder. É preciso atendê-lo bem, porque ele decide na casa de quem irá mandar os turistas. O guia aparece como uma figura poderosa na ilha.

Minha permanência na casa de Olga e Alfredo Cari, e o contato com o resto desta família permitiram-me efetuar uma primeira observação do cenário turístico estabelecido entre eles. Minha reflexão se orientava para a transformação do espaço de vida íntimo da família. A observação da modificação da propriedade da família mostrava que a sua realidade de vida estava sendo deslocada para outra realidade, obedecendo à criação do espaço social viabilizado para o turista. A destruição da antiga propriedade e a reconstrução integral da casa em função do turismo aparecia como a passagem do universo familiar da zona traseira para uma zona de frente assemelhada à segunda etapa da divisão estabelecida por MacCannell. A cozinha, os quartos, o próprio espaço do cotidiano da família, além de ter sido modificado, tinha sido reconstruído conforme certa visão de realidade turística.

Assim, podia-se perceber que a família morava atualmente numa nova dimensão definida como uma zona de frente adaptada e decorada para lembrar uma zona traseira. Esta reconstrução da casa simbolizava uma reconfiguração do espaço familiar dentro de uma lógica turística que redefinía a própria funcionalidade da casa. Essa funcionalidade era redesenhada para as necessidades dos turistas, mais do que para a própria família. Isso caracteriza a zona de frente da segunda etapa, a qual seria funcionalmente uma zona de frente cosmeticamente decorada com elementos lembrando as atividades da zona traseira e criando assim a atmosfera autêntica (MACCANNELL, 1976, p. 101). Assim, os esforços do Alfredo para adequar a pintura exterior das paredes e enfeitá-las com desenhos típicos ilustram esta lógica. Além disso, o fogão a lenha, construído na cozinha moderna, permite criar as impressões de estar nesta zona traseira lembrada.

A família, durante este período de reconstrução não tinha mais nenhum lugar que fosse de uso doméstico e privado. O único espaço privado era então o espaço estabelecido

⁷⁵ César foi entrevistado informalmente em 20 de julho de 2010, em Pueblo, na *tienda de abarrotes* da Praça principal.

temporariamente dentro da casa em construção, para poder dormir. Esta transformação em zona de frente levava a própria família a se encontrar de certa forma deslocada e então “hospedada” na sua própria casa, passando a viver na própria zona de frente do cenário turístico. Nestas palavras, pode-se dizer que se testemunhava mais a construção de uma pousada do que de uma casa de família. A presença escondida do *cuy* vivendo agora do lado de fora, marginalizado fora de um espaço que tinha sido seu, estava acompanhada pela condição de vida temporária da família considerada como “errante” num espaço em mutação progressiva. Defini esta situação como “nova transformação dos bastidores íntimos” de acordo com a lógica de transformação heterogênea das casas no conjunto da ilha. Passaremos agora para a casa de Julio Borda, em outra comunidade.

2.2. *Comunidade de Villa Orinojón: na casa de Julio Borda, o espelho da memória da atividade turística em Amantaní*

A minha estadia de dois dias na casa da família de Julio Borda, à beira do lago, a qual ficava na comunidade de Villa Orinojón, última comunidade do bloco de comunidades situadas na parte ocidental da ilha, foi decidida por acaso. Alfredo Cari orientou-me em direção a esta família, ao evocar o período histórico pré-distrital, quando Amantaní ainda pertencia ao distrito de Capachica, antes da criação do distrito “independente” de Amantaní em 1968. As autoridades de Capachica se deslocavam então regularmente para Amantaní exercendo certa pressão sobre os camponeses, os quais já viviam em posição de subordinação com respeito aos seus hacendados, embora na época a ilha ainda fosse terra de *hacienda*:

Pero quienes han quedado en la memoria de los amantaneños como los individuos más abusivos son las autoridades políticas del distrito de Capachica [...] Estos personajes eran temidos por los campesinos, pues todo contacto con ellos siempre conllevaba su explotación como mano de obra gratuita o la pérdida de bienes materiales [...] Además, cuando visitaban Amantaní, robaban ropas y alimentos a los campesinos. (GASCÓN, 1999, pp. 211-212).

De acordo com Alfredo, Julio Borda tinha muito conhecimento sobre esta época, e em sua propriedade ainda haviam buracos cavados na rocha, onde os *comuneros* se teriam escondido para escapar das autoridades de Capachica, quando estas vieram para enviar homens que combateriam junto com as tropas do exército durante a guerra do pacífico. Este aspecto histórico me interessava e Julio podia representar, então, um bom interlocutor para dialogar sobre o fenômeno turístico na ilha. Quando toquei na porta da casa, no horário do almoço, para me apresentar à família, ainda não sabia que estava entrando numa das primeiras

famílias que contribuíram no desenvolvimento turístico na ilha, e cuja casa era um verdadeiro lugar de memória, testemunhando a história do turismo na ilha desde seu surgimento em 1979.

21 de julho de 2010. Ao entrar na cozinha da família, o meu objetivo era simplesmente estabelecer uma conversa com Julio Borda. Porém, em sua ausência, a sua filha, Flora, convidou-me a entrar e me fez sentar à mesa da cozinha, para me servir um prato de *segundo* do almoço: uma truta com arroz, feijão e batatas, feitos no fogão a lenha. Ela estava servindo o prato a um grupo de dez turistas franceses. Na cozinha, o ambiente era efervescente. O movimento era contínuo. Flora cozinhava, enquanto seu irmão, Daniel, os servia junto com a filha de Flora, Madeleyni, de cinco anos. Flora e Madeleyni vestiam o traje típico das mulheres de Amantaní. A filhinha agradava os turistas com este traje, que lhes parecia então “tão bonitinho”, enquanto ela ajudava sua mãe de maneira muito natural.

Os turistas almoçavam na sala do lado, com vista para o lago. A recepção para o grupo parecia ser de grande escala, e a cozinha nesta casa não tinha mais o mesmo significado que nas outras famílias. O espaço que permitia a interação “vivencial” não aparecia neste contexto. O grupo de turistas almoçava numa grande sala, um *comedor*, construído para eles, conversando com o guia, o qual na verdade era o outro irmão da Flora, filho do Julio Borda, se chamava David. Tive a primeira impressão de entrar numa empresa familiar onde tudo parecia girar ao redor do turismo. Encontrava-me simplesmente na casa da família na qual o turismo tinha penetrado havia quase trinta anos. Desde este período, cada membro da família desempenhou um papel importante para o sucesso da atividade turística na família.

Julio Borda, o pai destes três protagonistas, era dono de lancha aposentado. Ele era o dono da lancha *Arca de Noé*. Tinha cinco filhos: Flora, cozinheira que aprendeu a cozinhar para grupos grandes de turistas; David e Silvério, os quais estudaram fora da ilha para se tornarem guias de turismo multilíngües; Daniel, o filho menor, o qual vive na ilha e tem uma banda de música, e outra filha, a qual vivia e trabalhava na Venezuela. A mulher do Julio não estava com boa saúde, mas vivia na casa com ele, junto com o filho Daniel. Flora morava numa casa nova, a poucos metros da casa dos pais, com a filha e o marido, dono de lancha também, que continuava a atividade do sogro com a mesma lancha.

O perfil da família me pareceu de grande interesse com respeito ao seu forte vínculo com a atividade turística, e resolvi avisar à Flora que eu voltaria no dia seguinte, para encontrar-me com o Julio e também me hospedar na casa por uns dois dias.

No dia seguinte, ao tocar a campainha, um homem veio abrir a porta para mim. Aquele rosto bastante marcado pelo sol e pelo passar dos anos de uma vida dedicada a trabalhar,

navegando sobre as águas do lago, acolheu-me com um grande sorriso. Era Julio Borda. Mostrou-me o quarto em que eu poderia ficar, no primeiro andar da casa, e convidou-me para descer um pouco mais tarde para o almoço, pois Flora, ainda não havia chegado e ela é que deveria prepará-lo. No topo da pequena escada, a qual levava aos quartos do primeiro andar que dava sobre um pátio interior da propriedade, podia-se ler uma pequena mensagem escrita com pequenas pedras incrustadas no chão algumas décadas antes: “*Bienvenidos a la familia Borda*”. Significava que, no interior desta propriedade, não se estava mais “numa das famílias da ilha de Amantani”, senão “na Família Borda”.

No primeiro andar da casa havia cinco quartos dispostos ao redor do mezanino, o qual dava sobre o pátio, com uma vista agradável sobre o lago. Havia ali um banheiro simples, no qual a descarga se efetuava jogando-se água no vaso sanitário. Este banheiro parecia ter pelo menos 15 anos de funcionamento. Entretanto, nas outras famílias, este tipo de banheiro com vaso sanitário era a última novidade a ser colocada ao serviço dos turistas, hoje em dia, para substituir as cabinas de cor verde. O conforto do banheiro com vaso sanitário não era o único elemento que parecia ter aparecido com muito avanço comparando-se às outras famílias. Caso similar era relativo ao acesso à energia elétrica. A casa possuía também um sistema elétrico, o qual tinha uns doze anos de existência. O primeiro painel solar fora instalado na casa no final da década de 1990. Esses fios brancos de plástico, os quais tinham aparência de bastante usados, alimentavam as lâmpadas dos quartos. Ouvi uma voz feminina, a qual vinha do andar inferior: – “*Guillermo!*” Chamavam-me para o almoço.

Sentei-me à mesa da cozinha, disposta em frente a outra, onde Flora preparava o almoço e cozinhava os alimentos sem falar comigo. Percebia-se que ela estava acostumada a cozinhar rapidamente. Neste dia, o almoço deveria ser preparado rápido, pois Flora acabava de voltar de uma reunião na escola da filha. Por isso, a comida não seria preparada na minha frente, nos caldeirões do fogão a lenha, mas nos mesmos caldeirões pretos usando o fogão a gás. Eu estava sentado na frente deste espetáculo da cozinha e parecia-me ter cruzado certa barreira temporal invisível ao entrar nesta casa. Os banheiros e a eletricidade eram coisa comum, e aqui se cozinhava no fogão a gás. A visão dos caldeirões pretos dispostos neste segundo fogão representava para mim uma alegoria da situação da família e de outras famílias, como veremos mais adiante, a qual se situa dentro do espaço íntimo das suas casas num período de transição entre tradição ostentada e modernidade ocultada. A tradição “perdurava” ao receber os grupos de turistas: a comida estava sendo preparada tradicionalmente no fogão a lenha. Porém, na vida cotidiana, quando não havia turistas, se usava o fogão a gás.

Foi servido o almoço: sopa de trigo (servida duas vezes), arroz com batatas e um ovo frito, chá de *muña*. Enquanto eu comia, Madeleyni, hoje vestida normalmente, da mesma forma que a sua mãe, ou seja, sem roupa “tradicional” específica, observava-me e tentava brincar comigo. De acordo com a sua mãe, ela vestia o traje tradicional quando tinha um grupo de turistas e estava com vontade. Ela não parecia intimidada por minha presença na casa, e respondia sem problema às minhas perguntas, sem mostrar nenhum sinal de constrangimento, da mesma forma que as filhas de Alfredo e Olga. As crianças, nos dois casos, pareciam acostumadas com a presença estrangeira em casa desde a sua pequena infância.

Comecei a questionar Flora, informalmente, e minha primeira pergunta foi desencadeadora de um relato inteiro sobre a sua memória do turismo na sua casa. Enquanto Madeleyni presenciava a atividade turística numa etapa transitória hoje em dia, a sua mãe, em sua infância, tinha testemunhado a chegada dos primeiros turistas numa época na qual a recepção desses últimos era improvisada, sem planejamento prévio. Perguntava para ela se ainda tinham *cuyes* na casa:

- *Esta cocina, la tenemos desde hace ocho años, es nueva. Pero, en la cocina antigua, convivíamos con los cuyes, todavía tenemos en la cocina antigua. Muy distinto, era, antes. Ahora tengo 38 años, pero al principio, cuando llegaron los primeros turistas (Flora tinha mais ou menos dez anos de idade quando chegaram os primeiros turistas em sua casa, no começo da década de 1980, entretanto aparece no relato a chegada do primeiro turista em 1982), yo no podía conversar con ellos porque casi no hablaba castellano. Tan tímida era! Cuando estaba en el colegio, tenía que cocinar para ellos. Ya llevo mucho tiempo cocinando para ellos. Cuando mis hermanos se fueron a Puno, a estudiar, me quedé aquí, cocinando. Antes, los turistas se quedaban varios días, ahora unas horitas nomás se quedan. Al principio, no sabíamos cómo hacerles dormir. Les echábamos lana e frazadas de oveja por el suelo. No había sábanas. Éramos unos cochinos. Estábamos con la cara negra, bien sucios, estábamos. Me acuerdo que los turistas nos llevaban al lago y nos lavaban. Antes, el champú no existía, nosotros usábamos una mezcla a base de orine fermentada con cenizas para lavarse el cabello. Lo peor es que teníamos pulgas también, las podíamos ver saltando en nuestras cabezas. (Flora, Villa Orinojón, 22/07/10)*

Ressaltam-se deste relato vários elementos importantes: nas famílias nas quais o turismo tinha ingressado bem cedo, de uma geração para a outra, percebia-se uma diferença de atitude adotada pelas crianças. Flora explicava a timidez e a dificuldade para se comunicar com os turistas da mesma forma como ocorria em outras famílias, como veremos mais adiante. Hoje em dia, a sua filha de cinco anos se aproxima deles e interage sem receios, da mesma forma que as filhas de Olga e Alfredo. A presença regular do turista em casa parece criar certo costume que se verifica na atitude das crianças que crescem em sua presença. Se

compararmos, por exemplo, a atitude de Flora e dos seus irmãos à atitude de Olga e Alfredo, pode-se notar que são adultos jovens que guardam uma proximidade particular com os turistas, posto que desde a sua infância suas famílias já recebiam turistas, pois eram famílias de donos de lancha. Pode-se supor que a última geração, ou seja a de seus filhos, terá em alguns anos uma relação diferente com o turista, a qual tende a ser mais próxima ainda.

Mas o relato de Flora inscreve-se fortemente dentro de um contexto de mudança de tempo. Constatase, claramente, que existe o tempo de antes, quando o turismo apareceu misturado com o tempo da juventude e o tempo de hoje, no qual o turismo faz parte do quotidiano da família e se faz de maneira organizada. Esse discurso é ilustrado dentro do marco da mudança espacial e da transformação da casa da família: uma transformação progressiva que aos poucos se adapta às necessidades do turista. Este exemplo da casa da família Borda representa um modelo paroxístico de transformação do lugar privado e íntimo familiar. Esse lugar podia ser percebido, inicialmente, como “bastidor” pelo turista que chegava. Porém, foi se transformando aos poucos, modelando a casa familiar segundo as necessidades para a hospedagem dos turistas e mudando o estilo de vida tradicional da família. Mais tarde, minha conversa com Julio me ajudaria a entender o passado da família e o seu desempenho para o desenvolvimento da atividade turística.

Julio era dono de lancha, como o seu pai. Do tempo do seu pai, navegava-se no lago com uma balsa de *tоторa*. Ele começou a atividade em 1960 com uma lancha com vela. Em 1966, ele recebeu o primeiro motor. Julio explicou-me que naquele tempo, e até a década de 1990, as lanchas saíam somente duas vezes por semana, na quarta-feira e na sexta-feira. O testemunho de Julio não aparece no estudo de Gascón sobre a exploração e o controle do recurso turístico pelos donos de lancha. Porém, ele foi um dos primeiros a incentivar o turismo na ilha, no final da década de 1970, quando Amantaní ainda não era promovida como destino turístico nos guias ou agências de turismo ao nível nacional e internacional:

– En esta época, me acuerdo que en Puno, llegábamos, e íbamos directo al mercado central. Allí se quedaban los turistas. Nosotros (trata-se, aquí, do grupo de lancheros que emprendia a viagem para Puno) hablábamos con ellos y tentábamos convencerlos: Quieren conocer Amantaní, una isla turística? Les decíamos. (Julio Borda, Villa Orinojón, 22/07/10)

De certa forma, pode-se dizer que os donos de lancha fizeram, naquela época, a sua própria promoção da ilha percebendo que o seu modo de vida atraía o turista. Eles trabalhavam com as lanchas e eram então os únicos que possuíam o meio de levar pessoas para a sua ilha. Não existe nenhum registro oficial deste depoimento, o qual somente

permanece ancorado na memória do velho dono de lancha aposentado. Porém, em nossa conversa, Julio apontou o dedo para uma espécie de livro, o qual estava numa prateleira ao lado da mesa da cozinha. Na capa do livro li as palavras em duas escritas diferentes: *Guest book – Libro de invitados*⁷⁶.

Este documento, de pelo menos duzentas páginas, tinha o objetivo de recolher o depoimento dos turistas hospedados na casa da família. Era na verdade uma acumulação de cadernos avulsos, encadernados à medida que eles ficavam cheios. O primeiro depoimento foi feito por duas chilenas e uma sueca (Martha, Lilly e Micky) e data de 17 de fevereiro de 1982. Ao folhear as páginas do caderno, o qual levei ao meu quarto para uma consulta mais detalhada, compreendí que tinha entre as mãos um documento original, o qual, de certa forma, podia ser reintitulado: “Pequena Antologia da história turística na ilha de Amantaní”.

Eu percebia o valor deste livro aos olhos de Julio Borda. Ele, com certeza, não conhecia o conteúdo exato do livro, posto que mais da metade dos depoimentos estivessem escritos em línguas estrangeiras. Porém, ele sabia que esses depoimentos falavam dele, da sua família, da sua casa, e refletiam de alguma forma a sua história, a história de um sucesso familiar que hoje em dia está nas mãos dos filhos. Esta pequena “antologia” tinha para o turista um objetivo bem conhecido, pois este tipo de caderno é comum em muitos museus, exposições ou galeria de arte e visam deixar um registro da sua presença no local de maneira quantitativa e qualitativa na memória do lugar. Porém, será que alguns dos turistas que deixaram escorregar a caneta nas páginas deste caderno já se teriam perguntado o que representava tal caderno para uma família em Amantaní? Aquilo do qual se podia ter certeza é que este livro constituiu durante vários anos a única publicidade existente sobre a ilha. Ao me mostrar o livro, Julio explicou-me que ele sempre levava o livro junto com ele para Puno e mostrava os depoimentos escritos aos turistas que encontrava no mercado, como um argumento para convencê-los de vir conhecer a ilha, pois verdadeiramente existia naquela ilha alguma coisa que podia interessá-los, talvez uma “experiência de vida” diferente, numa família de uma comunidade rural do lago Titicaca.

Ao examinar os depoimentos do livro de convidados, percebe-se uma evidente mudança de situação criada pela dinâmica turística na família. O primeiro depoimento data de fevereiro de 1982 e, o último, de julho de 2011. Abri o livro no meu quarto, um pouco mais tarde, da mesma forma que se tivesse aberto uma janela sobre o passado ou o passar dos anos na família Borda. No começo deste livro, punham-se em movimento as personagens

⁷⁶ Documentos privados da família de Julio Borda, Villa Orinojón, Amantaní.

principais, ou atores da história repetida inúmeras vezes de formas diferentes, os Bordas, pais e filhos, os quais apareciam iguais àquilo descrito oralmente, um pouco antes, por Flora e Julio. Os turistas descreviam as cenas espontâneas que tinham vivenciado durante a estadia na família. A leitura dos depoimentos permitia-me observar claramente a existência de dois períodos diferentes correspondendo ao avanço do fenômeno turístico nas últimas três décadas.

Nos depoimentos entre 1982 e até mais ou menos 1994, os turistas passavam em média dois e quatro dias com a família. Eles insistiam sobre o caráter isolado e paradisíaco da ilha, a qual era assimilada continuamente a um pequeno “paraíso” onde a natureza, as pessoas e os animais viveriam em harmonia e na simplicidade preservada da realidade turística do resto do país:

“Só pessoas e a natureza, sem barulho da sociedade, animais e pessoas em harmonia” (17/02/82), “La naturaleza está adecuada a las necesidades de la población” (26/02/82), “Um pouco de sonho neste canto perdido ainda preservado da onda de turistas que nos somos.” (04/03/82), “Aqui é como o paraíso terrestre” (14/03/82), “Eu acho que acabamos de achar o paraíso em Amantani” (01/05/82), “Nos sentimos como os protetores de um paraíso perdido” (04/12/83), “Foi uma mudança bem-vinda das paradas turísticas regulares” (19/03/83), “Esta ilha é como se fosse de outro século, como uma viagem por meio de uma máquina através do tempo.” (25/03/85), “Foram três dias de intervalo com o resto do Peru.” (05/12/87), “Um paraíso que parece vindo de outro tempo” (05/87), “Se você quer guardá-lo similar ao jeito que você o achou, não avise seus amigos e não escreva para guia de viagem nenhum.” (30/07/88), “La simplicidad de la gente, la imponencia del paisaje y la paz del lugar hacen de esta isla un paraíso para quien vive en la ciudad.” (02/89), “Esta ilha capturou toda sua beleza na sua paisagem e nas suas pessoas. Os dois são simples, ainda intocados pelo homem moderno.” (29/08/89), “Casi olvidado que estoy en un país al borde de la anarquía que padece tantas plagas como el terrorismo, la corrupción y el cólera.” (24/05/91)⁷⁷.

Percebemos, com os depoimentos, certa atualização da moldura da “descoberta” das Américas por Cristovão Colombo. Como mencionamos no capítulo anterior, para ele, as terras encontradas também foram relacionadas ao “paraíso”. Neste contexto, essa metáfora da “descoberta” e do “paraíso” demonstra quanto a atividade turística se pauta por uma orientação cosmológica européia, que faz da diferença e da distância objetos constantes de sua própria mitificação (*autopoiesis*).

Neste cenário, Julio aparece como o guardião deste “paraíso”, posto que ele permitisse, naquela época, a passagem de um mundo para outro, a passagem do “mundo real” turístico peruano em Puno para o “paraíso” amantanenho:

“Cuando salimos en el bote Arca de Noé, llegamos a un verdadero paraíso del Perú” (18/04/82), “Ontem, caminhando em Puno, O Hugo e eu encontramos o Julio, o

⁷⁷ Ver fotos de alguns desses depoimentos no anexo 5 a partir da página 189. Esses depoimentos, formulados em diversas línguas estrangeiras (francês, inglês e italiano), estão traduzidos em português pelo meu cuidado.

proprietário do Arca de Noé. Um homem verdadeiramente bom e que eu acho também sábio. Julio nos propôs de viajar para Amantaní com a sua lancha, depois de combinarmos o preço, nós vimos a lancha e, na hora, lhe dissemos que estava combinado. Podíamos sair.” (28/01/90).

Os outros atores evocados nos depoimentos eram Esperanza, mulher de Julio, e sua filha, Flora, que se ilustravam na preparação de pratos gostosos sempre a base de batata e de chás feitos com plantas da ilha: “*las sopas riquísimas de la señora con mates medicinales.*” (26/02/82), “Batatas: almoço, jantar e café da manhã.” (07/82), “Compartilhando umas refeições fantásticas com todos os animais na cozinha aconchegante.” (17/09/94).

Os últimos atores que tinham um papel importante na construção da dinâmica da família na cena do turismo eram os três filhos: David, Silvério e Daniel, os quais animavam as noites tocando e cantando músicas, ajudados pelo seu pai, Julio. Essas noites apareciam nesta primeira fase, dando lugar a uma interação mais espontânea com os turistas, que cantavam com os garotos e tentavam tocar também. O sentido destas noites correspondia de certa forma às noites tradicionais que os membros das famílias passavam juntos contando histórias ao lado do fogão:

“Reuniões familiares à luz de velas” (27/28/03), “a noite de ontem com músicas e cantos” (04/12/83), “O senhor Borda nos acompanhou tocando flauta peruana.” (13/01/83), “Os guris fazem concertos à noite.” (07/03/87), “À noite, dançamos e cantamos neste quarto. Tinha cinco garotos tocando música tradicional e uma menina dançando com Johan e eu (Deduz-se aqui a presença de Flora dançando sob a música dos seus irmãos com os turistas).” (18/12/85).

Levantei alguns depoimentos cuja visão mais crítica questionava a tendência geral de chamar o lugar de “paraíso”, tentando mostrar o lado etnocêntrico de querer conservar o lugar tal como era. Neste aspecto, desvenda-se claramente através dos depoimentos que o autêntico se confunde com o paradisíaco. Qual seria o objetivo de conservar o lugar e preservá-lo de qualquer mudança? Para o bem de quem? Da própria população ou para o prazer do turista vindo visitá-lo e querendo comprovar essa autenticidade exótica? :

“Amantaní no se describe, se vive, pero para aún cuánto tiempo?” (28/03/82), “Que arrogância falar que a vida deve permanecer do jeito que ela está aqui. Nós deveríamos aprender a construir o nosso próprio paraíso em vez de procurá-lo em outro lugar!” (22/01/84), “Depois de ler os outros depoimentos, há muitos com os quais concordo e muitos com os quais não concordo. Esta ilha é linda e as pessoas maravilhosas, especialmente os Borda. Entretanto, paraíso, não é. Resulta arrogante assumir essas pessoas perfeitamente felizes e vivendo em harmonia. Nós, chegando do ocidente, nós, gringos, não poderíamos saber qual escolha essas pessoas fariam se dada a oportunidade de viver no nosso mundo, e de ter bastante dinheiro e liberdade para viajar da mesma forma que o fazemos.” (17/03/86).

Notei, pelos depoimentos, que depois de 1994 abria-se outro período da atividade turística, com menos depoimentos e um tempo de permanência muito menor do turista na ilha: um dia e meio. As críticas começavam a ser mais numerosas em relação ao valor econômico acordado com o turista. A participação dos turistas à festa organizada com trajes típicos aparece por primeira vez em janeiro de 2003.

Neste contexto, pode-se dizer que a casa da família Borda representa um verdadeiro “lugar de memória”, memória do turismo, cujas etapas diferentes, além de testemunhadas pelos turistas, no papel, se cristalizaram dentro da configuração da casa. Minha entrevista com Julio Borda sobre a configuração da sua propriedade me permitiria observar como a grande aventura do turismo começou para ele e em qual contexto de interação. A casa tinha sido transformada para os turistas e podiam-se perceber as etapas progressivas desta transformação ao observar a configuração da casa. Entender-se-ia melhor, desta forma, como a sua casa testemunhava do progressivo avanço do turismo na ilha e como a tendência atual na ilha inteira, de certa forma, se refletia no exemplo paradigmático desta casa.

A cozinha na qual eu estava sentado ao lado de Julio Borda, naquela noite do dia 22 de julho, seis anos antes era inexistente:

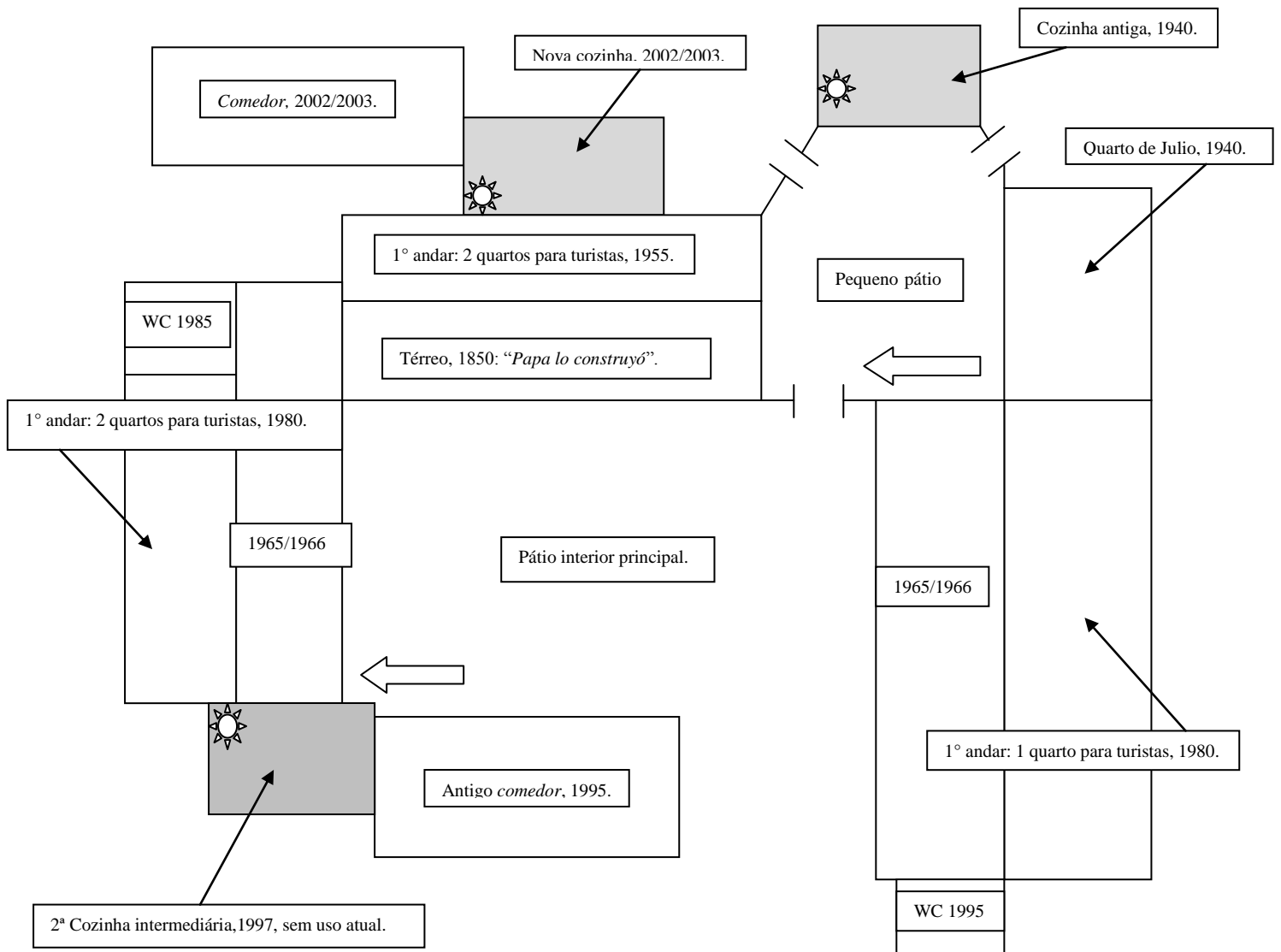
– *Esta cocina y el comedor no existían, había un pequeño terreno, era un canchón de ovejas.* (Julio Borda, Villa Orinojón, 22/07/10)

Hoje em dia, as ovelhas ficam num espaço muito estreito do lado de fora da casa, no nível da entrada. A redução dos terrenos para a ampliação das casas, da mesma forma vista na casa de Alfredo Suaña e do irmão de Olga em Pueblo, era um fenômeno bastante recente vinculado à atividade turística:

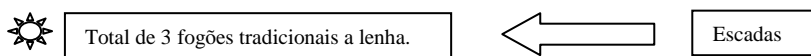
– *Antes, todos tenían una casa pequeñita con un terreno grande para los animales. Ahora, es el contrario pues, casa grande, terreno chiquito nomás tienen.* (Julio Borda, Villa Orinojón, 22/07/10)

Para entender melhor as etapas sucessivas da reconfiguração da casa, ao longo dos anos de exploração do recurso turístico, cabe observar a planta estabelecida da casa da família Borda com as datas correspondentes à destruição, construção e reforma dos vários pedaços da propriedade familiar.

FIGURA 9: Planta esquemática da propriedade da Família Borda, Villa Orinojón.



Legenda:



A observação da planta esquemática da propriedade mostra que o lugar mais antigo é o térreo da casa principal, construído pelo pai do Julio aproximadamente em 1850. De acordo com as suas lembranças, existia uma primeira cozinha do lado direito da casa, a qual foi destruída em 1940, antes da construção da cozinha antiga e do quarto de Julio e de sua esposa, Esperanza. Seguiu-se a construção dos térreos e dos primeiros andares, a partir da década de 1980, destinados aos turistas. É paradigmático notar a existência de três cozinhas: a mais antiga, a cozinha tradicional construída em 1940; a segunda cozinha, construída em 1997, e a terceira cozinha, nova, construída em 2002/2003. As três cozinhas possuem um fogão à lenha

tradicional idêntico construído de terra. A primeira foi usada para a convivência com os turistas de 1982 até 1997. A partir desta data, a cozinha foi transferida para o fundo do pátio principal, e teve um uso por seis anos, antes da construção da nova cozinha e do comedor atuais. A cozinha intermediária não possui mais nenhum uso hoje em dia. Ela permanece na casa apenas como vestígio de certa época. Uma época intermediária na qual a interação aos poucos ia mudando e se adaptando sempre mais ao conforto do turista, o qual, sem saber, estava incentivando a transformação progressiva do espaço de vida íntimo da família. Na primeira cozinha, permanecem uma janela e a porta bastante estreita de tamanho original. Uma janela maior tinha sido instalada à época.

Com respeito aos *cuyes*, sempre permaneceram (e ainda existem) nesta primeira cozinha. Eles não tiveram que desaparecer, posto que a própria cozinha foi deslocada para outro lugar. Porém, eles não estão mais soltos dentro da cozinha: permanecem dentro de grandes caixas em cima das quais se pode sentar. O fato de ter uma segunda cozinha a partir de 1997 fez com que a família não tivesse que colocá-los em outro lugar. A cozinha intermediária é um pouco maior que a primeira e é coberta com papel de parede. A cozinha nova possui, hoje, um uso puramente turístico. Flora tem sua própria casa, mas cozinha na casa dos pais quando há turistas hospedados. Com respeito aos seus pais, eles preferem descansar ou cozinhar na cozinha antiga, que nunca perdeu a sua função primária, e Julio me confessou que a sua mulher ainda prepara a comida nesta cozinha originária.

FIGURA 10: Fogão a lenha na cozinha original da família, construída em 1940.



FIGURA 11: A cozinha intermediária, construída em 1997.



FIGURA 12: Fogão a gás e o caldeirão do fogão a lenha tradicional, na nova cozinha construída em 2002/2003.



Fotos tiradas em julho de 2010, Guillaume Perche.

A casa da família Borda se apresentava para mim como espelho da atividade turística em Amantaní por vários motivos, decorridos da observação do espaço íntimo da casa com respeito às diversas modificações efetuadas no tempo. Essas modificações, relacionadas à passagem de certo cenário turístico a outro, permitiam-me enxergar a casa dos Borda como o exemplo daquilo que se opera de maneira escalonada nos ambientes das outras casas de famílias. Esta casa juntava uma multiplicidade de situações diferentes em razão de sua história relativamente longa no âmbito turístico representadas alegoricamente na existência das três cozinhas na mesma casa.

De acordo com os testemunhos de turistas gravados na “pequena antologia do turismo na ilha” e o discurso sobre o turismo recolhido da fala de Flora e de Julio, eu enxergava a situação social criada no começo da atividade turística, na década de 1980, como se acontecendo numa zona traseira original, um verdadeiro bastidor, de certa forma equivalente àquela definida por Goffman. Esta zona traseira antiga incluía o turista dentro da dinâmica de vida tradicional familiar, na qual conviviam a família, os turistas e os animais. A cozinha tradicional não separava o turista do resto da família. A definição desta zona traseira como

“tipo de espaço que motiva a consciência turística” (MACCANNELL, 1976, p. 102) seria justamente o tipo de situação que alimenta, ainda hoje, a narrativa articulada ao redor do conceito de “autenticidade” veiculado fora da ilha. Este tipo de espaço que não existe mais como tal, ainda existe no discurso apesar de ser configurado na prática de acordo com outros cenários que tendem em representá-lo como original.

À medida que os turistas começaram a chegar de maneira mais contínua na casa dos Borda, a realidade apresentada na zona traseira começou a se articular ao redor de vários cenários turísticos acompanhados pelas transformações da casa no decorrer o tempo. A janela maior apareceu na cozinha mais antiga seguida da construção da cozinha intermediária, onde o papel de parede, a desapareição dos *cuyes* e a nova configuração desta cozinha estreamam a passagem da zona traseira original para uma zona traseira, que corresponderia à quinta etapa da divisão de MacCannell, na qual esta zona é alterada e limpada em razão da introspecção permitida ao turista (MACCANNELL, 1976, p. 102). Progressivamente, a partir da construção da nova cozinha e do seu uso em 2003, o cenário turístico passou para a terceira ou segunda etapa da divisão mencionada. A interação efetua-se, então, num comedor grande enfeitado com objetos nas paredes e separado da cozinha, criando assim uma configuração parecida com aquela de um verdadeiro restaurante. Visto desta perspectiva, poder-se-ia definir numa dimensão temporal o passado como zona traseira se transformando em zona de frente no presente.

Na casa da família Borda, o tempo se lê nos diferentes lugares da casa. A cozinha e o quarto de Julio e de sua mulher (visto do exterior) evocam uma dimensão intemporal na qual o turismo não transparece; lemos na segunda cozinha as marcas do avanço e da modificação progressiva da zona traseira, que corresponde ao começo do turismo a partir da década de 1980: os banheiros juntados à propriedade, os quartos do segundo andar para os turistas e os quartos do térreo que não mudaram desde a década de 1960; e a terceira cozinha com o fogão a gás. É possível qualificar as marcas dos elementos trazidos à propriedade para melhorar o acolhimento dos turistas segundo uma *estratificação da memória* legível nas paredes e na paisagem da propriedade (ZONABEND, 1980, p. 226). Aqui, o tempo aparece em estratos acumulados onde se lê a forma de vida antes do turismo e as diversas formas de interação com o turista, desde a sua primeira chegada há 30 anos: o tempo longínquo, a infância dos filhos marcada pela chegada dos primeiros turistas e a época atual na qual a família se tornou uma microempresa turística familiar.

A *estratificação da memória* (*idem, ibidem*) é um aspecto que se observa de maneira clara no caso da propriedade dos Borda, apesar de poder ser observada de modo geral nas

propriedades das famílias hospedeiras, cujos lares testemunham de diversas formas o avanço do tempo e as modificações operadas para o turismo. Essas transformações não transparecem obrigatoriamente de maneira visível, mas a observação da planta esquemática das casas permite desvendar a acumulação dos estratos ao passar dos anos. Essas transformações podem ser importantes, como na casa de Alfredo e de Julio, ou mais humildes, como no caso da casa da Epifania, para a qual voltaremos agora.

2.3. *Comunidade de Lampayuni: na casa de Máximo Juli e Epifania, a outra interpretação do “recanto autêntico” da cozinha*

A casa não tinha mudado. A reprodução do arco de pedra no portão da casa, elemento que normalmente simboliza a entrada e saída de cada comunidade da ilha, acolhia-me uma vez mais na casa da família de Epifania. O arco entra na dinâmica de querer enfeitar o lugar de moradia com o objetivo de torná-lo autêntico aos olhos do turista. Ele existe no portão de várias casas da ilha, notadamente nas casas de quem trabalha com as agências de turismo. Assim, visto de fora, a estética da casa deixava supor uma intensa atividade com o turismo. Porém, eu descobriria, na manhã seguinte à minha chegada, que eu tinha sido um dos últimos dez turistas a pisar o chão desta casa um ano antes, em julho de 2009.

Epifania tem 47 anos e seu marido, Máximo, tem 60 anos. Epifania é a segunda mulher de Máximo, cuja primeira mulher saiu da ilha para trabalhar em Arequipa e em Lima. Ele teve três filhos com a primeira e seis com Epifania. Todos moram e trabalham fora da ilha, praticando a emigração temporária para trabalhar. Eles vêm a Amantaní durante os períodos de festas. Atualmente, somente as duas últimas filhas, Raquel Naira e Catherine Lourdes, vivem com eles.

O ambiente da casa também não mudou. Não tem eletricidade e o jantar ainda se faz ao brilho das velas. O cenário do jantar foi similar ao ocorrido no ano anterior, apesar de eu estar sozinho na mesa, com o mesmo olhar cruzado com as filhas do casal. As filhas ainda mostram curiosidade com a presença do estrangeiro dentro de casa. Percebe-se claramente a timidez da família diante do estrangeiro, uma timidez que provém talvez do fato deles não falarem espanhol fluentemente.

Cabe mencionar a importância do quíchua falado na ilha e a sua importância no controle das impressões resultantes da interação com o turista. Alguns pesquisadores, em seus trabalhos, perceberam no uso das línguas indígenas certa *estratégia étnica indígena* para a sobrevivência (ADAMS, 1992, p. 12). Porém, podemos enxergar no uso do quíchua, no

contexto turístico em Amantaní, certa estratégia para manter a intimidade familiar durante o processo de interação com os turistas, sendo a língua o último elemento que permite, neste contexto, preservar a comunicação dos membros da família entre si. O fato de poder se expressar sem ser entendido, cria certa dimensão na qual os membros da família se encontram entre si, apesar da presença dos *de fora*. Dentro desta interação, a língua permite a criação de um “bastidor” imaginado e impenetrável no qual, somente quem é *de dentro*, consegue interagir. A população da ilha é de língua materna quíchua. O domínio do espanhol varia sensivelmente dependendo das famílias nas quais certas pessoas já moraram fora da ilha e se expressam sem dificuldade em espanhol. Porém, na presença do turista, o quíchua é comumente usado para expressar aquilo que não deve ser entendido e também os comentários sobre os próprios turistas e suas reações. Pode-se dizer que o uso da língua afasta a pessoa *de fora* do bastidor da zona traseira sendo apresentada no cenário turístico.

O casal recebe turistas desde 2002, trabalhando com agências da cidade de Puno. Em nove anos de trabalho recebendo grupos de turistas com as agências de turismo, Máximo empreendeu várias modificações na casa reorganizando, de certa forma, o esquema de vida dentro do espaço interior do lar familiar. A parte da casa onde fica a cozinha foi ampliada, criando assim aquele recanto perceptível desde o interior da cozinha. Um segundo andar, em cima da cozinha, foi construído ao mesmo tempo para disponibilizar pelo menos dois quartos suplementares. A casa dispõe, hoje em dia, de um único quarto com duas camas para os hóspedes. Os animais também sumiram de dentro da casa. Os *cuyes* foram deslocados para outro espaço, próximo à cozinha: um espaço cuja porta dá na cozinha, mas nunca fica aberta. A presença do animal dentro da propriedade é perceptível pelos gritos que ele faz. O muro do recinto de terra e o arco de pedra também foram construídos para se adequar à demanda turística e dar um parecer de autenticidade. Máximo trabalha a pedra do lado de *Pachamama*. Trabalhar a pedra é uma das atividades ainda existentes em Amantaní. A ilha vende pedra e produtos feitos deste material para a região. Ele não teve dificuldade para trazer e enfeitar a sua casa com esses produtos: mesas, bancos, arco, vaso sanitário. Na frente da casa, há duas casas. A primeira é abandonada, trata-se da casa onde Máximo morava com a sua primeira mulher. Ele construiu a casa atual quando se casou com Epifania. Ao lado desta, uma casa suplementar está sendo construída para os filhos que vêm passar alguns dias durante as férias.

Na manhã do primeiro dia hospedado na sua casa, Máximo me trouxe um caderno de escola no qual estavam escritos os nomes de todos os turistas hospedados desde julho de 2002. Não se tratava, neste caso, de um tipo de *Guest Book* como aquele consultado na casa

de Julio Borda, mas um simples caderno de contabilidade, no qual constava uma cruz na frente do nome dos turistas cujo valor para a estadia tinha sido pago pela agência.

FIGURA 13: Relação do número de turistas hospedados por ano e por mês na casa de Máximo e Epifania Juli

Ano/Mês	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
2002	-	-	-	-	-	-	2	13	6	12	2	
2003	-	-	-	-	-	-	3	13	31	3	-	2
2004	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2005	-	-	-	-	8	2	15	18	3	3	3	1
2006	-	2	2	-	-	6	-	26	3	11	9	-
2007	-	-	-	4	9	2	6	1	-	-	-	-
2008	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2009	15	-	-	-	-	-	36	9	-	-	-	-
2010	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

O número de turistas recebidos testemunha claramente a intensa atividade turística durante o período de alta temporada, entre julho e outubro. Normalmente, as agências efetuam a repartição por famílias, de forma que cada família trabalhando com uma agência receberia um número equitativo de turistas a cada mês. Porém, observamos na relação que o número de turistas hospedados é bastante aleatório. Supondo que cada família trabalhasse com várias agências de turismo, cada agência não sabe exatamente se a família recebeu turistas de outras agências. O sistema não pode ser tão fiável. Além disso, o guia, que é quem decide a qual família enviar turistas, também tem o poder de decisão que não se funda sobre a equidade, senão no benefício pessoal. O mal reparto se efetua enviando um número muito elevado de turistas no mesmo mês (36 turistas em julho de 2009) ou nenhum turista. Isso mostra que a família não pode confiar com a entrada de capital de maneira estável.

Outro fato, já relatado no começo do capítulo, é a exploração das famílias pelas agências da cidade de Puno. A casa de Máximo e Epifania representa um exemplo concreto deste problema. A família Juli é uma família bastante humilde. A casa é bastante humilde também, e apresenta uma reorganização mínima para a hospedagem de turistas. A família depende totalmente das agências para receber turistas e precisa receber turistas para manter certo nível de vida adquirido com o passar dos anos trabalhando nesta atividade. Porém,

notamos que em 2004, 2008 e 2010 a família não recebeu turistas. Máximo explicou-me a razão desta ausência:

– *Son las agencias, pues, no nos pagan. Hospedamos a los turistas les damos la comida, la cama sin recibir nada. Las agencias nos engañan. Por eso, decidí parar. No quiero más turistas. Ningún turista prefiero recibir. Ahora, terminado.* (Máximo, Lampayuni, 20/07/10)

A única forma de resistir à exploração das agências era para ele, e para outras famílias que relataram casos semelhantes, parar de receber turistas e renunciar à atividade. As agências que não pagam ou pagam muito pouco são conhecidas pelas famílias. Durante a minha estadia, uma acusação foi abertamente feita contra a agência de viagem *Inka Tours*. Trata-se de uma agência maiorista que tem uma parte do mercado muito grande sobre o envio de turistas:

– *La Inka no nos paga. Nadie quiere trabajar con la Inka.* (Máximo, Lampayuni, 20/07/10)

Cabe mencionar a importância do valor retribuído às famílias. O acolhimento do turista pode variar em função do valor retribuído depois, particularmente com respeito à comida. Se o grupo de turistas for enviado por uma agência que não paga bem, a elaboração das comidas pode ser muito mais simples do que se for com agências que pagam o valor devido normalmente⁷⁸. A atuação das agências na qualidade de intermediárias pode, desta maneira, criar uma diferença de trato dos turistas pelas famílias.

Máximo me confessa a sua tristeza de não trabalhar mais com o turismo. Porém, é preciso notar que apesar de não trabalhar mais com a atividade, o turismo é onipresente na vida da família. A cozinha é organizada para receber turistas e ele ainda tem o plano de terminar os quartos para mais turistas.

Apesar de não representar uma presença contínua, o turista marca a casa das famílias de sua impressão no espaço íntimo, no cenário criado para ele. Pode-se dizer que uma vez que o turista entrou na casa, ele não sai nunca mais. Ele proporciona sempre mais perspectivas apesar das desilusões. Na casa da família de Epifania, viver-se-ia num cenário que corresponderia à quinta etapa da divisão de MacCannell. Trata-se de uma zona traseira, a qual foi alterada de forma mínima para poder receber os turistas. O *cuy* desapareceu da cozinha, a mesa ocupa um espaço de maneira perpétua, apesar de não proporcionar nenhum uso para a família fora da recepção dos turistas. As modificações e transformações são mais simples do

⁷⁸ Depoimento de César, professor do colégio de Amantaní, em 22 de julho.

que nas famílias citadas antes, posto que esta família seja de origem mais humilde. Estabelece-se um grau de diferenciação importante entre famílias de donos de lancha ou não para a criação do cenário turístico em casa. A diferenciação social entre a população insular aparece também nos cenários turísticos. Percebemos que a modificação e o deslocamento do espaço íntimo seria uma característica comum. Porém, cada família se encontra propulsada a uma velocidade diferente dentro deste fenômeno, de acordo com a sua origem social. Os donos de lancha já se encontram, portanto, em outra etapa, como percebemos no caso da família de Alfredo e Olga.

2.4. *Comunidade de Villa Orinojón: na casa de Emilio Mamani Juli e Emerinciana, a atuação das ONGs nas famílias da ilha de Amantaní*

Cheguei à casa de Emerinciana e de Emilio sob indicação de Epifania. Sabendo da minha vontade de ficar na casa de famílias diferentes, Epifania me aconselhou a casa de sua irmã, na comunidade vizinha de Villa Orinojón. Emerinciana Quispe vive com o marido, Emilio Mamani Juli, e as duas filhas. A casa da família situa-se na entrada da comunidade. É uma casa grande com uma característica que se tornou familiar em minha passagem pelos caminhos das comunidades: observei que a casa estava sendo ampliada do lado esquerdo. Esta parte da casa em construção se impunha na frente do lado originário da propriedade e já dava para perceber as grandes aberturas previstas para as janelas e as portas. Levaram-me ao quarto, que ficava no segundo andar da casa principal: quatro camas com cobertores coloridos e símbolos andinos, uma mesa para escrever, umas mantas pregadas nas paredes, uns recipientes para as necessidades da noite, umas cadeiras novas, toalhas, lixeirinhas confeccionadas artesanalmente de *titora* e a luz: a Emerinciana acabava de concluir um curso de capacitação em atendimento turístico rural comunitário dispensado pela ONG Cáritas Puno. A observação efetuada na casa desta família permitiu-me, assim, testemunhar da interação proposta no lar das famílias que fazem parte do projeto desta ONG.

A família recebe turistas apenas há um ano e faz parte da *Asociación de Hospedaje Rural "Jamuy"*, cujo presidente é o Nestor Mamani Yanarico, o qual encontraremos mais adiante. Desta associação dependem várias famílias da comunidade de Villa Orinojón, as quais seguiram o curso de capacitação da ONG Cáritas Puno. Eu ainda não sabia exatamente quais tinham sido os cursos aplicados no âmbito da capacitação. Notei que o banheiro, situado numa cabine, era diferente dos outros. Possuía um vaso sanitário de pedra, colocado sobre o simples buraco, e a descarga consistia na utilização de um regador de água. Um sistema

facilitava também a abertura da porta da cabine. A observação do quarto já pressupunha o trabalho feito para cuidar da decoração e da comodidade do turista, mas eu descobriria, passo a passo, a lição dada aos alunos com respeito à grande “aventura vivencial” do episódio da cozinha.

Cheguei à casa da família de Emerinciana pouco tempo antes do almoço. Desci para a cozinha que ficava fora do recinto da casa, do lado direito. Era uma cozinha tradicional cujo teto ainda era confeccionado de *titora*. Uma dessas cozinhas tradicionais que tendem a desaparecer na ilha, mas que persistem na casa de algumas famílias. A fumaça estava saindo do buraco sob elevado feito na *titora*, à guisa de chaminé. O almoço estava sendo preparado. Entrei na cozinha.

Emerinciana estava se agitando ao lado do fogão para preparar a comida e convidou-me a sentar à mesa. Dentro da cozinha bem pequena, a mesa forrada com toalha colorida ocupava um grande espaço. Ao lado, um armário com todos os pratos, copos, xícaras e talheres bem arrumados atrás de um pequeno lençol transparente para protegê-los da poeira. A minha nova mãe-hospedeira fazia tudo na minha frente. O meu espaço como pessoa *de fora*, a mesa, e o espaço dela como pessoa *de dentro*, o fogão, encontravam-se muito próximos. Lembrava do recanto da cozinha de Epifania, que escondia o fogão e o lugar onde a família comia; mas, nesta cozinha, tudo se encontrava na minha frente, o turista sentado nesta mesa podia observar cada movimento da cozinheira, a qual preocupada com o preparo da comida, também tinha que respeitar o cerimonial ensinado durante o curso de capacitação.

O barulho da sopa fervendo no caldeirão e o cheiro da madeira de eucalipto queimando no fogão tradicional feito de barro acompanhavam os gestos da Emerinciana, que pegava um por um os elementos para o meu almoço. Ela pegou um prato no qual passou um guardanapo para me assegurar de que estava limpo. O copo passou pelo mesmo processo e os talheres foram depositados na mesa sobre um guardanapo dobrado com muita atenção, dignos do serviço de um bom restaurante. Ela pegou cuidadosamente a bandeja para colocar a sopa fervente, a qual ela tomou o cuidado de servir após ter deixado esfriar um pouco. Diante de tanto cuidado para me servir e cozinhar para mim, assim ao vivo, eu imaginava que ela deve ter sido uma das melhores alunas do curso de capacitação. Emerinciana parecia aplicar tudo o que aprendera durante o curso com grande habilidade. Minha atenção foi chamada de repente para a garrafa de água sobre a mesa, ao lado da qual havia uma lata de coca. Pareceu-me que a lata estava na mesa havia muito tempo, ou que ela permitia ao turista escolher a bebida desejada: água ou coca, e que ninguém ainda tinha feito a escolha da lata de coca. Em

qualquer restaurante, pode-se escolher a bebida. Era mais um ponto da formação seguido por Emerinciana para o atendimento ao turista.

Neste âmbito, nota-se a atuação das ONGs dentro do espaço e de maneira muito perceptível no ritual de interação com o turista. A prática discursiva difundida por meio dos cursos de capacitação das ONGs aparece de modo claro no ato de preparação da comida. A cozinha, neste caso, é uma zona traseira comparável à cozinha da Epifania. Porém, o ritual da gestual cria um cenário diferente no qual a atuação da Emerinciana deve se encaixar na margem teórica que ela havia aprendido. Naquele momento, ela estava atuando espontaneamente na minha frente.

O almoço estava pronto. Ela me serviu e sentou-se na minha frente para almoçar comigo. O “vivencial” tinha que ser respeitado. Emerinciana tinha vivido vários anos fora da ilha e ela se expressava com facilidade em espanhol em comparação com a sua irmã, Epifania, com a qual a conversa ficava restrita. Posto que estávamos sozinhos almoçando na cozinha, perguntei a Emerinciana se a mesa na qual eu estava sentado servia de alguma forma para a família quando ali não havia turistas. A resposta foi negativa:

– *Acá nomás nos sentamos* (falou-me mostrando as pranchas de madeira dispostas perto do fogão onde ela estava almoçando). *No nos sentamos en la mesa. Para el turista, nomás, es.* (Emerinciana, Villa Orinojón, 21/07/10)

A mesa reduzia pela metade o espaço de vida na cozinha.

E os *cuyes*? Será que também tinham sido embutidos na paisagem da casa, escondidos da vista? Efetivamente, a família tem *cuyes*, mas também tiveram que tirá-los da cozinha quando começaram a receber os turistas:

– *El cuy tuvo que salir de la cocina. Nosotros tenemos cuyes para vender en el mercado en Puno. Bastantes cuyes tenemos. Están acá.* (Falou-me, mostrando uma portinha ao lado do fogão). (Emerinciana, Villa Orinojón, 21/07/10)

Efetivamente, no jantar à noite eu pude ouvir os gritos agudos que esses animais soltam. O jantar aconteceu da mesma forma, com o marido da Emerinciana, Emilio, e a filha maior do casal, de 22 anos. O marido e a filha pareciam muito intimidados com minha visita e era perceptível que eles não se sentiam à vontade com a minha presença dentro de sua cozinha. Comiam em silêncio e não ousavam olhar para mim, apesar de estarem na minha frente. Ouviam-se os gritos soltos dos porquinhos da índia e o constrangimento era maior. O Emilio e a filha riam, então, discretamente, para esconder o constrangimento e falavam coisas em quíchua, que eu não entendia.

Emilio também participou do curso de capacitação e explicou-me o quanto era difícil assistir a um documentário depois de um dia de trabalho. Muitos começavam a tirar um cochilo e não se podia:

– *Para atender el turista, es. Nos decían. Es importante para que puedan trabajar y trabajar bien. Feliz, se va a quedar el turista. Si se duermen, no habrá turista.* (Emilio, Villa Orinojón, 21/07/10)

No dia seguinte, no café da manhã, a cena foi similar. Emerinciana, ao preparar o meu café, abriu o sachê para mim e misturou o pó do café instantâneo na xícara, o que eu estava acostumado a fazer sozinho nas outras famílias. As panquecas foram preparadas com muito cuidado também. O café da manhã do resto da família consistia em um pouco de pão seco com uma xícara de água quente. Emilio me explicou um pouco sobre a configuração da sua casa. A casa pertencia aos seus sogros, os pais da Emerinciana. Antes, o quarto deles ficava no primeiro andar onde fica atualmente o quarto dos turistas. Eles desceram ao térreo, onde organizaram um quarto no lugar onde se guardava o feno para os animais. A parte principal da casa foi construída na década de 1950. Agora, a casa estava sendo ampliada, na metade em que havia obras, começadas no ano anterior, 2009. Mostrando-me as obras, ele explicou que poderia fazer pelo menos dois quartos e um banheiro com chuveiro nesta nova parte, a ser finalizada em 2011. A eletricidade com o painel solar fora instalado no mês anterior, pois o filho que trabalhava em Puno trouxe para eles.

No dia que eu fui embora da casa da família, propus tirar uma foto com eles. Eles estavam vestidos com roupa cotidiana e ficaram um pouco constrangidos. Porém, vendo que podia representar uma ocasião para tirar fotos, eu revesti então a minha “máscara” de fotógrafo, fazendo-lhes o favor de tirar uma foto, já que eles possuem pouca ou nenhuma oportunidade para tal. Emilio ia deixar um cargo importante que ele tinha havia um ano: o cargo de *Campo warayoq*⁷⁹. Quem tem este cargo possui uma roupa tradicional para as cerimônias oficiais, e a esposa também possui uma roupa tradicional específica. O momento representava uma oportunidade para eles tirarem algumas fotos de lembrança, vestindo essas roupas. Eles me pediram um momento, foram trocar de roupa e voltaram para tirar as fotos em vários lugares da propriedade, junto com a filha. Eles confiaram em mim para escolher as posições nas quais ficarem.

⁷⁹ *Campo Warayoq* é um cargo oficial organizado de acordo com uma hierarquia própria (*Campowarayoq*, *Inspector* e *Campomayor*), o qual tem a missão, segundo definido pelas autoridades, de vigiar e cuidar dos campos agrícolas insulares contra qualquer dano causado por pessoas ou animais, organizar e dirigir o ciclo agrícola e controlar a entrada de gado nas diferentes partes agrícolas da ilha durante o período de abril a maio (YUCRA PACOMPIA, 2008, p. 106).

Como mencionei anteriormente, a família de Emerinciana faz parte de uma associação de famílias da comunidade de Villa, tendo sido formados pela ONG Cáritas Puno. O presidente desta associação chamada “*Rijchary Villa*”, Nestor Mamani Yanarico, morava perto. Nestor contou-me que ele trabalhou três anos com Cáritas Puno e também com a OGD. Antes de fazer parte da associação em parceria com Cáritas, ele já havia fundado a sua própria organização com a participação de 8/9 famílias. Hoje em dia, são 16 famílias trabalhando em conjunto. A associação trabalha com duas agências de turismo da cidade de Puno: *Cusi travel e Allways travel*. Vimos no capítulo I que a segunda destas agências seria a mais sustentável, no sentido em que ela deixa os turistas pagarem diretamente às famílias o preço da hospedagem. A operação de capacitação da Cáritas durou três anos e terminara recentemente, em junho de 2010. A capacitação em Villa Orinojón consistiu, basicamente, de cursos de gastronomia, atendimento turístico para saber como adaptar as instalações na casa, construção de um centro de interpretação, implantação de letreiros e formação de três pessoas para fazer reconstituições do “*pago a la tierra*”, a cerimônia ritual efetuada em Pachamama e Pachatata, oficialmente uma vez por ano. Nestor confessou-me que as capacitações são feitas, porém ninguém ainda trabalhou com essa encenação ritual. O que prevalece na mente de Nestor, e o que a organização tenta fazer entender às outras famílias, é a ideia de que:

– *Hay que sembrar ahora para cosechar en el futuro.* (Néstor, Villa Orinojón, 22/07/10)

É preciso conscientizar as famílias de que o fruto da atividade turística será recolhido aos poucos, com o desenvolvimento progressivo da atividade de maneira compartilhada. Aquilo que não foi possível no nível do macro (a ilha toda) pode ser conseguido no nível micro (as associações trabalhando com um número restrito de famílias em cooperação). Nestor também participou de viagens financiadas pelo MINCETUR para outras zonas rurais, onde o turismo rural comunitário estava sendo implementado, como na província de Ancash e Lambayeque, para ver como as populações se organizavam. Porém, de acordo com ele, resulta complicado implementar o turismo das mesmas formas em Amantaní, em particular em razão do caráter insular do espaço.

O discurso de Nestor configura-se como bastante parecido com aquele de Florentino Yanarico Cari, presidente da associação de turismo rural vivencial chamada “*Inka samana*”, na comunidade de mais difícil de acesso de Incatiana, sendo a comunidade que menos recebe turistas. Florentino, assim como Nestor, começou a trabalhar com a OGD antes de continuar o trabalho com Cáritas, em 2006. A associação em Incatiana representa 21 famílias trabalhando em conjunto com as mesmas capacitações efetuadas na comunidade. Eles recebem poucos

turistas, porém a cozinha da casa está totalmente adaptada para a recepção dos turistas: uma grande mesa com o lençol colorido, o arco de pedra na entrada da casa, um quarto com as decorações pregadas nas paredes: o “estilo Cáritas” é facilmente reconhecido. Na cozinha, uma pia de pedra também foi construída e ouve-se o barulho dos *cuyes*, trancados num local perto da cozinha. No quarto para os turistas, três certificados de participação da mulher de Florentino em cursos de capacitação para o atendimento ao turista estavam pregados na parede.

A visita ao presidente de outra associação em parceria com Cáritas e a OGD forneceu-me outros elementos com respeito à atuação das famílias trabalhando sob forma de associações. Zacarías Mamani é o presidente da associação “Ccolono” na comunidade de Pueblo e recebe turistas desde 2007, época em que ele começou a atividade em parceria com as ONGs. Ele confessou-me que recebe poucos turistas também. Sua casa foi ampliada para construir um comedor e uma cozinha maior onde fica uma grande mesa. A atuação da Cáritas e da OGD foi importante ajuda para preparar o local e capacitar as famílias na atividade de recepção de turistas praticando o TRC. A atuação da Cáritas foi capacitar as famílias e ajudar o financiamento das obras feitas nas casas. A OGD tem uma atuação importante na promoção das associações fora da ilha e fora da região. Porém, para Zacarías, ainda falta a prática:

– *Nos ayudan para promocionar nuestras asociaciones pero no mandan turistas.*
(Zacarías, Pueblo, 23/07/10)

Outra informação importante trazida no discurso do presidente da associação relaciona-se com a fragmentação da comunidade, em particular da comunidade de Pueblo, por causa da atividade turística. Normalmente, os turistas são recebidos por comunidade, mas a tendência atual é a fragmentação das comunidades em grupos de famílias trabalhando em conjunto. Por exemplo, em Pueblo, existe a associação “Ccolono” que junta uma dezena de famílias e outros grupos, como o grupo da família de Olga Cari e Alfredo, que trabalham em conjunto com outras famílias pertencentes ao segmento social dos atuais ou ex-donos de lancha. A divisão do grupo operou-se, nas palavras de Zacarías, por causa de desacordos entre famílias em relação às agências de turismo com as quais se trabalhava.

O objetivo da associação de Zacarías é trabalhar de maneira mais sustentável, rentável e justa para as famílias, de forma a evitar a exploração que as agências de turismo efetuam. Por isso, na associação são recebidos turistas provindos das agências que promovem um turismo rural mais sustentável. Diferentemente desta vontade de conscientização, outros grupos, segundo Zacarías, não recusam a hospedagem dos turistas vindos das agências exploradoras:

– *Ellos piensan así, que lo poquito que pueda traer el turismo ya es importante. No piensan en el futuro. Piensan en la platita nomás. Reciben turistas porque lo necesitan y aceptan turistas de las agencias como la Inka por ejemplo que paga poquito, y a veces no paga.* (Zacarías, Pueblo, 23/07/10)

Assim, em Pueblo, a “peña folclórica” organizada à noite para os turistas não se faz de maneira comunitária no salão de festas como nas outras comunidades. O grupo da família de Olga organiza a festa na sala da *tienda de abarrotes* dos seus parceiros.

3. A face insular oriental: Occosuyo, Occopampa, Colquecachi

A passagem para o lado oriental representa, acima de tudo, um trajeto bastante cansativo. É preciso atravessar a ilha e passar pela parte mais elevada, antes de descer até as comunidades de Occosuyo, Colquecachi e Occopampa. Pode-se dizer que o deslocamento resulta similar àquele percorrido para passar de uma dimensão a outra. A primeira impressão resultante da observação da paisagem, ao chegar nessas comunidades pela parte mais alta da montanha, é decisiva para entender o processo de mudança pelo qual está passando a ilha, implicando o desempenho individual da maioria das famílias. Num piscar de olhos, à medida que se aproxima das três comunidades orientais, todas as casas se vêm maiores, em obras, como se a paisagem se transformasse num imenso campo de casas em construção generalizado. As portas e janelas são maiores e, vistas do outro lado da ilha, as casas tradicionais são minoritárias. Passa-se para o lado da ilha onde a dinâmica turística parece acelerada, incontrolada, numa escala de transformação muito maior do que do lado ocidental, caracterizado por uma grande diferenciação entre os modelos de “bastidores íntimos” observados. Deste lado, a modernidade adiantou a tradição.

Aqui, os turistas chegam em maior número. São duas a três vezes mais numerosos do que do lado ocidental. Existem várias possibilidades para explicar esta diferença. Essas comunidades têm um acesso menos distante, saindo do porto de Puno, do que para chegar do outro lado. O gasto de combustível das lanchas também menor. Uma outra razão, observada durante a minha estadia deste lado, é que se recebe um perfil de turista que não existe do outro lado da ilha: os grupos escolares de alunos da cidade e da região de Puno. Outra razão, exposta pelo funcionário da prefeitura, o qual encontrei no caminho, Remijio, é porque essas comunidades são mais organizadas e mais solidárias. A repartição dos turistas faz-se de maneira mais igualitária entre as famílias e um turno é respeitado. Este fato me foi

confirmado por Marlene Mamani Yanarico, que trabalhou com a ONG Cáritas Puno, em Occosuyo. Ela também é capacitada para ser intérprete local de turismo:

– Aquí, las familias reciben dos o três veces por semana en temporada alta y más o menos una vez por semana en temporada baja. Tentamos respetar el turno. También nos organizamos juntos en el sentido de que cada jueves, todas las familias hacen la limpieza en la casa. Es un ritual de la limpieza aquí el jueves. (Marlene, Occosuyo, 24/07/10)

A organização das comunidades também aparece mais claramente com o uso da vestimenta tradicional pelas mulheres que recebem turistas. Usam-se *polleras* coloridas, e de forma sistemática, dependendo da comunidade de origem das mulheres. Do outro lado da ilha, este código não funciona mais por comunidades, senão por grupos. Quando os turistas das três comunidades são reunidos na plataforma de Colquecachi para empreender o tradicional jogo de futebol antes de subir para as ruínas, distinguem-se as *polleras* vermelhas (vestidas pelas mulheres de Colquecachi), pretas (vestidas pelas mulheres de Occosuyo) e verdes (vestidas pelas mulheres de Occopampa).

A grande efervescência de turistas se percebe também nesta plataforma quando todos os grupos se reúnem antes da subida às ruínas, são mais ou menos setenta pessoas que se apresentam para empreender a subida. Do outro lado, na Praça de Pueblo, no meio deste mês de temporada alta, o número de turistas contabilizados a cada dia é mais ou menos de 25 a 30 turistas. Além disso, outro elemento interessante é notar que nas pequenas lojas abertas ao redor da plataforma de Colquecachi vendem-se bolsas de arroz, açúcar e sal, como kits já prontos para que os turistas possam comprar de presente para as famílias sob a recomendação do guia. Nas lojas da Praça de Pueblo, essas pequenas bolsas não são vendidas de forma tão sistemática.

Foi dentro de uma destas lojas que encontrei com Alejandro Calsín Yuero, o vendedor da loja. Alejandro estudou turismo na *Universidad del Altiplano* em Puno e soube informar-me brevemente sobre a história do turismo deste lado da ilha:

– El turismo acá en Occosuyo y Colquecachi es reciente. Antes, del otro lado, nomás, llegaban los turistas. Todas estas tiendas de abarrotes que puedes ver alrededor de la plataforma abrieron hace tres o cuatro años nomás, antes no había ninguna. (Existem umas quatro lojinhas ao redor da plataforma) Acá vienen muchos grupos porque el acceso desde Puno es más directo. Y la subida a las ruinas de Pachamama y Pachatata también es más corto. Mira, a las 16h30 suben los turistas y en quince, veinte minutos, ya están en las ruinas. Del otro lado, tardas por lo menos una horita en llegar. Creo que los guías se acostumbraron con eso y lo ven más práctico. Diez años atrás, todo el mundo sabía que del otro lado, en el Pueblo, nomás llegaban los turistas. Al principio, un grupito nomás los recibía. Lancheros eran los quien recibían: el Ricardo, Toribio, Alfredo, Victoriano, Benedicto. (Alejandro não queria nomear o grupo que recebia inicialmente. Tive que mostrar-

Ihe que eu já estava ciente do controle do turismo pelo grupo de donos de lancha, para que ele me atribuísse mais confiança. Este cuidado é onipresente em Amantaní, onde o conflito de interesse é grande entre as famílias que observam quem recebe mais ou menos turistas). *Acá en Occosuyo, un lancharo nomás había, el Elias. Me acuerdo que era joven en la época. Él nos avisaba: “Va a haber turistas”, decía. Eso fue diez años atrás. Y poco a poco, llegaron los turistas. Unos grupitos que él traía y se quedaban en casa de sus familiares. Y así empezó el turismo de este lado.* (Alejandro, Colquecachi, 24/07/10)

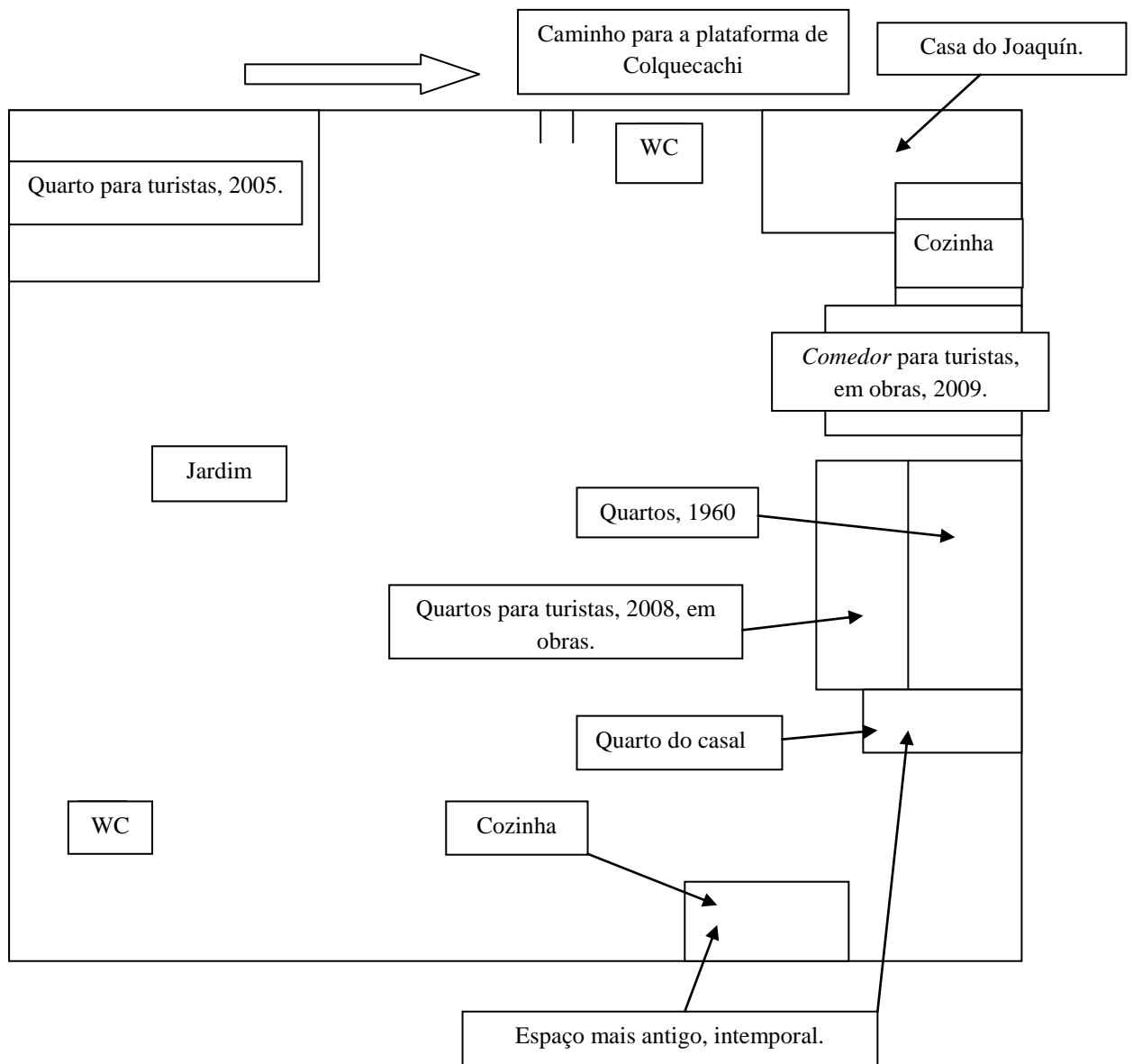
Esta origem do turismo em Occosuyo e a evocação do lancheiro Elias, que trouxe os primeiros turistas a esta região, foi-me relatada também pela família com a qual eu me hospedaria em Colquecachi, a família de Miguel Yanarico Pacompia.

Para entrar na comunidade de Colquecachi, há uma única entrada, um caminho único que sobe até a plataforma. A entrada da comunidade não é mais marcada pela passagem por baixo do arco tradicional, visível na entrada das comunidades do lado ocidental, senão por um arco edificado recentemente que é a reprodução de estilo neo-incaico de uma porta inspirada da arquitetura inca. A porta se impõe na entrada do caminho com as inscrições em língua quíchua: *Allin-Hamuy, Qosqa-Kanky, Cay Colquecachiman.*

Escolhi aleatoriamente a família com a qual ficaria nesta comunidade. Entrei numa propriedade e, ao subir o caminho, um homem me acolheu e convidou-me a passar a noite em sua casa, pois tinha um quarto livre para turista. Uma família inteira vivia nesta propriedade marcada também por obras. Estavam a ponto de almoçar todos juntos. Sentados no chão do jardim, comemos o que se come comumente em Amantaní para o almoço: *fiambre*. Trata-se de batata ressecada, *chuño*, *occa*, fígado de ovelha e um chá de *muña*. A família representava umas sete pessoas morando na mesma propriedade: Miguel e a sua mulher, o filho Joaquín com a mulher e as duas filhas. A família não mostrava nenhum sinal de timidez ou constrangimento e me acolheu naturalmente apesar da minha chegada imprevista.

O começo da atividade turística nesta parte da ilha é lembrado pela família evocando o nome de Elias, o famoso dono de lancha. Joaquín e sua mulher voltaram para esta parte da ilha recentemente. Antes viviam em Lampayuni, do lado ocidental, porque lá havia turistas e deste lado, não. Decidiram voltar para propriedade do pai e ampliar a casa para receber os numerosos turistas que agora chegam nesta parte da ilha. A propriedade profundamente transformada pelas obras em realização atraía a minha atenção. Pedi ao filho de Miguel, Joaquín, uma explicação das obras.

FIGURA 14: Planta esquemática da propriedade de Miguel Yanarico Pacompia, comunidade de Colquecachi.



Joaquín estava na parte final da construção da sua casa, sendo esta habilitada para receber mais turistas, com dois quartos suplementares, uma cozinha maior e um *comedor* em obras. As refeições dos turistas fazem-se na cozinha dos pais, no fundo da propriedade, a parte mais antiga e que inicialmente era a única construção da propriedade. Miguel não me soube dizer quando foi construída a cozinha. Ela entra numa dimensão intemporal que data do tempo dos antigos. Quando as obras estiverem prontas, a recepção dos turistas será feita na nova cozinha com *comedor*.

À tarde, bati à porta de mais uma família também capacitada pela ONG Cáritas Puno. Silvestre Suaña Calsin, da comunidade de Colquecachi, recebeu-me em sua casa cuja configuração lembra a casa da Emerinciana, em Villa Orinojón. Aparecem umas portas decoradas com lixeiras feitas artesanalmente. Ele recebe turista há dois anos e construiu esta casa para trabalhar com o turismo. Antes, ele trabalhava com a agricultura e vendia produtos em Puno. Silvestre estava satisfeito da sua atividade, porém ele e a mulher pediram-me para falar com a Cáritas, para que sejam oferecidos mais cursos de capacitação, particularmente na área têxtil. Eles desejam ter formação em arte têxtil, para mostrar como são confeccionadas peças de artesanato têxtil em Amantaní.

O jantar feito na antiga cozinha dos pais do Joaquín foi compartilhado com três estudantes da universidade de Puno que participavam de uma excursão escolar. O sentido do “vivencial” era ausente durante este jantar. A mulher de Joaquín preparava a comida e nos servia de maneira muito espontânea. A mesa dos turistas encontrava-se isolada, no fundo da cozinha, enquanto a família jantava do outro lado, na frente do fogão. Depois do jantar, ouviam-se três *peñas folclóricas* diferentes: os salões de festas de Occosuyo, de Occopampa e de Colquecachi estavam cheios. A música ritmava a noite iluminada pela lua cheia, cujo reflexo parecia dançar nas águas do lago Titicaca.

Chegar à face oriental da ilha vindo da face ocidental e não por via lacustre permitia desvendar diretamente uma das realidades turísticas da ilha em nível global. Eu havia passado a maior parte do meu tempo no lado ocidental, dentro do “bloco” de comunidades formado por Pueblo, Incatiana, Lampayuni e Villa Orinojón. A simples observação da paisagem permitia confirmar a heterogeneidade da situação insular na arena turística. Os estratos da memória visíveis nas casas no nível do íntimo de cada família também podiam ser lidos no nível microinsular, no qual cada propriedade dentro de cada comunidade dentro da ilha se encontrava propulsada a uma velocidade diferente dentro de um fenômeno de desenvolvimento ligado ao turismo e à atividade hospedeira como principal recurso para a difusão da identidade cultural local.

Considero que esta dinâmica de transformação da paisagem da ilha e de transformação do espaço de vida das famílias testemunha a criação de espaços deslocados, onde a própria casa não tem o mesmo significado que o tradicional. Seguindo a divisão estudada por MacCannell com respeito aos cenários em contexto do turismo, vimos que os espaços íntimos de vida das famílias tornam-se espaços sociais de interação com o turista, que se diferenciam em função da origem social da família. Assim, o segmento mais rico da população, as famílias de donos de lanchas, que se beneficiam da atividade turística desde a sua aparição, é aquele

que, hoje em dia, acompanha maior transformação em seu espaço de vida tradicional, tendo se assimilado a um espaço voltado predominantemente para o turismo. Esta dinâmica é, contudo, gradativa, ou seja, alcança um maior número de famílias ao longo do tempo, contribuindo para seu enriquecimento, ao mesmo tempo em que, conforme se discutirá no capítulo seguinte, contribui para a ambivalência do desejo colonial. Ela se torna ainda mais complexa, mediante a intervenção das agências de turismo e das ONGs, que contribuem para o desenvolvimento da atividade turística na ilha de maneira localizada e desigual.

Tentaremos, a seguir, interpretar o conteúdo das interações resultantes da atividade turística, que, pelo nosso olhar, busca “espetacularizar” o cotidiano como dinâmica de colonização da intimidade. Desvendamos, neste capítulo, que se trata de uma colonização da esfera privada, uma expropriação da intimidade, na qual a casa, e em particular a cozinha, são tornados espaços de serviço ao estrangeiro. Nestes, não se vive mais em família, atende-se ao turista e vende-se artesanato antes restrito às ruas e locais públicos de passagem. Este fato é relevante em Amantaní, pois o fenômeno aparece como uma dinâmica em andamento, e em escala diferente segundo a origem social de cada família. Quase todas as famílias, da mais humilde até a mais rica, são envolvidas nesta dinâmica da mesma forma e abrem as suas casas.

CAPÍTULO III – AMANTANÍ E O DESEJO COLONIAL

Así como el blanco necesita de lo indígena para reinventarse, el éxito de la nación indígena depende de su inserción en el discurso de lo blanco.

(VICH, 2003, p. 460).

Amantaní é construída no discurso como uma ilha “paradisíaca”, “protegida”, “genuína” e “autêntica”: um micromundo gravitando em outra dimensão. A trajetória de uma ilha “perdida” no lago Titicaca num espaço-tempo gerado, no contexto turístico peruano, por certo discurso de Estado, que sempre buscou um lugar para as populações indígenas no processo de construção nacional. A partir da segunda metade do século XX, o estado peruano começa a inserir essas populações num mercado turístico, que está nutrido por um imaginário em que as origens pré-hispânicas e as tradições têm um valor mercantil.

Interessa-me, neste capítulo conclusivo, enxergar o turismo na ilha de Amantaní como uma representação simbólica das dinâmicas atuais vigentes no contexto turístico peruano. Veremos, a partir das interpretações precedentes acerca da experiência turística, como essas dinâmicas decorrem de um jogo secular de poder entre o Peru e o Ocidente, regido pelas forças coloniais de desejo pelo “outro”. Amantaní pode ser percebida como um exemplo paradigmático para se observar um novo lugar designado aos povos indígenas neste contexto turístico, partindo do nível local até o nível nacional. Desde este ponto de vista, as famílias amantanenhas não são somente sujeitos, senão também objetos de um discurso e de uma representação da alteridade da qual eles participam espontaneamente.

Meu argumento é de que, dessas novas dinâmicas, resulta uma **dupla colonização** das próprias famílias: além de serem populações subalternas dentro de um país, o qual se beneficia de uma identidade criada a partir da imagem indígena divulgada na cena turística internacional, elas se veem colonizadas na própria intimidade do seu lar, o que é impulsionado, entre outros, pelo novo programa de Turismo Rural Comunitário implantado pelo Estado. A colonização da intimidade é percebida por meio da reconfiguração do espaço íntimo, que leva em conta as demandas dos turistas por acesso a uma autenticidade com conforto.

Certos autores perceberam a partir da atividade turística o estabelecimento de uma nova ordem colonial, na qual as regiões periféricas, como o Peru, “inventan turisticamente a

las identidades subalternas con el fin de continuar extrayendo de ellas un sinnúmero de beneficios” (VICH, 2007, p. 314). Esses benefícios visam responder a certa demanda pelo exotismo e, assim, permitir uma inserção do país no mercado mundial. O turismo no contexto peruano pode ser qualificado, no nível oficial, como uma atividade econômica que visa desenvolver o país e suas regiões rurais, como, por exemplo, a zona andina. Entretanto, esta atividade também pode ser vista como:

una gran maquinaria discursiva que produce representaciones sobre la nación con serias consecuencias no solo en las maneras que se conceptualiza la historia y las identidades culturales, sino también en las políticas públicas que son siempre implementadas. (VICH, 2007, p. 315).

Segundo esta visão, cabe analisar de maneira crítica a importância crescente que tomou a atividade turística na trajetória do desenvolvimento rural, por meio de novas concepções da atividade turística nas comunidades camponesas rurais, como são os exemplos do turismo rural, comunitário ou vivencial. Depois do surgimento espontâneo deste novo modo de fazer turismo, essas novas concepções foram institucionalizadas pelo Estado para criar, nos últimos anos, o novo programa de TRC.

De acordo com este programa, as culturas indígenas subordinadas poderiam “usar os seus recursos naturais e culturais para melhorar sua renda, implementando estratégias diversas, como o aproveitamento dos espaços e dos monumentos históricos, reinterpretando a cultura local” (URRUTIA, 2009, p. 9). Este novo conceito supõe a participação ativa das populações locais no desenvolvimento de certa criatividade cultural que iria além do modelo do estereótipo, do exótico e da idealização das culturas indígenas do passado. Entretanto, pode-se dizer que, em primeiro lugar, as populações indígenas envolvidas no turismo rural estão muito mais voltadas para a melhoria de suas condições de vida, que se torna possível com o advento do turismo, do que com a cultivação de seus valores e costumes indígenas. Em segundo lugar, a exposição de sua intimidade familiar, que se torna uma atividade comercial, gera um novo tipo de relação colonial, em que os atores, dentro de seus próprios lares, vêm representar o objeto de desejo do turista ocidental, na busca pelo autêntico. Apesar disso, a promoção do turismo por meio do Estado tem um papel importante no desenvolvimento do turismo rural, e torna-se necessário para explicar o empreendimento que se faz no âmbito familiar na ilha de Amantaní, como forma de compreender o local (nível microssociológico), dentro de um contexto nacional mais amplo (contexto macrossociológico).

1. O contexto turístico nacional no Peru e a construção da imagem do indígena

Cabe entender primeiramente o contexto turístico peruano nacional para poder enxergar as famílias amantanenhas como integradas a um discurso oficial exótico e orientalista, o qual, apesar de buscar diversificar a atividade por meio das novas concepções de turismo rural, persiste em recriar uma identidade fundada na imagem do indígena na cena turística. É imprescindível considerar aqui que o local não existe independentemente de um contexto regional, nacional e global. Efetivamente, os projetos que buscam diversificar a atividade turística para melhorar as condições de vida das populações hospedeiras cometem certos erros na concepção dos projetos:

Es la creencia de que lo local existe independientemente de un contexto regional, nacional y global. En realidad, existen factores determinantes a otras escalas que hacen del turismo y del ecoturismo un sistema bastante rígido, con reglas que no se pueden ignorar. En primer lugar, el turismo es, fundamentalmente, una cuestión de imágenes. Promover un lugar ecoturístico se construye en base de la región y del país. (RAYMOND, 2003, p. 62)

No Peru, a questão da imagem vendida na cena turística é determinante. O Peru procura vender uma nova imagem do país mediante uma entidade estatal específica, a PROMPERU, a qual promove o país no interior e no exterior. O objetivo é apresentar uma população nativa autêntica, mas que seja, ao mesmo tempo, palatável para os turistas ocidentais, sobretudo em termos de higiene e de conforto. Para atrair o turismo, esta entidade afirma abertamente que está voltada para oferecer ao turista uma visão clara e atrativa do país por meio das políticas de desenvolvimento turístico que procuram “impulsar entre los peruanos el conocimiento y el amor por lo local, convirtiendo a cada poblador en un promotor potencial del país y en un representante de su zona de origen.” (PROMPERU, 2000, p. 34). É claro que o povoador mencionado neste discurso não é o povoador mestiço da costa ou o limenho, mas sim, o indígena, habitante alvo da atração turística no país, redefinido por essas políticas de turismo em função do desejo do branco, do turista.

O turismo no Peru, antes de ser uma atividade econômica, é um discurso que redefine as identidades indígenas e as modela em função do desejo de descoberta da alteridade pelo turista ocidental. Este discurso decorre das políticas culturais do Estado, as quais, antes de promoverem o turismo do país por meio da representação das populações indígenas, buscaram emoldurar sua imagem remetendo à existência pré-hispânica dessas populações.

É importante lembrar que a construção da identidade indígena no Peru está diretamente ligada ao pensamento social peruano do final do século XIX. Por meio desse

pensamento, a divisão geográfica do Peru é evidenciada, o que está, por sua vez, intimamente ligada à divisão social do país. Nesse contexto, pode-se dizer que o que melhor qualificaria o Peru, até hoje em dia, é a divisão geográfica e racial. Trata-se primeiro de uma divisão geográfica do país em três zonas distintas: costa, serra e selva. A divisão entre a costa e a serra marca uma divisão geográfica, mas também, desde a época colonial e a independência do país em 1821, uma divisão social pela qual, o indígena, povoador da zona andina, era além de excluído, ignorado na construção da identidade nacional. Neste período pós-independente, o pensamento da elite crioula limenha expressava um forte racismo com relação à população andina.

O discurso racista da época, que buscava excluir o indígena do sentimento de pertencimento nacional, ilustrou-se de maneira notável, de acordo com Méndez (1996), depois da formação da confederação Peru–Boliviana pelo marechal boliviano Santa Cruz em 1837. A elite limenha, oposta à formação da confederação, baseou seu discurso de oposição sobre um caráter racial e não político:

El rasgo más relevante del discurso político [...] fue precisamente la definición de lo nacional-peruano a partir de la exclusión del indio, simbólicamente representado por Santa Cruz. [...] el delito no era de ser conquistador, sino que un “indio” se atreviese a serlo. (MÉNDEZ, 1996, p. 8).

A partir do começo do século XX, o pensamento social peruano foi marcado pelo confronto entre dois tipos de discursos com respeito à importância da participação da identidade indígena para o forjamento da nação peruana. Esses dois discursos marcaram “o dualismo cultural no pensamento social peruano” (URIARTE, 1998, p. 1) com o confronto entre o discurso hispanista da elite crioula limenha e o discurso indigenista dos primeiros indigenistas peruanos. Este dualismo teria nascido por consequência do fracasso peruano na guerra do pacífico. O primeiro indigenista, Manuel Gonzalez Prada, atribuiu este fracasso ao fato de os índios, na sociedade peruana, serem ignorados e segregados. De acordo com o autor, era improvável que os indígenas, que formavam parte do exército, defendessem um país no qual eles estavam sendo excluídos. Pode-se dizer, nas palavras de Uriarte, que Prada “redescobriu” o indígena a partir desta derrota militar, tomando-o como elemento principal para forjar a nação peruana:

No forman el verdadero Perú las agrupaciones de criollos y extranjeros que habitan la faja de la tierra situada entre el pacífico y los Andes. La nación está formada por la muchedumbre de indios diseminados en la banda oriental de la cordillera. (PRADA, 1977, p. 23).

Em reação ao argumento de Prada, a chamada *generación del 900*, preocupada com a situação do Peru como “dois países no interior de um território” (URIARTE, 1998, p. 3) e com a formação da nação peruana, propõe redefinir a identidade nacional a fim de criar uma unidade no país. Neste discurso, da mesma forma que nos demais estados latino-americanos após as independências, esta unidade seria possível por meio da assimilação da população indígena pela população branca. O discurso hispanista também legitimava a herança hispânica, sendo caracterizada mais forte do que a indígena, para justificar a necessidade de assimilar a raça indígena “inferior” à civilização de origem hispânica ocidental “superior”. Porém, este discurso anuncia seu caráter paradoxal no sentido em que, apesar de segregar o índio no nível político, a revalorização da história nacional se fazia a partir das glórias do período do império Inca.

De certa forma, o indígena que devia ser assimilado à população branca na época era impuro à imagem da nação querendo ser então construída. O paradoxo se resume à ideia de que “índios no passado sim, no presente não” (URIARTE, 1998, p. 3). Este paradoxo já dominava o pensamento do campo intelectual no país, tal como mencionado por Méndez, com um discurso racista diante do indígena do presente contraposto à legitimação do nacionalismo peruano “con alusiones a la memoria de los Incas” (MÉNDEZ, 1996, p. 11). Assim, a identidade indígena existia, neste pensamento, como glória no passado, mas impureza no presente. O caráter indígena que contribuiria em forjar a nação seria uma identidade indígena histórica e acabada, a inca, que não poderia mais decorrer da presença indígena do presente: “El índio es, pues, aceptado en tanto paisaje y gloria lejana [...] Apelar a la memoria de los Incas para despreciar y segregar al índio.” (MÉNDEZ, 1996, p. 12).

Em contraposição, os indigenistas buscaram legitimar a imagem do índio como principal elemento para forjar a nação. Eles tentaram manter o índio, suas comunidades e suas tradições para reafirmar a verdadeira face do Peru. Estabeleceu-se então, neste discurso, uma identidade nacional peruana a partir da valorização do indígena não só na história, com a importância do império Inca, mas também no presente. Porém, na medida em que o discurso indigenista integrava o indígena à nação de maneira oposta à visão nacionalista crioula, ele estava criando uma imagem do indígena para legitimar seu projeto. Assim, se percebemos o indigenismo na América latina como uma construção discursiva das identidades indígenas, é preciso perceber a existência de várias tradições indigenistas entre as quais prevaleceria a tradição do índio arqueológico no Peru. Cabe mencionar, neste esforço de qualificar o indigenismo latino-americano de forma regionalizada, aquilo definido sobre o índio arqueológico:

Las diversas manifestaciones del indigenismo latinoamericano [...] coinciden en sus intentos por utilizar los valores culturales precolombinos en beneficio de las formaciones nacionales. Los mestizos latinoamericanos buscan en el ancestro autóctono la alteridad definitoria de su identidad. Incautación y recuperación conducen a la revalorización simbólica del indio y del lo indio [...] Dialéctica en la que la imagen del *indio arqueológico* emerge como referencia retórica cuya función es legitimar los proyectos indigenistas. (BÁEZ-JORGE, 2001, pp. 424-425).

Para concluir, pode-se dizer que os indígenas são elementos fundadores da identidade nacional peruana na oposição que decorre do confronto entre discurso hispanista e indigenista. Entretanto, eles possuem lugar reservado no passado. Neste contexto, numerosas construções deixadas pela civilização inca e as anteriores culturas pré-incaicas são preservadas e abertas à visita de milhões de turistas que visitam o país. Elas guardam e reforçam a imagem do índio arqueológico, o principal criador da identidade nacional, que deixou heranças para as gerações subsequentes, mas cuja cultura “original” não existe mais. Entretanto, esta cultura é recriada e reapropriada, na cena turística, por um discurso de Estado, que incentiva as próprias populações em se assumirem como fieis representantes dos seus ancestrais.

Da mesma forma que o índio arqueológico foi escolhido para forjar a nação peruana, ele foi recuperado para ser vendido na cena turística nacional e internacional como símbolo do país. Não é por acaso que a PROMPERU, para promover o turismo no país, escolheu lemas como: *El país de los Incas* ou *Donde vive la leyenda*, a partir da metade da década de 1990.

Neste âmbito, para entender o contexto turístico peruano, resulta chave considerar esse paradoxo resultante da percepção do indígena do passado e do presente. A identidade indígena valorizada no campo turístico desde o desenvolvimento da atividade não é a cultura indígena nativa presente, senão uma identidade indígena turística recriada e reinventada no presente em função de um passado glorificado e representado no presente. Este passado é trazido para o presente, sendo reconstruído por meio de narrativas turísticas para ser apresentado e vendido ao turista. Isto é possibilitado pela importância acordada aos restos arqueológicos, os quais, combinados com a presença das populações indígenas que residem nos seus arredores, proporcionam uma verdadeira impressão de continuidade entre passado e presente. De acordo com vários autores, tratar-se-ia de uma construção contemporânea do passado apresentada ao turista por meio de certo “tipo específico de aplicação do indigenismo ao *Tawantinsuyu*, nome do antigo império inca, o *Incanismo*.” (VAN DEN BERGHE e FLORES OCHOA, 2000, p. 10).

Nas palavras desses autores, o *incanismo* seria uma ideologia local, vigente na região de Cuzco, articulada ao redor da admiração pelo passado inca e por todos os elementos

resgatados da antiga cultura autóctone, como a língua quíchua. Paradoxalmente, esta ideologia não emergiu do discurso “dos camponeses locais de língua quíchua, herdeiros diretos da antiga cultura pré-colombiana, senão do discurso da elite urbana cuzquenha de língua espanhola, a qual glorifica este passado como sentimento de pertencimento cultural local” (VAN DEN BERGHE e FLORES OCHOA, 2000, p. 11).

Articulada com o turismo, esta ideologia valoriza e mantém um patrimônio cultural que atrai os turistas e que contribui em comercializar um produto turístico caracterizado por uma alteridade recriada. Pode-se dizer que os camponeses locais são tornados objetos do desejo do turista por meio da sua reconfiguração através deste discurso que não contribui em apresentar a cultura nativa presente. Resulta uma representação da cultura nativa na qual os seus representantes encontram-se “congelados” no passado. Eles se transformam assim, no imaginário do turista, em “incas vivos” da contemporaneidade, e esse imaginário estrutura as interações e sentidos do encontro interétnico promovido pelo turismo oficial.

Neste aspecto, Silverman mostra como essas populações são tornadas “objetos históricos” antes de serem percebidas como “sujeitos contemporâneos” (SILVERMAN, 2002, p. 899). Este processo resultaria da ordem discursiva criada localmente em cada região onde os atores locais encenam o passado como se existissem no presente. Trata-se da história local que está sendo localmente apropriada para assegurar o sucesso do turismo nessas diversas regiões do país. Nesta atuação dos atores locais, “é o Estado que patrocina os símbolos arqueológicos e as imagens folclóricas da nação para seu consumo local e internacional” na cena turística (SILVERMAN, 2002, p. 899).

Da mesma forma, para Hill (2007), o projeto político do governo peruano conhecido sob o nome de *incanismo* pode ser visto como o uso do patrimônio cultural andino para atrair o turismo na região andina, promovendo o que se pode chamar de indústria do turismo. Dessa forma, o autor afirma que o *incanismo* insere-se na política neoliberal do Estado peruano atual, centralizado em Lima, que busca atrair investimentos estrangeiros e o turismo internacional para a região.

Nesta articulação entre ideologias locais derivadas da história local e da aposta sobre o desenvolvimento do turismo como principal vetor para trazer benefícios econômicos, podemos afirmar que surgem ordens discursivas diferenciadas de acordo com as diferentes regiões do país. Se, de acordo com os autores, no caso da região de Cuzco, “o *incanismo* autentica o produto turístico, e o interesse turístico permite validar essa ideologia” (VAN DEN BERGHE e FLORES OCHOA, 2000, p. 23), então podemos supor que, da mesma forma, as ordens discursivas que nascem em âmbitos locais e são patrocinadas no nível

nacional autenticam o produto turístico local, e que o interesse turístico permite validar essas ordens discursivas. A ambivalência do desejo entre turista e atores locais do turismo pode ser percebida nesta articulação. O turista vem ao país para satisfazer a sua busca pela alteridade e pelo exotismo atraído pela imagem do indígena transmitida e o indígena assume seu papel de representante da imagem que lhe foi atribuída para também se beneficiar da atividade. Segundo Vich, o que ressurgir deste mecanismo seria o mantimento da criação de estereótipos culturais:

Plantear un desarrollo del Perú basándose en la dependencia en el turismo es un mero espejismo que esconde un tipo de explotación patrocinada por el gobierno, en el que el modus operandi es mercaderar lo local (con el valor añadido de pasadismo, autoctonismo, diferencia, etc) para el consumo global (turismo, capital extranjero, etc). De hecho, no sería exagerado afirmar que convertirse en destino turístico, es decir, incentivar y alimentar la creación y el perpetuamiento de estereotipos estáticos de identidad cultural, es perpetuar posiciones desiguales desde que es casi imposible liberarse tanto material como simbólicamente [...] el mantener la demanda de aquellos que “vienen a vernos” o “vienen a comprarnos” estaría íntimamente ligado a la reinención y perpetuación de los mitos de la otredad racial, del exotismo, de la fuente inagotable de recursos explotables a bajo costo. (VICH, 2003, pp. 460-461).

Na ilha de Amantaní, vimos que existe localmente um discurso formulado pelo Estado, através do MINCETUR e da PROMPERU, e pelos atores locais como as agências de turismo de Puno e as ONGs. Qualificamos este discurso de ordem discursiva da autenticidade no sentido em que o destino é comercializado, de acordo com o atrativo do turismo rural comunitário, pela sua presumida maior “autenticidade”. Aqui, a cultura apresentada não emergiria mais do passado, senão do presente. Vimos como essa “autenticidade amantanenha” se articula ao redor de elementos variados.

A paisagem insular é construída em função da estética do “paradisiaco” inscrevendo assim a experiência turística em certa moldura da “descoberta”. Neste contexto, a interação proposta com as famílias nativas, caracterizada como experiência de turismo vivencial, pretende imergir o turista na cultura local, da mesma forma que o etnógrafo se aproxima de uma população nativa durante seu trabalho de campo. Neste aspecto, pode-se dizer que a minha própria pesquisa de campo sugere uma experiência de “turismo etnográfico”.

Cabe ressaltar então quem está sendo valorado neste tipo de interação. Não seria mais a imagem do índio arqueológico, senão o próprio camponês quíchua, habitante contemporâneo da zona andina peruana, o qual atuaria no campo do turismo a partir da valorização da sua identidade cultural. De acordo com essa hipótese, ele estaria então apresentando a sua cultura camponesa escapando à criação de qualquer tipo de estereótipo cultural. Não se trataria da representação de uma identidade recriada se o camponês se serve

da apresentação da sua vida quotidiana para se beneficiar da atividade turística. Tentaremos a seguir verificar este argumento por meio da análise do significado do conteúdo das interações sociais ocasionadas pelo encontro turístico nas casas das famílias amantanenhas.

2. O significado do conteúdo das interações sociais existentes entre a população local e o turista estrangeiro

2.1. O “lugar antropológico” como espaço de interação espontânea

A etnografia efetuada na ilha de Amantaní nos leva a enxergar a nova situação turística proposta pelo turismo rural como uma nova forma de configuração da ordem colonial num espaço cada vez mais estreito, privado e íntimo. Nesta configuração, Amantaní nos leva a refletir em torno da noção do lugar e do espaço. Observamos como o espaço íntimo se encontra profundamente transformado, adaptado, modificado e reconstituído de maneira diferenciada em vista das experiências turísticas, as quais marcam o quotidiano da população local. Essas transformações, além de serem perceptíveis dentro da paisagem insular compartilhada por todos os moradores, transcorrem dentro do âmbito privado da casa de cada família, transgredindo as fronteiras sociais normalmente estabelecidas dentro do espaço privado. Assistimos assim à reorganização de um espaço que contribui em constituir lugares dentro dos quais se estabelecem novas práticas sociais.

Para teorizar a nossa reflexão em torno da noção de lugar, remetemo-nos ao conceito de “lugar antropológico” definido por Augé (1992), em que o lugar seria uma “construção concreta e simbólica do espaço, a qual não poderia dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social, más à qual se referem todos aqueles aos quais ela atribui uma colocação, por humilde ou modesta que seja.”⁸⁰ (AUGÉ, 1992, p. 68). Neste sentido, o “lugar antropológico”, na medida em que é significativo para quem o habita, também é significativo para quem procura entendê-lo. Ele é simultaneamente *princípio de sentido* e *princípio de inteligibilidade* (AUGÉ, 1992, p. 68), o que faz dele no âmbito da análise etnográfica um elemento privilegiado para entender o comportamento dos atores que o frequentam.

⁸⁰ “(...) construction concrète et symbolique de l’espace qui ne saurait à elle seule rendre compte des vicissitudes et des contradictions de la vie sociale mais à laquelle se réfèrent tous ceux à qui elle assigne une place, si humble ou modeste soit-elle.” (AUGÉ, 1992, p. 68), tradução minha.

Se o “lugar antropológico” é uma construção concreta e simbólica do espaço, não cabe tentar entender a realidade social desses atores como se produzida pelo espaço que eles frequentam. Ao contrário, o “percurso cultural” dos signos instituídos pela ordem social é aquele que define o espaço social (AUGÉ, 1992, p. 68). Entendemos assim os espaços constituídos e observados no âmbito da etnografia como produtos de dinâmicas desencadeadas pela atividade turística na ilha.

O “lugar antropológico” possui três características: identidade, relacionamento e história (AUGÉ, 1992, p. 69). Interessa-nos aqui o caráter histórico deste lugar, o qual, de acordo com o autor, se diferencia dos “lugares de memória” definidos por Pierre Nora (NORA, 1989, p. 18). Dentro dos “lugares de memória”, o indivíduo se enxerga com respeito aquilo que o difere do passado, ou seja, sua autoimagem no presente é construída com base nos elementos/características que foram se modificando ao longo do tempo: “a imagem daquilo que nós não somos mais.”⁸¹ (AUGÉ, 1992, p. 71). Em contraposição, o habitante do “lugar antropológico” não estabelece dicotomia nenhuma entre uma situação diferente no passado e no presente, uma vez que a sua vida faz parte de um contínuo histórico: “o habitante do lugar antropológico vive na história, ele não faz história.”⁸² (AUGÉ, 1992, pp. 71-72).

Desta forma, pode-se dizer que a transformação dos espaços de vida íntima não proporciona às famílias um olhar crítico sobre o presente. Na convivência com o turismo, elas agem espontaneamente e se adaptam às novas realidades da vida quotidiana. Apesar do fato de que o espaço testemunha transformações que fazem com que não sejam mais aqueles onde se vivia, as famílias continuam ali convivendo, sem atribuir ao espaço o valor de nostalgia relacionado com o conceito de “lugares de memória”. De acordo com a definição do “lugar antropológico”, as famílias que se encontram envolvidas com o turismo no âmbito de suas próprias casas podem ser vistas, dessa forma, como **atores espontâneos** do seu quotidiano. Neste aspecto, eles não se constroem no âmbito turístico, como exóticos. Pode-se dizer que a sua realidade é tornada exótica somente por meio do discurso sobre autenticidade ao qual são associados, mas que, não necessariamente, representa sua realidade. Assim, em seu convívio quotidiano, a dinâmica criada pelo turismo acaba tornando a sua interação com o turista em representação.

⁸¹ “l’image de ce que nous ne sommes plus.” (AUGÉ, 1992, p. 71), tradução minha.

⁸² “l’habitant du lieu anthropologique vit dans l’histoire, il ne fait pas d’histoire.” (AUGÉ, 1992, pp. 71-72), tradução minha.

Nos capítulos anteriores, vimos como a vida das famílias amantanhas se transforma em espetáculo para quem visita a ilha. Recorremos também ao conceito de Dean MacCannell que mostra como a realidade está apresentada de acordo com a “autenticidade encenada”. As zonas de frente e traseira de Goffman são complementadas por MacCannell nos espaços turísticos pela existência das zonas intermediárias articuladas ao redor de um contínuo dentro do qual, ao encenar a cultura em zonas traseiras, acabamos presenciando a criação de novas zonas de frente criadas espontaneamente pelas famílias que reagem à demanda do turista pelo desejo de autenticidade, mas também de comodidade. Assim, vimos como o espaço está em constante transformação, uma transformação diferenciada dependendo da origem social das famílias que propõem assim um cenário diferente nas suas casas. Daqui decorre a heterogeneidade dos espaços de interação existentes na ilha.

Mas até que ponto a interação social vivenciada leva a uma representação do outro que pode ser considerada estereotipada? É preciso enxergar a dimensão simbólica desta interação para entender o seu significado.

2.2. *A representação das famílias diante dos turistas observadores e o poder simbólico da interação*

De acordo com Kirshenblatt-Gimblett, ao penetrar o espaço de vida das famílias, entrando nas casas, pisando espaços íntimos da vida privada, aquele que recebe o turista se põe em espetáculo (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48). Neste espetáculo do cotidiano, aquilo que é normalmente privado ou escondido se torna público e de certa forma, aquilo que era insignificante para quem vem *de dentro* se torna exagerado, grandioso ou misterioso para quem vem *de fora*. Neste sentido,

As vidas quotidianas dos outros são perceptíveis precisamente porque aquilo que eles levam em consideração não é aquilo que nos levamos em consideração, e maior é a diferença entre ambos, mais intenso fica o efeito, pelo exótico do lugar onde nada é completamente ordinário.⁸³ (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48).

Assim, pode-se dizer que este tipo de interação leva cada ator, observador e observado, a fazer comparações sobre o seu cotidiano e a se tornar assim espectador de si

⁸³ “The everyday lives of others are perceptible precisely because what they take for granted is not what we take for granted, and the more different we are from each other, the more intense the effect, for the exotic is the place where nothing is utterly ordinary.” (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48), tradução minha.

mesmo. É interessante imaginar, com respeito à observação da vida cotidiana, de forma reativa, se nosso modo de vida ocidental é interessante para membros de outra cultura.

A vida cotidiana nas comunidades rurais nos Andes é percebida como um estilo de vida interessante para o turista, uma vez que representa um estilo de vida definido como milenário que teria sofrido poucas modificações ao longo dos séculos, e que difere, portanto, enormemente de nosso modo de vida ocidental e, por isso, poderia ser associado a um estilo de vida “autêntico”. Tentemos imaginar um tipo de turismo invertido, no qual populações do terceiro mundo viriam observar o cotidiano de uma família de agricultores na França, para os quais a instrução dada seria de viver um dia igual a qualquer outro dia na fazenda. Neste tipo de turismo invertido, o fazendeiro francês prepararia também as comidas para seus hóspedes. Ele faria seu café, com sua cafeteira, pela manhã, faria as ligações telefônicas que costuma fazer, usaria a internet para poder prever a meteorologia da semana e se organizaria em função disso, subiria em seus tratores para poder mostrar como se exerce a atividade agrícola na região. Neste contexto, pode-se dizer que existiria uma semelhança com a atividade turística efetuada em Amantaní. Enquanto o agricultor estaria recebendo seus hóspedes que se interessam por seu cotidiano, *o desafio seria evitar uma mera encenação* (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48). Da mesma forma, a atividade espontânea do agricultor será alterada pelo simples fato de estar sendo observado: “Sendo que aqueles que estão sendo observados fazem as suas coisas como se ninguém lhes estivesse prestando atenção, sabemos que aquilo que nós observamos é alterado em virtude de estarmos sendo observados.”⁸⁴ (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48). Este fato marcaria a semelhança da situação, quer seja na França, quer seja em Amantaní.

Porém, enquanto essa regra é válida com respeito à atuação do observado, ou seja, de acordo com sua interação com o turista, o mesmo não é válido com respeito à representação que resulta da interação. Podemos supor que enquanto o camponês francês tenderá a mostrar as novas tecnologias e a modernização que influi positivamente em sua atividade, o camponês do terceiro mundo, personagem do destino turístico que se insere numa lógica de avanço tecnológico, mostraria, ao contrário, que está ligado a métodos ancestrais e que se encontra à margem da modernidade ocidental, como forma de assegurar o sucesso do turismo e não perder o interesse turístico apresentado por sua pré-definida “autenticidade” no discurso. Nesse sentido, Raymond (2003) cita:

⁸⁴ “(...) whereby those who are being watched go about their business as if no one were paying attention to them, though we have long known that what we observe is changed by virtue of being observed.” (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 48), tradução minha.

A principios del siglo pasado cuando un campesino francés llegaba a la ciudad o se equipaba en su casa de unas herramientas modernas y dejaba los zuecos de madera por unos zapatos suaves, se estaba civilizando. Hoy cuando un indígena del altiplano andino o guatemalteco o de la Amazonía se viste de jeans y toma Coca-cola, es víctima de un proceso de aculturación criminal. Pierde su “autenticidad” y, entonces, su interés antropológico y turístico. (RAYMOND, 2003, p. 60).

Não se pode considerar que as famílias da ilha não sejam conscientes deste fato. Assim, Alfredo, apesar de “modernizar” sua casa com vistas a criar um espaço de acolhimento para o turista, está sempre preocupado com a mistura entre o antigo e o moderno, com a preservação desse aspecto “autêntico” que deve prevalecer, na busca pela satisfação do público turista⁸⁵.

Em Amantaní, vimos que o motivo da excursão à ilha é a imersão proposta nas casas de famílias, as quais reagiram progressivamente a este tipo de atividade, adaptando-se, modificando e transformando o seu *habitat* conforme a demanda turística crescente. O ambiente íntimo permite a interação e a apresentação turística por meio da dita convivência com as famílias. Porém, é preciso perceber qual é a representação que emerge deste tipo de atividade. Conforme observamos na etnografia estabelecida em Amantaní, as casas das famílias estão em progressiva transformação para a recepção do turista criando, assim, espaços diferenciados em termos de comodidade e de “autenticidade” aparente.

A lógica da apresentação e da representação de realidades qualificadas como “exóticas” não é uma novidade. Desde a descoberta da América, numerosos objetos foram trazidos à Europa, constituindo enumeráveis coleções de artes e objetos do outro mundo, do outro lado do Atlântico. Essas coleções, que formavam em vários casos a *wunderkammer* (ou gabinetes de curiosidades) apresentavam os objetos de forma minuciosamente controlada. O controle do espaço e da luz permitia criar efeitos sobre a apresentação dos objetos, os quais mediante sua apresentação estavam sendo representados (MASON, 2002, p. 53). A apresentação controlada do objeto permitia configurar então certa representação do mesmo objeto. Naquela época, os objetos eram trazidos da América para Europa. Ainda persiste este tipo de apresentação e representação em museus e exposições do ocidente (Sally Price, 2000). Porém, poderíamos supor que o turismo, hoje em dia, recria essas mesmas condições nos lugares de procedência destes elementos, tornando certos povos em meros objetos de representação de uma dita cultura.

Se considerarmos a apresentação do cotidiano e a exibição da vida privada como um modo de representação, assistimos à certa transformação dos atores em meros objetos

⁸⁵ Refiro-me ao capítulo II, conversa com Alfredo, página 104.

culturais (KIRSHENBLATT-GIMBLETT, 1998, p. 55). Mesmo se o efeito desejado é o contrário, pode-se dizer que o produto da observação na cena turística torna as pessoas em representantes de alguma realidade, cabe dizer em artefatos. Se o turista tem a impressão de vivenciar um encontro espontâneo com as famílias de Amantaní, as próprias famílias se tornam simbolicamente os representantes de uma imagem definida fora da ilha pelo discurso turístico existente nos níveis regional e nacional. A família de Amantaní se torna, assim, uma representação do modo de vida rural “autêntico”, pronto a satisfazer um desejo. Dessa forma, elas representam o conceito do modo de viver rural por meio dos elementos propostos durante a interação com os turistas, que dura apenas um dia, e que consiste principalmente na convivência dentro da casa. Por meio dessa interação efêmera e da rápida introspecção efetuada pelo turista no espaço íntimo da família, pode-se dizer que se opera certa constituição e apresentação de um todo mediante alguns elementos definidos pelo turismo. A representação é assim definida em parte pela forma da apresentação.

Neste sentido, retomamos o poder simbólico da interação, o qual totaliza uma realidade dada a partir de uma apresentação controlada da mesma forma que o faz a sinédoque no nível da retórica. Consideremos o argumento de Clifford (1992) o qual, ao qualificar o valor do lugar da pesquisa de campo do etnógrafo idealizado por Malinowski, define que: “O vilarejo era uma unidade manejável. Ele oferecia uma maneira de centralizar a prática de investigação, e ao mesmo tempo servia de sinédoque, como ponto de interesse ou parte, por meio do qual cada um podia representar um todo ‘cultural’” (CLIFFORD, 1992, p. 98). No sentido em que a experiência turística em Amantaní tenta fundir a experiência do turista com aquela de um eventual etnógrafo em campo de maneira idealizada, o lugar se transforma, assim, num “todo cultural”.

No caso de Amantaní, a sinédoque toma seu sentido com o novo significado atribuído à casa. Apesar dos empreendimentos feitos para diversificar a atividade turística na ilha, sobretudo graças ao desempenho das ONGs, o maior atrativo é a casa das famílias e o que dentro dessas acontece: as comidas, a noite compartilhada e a participação às atividades da família. A casa se torna assim o lugar de interação da atividade turística e se torna o espaço no qual o turista se encontra mais perto do seu objeto de observação. Vimos que a participação do turista na vida da família é banalizada no sentido em que, apesar de uma recepção diferenciada nas casas dependendo da origem social da família, o turista tem um quarto, um banheiro e um lugar designado dentro da casa: a mesa na cozinha que foi limpa e reorganizada para a sua recepção. Pode-se dizer que esta própria reorganização do espaço para ele diante da presença de elementos tradicionais do cotidiano das famílias tem por

efeito aumentar a percepção do lugar e da situação como autêntica e exótica no sentido em que: “tanto no caso da apresentação como da representação, a presença de certos objetos estranhos tem por efeito aumentar a qualidade exótica de cada objeto apresentado ou representado.”⁸⁶ (MASON, 2002, p. 85). Em outras palavras, o fato de ter um espaço reservado ao turista colado ao espaço das famílias teria um efeito “exotizante” sobre a realidade apresentada que se torna então representada para o olhar do turista.

As famílias dentro das suas casas se tornam, ao meu olhar, os representantes de um novo tipo de discurso colonial produzido pela experiência turística realizada. A diversidade de situações observadas nas casas da ilha testemunha, de um lado, certa criatividade por parte das famílias com vistas a melhorar a recepção do turista. Porém, de outro lado, enquanto esta diversidade existe no plano espacial, a base da encenação é a mesma em cada família. Cada ator, observado e observador, família e turista, ocupa seu lugar dentro do mesmo espaço e as famílias se tornam, assim, mediante sua atuação espontânea, representações estereotipadas da sua própria vida de camponeses. O poder da sinédoque do lar se inscreve assim dentro de uma lógica da ordem colonial descrita por Bhabha (1998):

O discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um “outro” e ainda assim inteiramente apreensível e visível. Ele lembra uma forma de narrativa pela qual a produtividade e a circulação de sujeitos e signos estão agregadas em uma totalidade reformada e reconhecível. Ele emprega um sistema de representação, um regime de verdade, que é estruturalmente similar ao realismo. (BHABHA, 1998, p. 111).

No âmbito desta pesquisa, reconheci essa lógica de colonização da intimidade a partir da nova dinâmica desencadeada pela prática do TRC em Amantaní.

3. A colonização da intimidade e a ressignificação do espaço da casa

Em Amantaní, a atividade turística se concentra ao redor do atrativo da intimidade das famílias que se expõem por meio do serviço de hospedagem proporcionado dentro dos seus lares. Essa atividade leva ao mantimento da representação de certo estereótipo cultural articulado ao redor da vida camponesa nas comunidades rurais. A representação deste estereótipo sustenta-se com o redimensionamento dos lares de acordo com certa cosmovisão ocidental. Neste âmbito, as famílias redimensionam as suas casas e aprendem a viver com

⁸⁶ “(...) in the case of both presentation and representation, the presence of certain bizarre objects has the effect of increasing the exotic quality of each and every object presented or represented.” (MASON, 2002, p. 85), tradução minha.

novas normas que são definidas, não mais por eles, senão pela interação com os atores exteriores que participam da atividade turística.

Observa-se que se operam transformações da intimidade que levam as famílias a misturar sua intimidade com a atividade turística. Essa atividade turística, aos olhos das famílias, tem um valor econômico e comercial que prevalece. A abertura da casa e sua transformação em espaço de serviço ao estrangeiro, na medida em que beneficiam diretamente as famílias, contribuem também em transformar a sua intimidade de forma progressiva. Pode-se dizer que aquilo que ressalta desta lógica de transformação é uma ressignificação da intimidade que começa com a transformação do espaço íntimo. Esta ressignificação da intimidade me parece prevalecer sobre uma suposta ressignificação das tradições. Como vimos, a atividade turística impõe o papel ativo das famílias dentro das suas casas e daquilo que fazem para melhorar o acolhimento do turista. No resto da ilha, os turistas se deslocam com seus grupos levados pelo guia turístico das agências sem implicar o papel ativo dos habitantes. As capacitações ofertadas às famílias para o acolhimento do turista visam educar principalmente em função da recepção em casa, elemento central na prática do “turismo vivencial”.

Pode-se considerar este fenômeno como dinâmica de criação de um novo patrimônio íntimo e pessoal, a casa e os elementos que trazem o conforto, decorrendo do desejo do turista. Consideramos o argumento de Gutierrez Samanez (2000), o qual no caso do patrimônio cultural e público da cidade de Cuzco afirma:

En consecuencia, las nuevas realizaciones arquitectónicas, deberán insertarse en el contexto tradicional, debiendo ser recreaciones o reinterpretaciones en un lenguaje moderno, a fin de lograr la integración y la continuidad con el contexto histórico. Para ello, es preciso que los arquitectos y urbanistas posean una adecuada formación técnica y artística para estar en capacidad de diseñar o proyectar escenarios urbanos no sólo de valor funcional sino también estético, es decir, crear patrimonio. (GUTIERREZ SAMANEZ, 2000, p. 73).

No nível oficial, parece justificada essa relação entre serviço de qualidade trazido aos turistas e benefício econômico para as famílias. Entretanto, o que eu reconheci como decorrente desta relação seria uma colonização da intimidade. Este novo tipo de colonização produzido no nível local pode parecer quase invisível aos olhos do turista preocupado com sua busca da autenticidade na ilha. A ordem discursiva da autenticidade que constrói o discurso dos folhetos, das agências e dos guias turísticos leva o turista a perceber as famílias de forma pré-concebida. A experiência turística na ilha tem então o objetivo de tornar

realidade esse discurso, o qual o turista aceita, uma vez que ele considera também ajudar as famílias em troca do serviço turístico prestado.

Consideremos a transformação do espaço da cozinha e particularmente a concepção da higiene pelas famílias na perspectiva da recepção turística. Observamos que a casa se torna espaço de serviço ao estrangeiro que deve refletir normas estabelecidas fora do local. Assim, o uso da própria casa como recurso turístico e comercial supõe uma retribuição simbólica dos elementos presentes no local para assegurar o sucesso da atividade. É preciso considerar o argumento de Douglas de acordo com o significado da higiene: “Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador.” (DOUGLAS, 1991, p. 14). Neste aspecto, percebemos como as famílias são levadas a enxergar suas casas de acordo com certo olhar vindo *de fora*, o qual atribui uma nova função ao espaço íntimo: uma função turística e comercial. Ao manter a casa de forma palatável para o estrangeiro, ao separar o espaço de vida das pessoas e dos animais, ao oferecer um espaço apropriado de acordo com as concepções ocidentais de espaço íntimo, dá-se um novo significado ao dito espaço:

Eliminado-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio [...] reordenamos positivamente o espaço que nos rodeia, tornamo-lo conforme a uma ideia. Não há aqui nada de temeroso ou de irracional. O gesto que fazemos é criativo, o que tentamos é relacionar a forma e a função, impor uma unidade à experiência. (DOUGLAS, 1991, pp. 14-15).

O título da presente dissertação, “*Cuando el cuy tuvo que salir de la cocina*”, remete de forma simbólica à colonização da intimidade. A convivência ancestral andina com os animais domésticos foi repensada através da concepção do espaço íntimo de acordo com o modo de pensar ocidental, o qual considera essa convivência como impura. O mundo animal e particularmente a presença do porco da índia, nas comunidades rurais andinas, “é integrado à cultura” (GUTIÉRREZ USILLOS, 1994, p. 279). O pequeno animal atrai o turista enquanto ele é visto do lado de fora. Ele participa então da criação desta autenticidade da vida camponesa. Entretanto, se ele estiver presente dentro de casa, correndo entre as pernas do turista enquanto ele come, a experiência poderia ser considerada então de “exageradamente autêntica” no sentido em que ultrapassa as concepções ocidentais de limpeza e a concepção de como deve se apresentar o interior de uma casa: arrumado, cômodo e limpo. O animal sendo impuro, de acordo com esta cosmovisão, simplesmente desapareceu de dentro das cozinhas e foi deslocado para lugares alternativos. No caso do *cuy*, ele fica escondido da vista dos turistas de tal forma que ele parece ter desaparecido das casas, apesar da sua representação

simbólica na vida camponesa andina. Em Amantaní, o *cuy* continua sendo criado fora das cozinhas onde tradicionalmente ele costumava viver: “la importancia del cuy en la vida de los campesinos se debe no sólo a su carácter de animal doméstico tradicional y autóctono, sino también a su estrecha convivencia en el interior de las casas y en el mundo ceremonial.” (GUTIÉRREZ USILLOS, 1994, p. 280). A sua saída definitiva do espaço íntimo e o fim da convivência ancestral entre o animal e as famílias demonstra a existência de certa colonização da intimidade ao considerar que o “cambio de códigos en la producción provoca igualmente cambios en lo social y en lo cultural.” (GUTIÉRREZ USILLOS, 1994, p. 280).

A transformação da intimidade efetua-se de forma progressiva na medida em que a atividade turística se intensifica nas comunidades e nas famílias da ilha. As casas estão transformadas sempre na perspectiva turística e comercial de receber mais turistas. Para satisfazer este objetivo, as políticas públicas, e particularmente o programa de TRC, incentivam o caráter qualitativo da recepção, impulsionando a melhoria das casas para satisfazer melhor o turista. Assim, a transformação arquitetural das casas de acordo com um padrão internacional leva as famílias a viver em novos espaços, obrigando-as a se acostumar com os turistas, quer eles estejam presentes, quer eles não estejam. É importante levar em conta que, estando o turista presente ou não dentro da casa, as novas configurações do ambiente são permanentes. Os quartos previstos para sua hospedagem, as mesas dentro das cozinhas, a importância maior dada à casa em detrimento do terreno para cultivar, todos esses aspectos são permanentes. Mesmo se a família recebe um grupo de turistas algumas vezes no ano, ela tem de lidar com as novas configurações durante todos os meses do ano. Pode-se dizer assim que o turista, indiretamente, impõe a sua presença durante todo o ano dentro da casa.

Em suma, buscamos elaborar o conceito de “colonização da intimidade” em torno do turismo vivencial na ilha de Amantaní, no Peru. Essa colonização diz respeito não somente à ostentação da imagem do indígena para a exploração turística no país, como também a exposição de sua intimidade, a partir do acolhimento de turistas nacionais e estrangeiros em seus próprios lares. Uma vez fomentada a atividade turística na região, tanto por meio de programas governamentais como de agências privadas e ONGs, os habitantes se vêm obrigados a adaptar seus lares de forma a proporcionar uma recepção mais adequada aos seus visitantes. Daí a resignificação do espaço da casa (incluindo a mudança de sua estrutura física), que se torna um ambiente de interação com o turista, de representação das famílias por meio de um discurso de suposta autenticidade e da atuação dessas famílias de forma espontânea. A colonização da intimidade é percebida, desta forma, por meio da

reconfiguração do espaço íntimo, que leva em conta as demandas dos turistas por uma autenticidade com conforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após encontro turístico, que se deu em julho de 2009, e de encontro etnográfico, ocorrido durante o mês de julho de 2010, com as famílias da ilha peruana de Amantaní, no lago Titicaca, os quais possibilitaram a análise das interações existentes entre os turistas e as famílias no contexto turístico local, esta dissertação procura demonstrar em que medida uma cultura pode ser qualificada de “autêntica” e vendida como produto turístico. Tentamos verificar como se constrói essa autenticidade da cultura camponesa amantanenha por meio da experiência turística no local de estudo.

Para este propósito, as noções de encontro turístico e encontro etnográfico representam o pano de fundo da pesquisa de campo. Incentivado pelo encontro turístico inicial e pelo encontro etnográfico realizado posteriormente, é possível concluir, mediante estudo, que o turismo em Amantaní pode ser visto como uma falsa experiência etnográfica vivida pelos turistas que visitam a ilha. Nesse sentido, as condições de acesso à cultura local são mascaradas pela força do desejo de cada ator que atua no contexto turístico: desejo de acessar uma cultura “autêntica” por parte do turista e desejo de se beneficiar economicamente de uma atividade comercial por parte das famílias, das agências de turismo e indiretamente das políticas oficiais do Estado.

A viagem à ilha de Amantaní é considerada excursão autêntica e cultural, considerando-se a ideia de que permitiria fugir do circuito turístico peruano convencional e permitiria entrar em contato direto com as populações nativas. Durante a excursão, efetua-se um turismo definido como “vivencial” dada a imersão cultural que representa a hospedagem do turista em casas de famílias das comunidades da ilha. Percebemos que o turismo vivencial, no âmbito do TRC efetuado em Amantaní, poderia de certa forma, assemelhar-se a um “turismo etnográfico” no qual as atividades propostas para o turista buscam dar uma impressão de “descoberta” de uma cultura, de forma idealizada. Assim, a experiência proposta quer ser vendida como uma “descoberta” da cultura local. Essa última quer se assemelhar a uma iniciação etnográfica que em muitos casos se revela ser uma experiência frustrada para o turista desejoso de descobrir a dita autêntica cultura camponesa amantanenha.

Definimos que o turismo vivencial é uma categoria que decorre do programa de TRC implementado pelo MINCETUR e promovido pela PROMPERU, os quais impulsionam o turismo em Amantaní, entre outros destinos rurais no país, como maneira privilegiada para viver e testemunhar uma cultura autêntica. Apesar de a ilha ser vendida como destino de TRC desde 2008, a história do turismo em Amantaní não é tão recente. Em 1979, a indústria do

turismo se instalou pela primeira vez em Amantaní, a partir da iniciativa da própria comunidade. A pesquisa efetuada na década de 1990 por Gascón mostrou que os poucos turistas que chegavam à ilha naquela época beneficiavam o grupo social das famílias de donos de lanchas. Esses últimos controlavam então único meio de acesso à ilha, monopolizando a atividade turística e gerando conflitos com o restante da população. Por isso, o título de sua pesquisa: “*Gringos como en sueños*” (2005), procurava ilustrar a dimensão escassa e desigual do recurso turístico que se tinha transformado no elemento estruturador da comunidade, apesar de se assemelhar, de certa forma, para muitas famílias, a apenas uma “miragem” do turismo.

Como forma de dar continuação à pesquisa de Gascón, distinguimos que desde o ano 2000, por meio da análise dos dados estatísticos dos fluxos de turistas, o número de turistas que chegavam à ilha triplicou. Nomeamos este fenômeno de “segundo surgimento” do turismo em Amantaní, gerado pela divulgação da ilha como um dos três destinos principais propostos pelas agências de viagem e turismo da cidade de Puno. Este “segundo surgimento”, ao mesmo tempo em que significou o final do monopólio da atividade turística pelos donos de lanchas, trouxe uma nova forma de repartição desigual dos turistas pela má administração das agências e, sobretudo, uma exploração das famílias por estas mesmas agências, que não pagam o preço convencionalmente estabelecido. Mostramos que o monopólio do recurso turístico persiste hoje em dia com a extrema exploração das agências. Porém, notamos também que os donos de lanchas coletivas, apesar de transportar poucos turistas, dado o monopólio das agências, continuam enviando-os às suas próprias famílias.

No capítulo I, aproximamo-nos da ilha de Amantaní pela cena turística, descrevendo a experiência do encontro turístico com as famílias de acordo com o roteiro padrão estabelecido pelas agências de turismo. A atividade turística vivida como experiência pelos turistas é orquestrada por um roteiro único proporcionado pelas agências por meio da figura do guia. Recorremos à análise ritual das impressões criadas na cena turística visando legitimar o caráter autêntico da excursão. Na cena turística, o turista participa de uma experiência que combina a sua percepção visual, auditiva, olfativa e degustativa para legitimar a autenticidade do produto vendido previamente. A ilha é, na verdade, produzida por uma ordem discursiva da autenticidade, cuja narrativa remete fortemente à narrativa da “descoberta” de um lugar isolado, preservado e único, como se o turista pudesse experimentar uma viagem de “descoberta” assimilável à descoberta do novo mundo por Colombo. Essa ordem discursiva da autenticidade é produzida localmente pelas agências de turismo, pelas ONGs, pelos guias e

impulsionada, ainda, pelas instâncias de governo – o MINCETUR e a PROMPERU, que promovem a difusão do turismo na região nos níveis nacional e internacional.

Neste sentido, o caráter autêntico da experiência descrita se cumpre muito mais por meio deste discurso do que por meio do próprio encontro turístico com as famílias, uma vez que, no final da excursão, a aproximação com a cultura local nem sempre chega a satisfazer o desejo do turista na busca pela autenticidade e pela alteridade. Os bastidores da vida camponesa local aparecem aos olhos do turista durante as refeições propostas dentro da cozinha. Entretanto, a interação desejada entra então num processo de aproximação que leva a crer que há um contato de fato.

Ao passar para o outro lado da cena turística, no capítulo II, propus-me a analisar a atividade turística a partir da visão das próprias famílias de Amantaní. Recorremos aos conceitos de zonas de frente e zona traseira de Goffman, complementadas pela dicotomia estabelecida por MacCannell, para analisar a percepção dos espaços turísticos nos quais se realizam os encontros turísticos rituais.

A convivência com seis famílias da ilha, assim como as conversas informais com os meus interlocutores locais permitiram desvendar a heterogeneidade de situações criadas nas casas das famílias. Elas transformam seu espaço de vida íntimo para receber o turista. Esta heterogeneidade varia em função da origem social de cada família, da sua data de entrada na atividade turística, da sua localização geográfica na ilha, da intervenção das ONGs mediante capacitações para melhorar a qualidade do atendimento oferecido ao turista.

Percebemos como a tendência em reformar as casas e ampliá-las é um fenômeno geral na ilha, que está em constante evolução. Essa transformação progressiva pode ser lida nas paredes das casas, naquilo que qualificamos de “estratificação da memória” do turismo, recorrendo ao conceito de Zonabend (1980). Os espaços das casas testemunham desta forma uma passagem do privado para o público, pela qual as famílias passam, pouco a pouco, a serem expropriadas da sua intimidade, uma vez que o autêntico percebido pelo turista consiste, do lado das famílias, na “comercialização” de sua intimidade na arena turística. As famílias dos donos de lanchas, os quais possuem mais recursos financeiros, devido ao fato de trabalharem a mais tempo com a atividade turística, transformam consideravelmente suas vivendas. Essas novas casas, ao buscarem respeitar o conceito de turismo vivencial, poderiam ser consideradas, fora da ilha, de verdadeiras pousadas (segundo concepção brasileira), nas quais o vivencial permanece por meio das refeições compartilhadas nas cozinhas. A experiência amantanenha mostra como a própria casa se torna, na ilha, um argumento para

poder receber o turista. Ela precisa ser espaçosa, cômoda, moderna e ao mesmo tempo resguardar um aspecto rústico.

Na contraposição entre o desejo de acessar a uma cultura autêntica e o desejo de se beneficiar de uma atividade econômica, o turismo leva as famílias amantanenhas a mostrarem a sua intimidade como um produto comercial. Considero que essa intimidade das famílias passa a ser o “meio de produção” da atividade turística como recurso econômico. No meu entendimento, por trás do fato de hospedar os turistas nas casas, a intimidade constitui o produto mais valorizado na cena turística. Em toda a ilha se glorifica o valor da *casa hospedaje* para acessar ao recurso turístico.

Este cruzamento de desejos se materializa em Amantaní mediante a colonização da intimidade das famílias. A minha releitura do fenômeno turístico amantanenho mostra que a intimidade sempre foi o elemento valorizado no local. Porém, a vida íntima das famílias se exhibe diante do turista na falsa pretensão de que a presença estrangeira dentro de casa não influencia o seu cotidiano. Entretanto, o poder simbólico da interação mostra que o fato de estarem sendo observadas leva a uma atuação espontânea. O turista é levado a fazer inferências sobre o modo de vida local, diante da observação de partes limitadas de uma realidade muito mais ampla. O turista presencia uma realidade construída para recepcioná-lo, vivencia essa curta experiência e parte, levando consigo uma imagem estereotipada da cultura contemporânea camponesa. A onipresença do turista nos lares, que seja direta ou indireta, por meio da constante transformação dos espaços privados e da paisagem insular de forma geral testemunham esta dinâmica de colonização da intimidade.

Pode-se dizer que a presente dissertação contribui para a análise qualitativa da prática do TRC. Há poucos anos, o programa de TRC vem sendo amplamente implementado em diversas regiões e comunidades do país, com a tendência de ser visto como um grande avanço para o desenvolvimento dessas comunidades. Porém, carecem estudos sobre a percepção deste novo tipo de turismo para as próprias comunidades receptoras. Desenvolver economicamente as comunidades rurais significa antes de tudo criar uma narrativa. Essa narrativa se constrói a partir do discurso sobre um modo de vida autêntico. Entretanto, essa autenticidade não é mais meramente visual. Existe uma interação direta com o turista, que se satisfaz com uma autenticidade palatável e com conforto. O caso da ilha de Amantaní é um exemplo que não deve ser generalizado, pois o programa de TRC e o turismo vivencial em geral não têm por que sempre terem os mesmos resultados. Porém, a diversidade de contextos locais existentes num país, às vezes, não permitem que um programa obtenha os efeitos desenhados no nível

teórico de projeto em qualquer lugar. Neste sentido, os estudos de casos, como os estudos de comunidades no âmbito microssocial, serão sempre necessários.

As pesquisas de campo nas Ciências Sociais e na Antropologia do Turismo se revelam necessárias para avaliar a sustentabilidade desses projetos turísticos. Em pesquisas futuras, seria interessante analisar algumas perguntas deixadas em aberto. Por exemplo, se seria possível comparar o fenômeno turístico da ilha de Amantaní e das comunidades ribeirinhas do lago Titicaca, do lado peruano, com o mesmo fenômeno turístico vivenciado nas comunidades lacustres do lado boliviano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERCROMBIE, Thomas Alan. *Pathways of Memory and Power: Ethnography and History Among an Andean People*. Madison, USA: The University of Wisconsin Press, 1998.

ADAMS, Richard. "Strategies of Ethnic Survival in Central America". In: URBAN, Greg & SHERZER, Joel (eds.). *Nation-States and Indians in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 1992.

ARAÚJO (de), Silvana Miceli. "Artifício e Autenticidade: O Turismo como experiência antropológica". In: *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus Editora, pp. 49-63, 2006.

AUGÉ, Marc. *L'Impossible Voyage: Le tourisme et ses images*. Paris: Editions Payot et Rivages, 1997.

AUGÉ, Marc. *Non-Lieux: Introduction à une Anthropologie de la Surmodernité*. Paris: Editions du Seuil, 1992.

AVALOS DE MATOS, Rosalia. "Changements culturels dans les îles du lac Titicaca". In : *Travaux de l'Institut Français d'Etudes Andines*, Lima, 1951.

BAÉZ-JORGE, Félix. "Antropología e Indigenismo en Latinoamérica: Señas de Identidad". In: *Motivos de la Antropología Americanista: Indagaciones en la diferencia*. LEÓN-PORTILLA, Miguel (coord.). Fondo de Cultura Económica: México, 2001.

BANDUCCI JR, Álvaro. "Turismo e Antropologia no Brasil: Estudo preliminar". In: *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus Editora, pp. 21-47, 2006.

BARRETTO, Margarita e BANDUCCI JR, Alvaro. "Introdução: Turismo e identidade local". In: *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus Editora, pp. 7-20, 2006.

BARRETTO, Margarita. "O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo". In: *Horizontes Antropológicos: Antropologia e Turismo*. Porto Alegre, ano 9, n. 20, pp. 15-29, outubro de 2003.

BERENGUER, Ester Pérez e GASCÓN, Jorge. "El impacto del turismo y de los proyectos de desarrollo de ONG's en la estructura social y económica de dos comunidades andinas." *Agricultura y Sociedad*, n. 84, 1997, pp. 225-252.

BERREMAN, Gerald D. "Etnografía e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia". In: *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOUYSSÉ-CASSAGNE, Thérèse. "Le Lac Titicaca: Histoire perdue d'une mer intérieure". In : *Bulletin de l'Institut Français d'Etudes Andines*. Lima, pp. 89-99, 1992.

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- CLIFFORD, James. "Traveling Cultures". In: *Cultural Studies*. NELSON, C.; TREICHLER, P. e GROSSBERG, L. (orgs). New York: Routledge, pp. 96-112, 1992.
- CONTRERAS CARRANZA, Carlos. *Historia del Perú Contemporáneo. Desde las luchas por la independência hasta el presente*. Carlos Contreras y Marcos Cueto. 4ª Ed. Lima: IEP, 2007 (Estudios Históricos, 27).
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FAVRE, Henri. *Les Incas* (collection *Que Sais-Je ?*). Paris, Presses Universitaires de France, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- GASCÓN, Jorge. *Gringos como en sueños: Diferenciación y conflicto campesinos en los Andes peruanos ante el desarrollo del turismo*. Lima: IEP, 2005.
- GASCÓN, Jorge. "Compadrazgo y cambio en el Altiplano peruano". In: *Revista Española de Antropología Americana*, 2005, vol. 35, pp. 191-206.
- GASCÓN, Jorge. "La polémica sobre la tragedia de los comunes: un caso andino". In: *Debate Agrário*, N°25, Lima, 1996.
- GASCÓN, Jorge. "El control y explotación de la mano de obra colona en la hacienda andina peruana." Grupo de investigaciones Andinas, Universidad de Barcelona, 2000.
- GASCÓN, Jorge. "Robo y resistencia campesina en los Andes peruanos". Grupo de investigaciones andinas, Universidad de Barcelona, 2000.
- GASCÓN, Jorge. "Sublevaciones colonas y reproducción del sistema de haciendas en el Sur Andino Peruano". In: *Revista Española de Antropología Americana*, 2000, n°30 : pp. 265-289.
- GLOAGUEN, Philippe. *Le Guide du Routard: Pérou/Bolivie*. Paris: Hachette, 2005-2006.
- GOFFMAN, Erving. *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne : La présentation de soi* (1). Paris : Les éditions de Minuit, 1973.
- GONZALES PRADA, Manuel. "Discurso en el Politeama (1888)". In: *Ensayos Escogidos*. BONDY, A. S. Lima: Editorial Universo, 1977.
- GUERRÓN MONTERO, Carla. "Heritage, Identity and Globalisation: The Case of Island Tourism in the Caribbean". In : *Bulletin of Latin American Research*, vol. 30, n. I, Janeiro de 2011.
- GUTIERREZ SAMANEZ, José Carlos. *La Destrucción del Patrimonio Monumental del Cusco*. Lima: Lluvia Editores, 2000.

GUTIÉRREZ USILLOS, Andrés. “Reseñas: ARCHETTI, Eduardo. *El Mundo Social y simbólico del Cuy*. Quito: Centro de Planificación y Estudios Sociales (CEPLAES), 1992. In: *Revista Española de Antropología Americana*, 24, pp. 279-282. Madrid: Edit. Complutense, 1994. Disponible em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/05566533/articulos/REAA9494110279A.PDF>

HILL, Michael D. “Contesting Patrimony: Cusco's Mystical Tourist Industry and the Politics of Incanismo”. In: *Ethnos*, vol. 72, n. 4, pp. 433-460, 2007.

ITIER, César. *Parlons Quechua: La langue du Cuzco*. Paris: L’Harmattan, 1997.

KENT, Michael. “A importância de ser Uros: movimentos indígenas, políticas de identidade e pesquisa genética nos Andes Peruanos”. In: *Perspectivas Antropológicas sobre Saúde, Genômica e Identidades no Brasil*. R.V. Santos, S. Gibbon & J.F. Beltrão. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. *Destination Culture: Tourism, Museums, and Heritage*. Los Angeles: University of California Press, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris: Terre Humaine Plon, 1955.

MACCANNELL, Dean. *The Tourist: A New theory of the Leisure Class*. New York: Schocken Books, 1976.

MAROCA DE CASTRO, Maria Soledad. A reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições. Dissertação de Mestrado (orientadora: Antonádia Monteiro Borges), Brasília: DAN-UnB, 2008.

MASON, Peter. “Faithful to the Context? The Presentation and Representation of American Objects in European Collections”. In: *Anuário Antropológico/98*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MATOS MAR, José. “La Propriété dans l’île Taquile”. In: *Travaux de l’Institut Français d’Etudes Andines*, Lima, 1951

MÉNDEZ, Cecilia. “Incas sí, indios no: Apuntes para el estudio del nacionalismo criollo en el Perú”. *Documentos de Trabajo*, n. 56. Lima: IEP, 1996. Disponible em: <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Mendez.pdf>

MORUS, Tomás. *A Utopia*. Porto Alegre : L e PM, 2007.

NORA, Pierre. “Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire”. In: *Representations*, n. 26, pp. 7-27, abril de 1989. Disponible em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0734-6018%28198921%290%3A26%3C7%3ABMAHLL%3E2.0.CO%3B2-N>

ORTIZ, Pedro e GALDO, Raúl. *El Indígena de la Isla de Amantaní*. Serie monográfica, n. 11. Lima: Ministerio de Trabajo y Asuntos Indígenas (Plan Nacional de Integración de la Población Aborígen), 1963.

PARRA, Marie-France. “Destination mythique: Les trésors du lac Titicaca”, In : *Femme Actuelle*, pp. 114-116, dezembro de 2009.

PASTOR ALFONSO, María José. “El Patrimonio cultural como opción turística”. In: *Horizontes Antropológicos: Antropología e Turismo*. Porto Alegre, ano 9, n. 20, pp. 97-115, outubro de 2003.

PÉREZ GALÁN, Beatriz. *Somos como Incas. Autoridades Tradicionales en los Andes Peruanos*. Madrid: Ed. Iberoamericana veruvert, 2004.

PRATS, Llorenç. *Antropología y Patrimonio*. Barcelona: Ed. Ariel, 2004.

PRICE, Sally. *Arte Primitiva em Centros Civilizados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

PRIMOV, George Pantchef. *Ethnicity in Highland Peru*. Doctoral dissertation, aprovada por Van den Berghe, Pierre L. Xerox University Microfilms, University of Washington, 1975.

QUISPE ESCOBAR, Adrián. “Recursos turísticos, paisajísticos y sensoriales de la isla de Amantaní”. In: *Revista Universitaria de la Universidad del Altiplano*, n. 8. Puno: UNA, 1998.

RAYMOND, Nathalie. *Le Tourisme au Pérou, De Machu Picchu à Fujimori: àleas et paradoxes*. Paris : L’Harmattan, 2001.

RAYMOND, Nathalie. “El ecoturismo como fuente de desarrollo sustentable? Un análisis crítico a partir de dos casos andinos y centroamericanos”. In: *Espacio y Desarrollo*, n. 15. Lima: PUCP, Depto de Humanidades, 2003.

RIBEIRO, Gustavo Lins e BARROS, Flávia Lessa de. “A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio-ambiente e subjetividade na contemporaneidade”. *Série Antropologia*, nº171. Brasília, 1994.

RODRIGUEZ VÁSQUEZ, Walter. *Ritual de dualidad complementaria en Amantaní*. Gobierno regional de Puno, Puno: 2007.

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

SILVERMAN, Helaine. “Touring Ancient Times: The Present and Presented Past in Contemporary Peru”. *American Anthropologist*, Vol.104(3), pp. 881-902, 2002.

SMITH, Valene L. *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

STOCKING, George W. *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1983.

TROUILLOT, Michel-Rolph. “Anthropology and the savage slot: The Poetics and Politics of Otherness”. In: *Recapturing Anthropology*. FOX, Richard (ed.), pp. 17-44. Santa Fe: School of American Press, 1991.

URIARTE, Urpi Montoya. “Hispanismo e Indigenismo: o dualismo cultural no pensamento social peruano (1900-1930). Uma revisão necessária”. In: *Revista de Antropologia*, vol. 41, n. 1. São Paulo: SCIELO, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000100005

URRY, James. *O Olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

URRUTIA, Jaime. “Territorio, identidad y mercado”. In: *El valor del patrimonio cultural: territorios rurales, experiencias y proyecciones latinoamericanas*. RANABOLDO, Claudia e SCHEJTMAN, Alexander. Lima: IEP, 2009.

VAN DEN BERGHE, Pierre. L. e FLORES OCHOA, Jorge. “Tourism and Nativistic Ideology in Cuzco, Peru”. *Annals of Tourism Research*. Elsevier Science Ltd. Vol.27, N°1, pp. 7-26, 2000.

VICH, Cynthia. “29 de Julio de 2001: Toledo en el Cusco o Pachacútec en el mercado global”. In: *Batallas por la Memoria: Antagonismos de la Promesa Peruana*. Lima: Red para el desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2003.

VICH, Víctor. “La Nación en Venta: Bricheros, Turismo y Mercado en el Perú Contemporáneo”. In: *Cultura y Neoliberalismo*. GRIMSEN, Alejandro (comp). Buenos Aires: CLACSO Libros, 2007.

VICH, Víctor. “*Magical, Mystical: El Royal Tour de Alejandro Toledo*”. In: *Industrias Culturales, Máquina de deseos en el mundo contemporáneo*. Lima: Ed. Santiago López Maguiña, Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Perú, 2007.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial: Hibridismo em Teoria, Cultura e Raça*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

YUCRA PACOMPIA, Marcelino. *Amantaní en el Titikaka*. Puno, Ed. Pedro Rojas López, 2008.

ZONABEND, Françoise. *La Mémoire Longue: Temps et histoires au village*. Paris: Presses Universitaires de France, Puf Croisées, 1980.

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

APTUR OGD PUNO. *Informe de avance de actividades* (Documento de trabajo) 2008.

ALFARO LOZANO, Luís. *Turismo Sostenible y Áreas Naturales Protegidas: Una alternativa para el desarrollo y la conservación*. SERNANP. I Foro Internacional de Turismo Sostenible, Pontificia Universidad Católica del Perú.

BARDALES VASSI, Ricardo. *Desarrollo Turístico e Identidad Cultural: La experiencia de la Comunidad de Taquile, en Puno*. Programa de las Naciones Unidas para el desarrollo (PNUD), Lima, 2004. Disponible en: http://www.pnud.org.pe/Pdfs/PUB_Caso_TAQUILE.pdf

CÁRITAS PUNO. *PROTURIS: Proyecto Turístico Integral para el Desarrollo de las Comunidades del Lago Titicaca*. Pasta con folders e CD do projeto nas comunidades da região de Puno.

DIRCETUR. *Boletín Estadístico Regional de Turismo 2008*. DIRCETUR PUNO, mayo de 2009.

DIRCETUR. *Guía Turística del Departamento de Puno*. Puno.

Documentos privados de Julio Borda. Villa Orinojón, Amantaní.

Documentos privados de Alfredo Suaña. Pueblo, Amantaní.

INEI. *Puno: Compendio estadístico*. ODEI, Puno, 2007.

Libro de Nacimientos-Registro Civil (1970-2007). Municipalidad del Distrito de Amantaní.

MINCETUR. *Manual Técnico de Difusión: Educación Ambiental para Albergues en Zonas Rurales*. Plan Nacional de Calidad Turística del Perú, CALTUR. Lima, 2008.

MINCETUR. *Manual Técnico de Difusión: Manejo de Residuos Sólidos para Albergues en Zonas Rurales*. Plan Nacional de Calidad Turística del Perú, CALTUR. Lima, 2008.

MINCETUR. *Manual Técnico de Difusión: Sistema de Tratamiento de Aguas Residuales para Albergues en Zonas Rurales*. Plan Nacional de Calidad Turística del Perú, CALTUR. Lima, 2008.

MINCETUR. *Manual de Buenas Prácticas de Gestión de Servicios para Alojamientos en Zonas Rurales*. Plan Nacional de Calidad Turística del Perú, CALTUR. Lima, 2010.

MINCETUR e AECID. *Manual del emprendedor en Turismo Rural Comunitario*. Lima, 2008.

MINCETUR e PROMPERU. *Guía Turística: Experiencias exitosas. Turismo Rural Comunitario, Perú*. Disponible en: <http://www.turismoruralperu.facipub.com/facipub/upload/publicaciones/1/80/guia%20turistica.pdf>

MINCETUR. *Lineamientos para el Desarrollo del Turismo Rural Comunitario en el Perú*. Agosto de 2006. Disponible em: http://www.mincetur.gob.pe/TURISMO/Legal/LINEAMIENTOS_TURISMO_RURAL.pdf

PROMPERU. *Perfil del Turista Extranjero 2003*. Disponible em: http://www.cocep.org.pe/store/noti/120/ren_perfil_del_turista_espanol_2003.pdf

PROMPERU. *Perfil del Turista Rural Comunitario*. Fevereiro de 2008. Disponible em: <http://www.turismoruralperu.facipub.com/facipub/upload/publicaciones/1/80/perfil%20del%20turista%20rural%20comunitario.pdf>

PROMPERU. *Manual de importancia e impacto del turismo em el Perú* (PROMPERU). Lima, julio de 2000.

REDTURC TITIKAKA. *Catálogo*: Lago Titicaca, Puno, cuna de la Cultura Andina.

PORTAIS ELETRÔNICOS CONSULTADOS:

<http://www.mincetur.gob.pe/newweb/>

<http://www.promperu.gob.pe/>

<http://www.peru.travel/es/>

<http://www.ifeanet.org/index.php?idioma=FRA>

<http://www.iep.org.pe/>

<http://www.pucp.edu.pe/content/index.php>

<http://blog.pucp.edu.pe/category/3923/blogid/1542>

<http://www.turismoruralperu.org/>

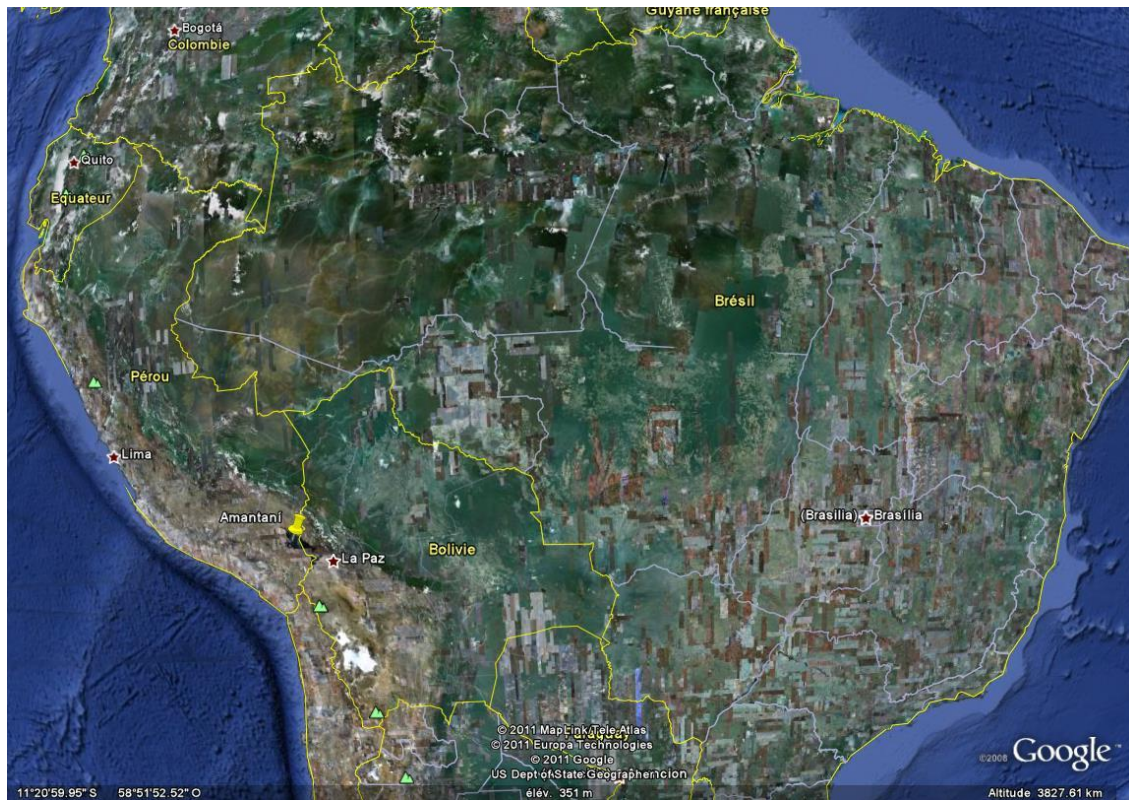
<http://www.observatorioturisticodelperu.com/>

<http://www.travelpod.com/travel-blog-entries/garion/1/1308073317/tpod.html>

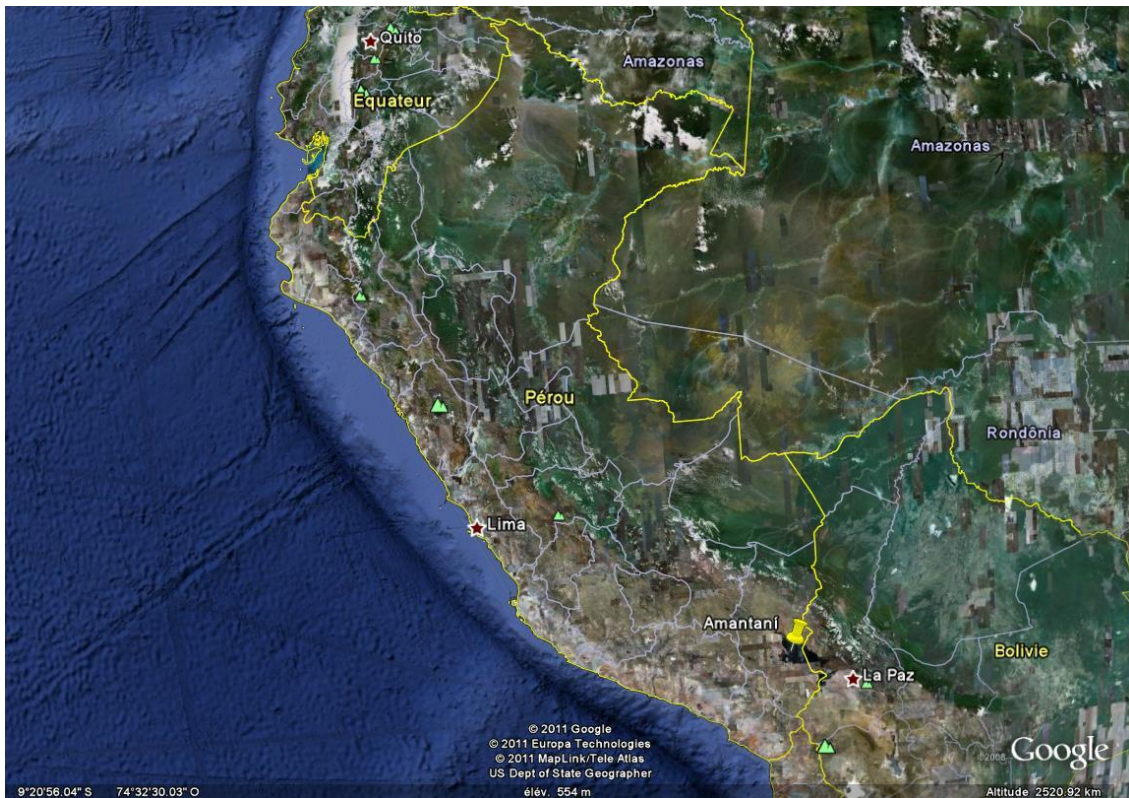
<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-ilha-mais-escondida-do-lago-titicaca,325109,0.htm>

ANEXOS

ANEXO 1: MAPAS DA REGIÃO DA PESQUISA (Fonte usada: Google Earth 2011)



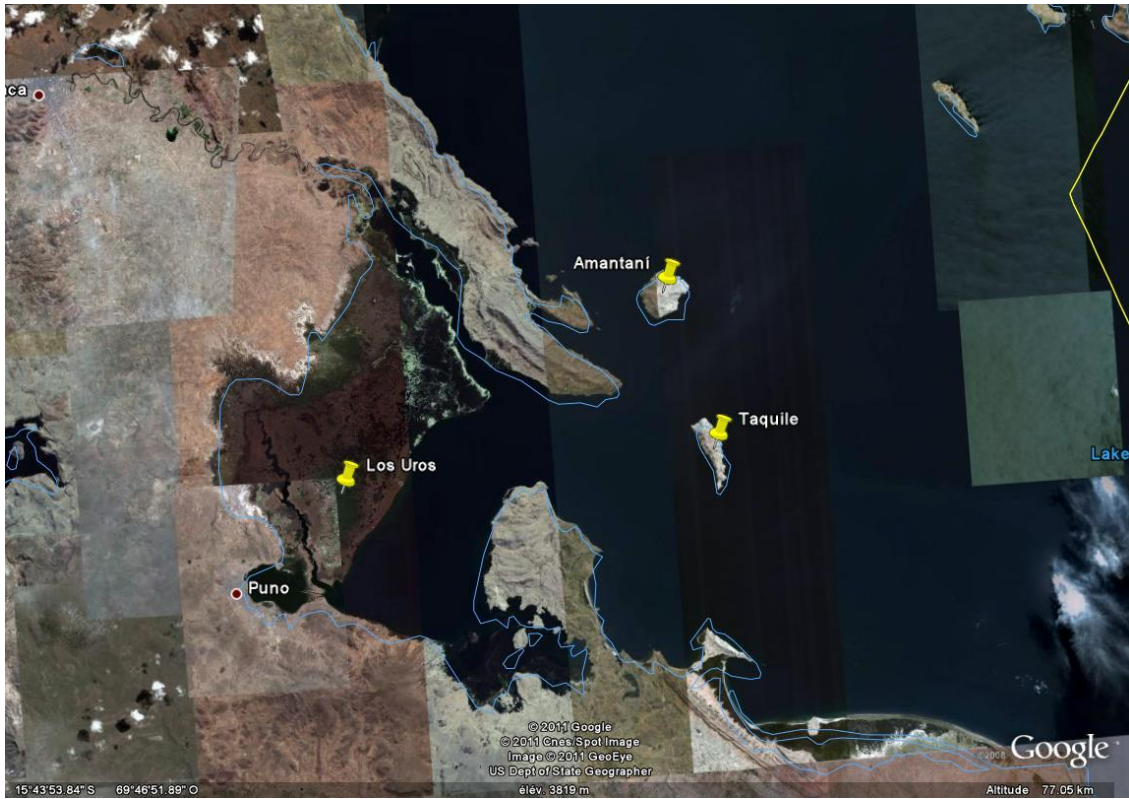
Mapa do continente sul-americano com os três países citados na pesquisa: Peru, Bolívia e Brasil



Mapa do Peru com o lago Titicaca e a região de Puno no sudeste do país



Mapa do lago Titicaca e a fronteira entre Peru e Bolívia



Puno e as ilhas de interesse turístico na região: Los Uros, Amantani e Taquile



Mapa da ilha de Amantani com as comunidades camponesas e os templos arqueológicos

ANEXO 2: ROTEIRO DE PERGUNTAS ENVIADO AOS TURISTAS ENCONTRADOS NA ILHA DE AMANTANÍ (TRADUZIDO EM FRANCÊS, INGLÊS E ESPANHOL)



PESQUISA DE TURISMO

Prezado (a) amigo(a),

Solicito a sua colaboração para responder a este questionário que apoiará uma pesquisa de mestrado em ciências sociais especializado em estudos comparados sobre as Américas (CEPPAC) da Universidade de Brasília-UnB sob a orientação do Professor Dr. Cristhian Teófilo da Silva. Nessa pesquisa, estuda-se o impacto cultural do turismo internacional praticado na ilha de Amantaní (Peru) sobre a identidade da população local.

IDENTIFICAÇÃO

1. INFORMANTE (Nome): 2. SEXO: *Feminino/Masculino*
3. ORIGEM: País: Cidade: 4. IDADE:
5. ESTADO CIVIL: *Solteiro(a)/Casado(a)/Divorciado(a)/Viúvo(a)/Outro/Não responde*
6. ESCOLARIDADE: *1º Grau/2º Grau/Graduação/Mestrado/Doutorado/Não responde*
7. PROFISSÃO:

MOTIVAÇÕES DE VIAGEM

8. Como você soube da área visitada? (Informação de amigos ou parentes, livros, guia de viagem, internet, vídeos, televisão, jornais, publicidade turística, agência de turismo, revista especializada, outros) Especifique a informação para cada um dos lugares mencionados em baixo explicando o motivo da escolha desses lugares:

PERU:

PUNO:

AMANTANI:

9. Você está viajando em suas férias? *Sim/Não* 10. Com quem? *Sozinho/Família/Amigos*
11. Com que transporte você chegou ao Peru? a Puno?
12. Cidade de origem antes de chegar a Puno:
13. Essa é a sua primeira visita ao Peru? A Puno? A Amantaní?
14. Você já tinha planejado visitar Amantaní antes de chegar em Puno? *Sim/Não*

15. Porque você decidiu visitar Amantaní?

SUA PERCEPÇÃO PESSOAL DA VIAGEM EM AMANTANÍ

16. Quais imagens sobre o Peru você tinha na cabeça antes desta viagem e porque tinha esse tipo de imagem (revistas, fotos, filmes, quadrinhos, publicidade, agência)?

.....
.....

17. Essas imagens tornaram-se realidade ao visitar o país ou você achou a realidade bem diferente? Porque?

.....
.....

18. Amantaní lhe pareceu corresponder com essas imagens ou não?

.....
.....

19. Como você classificaria o turismo praticado na ilha? *Turismo de aventura/Turismo de recreação/Turismo de pesquisa/Ecoturismo/Turismo cultural/Turismo étnico*

20. O que é turismo cultural para você?

.....
.....

21. Você já esteve em contato direto com outras populações indígenas ao longo de outra viagem?

.....
.....

22. Como você veio na ilha? *Pacote turístico com agência/Guia privado/Sozinho(a)*

23. Com qual agência (Nome da agência)?

24. Quais recordações ou sentimento no íntimo lhe despertaram esta viagem na ilha de Amantaní?

.....
.....

25. E no Peru em geral?

.....
.....

26. Você retornaria ao Peru? A Puno? A Amantaní?

27. Porque?

28. O que você contaria a um amigo sobre essa experiência de viagem?

.....
.....

29. Quanto tempo você terá permanecido no Peru nesta viagem?

30. E em Puno? E em Amantaní?

31. Você dormiu na ilha? Onde?

32. Você comprou artesanato na ilha?

33. Quais visitas/atividades você praticou na ilha? (selecione)

ruínas Pachamama ruínas Pachatata vi o pôr do sol Danças tradicionais com roupa típica Inka Tiana (assento do Inca) P'asa Llanu (fonte de vida) Calvario (santuário religioso) outros:
.....

34. Em que sentido diferencia-se Amantaní dos outros lugares que você conheceu no Peru até hoje? Ou lhe parece similar aos outros lugares que já visitou no país?
.....
.....

35. Quais locais você visitou/visitará no país nesta viagem? *Lima/Cusco/Machu Picchu/Nazca/Bolívia/outros*:

36. Qual das duas ilhas visitadas você preferiu? *Taquile* ou *Amantaní*.

37. Porque?

38. Em que sentido as duas ilhas se diferenciam para você? Ou não notou diferença nenhuma?
.....
.....

39. Sua visita de Amantaní lhe pareceu ser uma experiência de turismo *autêntica, menos* ou *mais autêntica* do que as outras visitas feitas no país?.....

40. Porque?

41. O que mais lhe chamou a atenção na sua viagem para a ilha de Amantaní?
.....
.....

42. Se você ficou decepcionado, em que aspecto?
.....
.....

43. Com que palavra você qualifica esta experiência turística em Amantaní?

44. Comentários (facultativo):
.....
.....
.....

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO.

Este trabalho, depois de sua aprovação, estará disponível no acervo da biblioteca da Universidade de Brasília assim como nas bibliotecas comunitárias da ilha de Amantaní. Contato:

guillaumeperche@hotmail.com

ANEXO 3: RELATÓRIO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO COMO *BRIGADISTA INTERNACIONALISTA SOLIDÁRIO* NOS ARQUIVOS DA COMIBOL EM ORURO, DO DIA 13 ATÉ O DIA 24 DE JULHO DE 2009

INFORME

A : Daniel Segales Callizaya
ENCARGADO ARCHIVO REGIONAL ORURO

DE : Guillaume Maurice Admire Perche
BRIGADISTA INTERNACIONALISTA SOLIDARIO

REF : **INFORME DE TRABAJO VOLUNTARIO COMO
BRIGADISTA INTERNACIONALISTA
SOLIDARIO EN LOS ARCHIVOS DE LA
COMIBOL EN ORURO-13/24 DE JULIO DE 2009**

Fecha : Oruro, 23 de julio de 2009

Señor encargado del archivo regional de la COMIBOL de Oruro, le presento mi informe de trabajo como brigadista internacionalista solidario en los archivos de la COMIBOL de Oruro iniciado el día lunes, 13 de julio de 2009 con una duración de dos semanas hasta el día viernes, 24 de julio de 2009. Este trabajo fue efectuado en el ámbito de las II Brigadas Internacionalistas Solidarias para los archivos de Bolivia, coordinadas por los señores Luís Oporto, director de la biblioteca y archivo histórico del congreso nacional de Bolivia, y Javier Gimeno, coordinador internacional de las Brigadas. Aquí sigue el descriptivo de los trabajos que efectué durante mis dos semanas como brigadista.

LUNES, 13 DE JULIO

Me recogió por la mañana en el hostel Copacabana en La Paz el colega técnico archivista Ramiro Pérez Apaza para llevarme al Sistema de Archivo de la Corporación Minera de Bolivia (COMIBOL) ubicada en la ciudad de El Alto. Recibí las saluciones y bienvenidas del señor Edgar Ramírez Santiesteban, jefe del sistema de archivo COMIBOL, que me explicó cómo se desarrolla el trabajo de conservación de los archivos en los varios

centros de la COMIBOL en Bolivia y en el centro de La Paz-El Alto desde noviembre de 2008. Visité el edificio nuevo construido en este centro destinado a recibir los documentos conservados y archivados en La Paz. Conocí también a dos colegas brigadistas colombianas y a un colega brigadista argentino, todos archiveros y bibliotecarios profesionales, trabajando como voluntarios en el centro de El Alto. Después de un almuerzo con los colegas, salí de La Paz en bus para Oruro, capital del departamento de Oruro, que queda a unas tres horas de La Paz, para empezar mi trabajo en esta ciudad. Llegando en la terminal, me acogió el encargado del archivo regional de la COMIBOL en Oruro, Daniel Segales Callizaya, para primer contacto antes de empezar el trabajo al día siguiente.

DEL MARTES, 14 DE JULIO HASTA EL VIERNES, 24 DE JULIO

Mi colega Ramiro Pérez Apaza me enseñó en la mañana del martes, 14 de julio el lugar que me fue atribuido para quedarme durante las dos semanas de trabajo ubicado en la Gerencia de la COMIBOL en Oruro. A continuación, llegué al centro de archivo regional, el lugar de trabajo que me fue asignado como brigadista, donde conocí a los compañeros con quienes trabajé durante las dos semanas: Cecilia, Mario, Limber, Emilio, Julio, Edson y Efrain. Me enteré también de los horarios de trabajo: de lunes a viernes de las 08h00 a las 12h00 y de las 14h00 a las 18h00, y el sábado de las 08h00 a las 12h00.

Durante las dos semanas, la parte principal de mi trabajo fue, siempre en equipo con mis colegas archivistas bolivianos, conservar y arreglar en el edificio nuevo los documentos de los archivos de varias empresas mineras de la región que fueron rescatados por la COMIBOL para ser juntados y archivados. Los colegas empezaron este trabajo en enero de 2009 aquí en Oruro y les di mi contribución en esta obra monumental durante mis dos semanas de presencia.

El trabajo consistió en recoger uno por uno los documentos que habían sido recogidos en la empresa minera Santa Fé y trasladados para Oruro el 1 de julio. Los documentos se encontraban deteriorados ya sea tanto por el paso del tiempo, la humedad y el maltrato dado por los generadores de estos documentos y limpiarlos lo mejor que se podía sacando el polvo y las partes metálicas de los archivadores causando la deterioración del papel. Después de haber conservado la documentación de esta manera con la ayuda de escobas, se trataba de ordenarla y dejarla dentro del edificio nuevo para ser archivada próximamente. Este trabajo es un trabajo monumental tomando en cuenta el real mal estado de la documentación pero también la cantidad de documentos rescatados y a ser rescatados en las varias empresas

mineras orureñas. Pude observar el avance del trabajo en dos semanas y se pueden imaginar, pues, los años de trabajo que serán necesarios para conservar y archivar la totalidad de esta documentación.

Los documentos que fueron objeto del tratamiento de conservación durante mi presencia como brigadista estaban compuestos por archivadores de palanca, carpetillas, legajos de papeles, tarjetas, vales, recibos y varios documentos empastados. Todos provenían de las empresas mineras de Santa Fé-Morococala y de San José-Machacamarca y correspondían a la gestión de los años 40 hasta los años 90.

Aquí establezco una lista de los tipos de documentos conservados informando si posible la proveniencia y el año de éstos.

Se conservaron durante mi estancia como brigadista:

- fichas de ingreso al almacén,
- notas de contabilidad,
- notas de traspasos,
- múltiples radiogramas,
- fichas de ingreso de materiales e inventarios de almacenes,
- múltiples vales y recibos,
- rollitos de saldos Kardex del año 1972 proviniendo de Morococala,
- el registro de entradas y salidas de materiales de la empresa Tin and Tungsten Mines Corporation (1954),
- el registro de entrada de materiales en Santa Fé (1946 hasta 1953),
- planillas de aportes y pago de salarios de la empresa Santa Fé,
- contratos y tarjetas de trabajo (San José),
- planillas mensuales de pago de jornales,
- tarjetas de existencia drogas,
- casi la totalidad de las fichas de entrada y salida de material de las empresas Santa Fé, Morococala y Japo (del 52 hasta los años 80),
- pedidos de material,
- tarjetas de pedido y consumo,

- cuadernitos diversos sobre el consumo de carburantes y explosivos, sobretiempos y partes puestos gerencia de la planta de volatilización de Machacamarca,
- planos rusos para almacenes de materiales en Machacamarca (1978).

El día martes, 21 de julio, fuimos con los compañeros hasta el sitio de la antigua empresa de volatilización de Machacamarca, la cual queda a aproximadamente una hora del centro de la ciudad de Oruro, para recoger una cantidad importante de tablas de madera destinadas a construir los estantes destinados a ordenar la documentación en el edificio nuevo del centro de archivos que todavía no tiene ni estantes ni muebles, pues las obras acabaron recientemente. Recogimos esta carga de madera en Machacamarca y la descargamos y ordenamos al exterior del edificio en Oruro.

Fuera de la parte de conservación de archivos, mi trabajo consistió también, a partir del 21 de julio hasta el 24 de julio, en dar una hora diaria de clase de francés a mis nueve compañeros de trabajo. Debido al interés que prestaron a mi lengua y debido a sus preguntas mientras trabajamos juntos, pensé en preparar una clase de una semana para enseñar algunas bases de francés a partir de un material que conseguí preparar aquí en Oruro. Usamos un cuadernito, un lápiz y algunos ejercicios preparados por el profesor de manera muy simple para empezar nuestra nueva experiencia lingüística aquí en el centro de archivos de la COMIBOL de Oruro.

REFLEXIONES FINALES

Esta experiencia de trabajo voluntario de dos semanas como brigadista en el centro de archivo de la COMIBOL en Oruro me pareció increíblemente interesante y enriquecedora en varios aspectos.

Primero, como estudiante de postgrado en ciencias sociales en un centro de estudios comparados sobre las Américas (CEPPAC-Universidad de Brasilia-Brasil), esta experiencia de voluntariado fue muy benéfica para poder observar y entender el proceso de cambio de las políticas del estado boliviano con respecto a la cultura y la historia. Este proceso de conservación y reorganización de los archivos de todas las empresas mineras bolivianas es un proyecto único en la historia mundial de la minería y Bolivia, siendo uno de los principales países mineros del mundo, demuestra un aporte significativo con el sistema nacional de archivo de la COMIBOL en cuanto al desarrollo del país. Además, este sistema de archivo

representa una necesidad para la sociedad y particularmente para todos los mineros que trabajaron o trabajan en la mina. Los documentos conservados son imprescindibles para los trámites administrativos y representan al nivel administrativo la vida de una persona. Por otra parte, esta fuente de información, una vez el trabajo de conservación y organización efectuado, tendrá un valor histórico inestimable ya que toda la historia del pasado minero en Bolivia será accesible para la investigación científica. Los estudios e investigaciones universitarias sobre el mundo minero tendrán una fuente de información precisa e indispensable para producir tesis y artículos sobre la minería que en el caso de Bolivia, además de representar un símbolo nacional alrededor del cual una parte considerable de la población se organiza, también representa una compleja estructura económica y social.

Por otro lado, lo importante que quiero destacar en este final de informe, es que además de adquirir conocimientos sobre el pasado minero en Bolivia y en archivística, este trabajo me permitió antes de todo compartir dos semanas integrales del cotidiano de trabajadores locales que me enseñaron mucho al nivel cultural. El grupo constaba efectivamente de una arquitecta, dos estudiantes y tres ex-mineros de la mina de Caracoles en La Paz. Así, creo que el intercambio cultural que se operó entre mis compañeros y yo durante esas dos semanas contribuyo considerablemente en mi enriquecimiento personal y estoy convencido de que mis colegas también sacaron provecho de esta oportunidad de intercambio de saber, que sea profesional o cultural. Me di cuenta de que el contacto entre el pueblo boliviano y los extranjeros pasando por el país es bastante reducido, y esta oportunidad de poder conversar, intercambiar opiniones durante los almuerzos, cenas y sobretodo a la hora de la pausa de la mañana o de la tarde con el café, fue una experiencia única para descubrir cómo es realmente la cultura boliviana y los costumbres que parecen totalmente desapercibidos cuando se cruza el país de este en oeste parando en los lugares principalmente turísticos.

Es cuanto puedo informar para fines consiguientes.

Guillaume Maurice Admire Perche

BRIGADISTA INTERNACIONALISTA SOLIDARIO

ANEXO 4: QUADROS ESTATÍSTICOS DOS FLUXOS DE TURISTAS ESTRANGEIROS E NACIONAIS EM LOS UROS, TAQUILE E AMANTANÍ ENTRE 1998 E 2008 (Fonte: DIRCETUR-PUNO)

ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 1998

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	2 091	1 673	1 123	159	559	713
FEBRERO	2 405	2 911	1 122	259	219	634
MARZO	1 452	1 489	734	209	468	712
ABRIL	2 567	1 553	402	267	531	883
MAYO	2 443	1 231	548	251	470	721
JUNIO	2 456	1 314	768	312	699	711
JULIO	2 784	1 539	899	393	813	729
AGOSTO	2 576	1 489	1 139	378	1 122	877
SETIEMBRE	2 113	2 003	2 295	395	1 116	847
OCTUBRE	2 869	3 120	2 701	411	672	893
NOVIEMBRE	2 344	4 981	1 937	313	567	958
DICIEMBRE	2 024	7 629	2 284	464	797	1 266
TOTAL	28 124	30 932	15 952	3 811	8 033	9 944

ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 1999

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	2 278	1 491	1 472	212	510	544
FEBRERO	3 140	1 349	2 420	451	730	647
MARZO	2 910	1 511	2 540	411	415	780
ABRIL	2 611	1 641	2 413	349	491	814
MAYO	2 541	1 733	1 997	431	349	310
JUNIO	2 452	1 815	1 838	219	441	319
JULIO	2 531	1 531	2 134	130	341	434
AGOSTO	2 233	1 433	1 945	340	339	431
SETIEMBRE	2 911	1 540	2 333	412	430	417
OCTUBRE	3 441	1 540	819	283	244	314
NOVIEMBRE	1 040	1 947	887	805	1 012	1 379
DICIEMBRE	1 114	1 621	857	790	978	1 244
TOTAL	29 202	19 152	21 655	4 833	6 280	7 633

ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2000

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	1 187	997	2 547	670	2 789	3 421
FEBRERO	1 216	1 080	2 811	504	3 888	4 531
MARZO	853	813	2 987	2 535	1 871	1 015
ABRIL	3 459	2 036	1 538	532	1 219	927
MAYO	3 269	1 547	1 547	3 317	983	827
JUNIO	3 082	1 354	3 364	266	1 614	838
JULIO	4 400	2 513	6 100	470	3 016	854
AGOSTO	5 567	1 666	7 411	518	4 008	548
SETIEMBRE	3 286	1 226	5 299	400	1 288	2 688
OCTUBRE	3 588	3 867	4 836	910	2 263	1 138
NOVIEMBRE	3 708	8 470	3 260	732	1 976	1 004
DICIEMBRE	1 536	6 745	1 524	355	871	982
TOTAL	35 151	32 314	43 224	11 209	25 786	18 773

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2001**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	2 597	1 095	2 612	387	1 538	644
FEBRERO	2 685	4 545	2 670	650	1 177	615
MARZO	2 075	1 853	2 604	527	1 520	830
ABRIL	3 295	1 724	3 588	307	1 543	641
MAYO	3 032	1 529	3 816	685	1 942	1 161
JUNIO	2 496	1 195	3 885	474	2 034	1 057
JULIO	3 771	1 772	6 108	414	4 547	576
AGOSTO	4 819	3 031	3 194	641	4 263	869
SETIEMBRE	3 300	2 055	4 615	480	2 667	832
OCTUBRE	3 822	5 355	4 106	799	2 356	916
NOVIEMBRE	3 361	5 043	4 154	617	2 238	6 616
DICIEMBRE	2 209	9 193	2 269	2 269	1 137	646
TOTAL	37 462	38 390	43 621	8 250	26 962	15 403

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2002**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	2 522	3 421	2 809	472	1 820	869
FEBRERO	2 937	4 250	2 599	622	1 680	747
MARZO	2 858	1 575	4 216	274	1 832	450
ABRIL	3 114	2 697	2 774	436	1 333	607
MAYO	3 520	2 168	5 050	28	1 958	197
JUNIO	2 396	1 338	3 139	201	459	295
JULIO	3 926	1 293	4 260	209	3 533	135
AGOSTO	4 759	127	5 740	475	3 497	2 800
SETIEMBRE	3 362	1 912	3 240	208	2 036	179
OCTUBRE	3 389	4 131	3 819	310	2 054	259
NOVIEMBRE	2 727	6 660	2 556	594	1 312	575
DICIEMBRE	1 841	5 771	1 912	626	1 324	567
TOTAL	37 351	35 343	42 114	4 455	22 838	7 680

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2003**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	3 295	3 421	2 809	472	1 820	869
FEBRERO	2 417	4 250	2 599	622	1 680	747
MARZO	2 729	1 575	4 216	274	1 832	450
ABRIL	3 538	2 697	2 774	436	1 333	607
MAYO	3 221	2 168	5 050	28	1 958	197
JUNIO	3 495	1 338	3 139	201	459	295
JULIO	5 805	1 293	4 260	209	3 533	135
AGOSTO	5 440	127	5 740	475	3 497	2 800
SETIEMBRE	4 784	1 912	3 240	208	2 036	179
OCTUBRE	3 730	3 290	4 495	328	3 115	263
NOVIEMBRE	3 360	3 345	3 930	364	2 364	225
DICIEMBRE	2 490	3 275	3 867	333	2 168	249
TOTAL	44 304	28 691	46 119	3 950	25 795	7 016

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2004**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	2 110	2 095	1 558	656	1 320	662
FEBRERO	3 488	2 714	2 606	6 853	2 606	610
MARZO	4 142	2 053	3 626	465	1 756	507
ABRIL	4 142	2 053	3 226	465	1 753	407
MAYO	4 023	1 739	2 650	708	5 576	522
JUNIO	3 403	1 000	4 818	332	2 627	346
JULIO	4 330	1 151	5 135	365	3 754	423
AGOSTO	5 394	2 127	8 900	740	4 891	669
SETIEMBRE	4 356	3 458	1 234	397	4 351	324
OCTUBRE	5 502	5 393	6 639	1 012	3 039	4 059
NOVIEMBRE	4 991	8 621	5 171	782	2 499	626
DICIEMBRE	3 439	3 918	2 617	905	1 998	2 832
TOTAL	49 320	36 322	48 180	13 680	36 170	11 987

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2005**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	5 247	2 078	3 679	691	2 516	765
FEBRERO	4 619	4 319	3 031	928	1 417	972
MARZO	5 709	2 509	4 689	458	2 255	555
ABRIL	4 434	1 485	5 480	480	2 038	1 039
MAYO	4 516	1 549	5 324	593	2 501	644
JUNIO	1 219	1 274	2 452	813	1 538	532
JULIO	4 400	1 539	2 809	475	1 958	607
AGOSTO	3 443	1 560	2 573	204	1 688	297
SETIEMBRE	7 204	1 908	5 865	533	3 318	509
OCTUBRE	6 015	4 325	5 917	1 321	3 259	3 246
NOVIEMBRE	5 846	3 759	4 597	652	4 176	925
DICIEMBRE	4 947	5 810	3 139	729	1 851	860
TOTAL	57 599	32 115	49 555	7 877	28 515	10 951

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2006**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	3 318	1 788	5 863	1 085	2 531	1 258
FEBRERO	1 787	1 135	1 041	205	418	188
MARZO	5 379	1 749	4 186	441	1 813	734
ABRIL	4433	1361	4753	687	2159	701
MAYO	5 011	1 910	5 165	737	2 820	713
JUNIO	6003	1445	3408	401	2230	421
JULIO	6 342	2 613	7 518	1 148	4 361	1 159
AGOSTO	8 840	5 228	5 093	3 914	3 486	2 618
SETIEMBRE	6 598	3 825	5 245	1 782	2 899	1 111
OCTUBRE	7 454	5 341	6 974	892	3 367	899
NOVIEMBRE	5 435	3 774	6 043	1 363	2 464	991
DICIEMBRE	4 171	6 800	2 291	1 295	1 732	1 165
TOTAL	64 771	36 969	57 580	13 950	30 280	11 958

**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2007**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	5826	2156	6598	615	2458	358
FEBRERO	4015	1258	4046	816	2458	192
MARZO	4521	1348	5358	752	2369	489
ABRIL	5193	1788	6724	866	2719	774
MAYO	5521	1738	6172	980	2935	915
JUNIO	4545	2342	6134	1000	2741	880
JULIO	4750	3000	5030	600	5000	700
AGOSTO	5000	3500	4500	500	4900	980
SETIEMBRE	4900	3800	3854	1000	4550	1000
OCTUBRE	4500	4000	4892	750	4000	1350
NOVIEMBRE	3700	3600	5000	800	3000	2000
DICIEMBRE	3900	6500	2897	1000	1732	3800
TOTAL	56 371	35 030	61 205	9 679	38 862	13 438

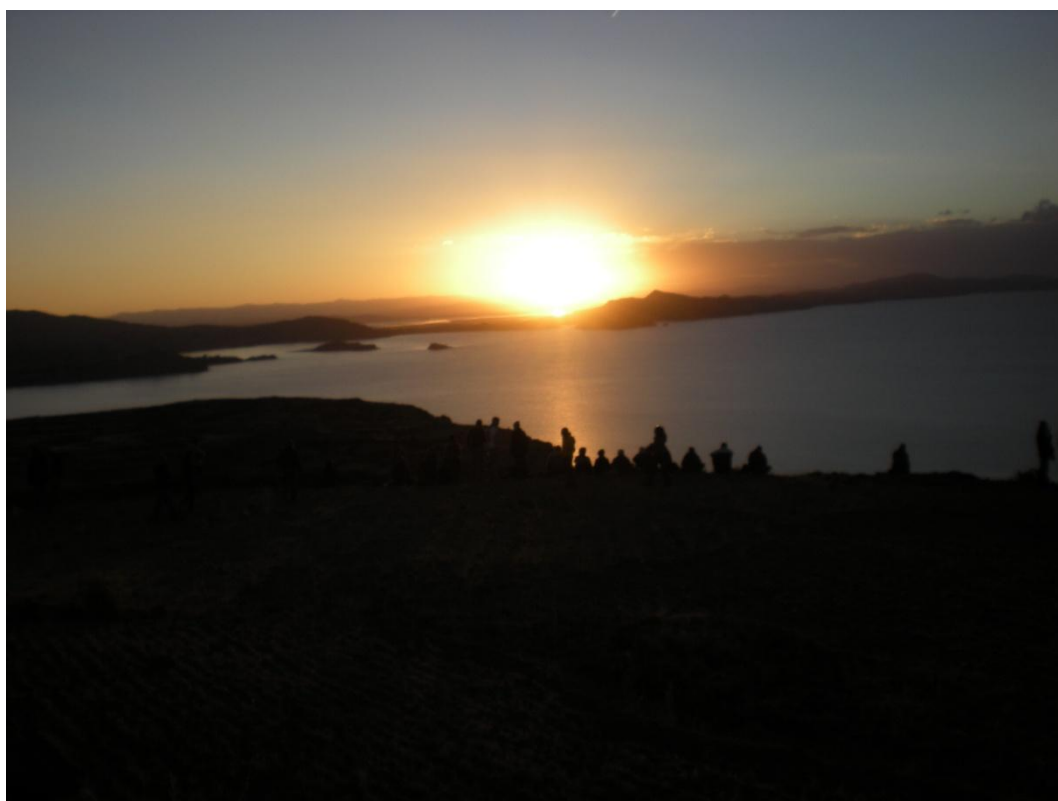
**ESTADISTICA DE TURISTAS EXTRANJEROS Y NACIONALES QUE VISITARON
LAS ISLAS DEL LAGO TITICACA DURANTE EL AÑO 2008**

MES	UROS		TAQUILE		AMANTANI	
	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL	EXTRANJERO	NACIONAL
ENERO	3500	2300	5896	1211	2936	1281
FEBRERO	3987	1983	4320	1350	2987	980
MARZO	4936	3520	5632	1978	2867	812
ABRIL	5246	1965	4952	954	2458	682
MAYO	4325	2869	4587	1068	2549	954
JUNIO	3915	1381	4780	1291	2360	888
JULIO	5376	1276	9268	1004	4917	863
AGOSTO	4561	1206	7501	1009	3740	736
SETIEMBRE	3747	1276	5734	1015	2563	609
OCTUBRE	5256	2838	9071	1670	3575	1261
NOVIEMBRE	4168	5938	7862	1683	3159	2102
DICIEMBRE	3246	2471	4860	1186	2145	1521
TOTAL	52263	29023	74463	15419	36256	12689

ANEXO 5: FOTOS (Tiradas em julho de 2010, Guillaume Perche)



O Muro Inca: Inca Chinkana, lugar sem uso turístico onde existiria um túnel lendário (Os buracos no chão mostram os lugares onde os comuneros tentaram achar o túnel para fins turísticos sem sucesso na década de 1980).



O espetáculo do pôr do sol sobre o lago visto pelos turistas desde o topo da ilha.



As ruínas do templo pré-hispânico de *Pachatata*, visto desde *Pachamama*, os dois topos da ilha.



A casa em construção de Alfredo e Olga, comunidade de Pueblo.



Os quartos e a cozinha moderna na frente da casa em construção.



A casa da família de Epifania e Máximo Juli, comunidade de Lampayuni.



A água do manancial do antigo jardim dos pais de Olga Cari, comunidade de Pueblo. Hoje em dia, o jardim foi substituído pela *casa-hospedaje* do irmão e de sua mulher, Gladys Quispe. O filezinho de água testemunha da antiga presença do poço.



O recanto da cozinha de Epifania, de dia, ao preparar o almoço dos alunos da escola, o qual se faz por turno pelas mães dos alunos.



Jantar ao brilho das velas na “mesa turística” da cozinha de Epifania: arroz com batata e *occa* com um *mate de coca*.



Exemplo de quarto enfeitado de acordo com aquilo ensinado durante as capacitações da ONG Cáritas Puno, casa de Emerinciana, comunidade de Villa Orinojón.



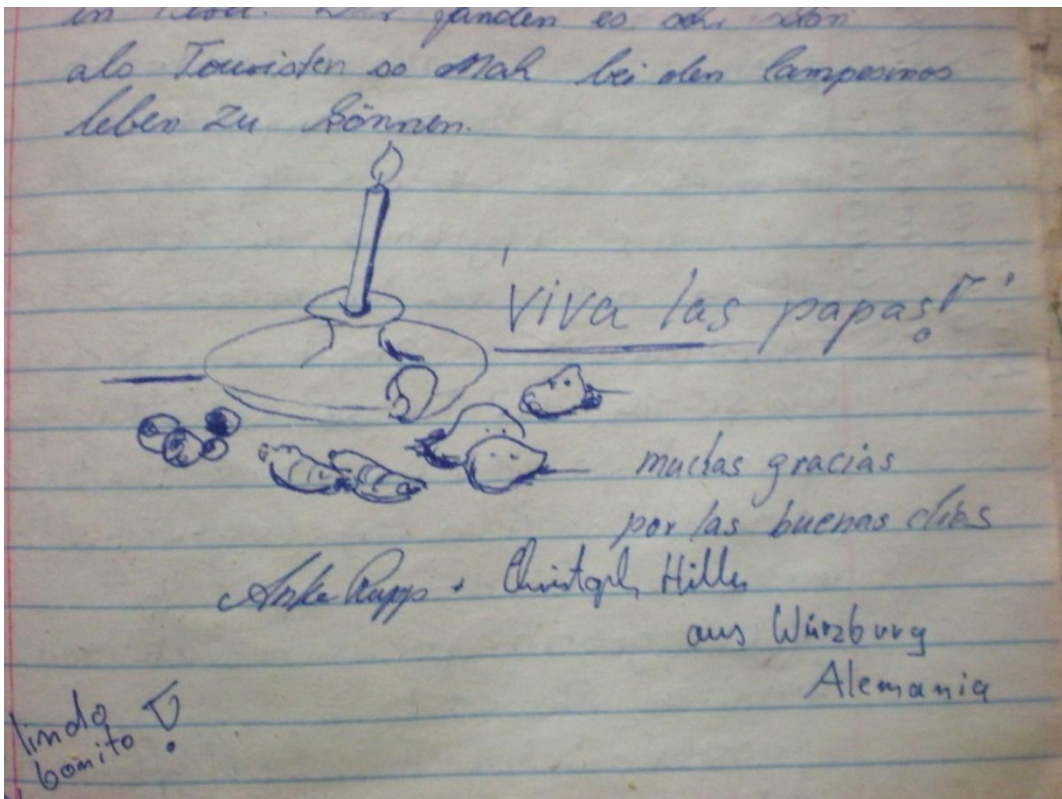
Emerinciana e Julio com a filha, vestindo a roupa de cerimônia do *Campo Warayoq*, comunidade de Villa Orinojón.



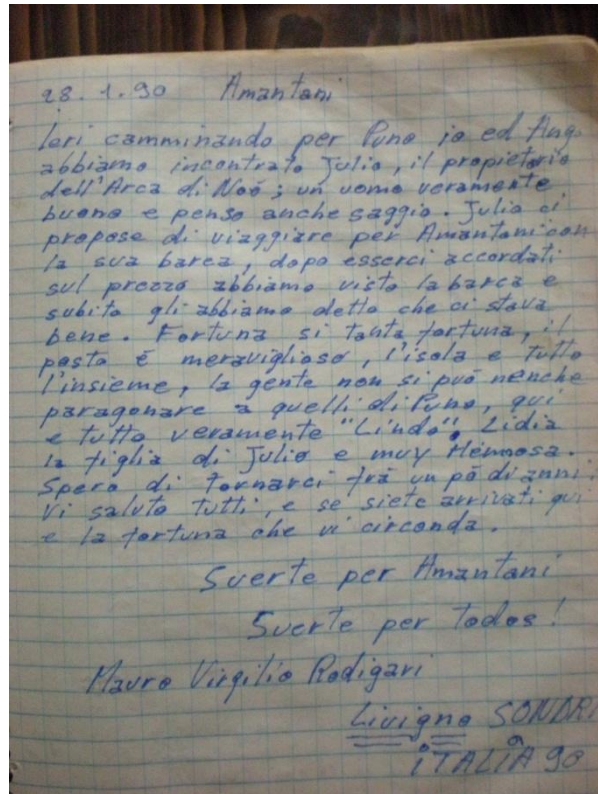
A família de Epifania e Máximo Juli, na frente da cozinha, comunidade de lampayuni (percebe-se uma janela feita na parede a fim de melhorar o atendimento dos turistas).



A “pequena antologia da história do turismo em Amantani”: *guest book* na casa de Julio Borda, comunidade de Villa Orinojón.



Exemplo de depoimento



Outro depoimento de um turista italiano (traduzido no capítulo II, páginas 118-119).



Cuyes (porcos da Índia), escondidos na cozinha antiga da casa de Julio Borda. Hoje em dia, esta cozinha não tem mais uso para o atendimento turístico.



Prato de *cuy* cozido: a carne do pequeno animal não é preparada para os turistas, o Alfredo me preparou este prato antes da minha despedida. O animal é criado, sobretudo para vender em Puno.



A *occa*: tubérculo comumente servido para os turistas



A transformação das casas: comunidade de Occosuyo



A transformação da paisagem: comunidade de Sancayuni Campesina



O dono de lancha aposentado, Julio Borda, e o pesquisador, Guillaume Perche, na cozinha moderna da família Borda, comunidade de Villa Orinojón.



A *peña folclórica*: organizada nos salões de festas das comunidades, os turistas vestem roupa tradicional para dançar ao som da *zampoña* e do tambor das bandas de adolescentes locais.